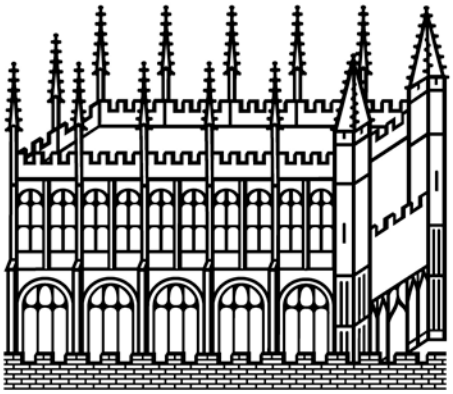


Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

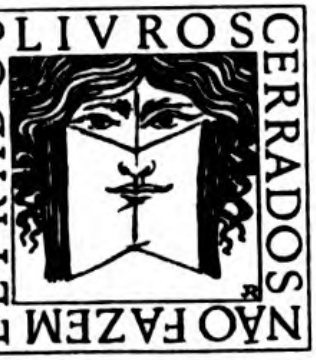
This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks

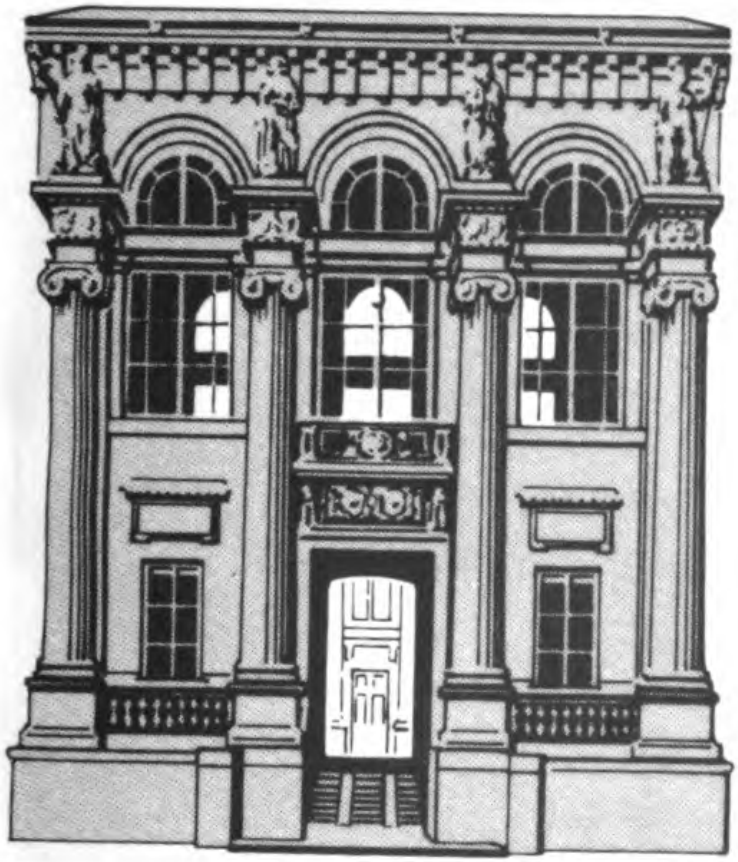
This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

LIVROS CERRADOS
LETRADOS NÃO FAZEM



LIVRARIA
MANUEL FERREIRA
ALFARRABISTA
PORTO - PORTUGAL

TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY



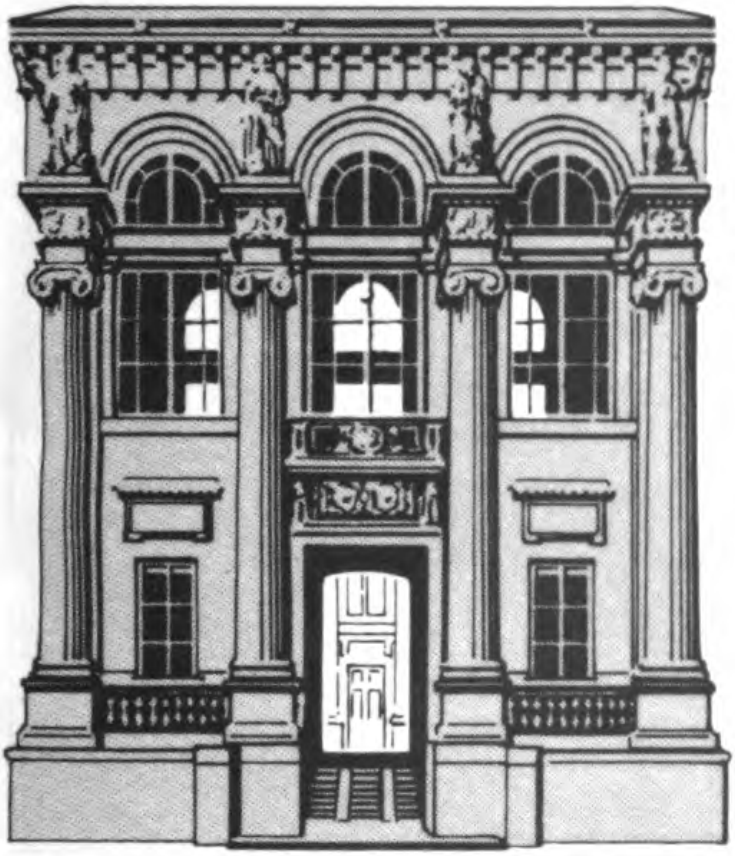
ST. GILES · OXFORD

Vet. Port. I 4. 60

LIVROS CERRADOS
NÃO FAZEM LETRADOS

LIVRARIA
MANUEL FERREIRA
ALFARRABISTA
PORTO - PORTUGAL

TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY



ST. GILES · OXFORD

Vet. Port. I 4. 60

OBRAS

DE

FRANCISCO DE MORAES.

462

TOMO I.

LISBOA.
ESCRIPTORIO da BIBLIOTHECA PORTUGUEZA,
Rua Augusta N.º 110.

1852

— TYPOGRAPHIA D'ANDRADE E COMPANHIA —
Calçada de Santo André, N.° 52 a 54.

PROLOGO.

IGNORA-SE em que terra de Portugal nascesse Francisco de Moraes Cabral, que depois, por este seu livro do PALMEIRIM DE INGLATERRA, se ficou chamando Francisco de Moraes Cabral o Palmeirim. Seu Bisneto, o Padre Balthasar Telles, da Companhia de Jesus, o denomina *Brigantino*; e Barbosa depois de o ter dado em uma parte como natural de Bragança, n'outra o põe filho de Lisboa. Foi seu pae Sebastião de Moraes Valcaçar, da casa dos Moraes de Bragança, cavalleiro do habito de Christo, e morgado em Xabregas, onde a Rainha D. Catharina edeficou depois um Paço, dando-lhe pelo sitio dozentos mil reis de juro.

Francisco de Moraes serviu de Thesoureiro d'elrei D. João III, e esteve em França na com-

panhia do Embaixador de Portugal, o conde de Linhares, D. Francisco de Noronha. Ahi se affeiçoou a uma dama da Rainha D. Leonor, chamada Torsi, com a qual comtudo não casou, e sim com Barbosa Madeira, da qual teve numerosa descendencia. Foi cavalleiro e commendador na ordem de Christo, e morreu violentamente, como conta Barbosa Machado, á porta do Rocio de Evora no anno de 1572.

Compoz elle varias obras, que todas são muito estimadas dos eruditos. As que podémos haver á mão aqui as publicâmos nesta collecção. Sobre todas, porém, é indisputavelmente superior a CHRONICA DE PALMEIRIM DE INGLATERRA, obra que depois teve varios continuadores, como foram Diogo Fernandes, que escreveu a TERCEIRA E QUARTA PARTE DO PALMEIRIM; e Balthasar Gonçalves Lobato, que lhe addicionou a QUINTA E SEXTA PARTE.

Para não ser-mos prolixos na citação dos elogios que o PALMEIRIM DE INGLATERRA tão justamente grangeou no tempo da sua apparição, e depois soube conservar, bastará transcrevêr aqui, o que deste livro escreveu Cervantes, a quem ninguem nesta materia negará authoridade, e que erradamente o attribuiu a el-rei D. Duarte. E' o seguinte.

« Esta palma de Inglaterra se guarde y se conserve, como a cosa unica; y se haga para ella otra caja de oro como la que halló Alejandro en los despojos de Dario, que la diputó para guardar

en ella las obras del poeta Homero. Este libro, Señor compadre, tiene autoridad por dos cosas: la una, porque el por si es muy bueno: y la otra, porque es fama que le compuso un Rey de Portugal Todas las aventuras del castillo de Miraguarda son bonissimas y de grande arteficio, las razones cortezanas y claras que guardan y miran el decoro del que halla con mucho entendimiento. Digo pues.... que este, y Amadis de Gaula, queden libres del fuego: y todos los demas, sin hacer mas cala ni cata, perescan. »

Concluiremos esta abreviada noticia, estampando aqui o PROLOGO da primeira edição do PALMEIRIM, que foi em Evora no anno de 1567, escripto pelo author, dirigido á *Illustrissima e muito esclarecida princeza D. Maria, Infanta de Portugal, filha d'el-rei D. Manoel*:

« Muita parte da honra dos principes (como diz Estrabo) está no louvor do povo, e parece rasão que seja assim, porque como a generalidade no bem dos maiores falle sem afeição, é de crer que todos seus louvores tem o nascimento da virtude dos louvados, nos quaes se manifesta que taes sejam os costumes, vida e obras daquelles, que louvam. Pois se por esta via o merecimento d'alguns Princepes ao longe resplandece e antre os humanos se celebra com encarecidas palavras, V. A. mui esclarecida Princeza, assim entre os grandes, como na gente do geral estado não será posta em esquecimento; que de tal qualidade são vossas virtudes, que com igual afeição se pro

goam. Isto não somente acontece aos naturaes deste reino, de que vós sois filha, a que por ventura o amor da natureza, e d'elrei nosso senhor e vosso irmão porá esta obrigação, mas ainda nos reinos estranhos e mais remotos de nossa conversação, e uso, tendes o mesmo nome e a mesma fama. Porem como louvar vossos costumes seja cousa tamanha, que enfraquece o engenho a quem nisso mete mão, desculpa teria se quizesse proseguir materia tão alta e perder-me no começo, mas a obrigação em que estou a V. A. por filha da rainha christianissima de França, vossa mãi, de que já recebi mercês, me faz algum tanto passar os limites do que a minha autoridade em tal caso pode ter, e desejar fazer algum serviço a V. A. tal, que quando não corresponder á vossa grandeza, seja igual ao que eu posso. Eu me achei em França os dias passados, em serviço de D. Francisco de Noronha, embaixador delrei Nosso Senhor e vosso irmão, onde vi algumas chronicas Francezas, e Inglezas, antre ellas vi que as princezas e damas louvavam por extremo a de D. Duardos, que nessas partes anda trasladada em Castelhano, e estimada de muitos. Isto me moveu ver se acharia outra antigualha, que podesse trasladar, pera que conversei Albert de Renes em Paris, famoso chronista deste tempo, em cujo poder achei algumas memorias de nações estranhas, e antre ellas a chronica de Palmeirim de Inglaterra, filho de D. Duardos, tão gastada da antiguidade de seu nascimento, que

com assaz trabalho a pude ler; trasladei-a, por mè parecer que pola affeição de seu pai se estimaria em toda a parte, e com desejo de a dirigir a V. A., cousa que alguns houveram por *erro*, affirmando que historias vãas, não hão de ter seu assento tão alto, fazendo da menor culpa maior inconveniente, não tendo respeito que ás vezes escripturas de leve fundamento, tem palavras, costumes e feitos de que nasce algum fruto. Vai trasladada na verdade quanto ás aventuras, e acontecimentos: se tiver alguma falta será na composição das palavras, de que meu engenho carece: traduzi-a em portuguez, assim por me parecer que satisfaria vossa inclinação, como por não ser dos que fazem o contrario, querendo encubrir seus defeitos, tornando a culpa á rudeza de nossa lingua, que, a meu juizo, polo que tenho visto, em cupiosidade de palavras nenhuma da Christandade lhe faz vantagem; se disto, ou da obra, alguns detractores murmurem, não me queixarei, queixem-se os sabios, quando suas obras forem julgadas por pecos, que as minhas ninguem as pode tachar que as não entenda melhor do que eu. »

Lisboa 1 de Março de 1852.

Os Editores.

PALMEIRIM

DE

INGLATERRA

POR

FRANCISCO DE MORAES.

PARTE I.

CAPITULO I.

DE COMO, SAHINDO D. DUARDOS A CAÇAR Á FLORESTA DO DESERTO, SE PERDEU E FOI TER Á TORRE DE DRAMUSIANDO, ONDE POR ENGANO FOI PRESO.

Depois que D. Duardos principe de Inglaterra veio do imperio da Grecia, acabadas as festas do seu casamento, como no livro de Primalião se conta, não se passou muito tempo que Flerida se achou prenhe; e porque ainda nestes dias era

tanto seu namorado, como nos outros, em que se chamara Julião, buscava toda maneira de desenfadamento, pera que com elle sentisse menos sua doença, porque algum tanto com ser prenhe se achava mal: levando-a algumas vezes por lugares graciosos de ribeiras e arvoredos: crendo que com o gosto daquelles saudosos passos perderia parte da lembrança de sua paixão. Tomando tambem por exercicio ir montear á floresta, onde elrei seu pai tinha aquelles paços reaes; e onde elle, sendo mancebo, viu Gridonia tirada polo natural, com seu lião no regaço. Cousa que o então fez sahir d'Inglaterra, e combater-se com Primalião, segundo no seu livro se conta. Que assim por serem os melhores e mais bem inventados do mundo, como polo lugar, e assento, em que estavam ser mui aparelhado a todo prazer e desenfadamento, Flerida gostava tanto delles, que pediu a D. Duardos que a não levasse dalli té seu parto ser passado: e porque elle ainda então, por elrei Fradique seu pai estar bem desposto, não entendia nas cousas do reino; e queria antes passar a vida em lugares solitarios que na corte, quiz-lhe fazer a vontade assim nisto como no al. Mas a fortuna que té ali o favorecêra em todalas de seu gosto, cansada ou arrependida de tantas bonanças, como lhe té então mostrara, por usar de seu costumado e natural officio, virou a roda tanto ao reves, como nesta historia se mostra. Assim aconteceu que sahindo um dia D. Duardos montear á floresta do

deserto, que contra a banda do mar dahi a quatro legoas estava, levando comsigo Flerida e suas damas, mandou assentar tendas em um verde prado ao longo d'um ribeiro, que por elle corria, que com suas correntes e claras agoas fazia os corações alegres a quem os assim não tinha. Não passou muito espaço, depois de alli chegarem, que, contra a banda onde a montanha era maior, começou a soar a vozeria dos monteiros: e indo D. Duardos por aquella parte, viu um porco grande, que, corrido dos cães, transpunha uma assomada. Porem, fiando-se na ligeireza do cavallo, o seguiu de sorte, que em pouco tempo o alcançou de vista, e os seus a perderam delle. Tanto se foi alongando, que por toda aquella tarde o não poderam mais ver: porque como o porco não fosse natural, mas fantastico, quem o ali fez vir soube guial-o de maneira, que soube bem satisfazer sua tenção. Os que seguiram a D. Duardos foram polo rasto em quanto lhes o dia todo deu lugar; mas como a claridade delle se gastasse, a escuridão da noite os fez desatinar de todo. D. Duardos enlevado no gosto da monteria e esquecido d'algum perigo, se lhe dahi podia succeder, seguiu tanto traz o porco, té que o cavallo de cansado se não pode menear. Então se desceu delle, e tirando-lhe o freio, o deixou pascer polo campo por lhe dar algum descanso, e com a desconfiança que teve, não crendo tambem que a taes horas podesse acertar com o lugar aonde sua gente ficava, se encostou ao pé de uma arvore

cuidando dormir algum pouco: mas tendo na memoria com quanta pena Flerida soffreria sua tardança, nunca o pode fazer: passando nisto e em outras imaginações, que lhe seu cuidado trazîa ao pensamento, té ser quasi manhãa, onde o somno o veio visitar: porque sempre neste tempo acode a aquelles que as horas delle gastam mal, dormindo com tanto repouso, como se lho dera seu cuidado. E, depois de acordar e enfrear o eavallo, caminhou contra onde lhe pareceu que sua gente ficara: porem seu caminho era tão desviado, que quanto mais andava mais se alongava della. E, jà que o sol se queria pôr, se achou em um campo verde cuberto de graciosos arvoredos, taes que a altura delles parecia tocar as nuvens. Polo meio passava um rio de tanta agoa, que em nenhuma parte fazia vao; e tão clara, que, quem pola borda caminhava, podia bem contar os seixos alvos que no fundo pareciam. Como a tarde fosse serena, e as arvores com gracioso ar se meneassem juntamente com a armonia do cantar dos passarinhos, de que as ramas estavam povoadas, lhe trouxe à memoria aquelle gracioso tempo e graciosas alvoradas dos namodos roussinoes, que já passara na horta do imperador Palmeirim, chamando-se Julião. E com cuidar nisto lhe fazia nova saudade. Caminhou polo rio abaixo, tão trasportado e esquecido de si, que não tinha acordo, nem olhos, pera lograr o contentamento daquelle valle; nem sentido pera recear o perigo, em que estava; antes soltando

a redea ao cavallo, o guiou pera aquella parte aonde a fortuna tinha ordenado, que assim andando o pôz ao pé de uma torre, que no meio do rio em cima de uma grande ponte estava edificada, bem obrada e forte, e alem disso fermosa pera ver de fora, e muito pera recear os perigos de dentro, cercada de alomos altos, que do fundo da agoa sahiam tão bastos, que quasi impediam o parecer della a quem per antre elles olhava: a entrada della, assim de uma parte como de outra, era pola ponte, na qual, por ser larga e espaçoza, se podiam bem combater quatro cavalleiros. D. Duardos acordando de seu descuido, e vendo a novidade do castello e fortaleza delle, bateu em umas argolas de ferro que na porta estavam. Não tardou muito que sobre as amêas chegou um homem que polo ver desarmado lhe foi abrir, de quem logo quiz saber cujo era aquelle assento, a que o porteiro respondeu, que em cima o saberia. Mas como o seu coração nunca temeu os perigos antes que os visse, perdido todo temor, entrou no pateo; dahi sobiu a uma sala, onde foi recebido de uma dona, que em sua presença representava ser pessoa de merecimento, tendo tal aparencia e autoridade, que obrigava todo homem a tratal-a com mais acatamento do que suas obras mereciam. Estava acompanhada de algumas donas e donzellas, e com ellas o veio receber com tamanho gasalhado, como lhe fazia mostrar o prazer que recebia de o ter em seu poder. D. Duardos depois de lhe fazer a cortezia, que lhe pa-

receu necessaria, disse: Senhora, estou tão espantado do que aqui vejo, que queria saber quem sois, e cuja é esta casa tão encuberta a todos, e tanto pera se não encubrir a ninguem. A dona o tomou pola mão e o levou a uma janella, que sobre o rio caía, dizendo: Senhor D. Duardos, a fortaleza e dono della, tudo está a vosso serviço: repousai aqui esta noite, que pola manhãa sabereis o que desejais. Não tardou muito que o chamaram a cear, sendo tão bem servido, como em casa delrei seu pai: dahi o levaram á camara onde havia de dormir, onde estava um leito tão bem obrado e rico, que parecia mais pera ver, que pera occupar naquillo pera que fora feito. D. Duardos se deitou espantado do que via, e ainda que cuidar em Flerida o não leixasse descansar, o trabalho passado o fez adormecer. A Senhora de casa, que não esperava outra cousa, vendo-o vencido ou occupado em somno, mandou por uma donzella, que na camara entrou, tomar-lhe sua rica espada, que elle sempre trazia comsigo e tinha á cabeceira: e depois de tomada, sentindo que seu desejo podia vir ao que sempre desejára, disse á outra: Dize a meu sobrinho que venha, que com menos trabalho, que cuidava, pode tomar vingança da morte de seu pai, pois em nossa mão está este, que é neto e genro daquelles que o mataram. Nisto desceu do mais alto da torre um gigante mancebo acompanhado d'alguns armados, e tomando a espada de D. Duardos na mão, que lhe a dona deu, disse:

Por certo tu estavas empregada em quem melhor que outrem te merecia; mas em meu poder serás mais temida do que por ti o podia ser aquelle que te tinha. Fallando isto e outras palavras, entrou dentro na camara assim acompanhado, dizendo em alta voz: D. Duardos, D. Duardos, com menos repouso havias d'estar nesta casa. D. Duardos, que acordou a seu estrondo, querendo tomar a espada, a não achou; e vendo ante si tal gente, disse: Por certo agora creio que nas boas mostras jazem os maiores enganos. D. Duardos, respondeu o gigante, é tão crua a vingança, que desejo tomar em tua geração, que comtigo só não fico satisfeito: e porque depois saberás quem sou, agora não te digo mais. Então o mandou prender sem elle poder resistir, que só com o coração, sem outras armas, o tomaram. Dahi o levaram a uma torre no mais alto da fortaleza, onde carregado de ferros o deixaram com tenção de nunca o soltar. Quando D. Duardos se viu só e assim tratado, com ira, que de si tinha, começou dizer palavras de tanta dôr e lastima, que ninguem o podera ouvir que a não tivera delle; dizendo: O' D. Duardos, a que estado tua fortuna te trouxe, que, sem defensa de tua pessoa, a tens em poder de quem confessa ser teu imigo. O' minha Senhora Flerida, que crereis de mim, quando virdes que o vosso D. Duardos não torna onde vós estaes? bem sei que isto vos ha de doer tanto, como a mim a paixão que de minha perda tereis; e se esta prisão, em que me

vejo, estivera em parte que me leixára ver-vos, por ardua que fora, vivera contente; mas estou onde não espero sair, e com esto perco a esperança de poder-vos ver: assim que, minha Senhora, aconselhai-me que faça; sem vós não tenha vida: e com quanto sei que este cuidado vos durará pouco, porque elle me matará cedo, hei medo que depois de morto sinta o que de mim vos ha de ficar. Certo é que nunca me vi em nenhum perigo, que só trazer-vos á memoria me não salvasse delle: mas este, em que estou, estava guardado pera mim e pera vós; e por isso me não valestes; antes agora, que mais vos havia mister pera amparo d'ambos, me acho desacompanhado de tudo. O' esforçado Primalião, bem sei que quando minha desaventura souberdes não sereis quem menos esta perda sinta. Meus amigos, Soldão de Niquea, Mayortes, Gataru, elrei Tarnaes que fareis? que em que me queirais valer, não é em vossa mão; porque este lugar, segundo vejo, ninguem o sabe senão quem seu dono quer. E com quanto destas palavras dizia tantas, como então a dôr e o tempo lhe offerecia, tornava a Flerida, dizendo: Senhora, não é esta a prisão que me a mim ha de matar; matar-me-há vossa saudade, que sempre estará comigo, e é o principal imigo, com que me hei de ver em batalha, que será a maior que meu coração nunca viu; e assim isto lhe faz crer que aqui está a morte mais certa que em nenhuma, que já passou. Nisto passou D. Duardos a noite; de-

pois lembrando-lhe quão pouca defensa tivera em sua prizão, dizia: Por certo não sou eu por quem se pode dizer que usando de esforço foi vencido de quem o não devia ser.

CAPITULO III.

QUE CONTA QUEM ERA O GIGANTE, EM CUJO PODER ESTAVA D. DUARDOS.

Pera se saber quem fosse este gigante, em cujo poder D. Duardos estava, diz a historia, que ao tempo que Palmeirim de Oliva, sendo cavalleiro andante, veio a casa d'elrei d'Inglaterra, avô de D. Duardos, com Trineo filho do imperador d'Alemanha, por servir Agriola sua filha, andando na côrte desconhecidos, por seu esforço foram sempre tratados d'elrei com tanta cortezia e amor, como parecia ser necessario, pera lhe pagar os serviços que lhe fizeram. Posto que suas tenções era alcançar maior premio do seu trabalho, que foi Agriola, a qual dalli levaram, casando-se Trineo com ella, como na chronica de Palmeirim se conta. E nella se escreve, que indo elrei a uma montaria, levando comsigo a rainha e sua filha, foram a repousar a um campo, que na floresta, onde haviam de montear, estava; acompanhadas de muitas damas e cavalleiros, que aquelle dia sahiram desarmados, porque o exercicio, em que iam, requeria mais habitos

de festa, que de guerra; senão Palmeirim e Trineo, que, por um sonho que a noite d'antes sonharam, foram armados: depois dalli chegados, elrei se apartou polo monte leixando a rainha com muita gente, onde, cuidando que estava segura, foi salteada polo gigante Farnarque, que com vinte cavalleiros levaram a ella e sua filha, e mataram todos os que se pozeram em defensa: as quaes novas dadas a Palmeirim e a Trineo, a quem esta injuria tanto tocava, a mór correr dos cavallos seguiram a via do gigante, com o qual Palmeirim houve batalha e no fim o matou. Trineo, que passou diante, fez tanto entre os cavaleiros que levavam Agriola e a rainha, que os desbaratou juntamente com ajuda de Palmeirim, que inda lhe soccorreu a bom tempo. Este Farnarque tinha uma irmãa chamada Eutropa, tão gram sabedora nas artes d'encantamento, que em seu tempo passou todas as pessoas de seu officio; a qual, sabendo a nova da morte de seu irmão, tomou em seus braços um pequeno filho que lhe ficára, por nome Dramuziando, e com grandes prantos chorava a morte de seu pai, promettendo com as forças d'aquelle menino tamanha vingança, como que o já vira em estado daquillo poder ser. Passando os dias do impeto de sua paixão, quiz prover, como sabedora, no que viu que era necessario pera seu resguardo. Temendo-se que elrei, polos disserviços que do gigante recebera, quereria destruir toda a semente que delle ficára; e fazendo de novo aquelle

castello, em que D. Duardos foi prezo, se meteu nelle com toda sua familia, encantando de tal sorte toda a floresta ao redor, que nenhuma pessoa podia entrar dentro senão por sua vontade. E aqui criou seu sobrinho té idade de ser cavalleiro. E o foi por mão d'um gigante seu parente, a quem Eutropa alli fez vir. Este Dramuziando sabendo a morte de seu pai, o esforço de seu animo o provocava ir polo mundo e vingar-se em todos aquelles que lho mereciam. Mas Eutropa, que tinha este pensamento por vão, lho impedio sempre, dizendo: Que vivesse contente, que a seu poder viria em quem podesse satisfazer sua vontade. Passando nisto muito tempo, aconteceu que D. Duardos veio ter contra aquella parte, onde sem nenhum pejo pode entrar, inda que a floresta estivesse encantada; assim porque a tenção da giganta era que elle entrasse; como pola virtude de sua espada que todolos encantamentos desfazia: e chegando á torre, foi recebido de Eutropa da maneira que se disse. As condições de Dramuziando eram estas: de todalas cousas da natureza assaz prefeito: de corpo e rosto bem proporcionado: não de grande a desmedida, como os outros gigantes, dotado de maiores forças do que seus membros pareciam; mui nobre de condição, e esforçado sobre os outros homens: menos soberbo do que a gigante convinha: aprazivel na conversação: grandemente destro em todas as armas: e sobre tudo o melhor cavalleiro que em seu tempo antre todos

os gigantes houve. Este, depois de ter D. Duardos em seu poder, gostou tanto de sua conversação, que lhe tirou os ferros, e o levava comsigo algumas vezes a montear, dando-lhe licença a todo desenfadamento. Posto que do sitio encantado não saia e guardava-o, porque sabia que por elle haveria todos os que desejava: que saidos de suas terras a buscal-o, Eutropa os traria áquella parte, e que então estaria nelle fazer delles o que quizesse, Algumas vezes, pera desenfadamento do gigante, Eutropa metia na floresta cavalleiros estremados e gigantes, com quem exercitava as armas, e desta maneira passavam o tempo. Mas a D. Duardos nenhuma cousa lhe era alegre; porque o amor e saudade de Flerida lhe fazia perder o gosto de tudo.

CAPITULO III.

DO QUE ACONTECEU A FLERIDA, VENDO QUE D. DUARDOS NÃO VINHA.

Flerida, que na florésta do deserto ficava com Artada e outras damas ao longo de uma ribeira, folgando, e apanhando das flores, de que o campo estava cuberto, que isto era no mez de Maio, tempo em qne ellas mais graça têm, esperou D. Duardos té as horas que lhe pareceu que devia vir, e, vendo que não vinha, começou de entristecer-se, annunciando-lhe o coração o desastre,

que ainda não sabia; porque sempre, ante que as cousas aconteçam, elle as suspeita; e mais quando é antre pessoas onde o amor tem muita parte: que então elle é o primeiro a quem este receio vem. Chegada a noite pareceu mais escura a Flerida do que de seu natural podia ser. Nenhuma consolação a alegrava. Os monteiros acudiam, D. Duardos não vinha: os seus não sabiam que conselho seguissem, se leixal-a e ir buscal-o; ou acompanhal-a: porque vindo, e achando-a só não se queixasse. Comtudo por mandado do duque de Galez aguardaram té o outro dia. Flerida não dormiu em toda a noite, porque sempre nestes casos o cuidado vence o somno. Já que a manhãa escrarecia, o duque mandou toda aquella gente, que repartidos corressem a floresta, e vissem se o achavam, e tornassem alli com recado; porque Flerida tinha ordenado não fazer de si mudança, té saber o que delle era feito. Prindos, filho do duque de Galez, primo de D. Duardos e grande seu amigo, se metteu polo mais espesso da montanha, contra onde batia o mar; e atravessando-a sem achar a quem perguntasse, viu dous monteiros que aquella noite ficaram fóra, e nelles achou bem mau recado. Desta maneira andou revolvendo tudo; e jà desconfiado de o achar, crendo que as alimarias bravas, de que aquella montanha era povoada, o matariam por ir desarmado, foi tão triste com este pensamento, que desacordado de si com os olhos cheios d'agoa e as redeas sobre o collo do cavallo, di-

zendo mil magoas ao longo das concavidades, que o mar tinha feitas, que retumbando dentro o tom com que as dizia, parecia que ellas o ajudavam a sentir sua paixão com as mesmas palavras com que se elle queixava. Não tardou muito que ao longo da praia viu vir uma donzella em cima de um palafrem negro, vestida da mesma côr, porem tão bem ataviada, que a fazia parecer fermosa, alem d'o ser de seu natural. Chegando a Pridos, o tomou pola redea, dizendo: Senhor cavalleiro, esforçai, que essa tristeza não póde guarecer o que buscaes: sabei que D. Duardos é vivo, posto que não está em seu poder, nem sahirá tão cedo da prizão, em que está. Dizei a Flerida que se console, que não é este o derradeiro desgosto que lhe a fortuna ha de dar; porem que tudo virá a bom fim; porque a saudade que agora começará a sentir, se lhe tornará em maior alegria: e que isto lhe manda dizer Argonida, a quem disto tanto peza como a ella. Inda bem não acabava as palavras quando, dando com as esporas no seu palafrem, ella e elle desappareceram; e trazendo Pridos à memoria quem poderia ser esta Argonida, lhe lembrou que era filha da dona encantadora, senhora da ilha, aonde a aguia tomou Risdeno, o enano de Primalião, quando lhe fizeram as grandes festas, vindo todos da guerra do cavalleiro da ilha encuberta. E desta Argonida houve D. Duardos Pompides seu filho, pola maneira que no livro de Primalião se conta. E tornando com esta nova onde Flerida estava, pos-

to que com ella lhe certificava D. Duardos ser vivo, ficou mais triste do que dantes estava; por que promessa ou esperança de tão longo apartamento, não podia dar prazer perfeito. E como poucas vezes uma paixão vem sem outra de mistura, com este acidente lhe vieram dores de parto, polo tempo ser já chegado: e pariu dous filhos tão crescidos e fermosos, que naquella primeira hora parecia que davam testemunhos das obras que depois fizeram. Artada e outras damas os tomaram, e envolvendo-os em ricos panos lhos apresentaram diante, crendo que com a vista delles mitigariam parte de sua pena. Flerida os tomou nos braços com o amor de mãi, e com palavras de muita lastima dizia: O' filhos sem pai, quanto mais prospero cuidei que vosso nascimento fosse; mas em lugar das festas que elle pera então aparelhava, eu morrerei com esta dor, e vós ficareis sem elle e sem mim, e sem idade pera sentir tamanha perda de tempo. Logo um capellão que ahi estava os baptisou; e perguntando-lhe os nomes, Flerida, acordando-se do nascimento que ouvira de Palmeirim seu pai, e da tristeza que então houve, parecendo-lhe conforme a este de seus filhos, poz nome ao que nasceu primeiro, Palmeirim, que depois se chamou d'Inglaterra, e ao segundo, Floriano do Deserto; assim pola floresta, em que nascera, se chamar do deserto, como por ser em tempo que o campo estava cuberto de flores, e elle em si tão fermoso, que o nome parecia dino delle, e elle do no-

me; e acabado de baptizar lhe deu logo de mamar, assim do leite de seus peitos, como das lagrimas de seus olhos; porque as que ella derramava eram tantas, que corriam polas faces, iam ter áquelle lugar onde tudo se misturava. Diz a historia que estando nisto, chegou contra aquella parte um salvagem que naquella montanha vivia, e se mantinha de caças d'alimarias, que matava: vestia-se das pelles dellas: trazia em uma trella dous leões com que caçava. E vindo aquelle dia alli ter, achou aquella gente, onde metido antre uns arvoredos espessos, viu o nascimento daquelles infantes e os nomes delles: e, usando do que sua inclinação brutal o inclinava, determinou cevar seus liões naquellas innocentes carnes; porque em todo o dia não caçara: e sahindo de supito ao campo, os que nelle estavam com medo desampararam Flerida, escondendo-se polo mato, porque Pridos, que os podera defender, era ido a Londres mandar trazer andas, em que a infante fosse. Artada se lançou sobre ella, que o amor, que lhe tinha, lhe deu este atrevimento e lhe não consentiu leixal-a. O duque de Galez, que mui velho era e estava desarmado, não pôde defender que o salvagem não tomasse os meninos debaixo do braço: e caminhando contra a cova se foi sem fazer mais damno. Flerida ficou tal, que, perdido o sentido e juizo, não dava acordo de cousa alguma; perdida a côr natural parecia não ser viva; porque nos grandes medos ou paixões sempre ella desampara os

lugares onde mora por acodir á parte mais principal, que é o coração, onde qualquer destes estremos faz mais damno. Mas tornando algum tanto em si polas palavras, que Artada lhe dizia, começou outro pranto de novo, desejando mil vezes a morte porque só nella se acha o repouso de todolos males.

CAPITULO IV.

DOS GRANDES PRANTOS QUE SE FIZERAM NA CIDADE DE LONDRES POLA PERDA DE D. DUARDOS.

Tanto que Pridos viu o nascimento dos infantes, e a disposição de Flerida, á maior pressa que pôde se partiu pera Londres a mandar trazer andas, em que a levassem. El-rei Fradique que estava a uma janella de seu aposentamento, que o assim viu vir, receando o que podia ser, antes d'outra cousa quiz saber a que era sua vinda: e ainda que Pridos tivesse um coração mui grande, não pôde tanto encobrir a dôr, que o atormentava, que as lagrimas lh'a não descobrissem; porque estas são sempre testemunhas da tristeza que na alma está occulta. El-rei ficou turbado de o ver assim; mas muito mais o foi quando soube da perdição de seu filho, que, tremendo-lhe todolos membros de seu corpo, caiu no chão sem nenhum acordo. Pridos o levantou nos

braços: el-rei, postos os olhos nelle, correndo-lhe muitas lagrimas por aquellas reaes cans, mostras de sua idade, merecedora de outro mais descançado fim do que com taes novas se esperava, dizia com voz cançada tantas magoas quantas um coração attribulado nestes tempos soe achar, dizendo muitas vezes: D. Duardos, D. Duardos, sempre receiei o que agora vejo: agora vejo o que receiava: mas eu fiei-me na fortuna, que téqui me favoreceu; e isto estava guardado pera o fim de minha velhice, sustentada no contentamento de vossas obras: e bem sinto que, se vós sois vivo, ellas vos salvarão de qualquer perigo em que estiverdes; porque os corações ousados a fortuna os favorece: mas eu, a quem a natureza já desampara, fallecendo-me vós, por quem era vivo, que esperarei senão acabar esta jornada com tão pouco descanço, como na fim della me déstes? Estando el-rei nisto, saiu á sala a rainha, que já de tudo era sabedora, com tamanho desatino, como as grandes paixões costumam dar, quando vem aos corações que della estão livres; tão fóra de si que nenhuma palavra que dissesse trazia concerto; porque nos asperos sentimentos isto soe sempre acontecer. Chegando a el-rei, caiu como morta: elle a levantou sustendo-a sobre os giolhos; e provendo no que devia, não quiz que um mal fosse causa de outro, começou de a consolar, dizendo: Senhora, olhai que nas grandes affrontas nenhuma cousa é mais odiosa que os animos fracos. Vosso filho fez Deos tal, que não quererá que

tão asinha acabe, pois elle pera acabar tão grandes cousas vol-o deu: quanto mais, que se nosso mal houvesse de ser tamanho que o perdessemos, já delle ficam dous filhos com que estas idades descancem. Nestas e outras palavras se passou tanta parte do dia, que um irmão de Pridos que as andas levava, que elle ficou com el-rei polo vêr tal, chegou à floresta, e, metendo Flerida nellas, partiu della com tamanho pranto, como quem lhe bem lembrava o muito que allí perdêra. Assim veio polo caminho acompanhada daquelle cuidado, em que depois muito tempo viveu, até chegar á cidade de Londres, onde lhe foi feito polo povo tamanho recebimento de choro e tristeza, como lhe fizeram de alegria no tempo que ella veio de Grecia: e entrando pola sala, vendo aquellas presenças reaes tão acompanhadas da pena, que sentiam, e elles a ella assim (e sempre nas grandes feridas dóe mais o segundo accidente que o primeiro) foi antre elles de tal sorte renovado o pranto, que parecia que os paços se assolavam com gritos: especialmente quando el-rei soube que os infantes eram perdidos; que então teve por certo que já a fortuna em tudo se lhe queria mostrar imiga. Todolos grandes, que no paço se acharam, sentiam tanto esta perda, que em vez de consolar, acendiam com seu choro outro maior. O terreiro e ruas principaes estavam povoadas de gente miuda, que com as mais tristes palavras que podiam mostravam sentimento da perda de seu principe; e alguns recontavam suas proezas, que provocavam

os animos de quem os ouvia a mór tristeza. Já que a noite se vinha, el-rei se recolheu com a rainha a seu aposentamento, e Flerida ao que d'antes tinha, acompanhada de muitas donas, pessoas de authoridade pera tal tempo necessarias: e ao outro dia el-rei fez embaixador destas novas ao imperador Palmeirim, e foi Argolante, filho do duque de Ortam, irmão de Troendos, que morreu por amores de Flerida, e logo partiu. Os paços e casas principaes assim d'el-rei como dos senhores estavam cubertas de pannos negros; porque então esta era a tapeçaria de que se todos guarneciam. A cidade de Londres vivia em tamanho descontentamento, que tudo parecia ajudar seu rei a sentir aquella dôr: alguns cavalleiros se partiram logo em busca de D. Duardos. Flerida esteve muitos dias tão doente, que sempre esperaram que os seus houvessem o fim que ella desejava. Mas depois de sua doença foi convalescendo, apartada de todalas cousas, que por alguma via lhe podiam dar contentamento, e se desoccupava da outra gente, porque só podesse melhor cuidar no seu D. Duardos; trazendo á memoria mil contentamentos, que com elle passára, e vertendo muitas lagrimas pola pena que lhe esta lembrança dava, occupava tanto n'isso o sentido, que algumas vezes perdia o tempo de comer, estando tão elevada na contemplação desta saudade, que tudo o al lhe esquecia. Desconfiando que em nenhum tempo poderia ella tornar ao goso do que já perdêra; que esta qualidade tem as cousas, que se muito desejam, parecer que

sempre tardam; e só neste exercicio passava os dias e noites, sendo nella sempre o amor de D. Duardos tão firme como se o tivera presente; e não era muito ser assim porque quando antre as pessoas é grande, a distancia do lugar não o tira.

CAPITULO V.

DO QUE O SALVAGE FEZ DOS INFANTES QUE LEVOU: E COMO ARGOLANTE CHEGOU A CONSTANTINOPLA.

O salvage depois de tomar os infantes, andou até chegar á cova, onde tinha sua morada: e achou á entrada della sua mulher, que o estava esperando com um menino nos braços, filho d'ambos, que seria de idade de um anno: alli lhe deu a caça que trazia, dizendo que em todo o dia não podéra achar outra, e que daquella cevaria os leões. Mas como as mulheres de seu natural são inclinadas á piedade, teve-a tamanha daquellas vidas innocentes, que não quiz consentir o que seu marido trazia ordenado: antes tomando outra carne lhe deu de comer; e aos meninos de mamar com tamanho amor, como a seu filho proprio. E com este os criou ao leite de seus peitos, até que a idade os ensinou a sustentarem-se de outro mantimento: e porque aqui não falla a historia delles até seu tempo, torna a Argolante, que, depois de partido, andou tanto por suas jornadas por mar e por

terra, sempre com tanta pressa, como o cuidado dá a quem comsigo o leva, que um domingo chegou áquella famosa Constantinopla a tempo que se celebravam tamanhas festas como foram as dos casamentos de Primalião e D. Duardos. Isto era, porque nascêra a Primalião uma filha, a que o imperador pôz nome Polinarda, por amor da imperatriz; e porque desta se esperava ser tão fermosa como sua avó, e quiz que viessem todolos senhores de seus reinos, ordenando grandes justas e torneios. Aos quaes tambem veio el-rei Tarnaes de Lacedemonia e Polendos, que já então era rei de Thesalia; e Belcar, que tambem era duque de Ponto e de Durago, com quem a côrte estava tão nobrecida e grande, que em nenhum tempo o foi mais. Argolante atravessou a cidade, até chegar ao paço, armado de armas negras. E vendo as grandes alegrias que por toda ella se faziam, e a tristeza em que el-rei seu senhor ficava, lhe vieram as lagrimas aos olhos, lembrando-lhe que toda a paixão era sua, porque aos tristes é alivio ter companheiros em a pena. A tempo que o imperador acabava de comer pera ir vêr os torneios, entrou pola sala á vista de todos com continente pouco alegre: tirando o elmo, ficou com o rosto banhado das lagrimas que chorára; porque ellas são mostra com que de fóra se julga a pena, que dentro fica. Querendo beijar as mãos ao imperador, elle lhas não deu até saber quem era. Argolante lhe disse sua embaixada em presença de todos; representando-a com as palavras, que em tal caso eram ne-

cessarias. O imperador ficou tal que, não podendo-o soffrer, se levantou, e recolheu a seu aposentamento, cessando todalas festas, que na côrte se faziam. O principe Primalião foi tão alterado destas novas, que não dando lugar ao juizo pera determinar o que devia fazer, seguiu aquelle primeiro accidente, que o amor e vontade lhe mandava: que onde elles são conformes, muitas vezes a razão se esquece. Armando-se o mais secretamente que pôde, se partiu a horas que a escuridão da noite o podia encobrir, indo com proposito de correr todo o mundo, e tornar aos trabalhos passados, por vêr se poderia pagar a D. Duardos a divida em que lhe estava, de quando o tirou do poder do gigante Gataru. Ao outro dia depois de partido, o imperador o soube; que o pranto de Gridonia o manifestou: a imperatriz que a este filho amava como a si mesma, quando sua partida lhe disseram, nenhuma cousa a fazia contente; e como em as mulheres as pequenas se sentem muito, todo o aposentamento della era envolto em choro e descontentamento: umas por ajudar sua senhora; outras por amor de Flerida, que de todas era tão amada, como lh'o ella por boas obras sempre soube merecer; que estas são as com que se ganham vontades alheias. Mas o imperador, a quem da ida de Primalião não pesava, se veio a ellas, e, queixando-se com a imperatriz, louvava a partida de seu filho, dizendo tambem que pola perda de D. Duardos não se deviam fazer prantos, porque de razão as lagrimas não se hão de verter

senão por cousa que com lagrimas se possa alcançar: que no de sua filha Flerida provessem, e no al obrasse a fortuna como quizesse; pois suas cousas não por ordem se regem, antes só em dita ou mofina consistem. Na côrte foi tamanho alvoroço, que todolos cavalleiros, que nella eram juntos, se partiram por muitas partes; e alguns, que já polas idades cuidavam que estavam descançados, tornaram a seguir as aventuras com maior cuidado do que as em nenhum tempo passaram. E porque contal-os aqui é prolixidade, o não faço. Porém porque d'alguns sinalados é bem que se faça memoria, pois o que nesta demanda passaram, e os feitos que fizeram, são dignos della, nomeal-oshei. Polendos, filho do imperador e rei de Thesalia, o principe Ditreo, filho d'el-rei Frisol de Hungria, Belcar seu irmão, Vernao principe d'Allemanha, filho do imperador Trineo, que este, ainda que aquelles dias passasse no regaço da fermosa Valerisa, filha menor do imperador Palmeirim, com quem era esposado, teve em menos aquelle gosto, que o que devia fazer. Porque todo o homem, que vencido de sua vontade vai contra a virtude, não se deve atrever no merecimento de suas obras. E posto que as delle fossem taes, que de toda suspeita o salvassem, quiz que os meios e fins de suas cousas remediassem os principios; porque quando estes são errados, o al se espera com elles. E assim polo contrario quando são bons, os cabos se crê serão melhores. Depois de partido, ficou a cidade de Constantinopla tão

erma, que parecia não ser aquella. O imperador cavalgava muitas vezes polos lugares principaes, porque com sua presença o povo cria que de nada estavam desfallecidos. Argolante se tornou pera Inglaterra com recado que lhe o imperador deu pera el-rei seu senhor e Flerida, contente de vêr a diligencia que punha na perda de D. Duardos. As novas de sua perda correram por todas as côrtes de principes: assim de Arnedos rei de França seu cunhado, e de Recindos rei de Hespanha, Belagriz soldão de Niquea, Mayortes o gran-cam e de todos aquelles, que com elle tinham razão ou amizade; onde foi a tristeza tão geral, que com igual vontade partiam a buscal-o, pondo suas pessoas aos perigos de que já estavam apartados; porque o amor, que a D. Duardos tinham, não consentia outro repouso. E desta maneira eram tão povoados os caminhos, estradas, e florestas, de cavalleiros andantes, e donzellas fermosas, que seguiam esta aventura; tanto que em nenhum outro tempo as armas em maior reputação foram tidas. Argolante chegou a Inglaterra com o recado que levava, de que el-rei e Flerida ficaram contentes: crendo que de tal diligencia algum bom fructo se havia de tirar.

CAPITULO VI.

DO QUE ACONTECEU A PRIMALIÃO NA BUSCA DE D. DUARDOS.

Diz a historia, que Primalião, tanto que soube da perda de D. Duardos, esperou pola noite, e mandou um seu donzel que lhe levasse as armas e cavallo a um lugar secreto, lá detras da horta de Flerida. E armando-se de todas ellas somente o elmo e o escudo, que o donzel lhe levava, começou de caminhar com tão pouco repouso como lhe fazia ter o desejo com que caminhava. Pondo em sua vontade correr todas as partes do mundo e não tornar á vida descançada, de que saía, sem saber algumas novas de D. Duardos: e assim caminhou tantos dias sem nenhuma aventura pera contar, que entrou em o reino de Lacedemonia, onde um dia já quasi noite se achou em um valle gracioso, longe de povoado, que por meio de umas serras ia. E como a noite fosse escura, e o lugar cheio d'arvoredos que a claridade das estrellas impediam, era a escuridade tamanha, que não via por onde caminhava. Não tardou muito que viu grande lume de tochas acesas atravessar polo valle contra a parte donde elle vinha. Quanto mais a elle se achegavam, ouvia prantos de pessoas, que com palavras cheias de muita lastima representavam sua dôr e sentimento. Chegando-se mais por ver o que

podia ser, viu uma companha de donzellas com tochas nas mãos, á seu parecer fermosas, vestidas todas de negro, seus fermosos cabellos lançados atras, quebrados por muitas partes do pouco dó, que suas donas houveram delles, grande sinal da dôr que sentiam: sobre seus hombros uma tumba cuberta de sêda negra, que arrojava pelo chão. Tras ellas uma dona em cima d'um palafrem: elle e ella cubertos d'um pano d'aquella triste côr, que as outras traziam. Vinham em sua companhia quatro cavalleiros anciãos vestidos da mesma sorte, ao parecer de quem os via, tristes. Assim passaram por Primalião sem quebrarem o fio de sua ordem. Mas elle, que não ficou pouco espantado do que via, se achegou á dona do palafrem, dizendo: Senhora, faz-me tamanha dôr a que vossas palavras mostram, que já agora desejo offerecer-vos esta pessoa e armas pera alguma vingança, se isto de que vos queixais a pode ter. Cavalleiro, disse a dona, a tal tempo me chegou minha ventura, que ainda que esse desejo, que mostrais, vos queira satisfazer, não posso mais que com a vontade, que conhece o agradecimento que elle merece. E porque vejo em vós que minha perda vos doe, dar-vos-hei conta de donde ella vem; porque já agora eu estimo a vida tão pouco, que me não dá nada perdel-a. A mim me chamam Paudricia, sou filha de elrei que foi de Lacedemonia, e senhor de toda esta terra, e o mais do tempo faço minha habitação em um castello que aqui pera tras fica, onde não tenho outra companhia se não a que aqui levo: e

polo assento delle ser alegre e gracioso e estar povoado de mulheres, tem por nome o Jardim das Douzellas. Bem ouvireis dizer como elrei Tarnaes meu irmão ficou encantado per morte de meu pai no castello das Aves Negras, e este encantamento se quebrou polo esforço e valentia de D. Duardos, princípe d'Inglaterra, que já ouvirieis nomear, o qual esteve em Lacedemonia todos os dias, que a meu irmão celebraram festas, que pera mim foram bem tristes; que, vencida da valentia e parecer de D. Duardos, não pude tanto encubrir esta vontade, que eu mesma não lhe descobrisse meu erro: mas como elle quizesse mais que a si a Flerida, filha do imperador Palmeirim, com quem já era casado secretamente, doendo-se muito pouco de minha pena, teve em muito menos minhas palavras. Com tudo porque com desesperação me não matasse, otorgou-me seu amor. No qual te agora vivi, engeitando casamentos que me depois sahiram, apartada da conversação da gente naquelle meu castello: tendo sempre comigo na camara onde dormia, D. Duardos tirado polo natural, vivo pera lhe contar meus damnos, e morto pera se não doer delles. E assim passava o tempo enganando a saudade que me elle fazia, com uma estatua a que minhas lagrimas mui pouco doíam. Agora veio nova certa ao reino de Lacedemonia, que quem m'esta vida dava, tinha já perdida a sua. Foi em mim a dôr tamanha que a não pude dissimular com outros enganos, com que d'antes gastava o tempo: e porque já não quero vida sem esperança de ver quem

m'a fazia desejar, vou a um apousentamento meu, que aqui perto está, a que fiz pôr nome Casa da Tristeza, a dar sepultura a esta imagem de meu descanso: e porque minha dór é grande, ajudam-me a sentir estas que aqui vedes, e faz-lho fazer o dó que de mim hão e o amor que me tem. Agora cavalleiro, se quizerdes ir ver as obsequias minhas e da figura que naquella tumba vai, podes lho fazer, e por onde fordes sereis testemunha de meu erro. Acabando estas palavras com soluços grandes começou renovar seu pranto, ajudando-a suas donzellas com tamanha vontade, como que a dôr fora de todas ellas. Primalião se chegou á tumba, e levantando a borda do pano, vio dentro duas velas acesas, e no meio sobre uns coxins de velludo avellutado negro uma estatua á maneira de homem tão natural como D. Duardos, que per vezes o poz em duvida se poderia ser aquelle. E vendo aquellas obsequias e maneira de tristeza, que por elle se fazia, arrasaram-se-lhe os olhos d'agoa, como quem não tinha pequeno quinhão naquella dôr. E gastantando os espaços, que da noite ficavam, em palavras de consolação, que a Paudricia davam mui pouca, a foi acompanhando té chegarem a um valle, a tempo que já a manhãa era clara, ao parecer de todos tristonho. Corria polo fundo delle uma ribeira d'agoas negras, tão mal asombradas e com tão espantoso som, que faziam medo a quem as via. A terra era mais povoada d'arvores espantosas que contentes. O ar cuberto de d'aves negras, que por cima dos arvoredos andavam. No meio do rio

em um ilheo, que a agoa fazia, estavam uns edeficios grandes de muitos corucheos, ameias e outras mostras singulares de uma cór negra cubertos. Não se via cousa alegre, tudo era a modo de tristeza. A entrada tão escura e medonha, que punha espanto a quem a via: as salas, camaras, e casas de cima, assim as paredes, como o alto dellas, cheias d'um debuxo negro de historias antigas e namoradas, as mais tristes, que se podiam achar pera fazer descontente o lugar em que se punham. Alli a historia de Ero e Leandro se achava: o desastrado fim de Tisbe e Piramo se via: e None mil magoas ao pé d'um crescido alemo comsigo só passava: Fliomena tambem nos louvores que fazia mostrava sua pena. Dido, com a espada de Eneas metida polo coração, estava envolta no seu proprio sangue, tão natural e fresco, que parecia que aquella fôra a derradeira hora em que se matara. Medea, Progne, Ariadna, Fedra, Pasiphe, todas alli estavam cada uma pintada segundo a maneira de sua vida. Orfeo envolto no fogo infernal com sua arpa nas mãos parecia que se queixava. Alli Acteon tornado cervo, despedaçado dos seus proprios cães. Narciso alli se via com outros muitos namorados, que relatados aqui seria nunca acabar: tudo tanto polo natural que enganava a vista a parecer que aquello era o proprio. Ao tempo que Paulricia entrou pola primeira porta (depois da tumba e suas donzellas serem dentro) se virou contra Primalião, dizendo: Senhor cavalleiro, este é o aposento dos tristes, derradeira sepultura de meu descanso; daqui vos

tornai, que dentro não pode entrar senão quem já engeitou a esperança de ser contente. E antes que elle respondesse, ella se meteu dentro, e os cavalleiros serraram a porta tão prestes, que Primalião não teve tempo pera nada. Detendo-se um pouco, ouviu dentro outra maneira de pranto, que parecia que todo o aposentamento se assolava. E não podendo soffrer a lastima, que lhe fez, virou redeas ao cavallo tão descontente como se diante de si vira D. Duardos, dobrando-se-lhe a vontade de o buscar com dobrado trabalho do que té li passara; e assim caminhou espantado do que vira com preposito de naquella demanda fazer obras famosas, com que as de seu pai escurecessem. Porque quem com os seus feitos não é claro, pouco lhe aproveita honrar-se dos alheios.

CAPITULO VII.

EM QUE DIZ A RAZÃO PORQUE PAUDRICIA FAZIA AQUELLA VIDA: E DA DOS INFANTES DA COVA.

Esta Paudricia, segundo no livro de Primalião se conta, quiz grande bem a D. Duardos, ao tempo que veio tirar seu irmão, el-rei Tarnaes, do encantamento, em que el-rei seu pai o leixára: e porque a D. Duardos nenhuma cousa lhe parecia bem, podendo com isso offender ao amor de Flerida, guardou-se sempre de lhe ouvir suas pala-

vras, as quaes não pareciam mal a Belagriz, soldão que depois foi de Niquea, por morte de Maulerim seu irmão. Mas antes conhecendo a affeição que tinha a D. Duardos, entrou uma noite com ella em nome delle: do qual ajuntamento houveram um filho, de que a seu tempo se fallará, que houve nome Blandidom, cuidando Daudricia que Belagriz era D. Duardos: e polo amor que lhe tinha, fez sempre a vida tal qual neste capitulo atraz se diz, tendo aquella imagem ante si, com que continuamente praticava suas cousas, vivendo em esperança de o tornar a vêr. E agora, ouvindo dizer que era morto, mudou-se do Jardim das Donzellas áquelle assento, chamado a Casa da Tristeza, crendo que alli mais prestes que em outra parte seus dias acabariam. Aqui leixa a historia de fallar nella, e torna aos infantes, a que a mulher do salvage criava com tanto amor como a seus proprios filhos. Assim como iam crescendo se faziam tão fermosos e bem dispostos, que pareciam de maior idade que então eram. Seu exercicio era caçar, sendo n'isso tão destros, que quasi tinham despovoada a maior parte da floresta das alimarias, que nella havia: e o que maior monteiro e maior gosto de caçar levava era Floriano do Deserto, em cuja companhia os leões sempre andavam. Trazia um arco com muitas frechas, e saiu tão singular frecheiro, que o salvage lhe não igualava com muita parte. Nesta vida continuaram até ser de idade de dez annos, no fim dos quaes um domingo pola manhãa, Deserto se saiu só com seus leões pola trela, como

algumas vezes acostumava, por vêr se mataria alguma caça: e andando todo o dia a uma e outra parte sem achar nenhuma, a tempo que o sol se queria pôr, viu em uma matta jazer um veado grande, e fazendo-lhe tiro, lhe deu com tanta força, que o atravessou da outra banda: mas o cervo que se sentiu ferido, se levantou com tamanha pressa, que os leões a que Deserto soltou a trela, o não poderam alcançar: antes correndo elles atraz o veado, e elle atraz elles, se desviaram tanto da cova, que Floriano perdeu o tino della, e aos leões de vista: andando toda a noite bradando por vêr se acudiriam, mas estavam já tão alongados, que não o ouviram. Assim foi pola floresta abaixo contra onde uns villãos faziam fogo, com desejo de se aquentar, que a noite era fria: onde esteve praticando té outro dia cousas que lhe perguntavam. E apartando-se delles, caminhou tanto contra onde lhe parecia que a cova ficava, que foi ter ao proprio lugar onde nascêra, que era alli perto, e assentou-se ao pé da fonte, que ahi estava, que trazia gram sede, com bem desviado cuidado do que sua mãi d'alli levára. Não tardou muito que polo mesmo caminho contra a fonte, veio um cavalleiro em cima de um cavallo baio grande, armádo d'armas negras e amarellas a quarteirões, e no escudo em campo negro um grifo pardo com letras no bico, tão trocadas, que ninguem as entendia, senão seu dono: as redeas lançadas sobre o collo do cavallo, e elle tão triste e descuidado, que parecia que nenhuma cousa sentia. Tanto que

chegou á fonte, com a detença que o cavallo fez em beber, tornou em si, e vendo a Deserto, foi nelle o sobresalto tão grande como se víra D. Duardos; porque este se parecia muito a elle. Perguntando-lhe cujo filho era, Deserto lhe deu a conta que d'isto sabia. O cavalleiro lhe rogou, que se fosse pera Londres, que o levaria a el-rei, que o críaria, e lhe faria mercês: elle o outorgou: porque inda que não tivesse idade pera sentir o proveito que lhe d'ahi vinha, lá tinha uma inclinação alta pera não engeitar as cousas grandes. Este cavalleiro era o esforçado Pridos, que cançado de correr todo o mundo em busca de D. Duardos sem achar nenhumas novas, se tornava pera Londres: e achando-se naquella floresta, onde lhe lembrou que se perdêra, foi nelle a paixão tamanha, que vinha tão fóra de si, como a razão que pera isso tinha lho mandava. E tomando Deserto, comsigo o levou á côrte, onde d'el-rei foi recebido como pessoa a que queria grande bem. E depois de lhe dar recado do pouco que arrecadára, lhe offereceu aquelle donzel vestido de pelles salvages, com que el-rei ficou tão ledo como se soubera ser aquelle seu neto. Porém isto são obras do coração, sentir alegria com as cousas de que a deve ter, inda que as não conheçam. E tomando-o polo braço, se foi onde a rainha e Flerida estavam, mostrando novo contentamento, e postos os olhos em Flerida, lhe disse: Senhora, vêdes aqui o fructo, que Pridos tirou de sua tardança, este donzel é tão natural com meu filho e o vosso D. Duardos,

que me faz crêr que póde ter alguma parte nelle. Flerida, a quem a natureza ajudava a conhecel-o, o tomou nos braços com inteiro amor de mãi; e pedindo a el-rei que lho desse pera seu serviço, elle o outorgou. E logo souberam de Pridos onde o achára, e da maneira que estava ao pé da fonte do Deserto, por onde Flerida quiz que tivesse o nome de Deserto, sem saber que aquelle era o com que nascêra. Desta maneira o infante Deserto se criou, servindo sua mãi, sem ella nem elle saberem o parentesco que antre elles havia. E andava em sua companhia D. Rosirão de la Brunda, filho de Pridos e Artada, os quaes se criaram té ser de idade pera se armar cavalleiros, onde a historia deixa de fallar nelles, e torna a dizer do salvage e Palmeirim d'Inglaterra o que fizera, depois que viram que Floriano não vinha.

CAPITULO VIII.

DO QUE O SALVAGE FEZ VENDO A TARDANÇA DE DESERTO.

O dia que o infante Deserto saiu a caçar, o salvage esperou até á noite: e vendo que não vinha nem os leões tão pouco, começou de entristecer-se: porque a este queria maior bem, que a nenhum dos outros, por ser maior caçador que elles, tendo a máo signal sua tardança: e gastando as horas do somno em pensamentos, que lho faziam perder, esteve té o outro dia, que os leões chegaram en-

sanguentados do sangue do veado, que mataram; mas elle, que os viu sem seu guardador, sentindo a dôr que lhe seu receio dava, e seguindo aquelle primeiro accidente que a ira traz, os matou sem lhe lembrar a perda que n'isso recebia. Porém Palmeirim, a que a razão ajudava a sentir mais a de seu irmão, foi tão triste, que nenhuma cousa o fazia contente, passando o tempo em ir-se todolos dias passar aquella saudade ao longo da praia onde o mar batia: com sua idade pouca, brincando nas ondas delle, esquecia parte da paixão, que o apartamento de seu irmão lhe fazia, Tanto continuou isto, que uma vez viu vir ao longo da costa uma galé, porque a calmaria grande não consentia vêla; e chegando contra aquella parte onde Palmeirim estava, o capitão mandou pôr a prôa em terra com tenção de repousar algum pouco á sombra dos arvoredos, de que era povoada, e tomar alguma agoa fresca, de que trazia necessidade. Achando aquelles donzeis, porque tambem Selvião estava na companhia de Palmeirim, espantado do parecer de ambos, e da maneira do seu trajo, depois de estar algum espaço praticando com elles, pôz em sua vontade leval-os comsigo por força, se d'outra maneira não quizessem. Mas pera Palmeirim houve mister poucas palavras, que sua natureza o ensinava a não se contentar daquella vida; posto que Selvião o estorvava, que tambem o seu natural era o contrario. Porém por derradeiro, vencido das razões de Palmeirim, e do amor e creação que antre elles havia, consentiu em sua

tenção. Então entrando na galé o capitão fez sua sua rota, como d'antes levava, indo pergnntando a Palmeirim cujo filho era, de que elle deu conta segundo seu entendimento, crendo que o salvage fosse seu pai. Nisto continuaram tantos dias e noites, voltando sobre Hespanha, e atravessando pera a costa de levante, té que uma antemanhãa aportaram no gram porto de Constantinopla, que naquelle tempo era povoada de vontades tão tristes, como em outro tempo o fôra de invenções alegres e dias contentes, achando o mar tão desacompanhado das grandes frotas, que alli sohia haver, que parecia um sonho em comparação do que já fôra. O esforçado Polendos, rei de Thesalia, que era capitão da galé, que vinha de correr e atravessar todolos os mares, assim Occeano, como Mediterraneo, e os outros sem achar nenhuma nova de Primalião, nem de D. Duardos, saíu em terra tão de dia, que o imperador vinha cavalgando pola cidade, que isto fazia muitas vezes, segundo se já disse: do qual foi recebido com tanto amor como lhe sempre tivera; e tornando-se ao paço, quiz logo saber as novas de seus filhos; mas elle lhe deu conta das terras que andára, e do pouco que naquella demanda fizera, de que o imperador ficou assás descontente, posto que o mais que podia dissimulava aquella dôr; que este é o bem que os animos grandes tem, encobrirem e dissimularem o que os outros não podem, que nos pequenos ainda o bem é trabalho de soffrer. E tanto que entrou no paço, Polendos lhe apresentou o fermoso infante, com

que foi algum tanto consolado, parecendo-lhe que tão fermosa cousa havia de trazer comsigo alguma, que désse contentamento a quem o havia mister: e chamando ao duque de Pera, lho mandou levar a Gridonia, pera servir sua filha Polinarda, que já então começava ser tão fermosa, que se cria que sua mãi e avó o não foram tanto no tempo que floreciam. A imperatriz e Gridonia o receberam com aquella vontade, com que se uma pessoa innocente e cousa tão bella devia receber, fazendo-lhe tantos mimos e gasalhado como tão pequena idade requeria, ou como lhe poderam fazer se o ellas conheceram: e assim começou de servir Polinarda, filha de Primalião e Gridonia, com tão aceso desejo, que este o pôz depois em muitas affrontas, de que se não esperava salvar. Não tardou muito que á porta do paço descavalgou uma donzella de um palafrem branco com guarnição da mesma côr de setim avelludado semeado de rosas de ouro miudas, postas por tal ordem, que davam muito lustro ao palafrem. Trazia vestida uma roupa franceza de invenção nova, feita a modo de caminho, bordada de troços d'ouro tecidos uns por outros, os cabellos lançados atraz, tomados pom uma fita da mesma côr, e na cabeça capella de flôres alegres, que davam singular cheiro; e alem de ser fermosa, era tão bem posta no chão, e dava tanta graça ao que vestia, que o imperador e os mais que ahi estavam se alegraram de a vêr. Chegando ao estrado, tirou uma carta do seio, e fazendo o acatamento, que a tão grande principe

era necessario, lha metteu na mão, usando primeiro de toda a ceremonia, que ao throno de seu estado se requeria. O imperador a mandou lêr alto, que ella o pediu assim, a qual dizia: A ti o invencivel e mui famoso Palmeirim, imperador da Grecia, eu, a dona do Lago das tres Fadas, te digo, que o donzel que hoje te foi trazido, d'ambas as partes descende do sangue dos mais poderosos reis christãos: trata-o como a gram principe; porque no tempo que tua corôa e real estado será posta no mais baixo assento da fortuna, o tornará em mais alta grandeza do que nunca foi; e por elle serão restituidos em toda alegria os dous mais afortunados principes, que agora estão sem ella. Acabada de lêr a carta, o imperador ficou atonito do que ouvia; e perguntando á donzella quem era esta dona, ella lhe disse: Não sei mais, senão que tudo o que ahi diz acontecerá como a carta mostra: e sem outra resposta, fez volta, e cavalgando em seu palafrem se tornou por onde viera. O imperador se foi pera a imperatriz, mostrando-lhe a carta, e fazendo vir diante si o fermoso donzel, praticando com elle algumas cousas, quiz que houvesse nome Palmeirim, assim porque na mesma hora houve alguns que affirmaram parecer-se com elle, como porque este era o nome que mais convinha ao serviço da infanta Polinarda, não sabendo que, além destas razões, havia outra maior, que era tel-o de seu nascimento. E dando-lhe outros vestidos differentes daquelles com que viera, lhe mandou guardar os seus pera em algum tempo

os mostrar, se o que a carta dizia saisse verdade. Mas a imperatriz e Gridonia haviam por tamanha perda não saberem novas de Primalião, que nenhum prazer outro lhe fazia esquecer este cuidado, chorando muitas vezes pola saudade, que lhe esta lembrança fazia, e este era o mór descanço que tinham; porque chorar a causa, faz ás vezes afroüxar a pena.

CAPITULO IX.

DO QUE ACONTECEU A VERNAO, PRINCIPE DE ALEMANHA, NA FLORESTA DESASTRADA EM INGLATERRA COM UM CAVALLEIRO.

Vernao, principe de Alemanha, filho do imperador Trineo e da fermosa imperatriz Agriola, sahiu da corte do imperador seu sogro, ao tempo que Primalião desapareceu, com tenção de seguir esta demanda de D. Duardos, e fazer maravilhas em armas, lembrando-lhe o pouco tempo que havia que o fizera cavalleiro, e o muito a que era obrigado pera remediar os feitos de seu pai e avós: e com este cuidado passou por tantas cousas de fama immortal, como nas chronicas antigas de Alemanha se pode ver, e não se relatam aqui, porque seria erro, pois a principal historia deste livro não é sua: somente diremos uma que lhe aconteceu com outro cavalleiro, de que tambem é razão fazer memoria. Aconteceu assim, que caminhando

Vernao por muitas terras, aportou naquella gram Bretanha, por saber se nella havia algumas novas de D. Duardos, e ouvindo as más, que lhe todos davam, não quiz ir á corte visitar elrei nem Flerida, por não ver pessoas magoadas, a que não podia dar remedio: caminhando por aquelle reino, que lhe parecia singular terra e de que antigamente tão gram fama soava polo mundo. Um dia a horas de terça se achou em uma floresta, que no meio do reino está, onde poucos cavalleiros entravam, a que não acontecesse algum desastre ou aventura grande, e por isso a chamavam a Floresta Desastrada; e indo assim enganando o trabalho, que as armas dão a quem as contino traz, com o cuidado em que o mettia a saudade da mui fermosa Basilia, filha do imperador Palmeirim, sua esposa, por haver muito tempo que a não vira, envolto no esquecimento das outras cousas, pera que partira da corte, passou por elle um caválleiro em cima d'um cavallo grande ruão, armado d'armas d'ouro e pardo, á maneira de columnas, assás ricas, o elmo da mesma sorte, e polas enlazaduras abrochava-se com torçães do mesmo ouro e pardo, tão loução e bem posto como aquelle que o sempre fora: o escudo em campo branco uma serpe de muitas cores, mas este trazia passado d'alguns encontros e grandes acontecimentos, que por elle passaram, pela qual devisa comummente lhe chamavam per toda aquella terra o cavalleiro da serpe, sendo por este nome tão conhecido de muitos, quanto por sua valentia se elle fazia temer em toda parte. Ao tempo

que passou Vernao, o salvou cortesmente; mas Vernao, que mui transportado ia na comtemplação de seus amores, não teve acordo pera lhe responder, nem lhe lembrou que lhe fallava. O cavalleiro da serpe virou a redea ao cavallo, e tornando sobre elle, lhe tomou polas redeas do seu e lhe disse: Senhor cavalleiro, ainda que respondesseis aquem vos falla não perderieis nada do vosso. Vernao houve tamanha menencoria de lhe quebrar o fio do em que ia cuidando, que lhe disse: Maior erro me parece a mim quererdes vós, que per força vos falle quem não vos ouviu. Eu fallei tão alto, disse o outro, que essa escusa que dais não vos absolve de serdes culpado. Vernao que se não queria deter em razões, por tornar ao gosto do que lhe fizera perder, deu d'esporas ao cavallo, e andou por diante dizendo: Cavalleiro, ide vosso caminho, deixai-me com minha imaginação, que maior é a guerra, que me ella dá, que a batalha que poderia haver com vosco. O da serpe, que não era costumado áquelles desprezos, com que o outro o tratava, lhe tomou a dianteira dizendo: D. cavalleiro, mal ensinado, agora convem que me digais, que fantesia é a vossa, que vos ensina a ser descortês; e então eu vos mostrarei qual é maior perigo, se esse em que vos ella põe, se o outro em que vos podeis ver comigo. Tão desejoso sois de vosso damno, disse Vernao, que per força me fazeis fazer o que não quizera: o meu cuidado não pode saber ninguem, se não eu, que nasci pera o ter, e elle pera me matar. E os outros perigos, fóra es-

te, eu os estimo bem pouco: e sem dizer mais, se arredaram com tamanha furia, que nenhum errou seu encontro: e foram de qualidade, que as lanças se fizeram em muitos pedaços, e ao passar um polo outro, os cavallos se encontraram com tanta força das cabeças e peitos, que caíaram com seus senhores, que souberam sair delles com tamanho acordo e presteza, como cada um tinha nos casos onde lhe era necessario: e arrancando das espadas, começaram antre si uma tão brava batalha, que em pouco espaço fez cada um conhecer a seu contrario a valentia de sua pessoa: e assim andaram nella por algum espaço sem tomar nenhum repouso, ferindo-se por todas partes de muitos e mui pesados golpes, ajudando-se cada um de seu saber, porque via que estava em parte que lhe era necessario: trazendo já os escudos tão desfeitos, que nelles havia pequena defensa: as armas per alguns lugares rotas: os elmos abollados e torcidos: e elles com feridas, inda que pequenas e poucas. Nisto se arredaram por cobrar alento; e o da serpe disse contra Vernao. Parece-me, senhor, que já ora crereis que mór perigo é o que se espera de minhas mãos, que o outro em que vos põem pensamentos alheios. Bem se parece, disse Vernao, que sabeis mal o que eu tenho na vontade: que este que trago comigo sei certo que durará té me matar, e estoutro que se de vós pode esperar, acabará tão cedo, como eu saberei dar fim a essa palavras soberbas, que contra mim soltais. Mas inda as suas não eram acabadas, quando ambos se

ajuntaram com tamanho impeto, que a primeira batalha em comparação da segunda não era pera estimar, e como cada um já fosse conhecendo as forças do outro, trabalhava por mostrar as suas té o cabo, travando-se ás vezes a braços pera ver se se poderiam derrubar; outras dando golpes tão mortaes, que as armas eram quasi desfeitas, e os escudos feitos pedaços, semeados polo chão, e elles per tantas partes de seus corpos feridos e mal tratados, que o campo estava todo cuberto de seu sangue. Nesta segunda batalha pelejaram tanto espaço, sem se conhecer melhoria, que a maior parte do dia se passou nella: e como o dia fosse de muita calma, começaram a enfraquecer, arredando-se outra vez por descansar do muito trabalho, que passavam, e cobrar forças de que estavam desfalecidos, espantando-se cada um da valentia de seu contrario, e temendo que aquella batalha fosse a derradeira de seus dias. O outro se veio contra Vernao, dizendo: Pouco estimais a vida, cavalleiro, pois tendes em menos perdel-a que dizer-me que pensamento é o vosso, sendo sobre isso nossa batalha: e com dizel-o pode haver fim. Antes eu quero, disse Vernao, perder essa que dizeis, que tel-a com deixar-vos a victoria de saberdes o gosto de que não tendes necessidade, e me a mim traz morto e contente. Pois é forçado, disse o da serpe, que ou mo digais, ou um de nós fique no campo com sua magoa. Nisto tornaram á sua porfia, porem os golpes eram com menos força; porque a muita que tinham perdida os fazia andar mais fra

cos, sendo nelles os corações tão inteiros como na primeira hora que começaram sua batalha. Os escudeiros, que em tal perigo os viram, temiam tanto sua morte, como se já estiveram no derradeiro estado da vida, dizendo um contra outro palavras de muita dôr. O cavalleiro da serpe com quanto andava envolto em sua peleja, notou algumas do escudeiro de seu contrario, que dizia: O' coitado de ti, imperador, que não sabes o perigo em que tua vida está posta! E arredando-se atraz, lhe veio á memoria que aquelle podia ser Vernao, filho do imperador de Alemanha, e que morrendo alli qualquer delles, seria gram perda; e o imperador Palmeirim ficaria triste pera sempre: e com esta suspeita afirmando mais os olhos, viu-lhe as armas d'um fino rosado, de que se muito contentava; e trazia-as daquella côr por ser uma das de Basilia, e no pequeno do escudo que ainda lhe ficara, lhe viu em campo verde um pedaço de um coração ardendo; porque a outra parte, que alli falecía, se desfizera com os golpes, que se nelle receberam: e certificado ser aquelle polas insignias que trazia, que eram as proprias suas, lhe disse: Senhor Vernao, ainda que me vós negueis vosso cuidado, e onde nasce, já sobre elle não haveremos batalha, que eu sei que tal é, e quem volo dá. A senhora Basília tem esta culpa de suas cousas serem azo pera nos ambos matarmos: eu sou vosso servidor Belcar, a quem estas brigas houveram de custar bem caro, pois eram comvosco, e sobre cousa que tão bem sabericis defender. O principe Vernao fi-

eou tão contente destas palavras, e de saber que aquelle era Belcar, que sem lhe mais responder o levou nos braços com tamanho amor, como se elles sempre tiveram, dizendo: Senhor, vós soubestes bem o que fazieis em deixar esta batalha, por não comprar guerra com vossa prima, que tambem vos houvera de saber demandar minha morte. E tirando os elmos, limparam os rostos do suor e do sangue que nelles tinham, e os seus escudeiros lhes apertaram as feridas, que eram muitas: e sem outra detença tornando a cavalgar se foram contra a cidade de Esbrique que ahi perto estava, pera se curarem, praticando cada um as terras que correra, e no pouco que em sua demanda acabaram, havendo vergonha de tornar a Constantinopla com tão mao recado, como em fim de seus trabalhos esperavam levar ao imperador, que em tamanho cuidado da perda de seus filhos vivia: tendo já por certo que Primalião seria perdido como D. Duardos; porque de todos os outros, que em sua demanda foram, tinham nova se não delle: posto que esta dôr encobria o melhor que podia por não dar paixão a outrem; e tambem porque buscar genero de tristeza, é quasi igual a perder o siso.

CAPITULO X.

DO QUE O GIGANTE DRAMUSIANDO FAZIA EM SEU CASTELLO PERA SE FORTALECER: E DE COMO PRIMALIÃO FOI TER A ELLE: E DO QUE MAIS PASSOU.

O gigante Dramusiando, tanto que teve D. Duardos em sua prisão, soube de sua tia Eutropa, que á sua fortaleza viria um cavalleiro, que passando por força d'armas todolos costumes della, prenderia ou mataria a elle: e porque tinha suas cousas por tão certas, como a experiencia d'algumas lho fazia crer, vivia com tanto cuidado, que elle o fez usar de maiores cautellas, do que té alli fizera; porque o temor faz espertar a providencia; trabalhando de haver pera sua guarda taes ajudadores, que não sómente com elles podesse viver seguro dos grandes receios, que aquellas palavras lhe poseram, mas antes metesse em sua prisão todos os famosos cavalleiros do mundo, pera nelles vingar a morte de Franarque seu pai. E como então a fama dos temidos gigantes Daliagão da escura cova, e o temido Pandaro fosse tão soada, que só com os nomes faziam espanto, teve maneira que com grandes promessas os houve, que foi causa de lhe fazer perder toda suspeita, em que os medos de Eutropa o poseram. Ordenando que cada um dos que alli vies-

sem á entrada da ponte justassem primeiro com D. Duardos, e na sahida della haveriam batalha com o temido Pandaro, e vencendo-o, se combatessem com Daliagão da escura cova, que tinha este nome, por fazer a sua habitação em uma, que dalli perto na montanha fragosa estava; e sendo o cavalleiro tal, que todas estas afrontas passasse a sua honra, haveria batalha com o mesmo Dramusiando, que o era tão especial, que se não foram as palavras de sua tia, que elle havia por mui certas, bem crêra que nenhuma ajuda lhe era necessaria pera defender seu castello. E assim desta maneira passava o tempo, tendo muitas vezes justas; mas nunca alli veio ninguem, a que D. Duardos leixasse tal da sua, que se combatesse com os gigantes: passando nisto tantos dias, té que uma tarde aportou naquelle fermoso valle o mui esforçado principe Primalião, cansado de muitas aventuras, que por elle passaram depois que de Paudricia no reino de Lacedemonia se apartou; e mui triste por nenhuma dellas ser tal, que lhe desse novas de D. Duardos. Vinha em um cavallo murzello grande, vestido de armas verdes e leonado, côres mais alegres do que então levava a vontade. As quaes ganhára no preço d'umas justas que no ducado de Borgonha se fizeram havia poucos dias. No escudo em campo azul uns mares sem outra cousa. Vindo occupando os olhos na saudade que aquelles arvoredos e correntes faziam a quem á vista delles caminhava. E assim chegou á porta a tempo

que D. Duardos acabava d'enlazar o elmo e tomar uma lança esperando por elle, porque já de longe o vira vir. Estava em um fermoso cavallo alasão do gigante, armado de armas negras semeadas de fogos, e no meio delles uns corações ardendo: no escudo em campo negro, a tristeza posta por tal arte, que ella mesma ensinava seu nome a quem o não conhecia. Primalião, que o assim viu, disse: Senhor cavalleiro, não dareis licença a quem deseja vêr essa fortaleza, que o possa fazer sem passar pola furia de vossas mãos? Esse desejo, disse D. Duardos, se vós soubesseis quão pouco necessario vos é, bem creio que farieis a jornada por outra parte; e com tudo o costume da entrada é que haveis de justar comigo, e se me vencerdes, passareis por outros perigos duvidosos, que por si se mostrarão: então podereis vêr o que desejais. Se eu alguma hora, disse Primalião, houvera medo de palavras, as vossas são taes que m'o poderam dar; mas porque sou costumado a outra cousa, digo que com todas as cautellas quero provar o que me tanto encareceis. E arredando-se o necessario, se encontraram com tanta furia, que as lanças voaram em pedaços, passando um polo outro fermosos cavalgantes: logo tomaram outras, e assim correram a segunda e terceira vezes sem nenhum levar vantagem; e a quarta se toparam em cheio dos corpos e escudos com tanta força que juntamente vieram ao chão: mas como em ambos estivesse todo o esforço e acordo, foram logo le-

vantados. Primalião arrancou da espada e embraçando o escudo se veio contra D. Duardos, dizendo: Dom cavalleiro, agora quero ver se na batalha das espadas vos irá tão bem como na justa das lanças. Mas a D. Duardos, a quem aquelles encontros poseram suspeita, que poderiam ser de seu dono, ouvindo-o fallar conheceu verdadeiramente ser aquelle, e arredando-se lhe disse: Senhor Primalião, erro seria cuidar ninguem que em nada se pode igualar comvosco; e mais eu em quem vossas mãos mostraram a experiencia desta verdade. Primalião o conheceu na falla, e leixando a espada o levou nos braços, dizendo: Senhor irmão este encontro, inda que fosse tanto á minha custa, ja me não pode parecer mal, pois me fez conhecer-vos, cousa que não esperava polo muito que tenho corrido, e novas mal certas que sempre me deram. D. Duardos quizera responder-lhe, mas nisto abriram a porta da ponte, e Pandaro o chamou que se recolhesse, que Dramusiando o mandava. Assim que não teve tempo pera mais que dizer-lhe que se ía á sua prisão. Primalião se foi traz elle, e á entrada da porta o gigante o recebeu armado de folhas d'aço mais fortes que fermosas, de que todo vinha cuberto. Na mão direita trazia uma maça de ferro pesada, e na outra embraçado o escudo cercado d'arcos tambem de ferro, dizendo: Agora cavalleiro, de cujos encontros se espantam os que pouco podem, quero vêr se esforço ou manha vos salvará de minhas mãos. Maior de-

tença, disse Primalião, seria querer responder-te do que essas palavras merecem, pera quebrar a soberba com que se ellas dizem. Mas Pandaro, que tambem não queria gastar o tempo em razões, descia já com um golpe tal, que o escudo de Primalião em que deu foi feito pedaços, de que ficou pouco contente, por não ter com que se cubrir em parte de tanta necessidade, e tornando com outro tomou ao gigante em descuberto por uma perna com tanta força, que não lhe valendo as armas cortou parte della, de que Pandaro ficou tão pejado, que quasi se não podia bollir: traz este lhe deu outro e outro tanto a miude, que o fazia desatinar e com tamanha desenvoltura, que nenhum que o gigante desse prestava, que todos lhe fazia perder. Os que esta batalha viam tinham em tanto o esforço e valentia de Primalião, que o julgavam polo melhor cavalleiro do mundo. Dramusiando, que de uma janella os olhava com D. Duardos, lhe perguntou, quem era o cavalleiro: e elle lho disse com assaz tristeza, por vêr o estado a que sua amisade o trouxera, e confessou-lho, porque viu que lho não podia negar: de que Dramusiando ficou assaz contente, vendo que todas suas cousas se aparelhavam a seu gosto. Pois tornando á batalha, o temido Pandaro, que de todo andava metido na furia de sua soberba, porque seus golpes não prestavam, lançou o escudo atraz, e tomando a maça com ambas as mãos, o melhor que pôde, se foi contra seu imigo fe-

rindo-o com tanta força, que alli fora o fim de sua vida, se se Primalião não guardára, dando-lhe o pago com golpes mais certos, de que a maça com quatro dedos da mão esquerda lhe caio no chão. Pandaro se quiz abaixar por ella; mas elle o empurrou tão rijo, que deu com elle no chão quasi sem acordo: e querendo-lhe metter a espada pola viseira do elmo, viu sobre si aquelle espantoso Dal agão da escura cova, que lhe disse: A mim, a mim cavalleiro, e não a quem não se pode defender. E ainda que elle o deixou não se pode tão prestes apartar de Daliagão que lhe primeiro não desse na cabeça uma ferida perigosa e grande. Primalião se abaixou polo escudo de Pandaro, algum tanto desatinado; e cobrindo-se delle, que mui pesado era, começaram antre si outra batalha tal, que a primeira em comparação desta parecia que fôra nada; porque como o gigante viesse folgado, e fosse dos mais fortes do mundo, e a Primalião lhe lembasse que naquella casa estava D. Duardos preso, e que pera as grandes necessidades se hão de conservar os amigos, e que elle nem elle, podiam dalli saír se não por força e esforço, pelejava tão animosamonte, que este foi o dia em que poz o sello a todos seus feitos passados. Assim andaram ferindo-se por tantas partes, que o pateo em que pelejavam, estava tinto do sangue, que d'ambos saía; posto que o gigante andava peior; porque a sua ligeireza de Primalião o defendia, trazendo já o escudo tão

desfeito que não tinha com que se amparar : e desta maneira durou a batalha tanto espaço sem tomar nenhum descanso , que nella se gastou a mór parte do dia , trazendo cada um taes feridas , que o desfallecimento do sangue , que delles saía , fazia os golpes de menos força. A este tempo foi o gigante tão abafado do trabalho das armas, que não se podendo ter em pé, caíu com tamanho desacordo, como se fora morto. Primalião que assim o julgava se sentou sobre um poial , tão cansado do muito que fizera que se não podia ter em pé. Dramusiando , que viu o fim da batalha, não se teve por tão seguro, que deixasse de temer o reves que lhe podia vir. E tomando suas armas com muita pressa, desceu ao pateo, a tempo que Primalião queria sobir pera cima, bem fora de cuidar que inda tinha o mais por fazer, Dramusiando lhe disse : Cavalleiro , se quizesseis haver dó de vós , seria bom que vos rendesseis a mim, e curar-vos-hia de vossas feridas, ganhadas com tanta honra, e que vos põe a vida em tanto risco. Se tu, disse Primalião, em pago da affronta que me aqui fizeram , quizesses fazer livre D. Duardos , logo eu creria que essas palavras eram dinas de agradecimento : mas porque creio que co'ellas queres alcançar o que nas armas não tens tão certo, quero antes pelejar comtigo, e morrer na batalha, que deixar de o fazer pera depois viver com honra magoada. Por duas cousas, disse Dramusiando, te cometti o que tu engeitas , uma ,

que minha condição é escusar mal onde é mal empregado, a outra, que me não sei contentar de nenhuma vitoria onde ha pouca defensa; mas pois que tu julgas isto ao reves da vontade, com que to digo, aguarda. Primalião, que com aquella braveza o viu, começou-se de defender o melhor que pôde, que pera o offender outro repouso lhe era necessario. A batalha foi antr'elles tal, que fazia escurecer as outras passadas. Mas os golpes do gigante onde alcançavam faziam tanto damno, que nenhumas armas se lhe emparavam; e vendo a bondade de Primalião, pesavalhe tanto vel-o morrer, que lhe disse: Cavalleiro, já conhecerás que mais com vontade de goarecer tuas feridas, que medo de tuas forças, te commetti que deixasses a batalha: vê se o queres fazer, e se não esta espada será castigo de tua simpreza; porque a vida não se ha de dar a quem se della não contenta. Primalião pôz os olhos em si, e vendo suas armas rotas, e elle ferido por muitas partes de seu corpo, e o campo tinto do sangue de suas feridas, veio-lhe á memoria a sua Gridonia, e com uma saudade triste, começou a sentir a que ella delle podia ter; dizendo comsigo mesmo: Senhora, hoje é o derradeiro dia que vossos cuidados me podem dar que cuidar: eu morrerei nesta batalha, e co'ella darei fim ás outras em que me vossa lembrança põe cada dia, e ninguem dirá por mim que com temor da morte perdi nada da honra; pois só nella e não em outra cousa está o galardão e premio da virtu-

de; mas que farei que depois de morto não vos posso servir! O' imperador Palmeirim, quão mal agora sabes o pouco descanso, que pera tua idade se aparelha: eu farei o que devo como teu filho, herdeiro de tuas obras, té que minhas forças desemparem o coração que as manda, e isto te fique pera remedio de tua dôr. O' minha Senhora, este é o bem, que a fortuna a vós e a mim tem guardado, dar fim a meus dias tão bem despendidos no gosto de vossa conversação nascido do bem, que vos quero; mas que faço? porque me não lembra, qu'em vosso nome commetti já tamanhas cousas como esta, e que nelle achei sempre a vitoria dellas? certo cuidar em vós me sohia dar esforço pera commetter os grandes perigos, e sempre me pareceram pequenos. Mas tamanho lho deram estas palavras, que quasi não sentindo o muito trabalho e as grandes feridas, que tinha, com um novo esforço se foi contra o gigante, dizendo: Faz o que poderes, trabalha por fazer muito, que se té qui pelejaste comigo, agora com outras forças e com outro homem te combates. O gigante, já indinado de sua dureza, tornou a elle, e começaram esta batalha tão differente das passadas, que D. Duardos se espantava do que via, que a seu parecer era mais notavel cousa do mundo. Na qual andaram tanto que Dramusiando foi posto em receio de ser vencido, porque os golpes de Primalião não pareciam de homem tão mal tratado; porem como aos do gigante não houvesse resistencia, e elle já não

tivesse armas nem escudo, com que se cobrir, foi posto em tanta fraqueza, que quasi não tinha forças, com que pelejar, e fazia-o com a furia que o seu coração lhe emprestava, que como fosse só, sem ter outra ajuda, deu com seu senhor no chão mais morto que vivo, com gram prazer do gigante, que inda que mal tratado estivesse, o mandou logo ao aposentamento de D. Duardos pera ser curado, e se por alguma via tivesse remedio de vida lho darem. E primeiro que entendesse na cura de sua pessoa, entendeu na cura de Primalião; porque, como se disse, Dramusiando foi o homem, que mais desejou conservar a vida dos bons cavalleiros, polo pouco temor que delles tinha, que esta qualidade tem os mui confiados de si. D. Duardos sentiu mais esta dôr, que as outras passadas, porque tambem isto tem as tristezas ou alegrias presentes, sentirem-se tanto, que fazem parecer menores assim as que passaram, como as que estão por vir. Mas depois de Primalião ser curado por um especial cirurgião, que Eutropa ensinára, e elle certificado, que viviria, tornou-se tão contente, qu'este prazer consumiu as outras paixões. O gigante mandou tambem prover Pandaro e Daliagão, que disso tinham necessidade, e todos foram sãos em poucos dias, se não Primalião, que correu muito risco primeiro que o fosse. Dramusiando foi tão ledo co'esta prisão, que d'alli por diante lhe pareceu que de tudo era seguro. Tendo porem a diligencia, que sohia, na guarda de seu castello,

É aqui torna dar conta do infante Palmeirim d'-Inglaterra, e deixa de fallar em Primalião e D. Duardos, que inda que naquelles principios sua prisão lhe parecesse aspera, faziam conta que os primeiros dias seriam mais caros; porque depois nenhuma cousa é tão forte de soffrer que o tempo não a abrande.

CAPITULO XI.

DE COMO O IMPERADOR DE GRECIA ARMOU CAVALLEIRO A PALMEIRIM E TODOLOS DONZELES DA CORTE.

Tanto tempo o infante Palmeirim se criou em casa do imperador de Grecia seu avô, que já era em idade de ser cavalleiro, e tão amado e estimado de todos por seus costumes, como o podera ser pela valia de sua pessoa, se fora conhecido. E como elle por muitas vezes desejasse ver-se naquelle auto pera que se criára, temia pedil-o ao imperador, por se não ver apartado do serviço da fermosa Polinarda, filha do principe Primalião, com quem vivia desde o primeiro dia, que alli viera, quando Polendos o trouxe. E porque ella sentisse nelle este desejo, pagava-lho com outro igual ao seu, que mui bem sabia encobrir; que a fermosura e parecer de Palmeirim, trazia comsigo o merecimento desta affeição. Pois o imperador, qu'em mui continua tristeza vivia

pela perda de seus filhos, e apartamento de seus cavalleiros, que já tinha por mortos, vindo-lhe á memoria as palavras da carta da sabia do lago das tres fadas, qué lhe a donzella trouxe o dia que Palmeirim chegou, quiz fazel-o cavalleiro, crendo que, co'elle poderia cobrar o descanso perdido, em que já vivera, se ellas fossem verdadeiras: e por desfazer a tristeza, que no animo dos seus por tantos dias estava arreigada; qu'esta perda era tão geral, que a todos abrangia; ordenou de mestura co'elle dar a mesma ordem a todolos donzeis, qu'em sua corte andavam, que eram muitos, e alguns delles principes, e infantes, e que no dia desta ceremonia torneassem contra os outros cavalleiros, que se achassem na corte; porque este queria pera esperiencia das cousas, que se de Palmeirim esperavam. E mandando-os fazer prestes pera o dia da paschoa da ressurreição, ordenaram cadafalsos sumptuosos e grandes no campo onde o torneio havia de ser; cousa que então era assaz nova, polo muito tempo que havia que o não fizeram; e porque as outras festas passadas estavam já de todo esquecidas: os noveis velaram suas armas na capela vespera de paschoa, e vindo o dia, o imperador, imperatriz e Gridonia ouviram missa com grande solemnidade, e acabada, fez cavalleiro por sua mão a Palmeirim de Inglaterra, primeiro que a nenhum. Elrei Frisol de Hungria, que ahi se achou, lhe calçou a espora, e a fermosa infanta Polinarda lhe cingiu a espada; porque o impera-

dor quiz assim pera maior obrigação de seus feitos, e elle a sentiu então por tamanha, que a lembrança disto o poz em muitos perigos asperos d'acommetter, e incertos de acabar. Traz elle armou Graciano seu neto, principe de França, filho de Arnedos, e a Beroldo, principe de Hespanha filho delrei Recindos; Onistaldo, e Draniante seus irmãos; a Estrelante, filho do principe Ditreo de Hungria, neto delrei Frisol; D. Rosuel e Belisarte, filhos de Belcar; Basiliardo, filho delrei Tarnaes de Lacedemonia; Luimão de Borgonha filho de Triolo, duque de Borgonha e neto do imperador Trineu; a Francião, o musico, filho de Polendos e da fermosa Francelina; a Polinardo, filho menor do imperador Trineu, irmão de Vernao; a Dridem filho de Mayortes o gran-cam; a Germão d'Orliens, que viera com o principe Graciano; e Tenebrante, filho do duque Tirendos; a Tremorão, filho do duque Lecefim, neto do imperador Trineu d'Alemanha; a Frisol, filho do duque Drapos de Normandia, neto delrei de Hungria, com outros muitos seus naturaes. Porque todos estes principes, e infantes, se criaram naquella nobre corte do imperador, assim porque era a melhor do mundo, e o junto parentesco que nella tinham, como por ser a fonte de todolos singulares exercicios em que se elles deviam criar. Logo elrei Frisol, por rogo do imperador, armou cavalleiros ao principe Florendos, e a Platir seu irmão, filhos de Primalião, e ao que nasceu primeiro fez o impera-

dor pôr nome de Florendos, como elrei de Macedonia seu pai. Isto acabado, elle e a imperatriz com Gridonia, e elrei Frisol, comeram na sala imperial com tanto aparato de festa como no tempo passado, quando alli se sohia celebrar, servidos com todo estado real, havendo tanta abastança d'instrumentos e musicas, como se naquella corte não falecera nada do prazer que possuiam ao tempo que s'ellas mais costumavam. Os paços ornados de tapeçaria rica de historias alegres pera alvoroçar os corações tristes, de que aquella cidade então era povoada. Acabado o comer, o imperador se foi ao cadafalso onde havia de ver o torneio, acompanhado de alguns senhores, a que as idades antigas detinham em Constantinopla; porque os outros, que ainda ajudavam, despendiam o tempo na demanda da perda destes assinalados principes, de que se então não sabia nenhumas novas. A imperatriz, e Gridonia com suas donas, e donzellas se poseram em outro, que para ellas estava concertado, menos alegres do qu'em seu parecer mostravam. Já a esta hora da parte dos casados, e estrangeiros era tanta gente no campo, que á fama destas festas acodia, que o imperador temeu que os noveis o não podessem soffrer, que já sahiam da cidade armados d'armas brancas, tão airosos e bem postos que começavam dar testemunho do muito que depois fizeram; trazendo por capitão ao esforçado Palmeirim: de que algum tanto os filhos de Primalião, e os outros principes se acharam des-

contentes, porque o imperador lhe dera aquella honra sobre todos elles; e dissimulavam por lhe fazer a vontade; que é um bem, de que só os mui confiados e nobres podem participar.

CAPITULO XII.

DE COMO TORNEARAM AQUELLE DIA, E DO QUE ACONTECEU COM DOUS CAVALLEIROS DE UMAS ARMAS VERDES, QUE AO TORNEIO VIERAM.

Tanto que os noveis chegaram ao campo onde se havia de fazer o torneio, que seriam até quinhentos; porque o imperador além de aquelle dia dar aquella ordem de cavallaria aos que em sua corte achou, que eram muitos, mandou que viessem a recebel-a todolos filhos dos senhores, e pessoas principaes naturaes de seus reinos e senhorios. E por esta causa houve tantos, posto que em comparação bem poucos pera os da outra banda, que eram mais de dous mil. E postos em ordem ao tocar das trombetas remetteram de cada parte com tamanho impeto como a cobiça da honra traz, onde se ella deseja alcançar. Palmeirim que foi o primeiro neste commettimento, antes que o fizesse, postos os olhos na fermosa Polinarda, disse comsigo mesmo: Senhora, pera maiores affrontas quero vossa ajuda: por isso não vol-a peço nesta; que sei que ante vós não me póde acontecer cousa que

a victoria seja d'outrem, pois a já tendes de mim. Ainda estas palavras não eram acabadas quando elle, e Libusante de Grecia se encontraram com tanta força, que Libusante veio a terra polas ancas do cavallo, ficando Palmeirim tão inteiro na sella como se o não tocára, de que o imperador foi tão contente como espantado: porque este Libusante era então o melhor cavalleiro de toda Grecia: de casta de gigantes, posto que elle o não fosse. E assim passou por elle com sua espada na mão fazendo maravilhas em armas. O principe Florendos se encontrou com Trofolante o medroso: e ambos passaram um polo outro. O esforçado Platir seu irmão, e Titubante o negro se encontraram tão duramente, que juntos vieram ao chão. Graciano e Tragandor quebraram as lanças, e topandose dos cavallos, cairam todos juntamente: porém logo foram levantados. Beroldo, Onistaldo e Dramiante se encontraram com Trusiando, Claribalte de Hungria, e Esmeraldo o fermoso; todos os da outra parte caíram, e Onistaldo tambem: porque ao seu cavallo quebrou uma espadoa com a força do encontro. D. Rosuel, Estrelante e Belisarte se encontraram com o conde Valerião do Archipelago e seus irmãos: e deram com elles em terra. Francião o musico, Dirdem, Tremorão, Germão d'Orleans, Luymão de Borgonha se encontraram com Crespião de Macedonia, Tragonel o ligeiro, Forbolando o forte, Flamiano e Rocando: todos foram ao chão de uma e outra parte, senão Tremorão, que ficou a cavallo: e assim todos os outros; que que-

rel-os nomear cada um por si seria não acabar. O estrondo destes primeiros encontros foi tamanho que parecia outra cousa maior, ficando polo campo muitos cavallos sem senhores: e elles no chão, e alguns maltratados. Pois quebradas as lanças, começaram a batalha das espadas tão travada e ferida, que nunca naquella corte de tão poucos cavalleiros se virá outra melhor. Libusante de Grecia, descontente do desastre do primeiro encontro, ajudado dos seus, tornou a cavalgar: e entrando polo mais aspero do torneio, féria a uma e outra parte de tão duros golpes, que por força lhe faziam caminho: olhando se via quem o derribára, pera emendar a vergonha em que o mettêra: e indo com este desejo, viu vir contra si o principe Beroldo de Hespanha, fazendo tanto em armas, que suas obras antre as de muitos pareciam merecedoras de as olharem com mais affeição, e remettendo a elle, começaram uma batalha ao pé do cadafalso do imperador tal que elle, e os que a viam, a louvavam por uma das melhores que nunca viram: e julgavam Beroldo por tão especial cavalleiro como depois saíu, e por melhor que el-rei Recindos seu pai, que no tempo que o era andante, o foi dos singulares do mundo. Assim andaram ás vezes ferindo-se bravamente, outras travando-se a braços, provando cada um tudo o que sabia pera melhor se aproveitar de seu imigo, por tanto espaço, que as lorigas se desmalharam de todo. Aqui foi a maior força da batalha; porque da parte de Libusante acudiram Titubante o negro, Medru-

são o temido, Tragandor, Trusiando, Trofolando o medroso, Claribalte de Hungria, Esmeraldo, Crespião de Macedonia, Tragonel o ligeiro, e Flamiano, e o forte Forbolando com outros muitos cavalleiros. E da outra parte o principe Graciano, Frisol, Dramiante, Onistaldo, Estrelante, D. Rosuel, Belisarte, Luymão de Borgonha, Vasiliardo, e Francião o musico. O principe Florendos e Trofolante se travaram a braços; e Graciano com Medrusão o temido, trabalhando cada um pela honra daquelle feito. O imperador teve em tanto o alto começo destes noveis, que todalas cousas passadas lhe pareciam pequenas: porém da parte dos outros recresceu tanta gente, que os noveis se podiam mal amparar: e por força os arrancaram do campo, se naquelle tempo não chegára alli o esforçado Palmeirim d'Inglaterra, que aquelle dia fizera tanto que já não achava em quem empregar seus golpes. E sendo avisado da gram pressa em que os outros estavam, acudiu acompanhado do infante Platir, Germão d'Orleans, Tremorão, e Polinardo filho menor do imperador Trineo e irmão de Vernao, que juntamente romperam por meio dos contrarios com tanta força, que os golpes que delles receberam, não impediram sua chegada, que foi tal, que Medrusão o temido veio ao chão de um golpe de Palmeirim. Platir, que viu ao principe Florendos seu irmão travado com Trofolante, chegou a elle, e carregando-o de muitos golpes, o fez desatinar: e tambem a este tempo Libusante de Grecia se achou tão maltratado das mãos do

principe Beroldo, que sem nenhum acôrdo caiu com seus amigos, e todos foram levados do campo, e os que ficavam se tornaram a retraer, por não poder resistir aos golpes de Palmeirim, e daquelles esforçados noveis seus companheiros, com tanto prazer do imperador e da fermosa Polinarda, que não podendo encobrir o gosto de tamanho contentamento, estava louvando a suas damas o seu fermoso donzel. Pois a imperatriz e Gridonia, ainda que nellas era sempre presente a tristeza, que a perda de Primalião lhes fazia, estavam tão contentes de vêr as cavallarias de seus filhos, que todo o al esqueceram, cuidando que com elles poderiam tornar a alegria passada de que viviam desesperadas. Já que os contrarios iam de volta fóra do sitio, onde a batalha se fazia, entraram de sua banda por uma ilharga do torneio dous cavalleiros armados de armas verdes, ao parecer airosos e bem postos com suas lanças baixas, que, antes de as quebrar, derribaram alguns dos da outra parte, e arrancando das espadas, em pouco espaço fizeram tanto, que por força os seus tornaram cobrar todo o que do campo tinham perdido, espantados daquelle soccorro não esperado, e chegado a tão bom tempo. Mas Palmeirim que sentiu esta novidade sem saber o que era, olhando a todas as partes viu aquelles cavalleiros, e o estrago que nos seus vinham fazendo, e temeu que a victoria daquelle dia se tornasse ao revez; porque os noveis estavam quasi destroçados do trabalho que passaram, e os outros combatiam

com o esforço daquella nova ajuda: porém como lhe lembrasse que tudo pendia sobre elle, postos os olhos onde tinha sua esperança, disse antre si: Senhora, ainda este não é o perigo que eu hei de temer tendo-vos presente, pois nestes tempos de vossa vista nasce o esforço com que pelejo. A estas razões era já com elle um dos outros o mais esforçado, que por se melhor conhecer, trazia no escudo em campo branco um salvage com dous leões por uma trella, o qual passando por força d'armas todo o impeto dos noveis, acompanhado daquelles que o podiam seguir, e conhecendo-o polas grandes cousas que aquelle dia lhe víra fazer, se veio a elle, que com o mesmo desejo o recebeu, e começaram uma batalha tão differente das outras, que bem parecia que alli se ajuntava todo o esforço do mundo: da uma e da outra banda acudiram todolos principaes cavalleiros, mas nunca poderam tanto que de sua porfia os apartassem, na qual andaram té que as armas foram todas desfeitas, e os cavallos tão cançados que se não podiam mover; mas elles se pozeram a pé que, foi causa de se dobrar a furia da batalha, abraçando-se algumas vezes, confiando cada um na força de seus braços, e comtudo inda que provavam o que podiam, nunca a nenhum se pode conhecer aventage. Platir se encontrou com outro companheiro seu, e tambem foi antre elles a contenda aspera e cruel; mas como durasse algum espaço, não pôde o cavalleiro tanto resis-

tir aos golpes de Platir, que se deixasse de sentir a melhoria que delle tinha: os outros noveis como tiveram estes dous occupados nas batalhas em que estavam, fizeram tanto que sem nenhuma resistencia venceram seus imigos, lançando-os voltas as espaldas fóra do campo, posto que não tanto a seu salvo que Tremorão, Luymão de Borgonha, e Belisarte, não fossem d'ahi levados sem nenhum acordo das muitas feridas que receberam. O imperador, que a batalha de Palmeirim e do salvage via, estava tão occupado no espanto que ella lhe fazia, que nenhuma outra cousa olhava, tendo-a pola maior que nunca vira. Trazendo á memoria as suas com o gigante Darmarque, e com Franarque em Inglaterra, e a de Frisol em França, sobre a imagem da imperatriz Polinarda, e a de Primalião com D. Duardos, que estas havia elle polas maiores do mundo, e ainda que então julgasse Palmeirim por cima destas cousas, não lhe pareceu que o outro lhe ficava devendo nada: e temendo, segundo o que via, que ambos podessem alli morrer, quiz escusar desastre mal empregado em dous tão estremados cavalleiros, mandando-lhe pedir de sua parte, que pois o torneio era acabado, deixassem a differença em que estavam. Mas como cada um desejasse saber a que havia de si ao outro não se pôde acabar com elles. Nem a infanta Polinarda se achou tão livre que deixasse de sentir e receiar a affronta em que o seu Palmeirim estava. Nesta porfia duraram tanto, que

a noite sobreveio tão escura, que lhe foi necessario apartar-se sem nenhum ficar com mais que muitas feridas, e desejo de victoria. O imperador mandou tocar as trombetas, e recolher cada um a sua capitania. Os dous das armas verdes se tornaram contra a parte donde vieram, indo praticando na valentia de Palmeirim sem saber quem fosse. O imperador quiz que houvesse serão pera pagar aos noveis cavalleiros o trabalho daquelle dia, dançando cada um com sua dama, e alguns delles houve que por lograr aquelle contentamento, estiveram enganando a dôr que lhe suas feridas davam com aquella satisfação de seu gosto. Palmeirim, que senão sabia quem fosse a sua, nem elle fiava este segredo de si mesmo, dançou com Dramaciana, filha do duque Tirendos, camareira da infanta Polinarda, e muito sua privada. O principe Florendos com a infanta sua irmãa, que aquelle dia saiu tão fermosa, que podera pôr inveja a sua mãi e avó no tempo que floreciam. Platir com Floriana filha de Ditreo, neta de Frisol; e Graciano principe de França com Clarisia filha de Polendos: Beroldo principe de Hespenha com Onistalda filha de Drapos, duque de Normandia: Belisarte com Dionizia filha d'el-rei Desperte: Francião o musico com Bernarda filha de Belcar. E assim os outros cada um com quem mais tinha na vontade. Acabado o serão, o imperador se recolheu ao aposento da imperatriz, acompanhado de Palmeirim e seus netos, todos envoltos no prazer de sua victoria, e elle algum tanto

triste por não saber quem fosse o do salvage, a quem então fizera mui grandes mercês se o houvera pera seu serviço. Porque só pera servir a honra se hão de desejar os bens da fortuna.

CAPITULO XIII.

DE COMO VEIO Á CORTE DO IMPERADOR UMA DONZELLA QUEIXANDO-SE DO CAVALLEIRO DO SALVAGE: E DO QUE NISTO PASSOU.

O OUTRO dia depois do torneio passado, o imperador e elrei Frisol com todos os outros principes, acabando de ouvirem missa com tanta solemnidade como o dia dantes, comeu na gram sala de seu aposentamento acompanhado daquella tão nobre cavalleria, de que sua corte então estava cheia, praticando toda a mesa nas pessoas, que foram no torneio, dando a cada um o louvor do que nelle fizera, segundo o merecimento de seus feitos, que esta é alguma satisfação pera o gosto de quem os faz taes que devam fallar nelles, gastando o maior espaço da pratica no cavalleiro do salvage, e em quem podia ser, e no pesar que o imperador recebia de se lhe assim ir. Acabado o comer entrou pola porta uma donzella fermosa, vestida ao modo inglez de uma roupa de setim avelludado negro, e em cima uma capa curta de escarlata roxa, brosla-da de chaperia rica e louçãa, com rosto sereno e algum tanto descontente. Todos se apartaram por lhe dar lugar, e chegando ao estrado virou-se e estendeu os olhos por toda a casa, e não vendo quem

buscava e esperava conhecer polos signaes, que lhe delle deram, poz os joelhos ante o imperador, dizendo: Mui poderoso principe, cuja fama polo mundo é tão louvada, que nas partes onde vosso nome é ouvido, com a gloria de seus feitos faz escurecer as proezas alheias. O gram sabio Daliarte do valle escuro, vosso servidor, e a quem vós não conheceis, beija vossas reaes mãos, pede-vos que vos alegreis continuando estas festas, que agora começastes, de que vossa corte por tantos dias estava esquecida, porque já o tempo da restituição de vosso contentamento se chega: e alem destas palavras, que me mandou, que vos dissesse, me deu um escudo obrado de suas mãos, pera que das de vossa alteza se desse ao cavalleiro novel, que no dia do torneio o fizesse melhor. E posto que polo mundo se crê que em vossa terra e senhorio se não consentem agravos a donzellas, em as outras onde me eu podia temer achei sempre a passagem franca; e na vossa, onde já cuidei que estava segura, mo tomou um cavalleiro vestido da armas verdes no escudo em campo branco um salvagem com dous liões por uma trella, os quaes signaes me mandou que olhasse pera os dar a quem m'os pedisse delle, e isto depois que soube pera quem o escudo era, dizendo que na floresta da Fonte clara, que é daqui duas leguas, esperaria tres dias; e que se nestes houvesse cavalleiro, que por força lho tomasse, se não que o levaria comsigo: eu, depois que nesta sala entrei, olhei se via a quem esta força fora feita, e ainda que o nunca vi, bem vejo

que não está nella. O imperador teve por cousa nova ver nomear o sabio Daliarte; porque té li nunca ouvira falar nelle, e dando o agradecimento daquella vontade a sua donzella, com palavras de tanto amor e verdade, como sempre costumava, a mandou á imperatriz e Gridonia, que a receberam com o agasalhado que merecia a esperança em que sua imbaixada as punha. E logo proveu sobre o escudo mandando alguns cavalleiros a isso, posto que bem entendeu que a vontade do cavalleiro do salvagem não era pera mais, que pera acabar a porfia dantre si, e Palmeirim, a fóra os quaes, sairam outros com desejo de se provar primeiro, desestimando o lugar a que iam, crendo que alli é mais honrada a victoria, onde a pessoa com maior risco se aventura; e os que diante chegaram e todos a um tempo, foram Claribalte d'Hungria, Esmeraldo o fermoso, Crespião de Macedonia, Flamiano e Rocandor, Medrusam o temido, Trofolante e o forte Forbolando, que estes sem ser vassallos do imperador, mas antes de casta de gigantes e imigos seus, vieram a sua côrte pera serem no torneio, e vingar algumas paixões encobertas, nascidas de odios antigos, em quem lho não merecia. E inda que todos estes o dia passado tiveram o outro da sua banda, o corrimento de se verem vencidos, e a inveja de sua fama os moveu a se provarem com elle. O do salvagem mandou pendurar o escudo no mais alto de uma arvore, que sobre a fonte estava com tenção de o defender aos que viessem. E remettendo a Forbolando, que de

todos era o primeiro, o arrancou da sella tão ligeiramente, que os outros tiveram em mais a affronta a que iam. E mandando tomar o escudo e elmo o pozeram em outro ramo da mesma arvore. Traz este justou com Crespião de Macedonia, Claribalte, Esmeraldo, Flamiano e Rocandor, e um traz outro foram polo caminho de Forbolando: postos os escudos e elmos onde faziam companhia ao primeiro, de que seus donos estavam pouco contentes; posto que uns com outros dissimulavam esta paixão; que quando ella é de muitos passa-se mais levemente. O do salvagem tomou outra lança d'algumas, que o seu escudeiro aquella noite trouxera de Constantinopla, e encontrando-se com Trofolante o fez vir ao chão com a sella antre as pernas, e o cavallo do do salvagem ajoelhou com a força do encontro, que o fez lançar fóra; e arrancando das espadas começaram ferir-se de tão duros e pesados golpes, que nelles se podia bem conhecer a força, e esforço de quem os dava. E porque Trofolante era dos especiaes cavalleiros do mundo, e mui destro nas armas, foi a batalha tão perigosa, que quem a olhava de fóra sabia mal julgar cuja seria a victoria: por derradeiro, Trofolante foi tão ferido e mal tratado, que não podendo soster-se contra as forças do do salvagem, ficou vencido delle. A quem esta victoria custou tanto sangue como a quem a houvera de pessoa que a sabia vender bem cara. Neste espaço chegou á floresta Palmeirim, que sabendo em sua pousada o que passava, acodiu a maior pressa que póde, e com elle Gra-

ciano, Dramiante, Onistaldo, Beroldo, Germão de Orliães, Francião, Polinardo, o principe Florendos, Platir, Vasiliardo, Dirdem e Estrelante com outros desejosos de se ver naquella affronta. Palmeirim, que viu o fim da batalha, e o muito que o cavalleiro do salvagem fizera nella e nas justas, chegou-se a elle dizendo: Ainda senhor cavalleiro, que té agora não tenha de vòs recebido senão obras de imigo, dinas de outras assim como ellas, são vossas cousas taes que me fazem mudar a vontade, que me aqui trouxe, e desejar servir-vos na cura dessas feridas, se em minha pousada quizesseis repousar os dias que pera isso forem necessarios: estas razões ainda que mas vos não mereçais, o estado em que vejo vossa disposição, m'as faz soltar, e ahi pode ficar tempo pera depois satisfazerdes o que desejais, e eu tambem. O escudo que tomastes á donzella devieis tornar-lho; pois com elle ganhastes outros não menos loução, e que vos mais honraram, e tambem porque de vós não se deve esperar aggravos a mulheres; pois pera os desfazerdes a natureza vos fez tão estremado. Já sei, disse o do salvagem, que com palavras mais saberieis vencer que com armas: digo isto por quam prestes se me trocou a vontade com essas palavras que vos ouvi. O offerecimento que me fazeis vos tenho em mercê; e porem inda não estou tão mal disposto que não possa ir onde a mim me esperam. O escudo, pois para vós vinha, vós o mandai levar, que eu a tenção pera que o tomei, sem elle a poderei cumprir, se nos alguma ora toparmos. E sem

mais dizer tornou a cavalgar; e elle e seu companheiro se foram por onde dantes vieram. Palmeirim e os outros tomaram o escudo, que lhes pareceu o mais notavel que nunca viram. Tinha em campo azul uma palma grande, que o tomava quasi todo, e estava abrazada em fogo tão natural que fazia receio de se queimar a quem o apalpava. Todo em roda cercado de letras de ouro e preto, postas por tal arte que não se podiam ler. E indo praticando nisto, chegaram á cidade a tempo que o imperador acabava de cear, que depois de saber o que passara, ficou mais agastado que d'antes, que quizera que por nenhum modo o cavalleiro do salvagem se fora: e tendo o escudo nas mãos, mandou chamar a donzella pera lhe perguntar o que as letras diziam; mas ella lhe deu tão máo recado como quem o não sabia: antes tomada a resposta de sua embaixada se partiu. O imperador deu o escudo a Palmeirim, dizendo: Bem sei que quem isto fez e o guardou pera vós, sabia bem onde o empregava. Palmeirim o tomou de suas mãos beijando-lhas polo amor com que o tratava, pondo em sua vontade trabalhar de alcançar com que o servir; porque as perfeições que o homem em si tem, tem necessidade de ser favorecidas e ajudadas de bens temporais, pera um com outro resplandecer,

CAPITULO XIV.

QUEM ERA O SABIO DALIARTE DO VALLE ESCURO.

PERA se saber quem fosse este Daliarte do Valle escuro, diz-se que ao tempo que o principe D. Duardos vinha do reino de Lacedemonia pera a Grecia, deixando já desencantado elrei Tarnaes, e pacifico senhor em suas terras, uma donzella entrou em sua náo, que sem dizer nenhuma cousa se foi ao governo della, e a fez virar contra sua ilha onde livrou um cavalleiro que por traição queriam matar, e dahi o levou onde estava a mãi d'Argonida, de quem ouve Pompides pola maneira que no livro de Primalião se conta. Escreve-se nas chronicas antigas Inglezas, que Argonida ouve dous filhos de D. Duardos desta vez, e doutra que polo mesmo engano teve parte co'elle: o primeiro foi Pompides, o segundo se chamou Daliarte, a quem sua avó criou comsigo, apartado da conversação da outra gente, ensinando-o na arte magica, porque lhe sentiu o engenho subtil pera isso; e por isto no livro de Primalião se não diz nada delle. E como ella fosse uma das maiores sabedoras do mundo, nesta sciencia, e Daliarte por muita conversação de dias e annos, occupasse o juizo no estudo della, sahiu tão excellente, que não sómente passou por a

avó, mas por todalas pessoas, que foram antes e depois delle, mais de quinhentos annos, alcançando as cousas secretas e por vir, tão altamente, que nenhuma lhe parecia trabalhosa. E depois que se viu tal, que se julgava polo maior do mundo, tinha tal animo, que não se quiz contentar disto só, antes despendendo algum tempo no exercicio das armas, sahiu tão destro nellas que bastou pera o haver de julgar por filho de seu pai. Chegando a idade pera ser cavalleiro, morreu sua avó, e elle se foi ao gigante Gataru, que o fez, sem saber quem era, por ver nelle sinal das obras que depois mostrou. Vendo-se Daliarte mettido na obrigação das armas, lembrando-lhe o muito que nellas devia fazer, pera se nomear filho de D. Duardos, revolvia no pensamento muitos acontecimentos grandes, trazendo á memoria aquella prisão perpetua em que o via, e assim a Primalião e outros principes, que Dramusiando tinha no seu castello. Porque neste tempo toda a flor do mundo, e das armas estava alli encerrada, polo saber de Eutropa tia do gigante, e pola fortaleza delle, e de seus companheiros. E tambem já nestes dias era descuberto qne todos se perdiam naquelle reino de Grambretanha, ainda que ninguem podia saber como isto fosse, se não Daliarte, a quem nada era occulto. E por esta causa muitos cavalleiros famosos acodiam aquella parte. E como alli entravam, e iam ter onde a fortaleza de Dramusiando estava, não sabiam mais delles. Esta nova tão notoria

polo mundo, fazia então o reino d'Inglaterra ser tão cheio de cavalleiros notaveis, tão nobrecido d'armas e de donzellas, quanto o nunca fôra em outros tempos. Mas nenhum que o fosse mui especial entrou nella que podesse mais sair. Alli estava Recindos, por quem a Hespanha era toda despovoada, buscando-o. Arnedos rei de França, que havia poucos dias que saira della por ajudar a seus amigos, naquelle trabalho em que todos andavam. Mayortes o gran-cam, e Pridos, por quem elrei d'Inglaterra fez grandes estremos, quando o achou menos em suas necessidades, e Belcar, Vernao, Ditreo, o duque de Drapos de Normandia, e o soldão Belagriz, com quem a amizade de D. Duardos pôde tanto, que o fez deixar seu senhorio, e tornar a seguir o trabalho das armas de que já estava descansado. E o esforçado Polendos, dos quaes ou d'alguns delles se dirá o que passaram em suas prisões. Assim que não havia então reino no mundo, tão livre que nelle se podessem fazer, nem ouvir festas senão de tristeza e descontentamento. Pois tornando a Daliarte, vendo a grande affronta, em que o mundo estava por um só homem, não sabia determinar que maneira tivesse pera remedio de tamanhos damnos: e inda que seu desejo era passar polo estillo dos outros, não o quiz fazer: não polo temor do perigo; mas porque sabia que não era elle o que aquella aventura havia d'acabar: e tambem porque nenhuma cousa é peior que seguir o desejo onde a esperança é incerta. En-

tão por escusar alguma parte de tantos desastres, quiz fazer seu assento junto do Valle da perdição, que este nome lhe poseram pola perda que se nelle recebia, buscando outro conforme a sua condição, necessario a seu estudo, o qual ía por meio de duas tão altas serras, que a altura dellas impedia a entrada do sol o mais do tempo, e por isso lhe chamaram o Valle escuro, e alguns o nomeavam polo sombrio Valle, e não lhe costou tão barato a entrada delle, que não lhe fosse forçado alcançal-a por força, matando primeiro em igual batalha o gigante Trabulando, e um seu filho, senhores de uns castellos que alli havia. Então fez no mais solitario do valle uma morada tão singular, quanto no engenho de um homem tão sotil se podia pintar, onde ninguem ía senão por seu consentimento. E assim passou o tempo na continuação de seu estudo, trazendo pera si todolos livros que de sua avó lhe ficáram, e outros muitos, que elle por sua industria soube haver. A's vezes ía ao monte; por que sua natural inclinação o obrigava, e a terra era povoada de veados, e outras caças. Alguns dias saía armado, e fazia batalhas assinadas, de que sempre ficou com a victoria. E quando sabia que cavalleiros de muito preço as haviam de fazer na fortaleza de Dramusiando, ía estar presente a ellas, pera vêr magoas a que não podia dar remedio, e que tanto sentia como seus donos: de que se espantava o gigante e sua tia, vendo que tão soltamente entrava na juridição

de sua defeza, e saía sem o tolher o poder delle, nem a sabedoria della. Neste tempo sabendo das festas que o imperador fazia, como de muitos dias tivesse feito aquelle escudo pera companheiro das afrontas de Palmeirim, o mandou á côrte, onde sobre elle aconteceu o que já ouvistes. Desta maneira gastava Daliarte o tempo, esperando pola liberdade daquelles principes, os quaes passavam vida descontente cada um igual na pena de todos com aquella amizade antiga que se sempre tiveram: e ainda que esta dõr não fosse pequena, a muita continuação a fazia sentir menos; porque onde ella é grande, possuil-a muito tempo a faz parecer menor.

CAPITULO XV.

EM QUE TORNA DAR CONTA DO QUE ACONTECEU A BELCAR E VERNAO DEPOIS QUE FORAM SÃOS DAS FERIDAS, QUE HOUVERAM NA BATALHA DA FLORESTA.

Vernao principe de Allemanha, e Belcar duque de Ponto, e Duraço, estiveram na cidade de Esbrique alguns dias em cura das feridas que um a outro se fizeram. E já que se acharam em disposição pera tomar armas, se foram á côrte d'elrei por vêr a ordem de sua vida, que era tal como atraz se disse: e inda que trabalharam o que

poderam por vêr Flerida, nunca acharam maneira pera poder ser : assim porque elles se não quizeram descobrir, como porque ella não saía nunca da camara de sua contemplação : por esta causa estiveram na côrte menos dias do que desejavam. Saidos della andaram alguns por aquelle reino, fazendo cousas tão assinadas, que foram bem verdadeira prova do esforço de quem as obrava, desfazendo aggravos a donzellas e pessoas, que de seu soccorro tinham necessidade, passando batalhas demuito perigo, como em as chronicas de seus feitos se mostra, de que aqui não se diz nada pola historia não ser sua, sendo a todas estas cousas, ou nas mais dellas, ambos presentes, e em cada uma iguaes no trabalho e gloria que se d'ahi tirava. Assim andando discorrendo por todas as comarcas daquella terra, vieram ter onde Eutropa os guiava, como quem tambem sabia quem elles eram, trazendo-os a vista do rio onde a fortaleza de Dramusiando estava, da banda de cima della bem uma legua, já tão tarde, que o sol se queria pôr: e vendo-se tão longe de povoado, não sabendo onde guiassem, tiveram por melhor conselho passar a noite debaixo dos arvoredos, á borda daquellas graciosas agoas, onde descendo-se dos cavallos cearam d'alguma cousa, que seus escudeiros traziam. Cerrada a noite, Belcar se deitou em uma cama de feno, onde com o cansaço dos dias dormiu com assás repouso. Mas Vernao, que a taes horas dispendia sempre em contemplações de Basilia, foi-se polo rio abaixo, e

deitou-se ao pé de um loureiro : que na borda d'agoa estava, onde se fazia um remanso tão quedo, que o fraco roido da corrente não podia impedir o gosto daquillo em que o seu cuidado se occupava: alli esteve de cuidados tão acompanhado, e d'outra companhia tão só, té que a lua se pôz, a tempo que já os roussinóes e outros passarinhos alegres manifestaram a chegada da alvorada com sua dôce harmonia. Vernao que estava transportado e envolto na saudade, que aquella musica lhe fazia, teve-a tamanha da lembrança de sua senhora, que começou dizer palavras tão namoradas em si como então trazia a vontade com que as dizia, bem descuidado de cuidar que ninguem o podia ouvir senão aquelles arvoredos, de que se elle não temia. Porém isto não era assim ; que acima delle um tiro de pedra estava o esforçado Polendos, rei de Thesalia, que viera alli ter aquella noite, onde ouviu as palavras de Vernao, e chegando-se mais ao perto com tenção de o entender melhor, ficou contente de o vêr tão namorado, e das razões com que o mostrava, trazendo-lhe aquillo á memoria o tempo que já fôra da fermosa Francelina sua mulher. E assim o esteve escutando sem lhe querer quebrar o fio, té que a manhãa esclareceu de todo, e as aves se derramaram por outras partes. Polendos se chegou a elle então, e disse : Senhor Vernao, já sei que não sois tão livre, que qualquer passo como este vos não faça descobrir a verdade do que ha em vós ; e

inda que por isso fiqueis mal comigo, eu palrarei á Senhora Basilia o que aqui vi; que além de ser remedio pera sua dôr de tanto tempo, saberá que a vossa tardança não nasce do esquecimento de suas cousas, senão da pouca dita que todos temos nesta empreza de seu irmão e cunhado. Vernao depois de o conhecer, ficou algum tanto corrido das palavras que soltára, que não sabia se o amor e o lugar onde as dissera, causára nellas algum desconcerto; porém dissimulando esta vergonha com mostras de amizade tão verdadeiras como um ao outro se deviam, viram vir Belcar com os braços abertos, dizendo contra Polendos. Agora, senhor, me quero eu vingar do preço, que me levastes na ponte da ilha de Carderia, pois tenho pera minha ajuda e Senhor Vernao. Polendos o foi abraçar, dizendo: Não sei como isso será, mas sei que quem vos tirar destes braços poderá mais que eu. Assim se tratavam todos com aquelle gasalhado, que o amor comsigo traz onde é grande e verdadeiro. Logo cavalgaram, caminhando todos polo rio abaixo, praticando cousas de sua demanda, e as terras que cada um corrêra: Polendos contava as novas que da côrte sabia, que havia poucos dias que della partíra, antre as quaes lhe disse do infante Palmeirim, como o achára, e a carta que a donzella trouxera, e quão perfeitamente a natureza partíra com elle de suas graças. Do que os outros iam espantados e tristes polo muito tempo que havia que de Constantinopla sairam, e pouco que em sua via-

gem arrecadavam. Assim fallando n'isto e outras cousas, chegaram á vista da torre de Dramusiando a horas que o sol saía. E vendo a frescura e assento della, estiveram um pedaço, contentando os olhos em obra tão notavel, parecendo-lhe a melhor cousa do mundo. N'isto viram abrir a porta do castello, e sair de dentro D. Duardos armado das proprias armas, que trazia ao tempo que se combateu com Primalião. Parece-me, disse Belcar, que se a fortaleza é pera vêr, que no cavalleiro tambem ha hi que olhar. Polendos o esteve louvando do mais bem posto que nunca vira a cavallo, tirando D. Duardos, que este foi o mais airoso que se nunca viu; porque Primalião nem todolos do seu tempo o igualaram com grande parte. Vernao lhes pediu a primeira justa, e elles o fizeram: e sem outra detença, depois de tomar a lança e se correger na sella, arremeteu contra elle, que da propria sorte o saiu a receber: e encontraram-se com tanta força no meio dos peitos, que D. Duardos perdeu uma estribeira; mas Vernao veio ao chão; e arrancando da espada se veio contra D. Duardos, corrido de seu desastre, por lhe acontecer ante Polendos, dizendo: D. cavalleiro, se a pé vos quizerdes combater comigo, eu vos mostrarei quanta necessidade tendes de ser tão destro da espada como tivestes dita no encontro da lança. Não sei, disse D. Duardos, se nós a isso viessemos, quem se arrependeria primeiro; mas não o posso fazer, que quem me aqui manda não quer que se faça mais, nem eu tão pouco o desejo. Dei-

xai-me justar com vossos companheiros, que depois lá vos fica com quem vos desenfadeis, e queira Deos que vos vá tão bem como eu queria, e ficareis com mais honra do que podeis alcançar de mim, inda que me vencesseis. Belcar, que tudo isto ouvia, se veio contra elle a lança nas mãos, dizendo: Senhor Vernao, arredai-vos a fóra, que esse cavalleiro tem tão boas escusas como o parecer. D. Duardos o recebeu com outro encontro de que o fez vir ao chão, pesando-lhe daquellas justas, porque depois que ouviu nomear Vernao, bem lhe pareceu que os outros não podiam deixar de ser pessoas com quem tivesse alguma razão ou amizade, temendo o perigo em que os já esperava: porém vendo que não podia fazer al, senão seguir sua ordenança, se foi contra Polendos, que acompanhado de sua força, occupado da ira e manencoria do que via, o recebeu receioso de ver tamanhas obras em homem não conhecido. E assim se encontraram tão sem dó, que D. Duardos se apegou ao collo do cavallo, e esteve perto de cair; mas Polendos foi ao chão, com a sella antre as pernas. Logo se tornou abrir a porta da torre, e Pandaro chamou D. Duardos, que se recolhesse, e elle o fez sem ter tempo de poder fallar a nenhum, cousa que muito desejava pola suspeita que tinha de quem poderiam ser. Polendos, que em extremo sentia aquelle acontecimento, quizera ir traz elle; mas primeiro o fez Vernao: Pandaro o deixou entrar, e cerrou a porta tão prestes, que Polendos e Belcar ficaram fóra, bem descontentes

polo receio em que sua vista os pozera, e polo pouco costume que Vernao tinha de se ver em batalha de taes homens. D. Duardos, que o viu dentro, virou a elle, dizendo: Senhor Vernao, este é o perigo que vos eu disse, e em qne vos não quizera vêr por quão duvidoso tem o fim. Inda vos eu não tenho por tão amigo da minha honra, respondeu elle, que creia de vós essas palavras, pera que o medo dellas me façam fazer o que não devo. Mas Pandaro lhe atalhou com um golpe da sua maça por cima do escudo, dado com tanta força, que as duas partes fez vir ao chão. Vernao, que nunca em tal affronta se víra, quiz nesta fazer maravilhas, pelejando tão valentemente que Primalião que o olhava, estava contente de o ver com tal esforço, e triste porque sabia quão pouco na fim havia de aproveitar, que D. Duardos lhe dissera quem era, e ainda não sabiam quem fossem seus companheiros. O gigante Dramusiando ficou tão alvoroçado com saber que era Vernao, quanto o não podera ser com outrem, que lhe pareceu que nelle acabava de cumprir seu desejo; pois era filho de Trineo, que fôra na morte de seu pai Franarque, e além d'isto cria que os outros que em sua companhia vinham de necessidade haviam de ser pessoas de preço. Pandaro e elle se andaram ferindo tão bravamente, que Vernao quebrou a espada por o punho nos arcos de ferro da borda do escudo do gigante. de que Pandaro não ficou pouco satisfeito; e deixando cair o seu polo poder melhor ferir, tomou a maça

com ambas as mãos; porque inda que Primalião lhe cortára quatro dedos da mão esquerda na batalha que com elle houve, depois que foi são, a necessidade o ensinou a servir-se della com engenhos, que pera isso buscou. Vernao, que viu sobre si o golpe, juntou-se tanto com elle, que lho fez ficar em vão; mas Pandaro, que o achou tão perto, e não era pouco acordado, o levou nos braços, e o apertou tanto comsigo, que lhe parecia que o espedaçava, e assim deu com elle a seus pés sem acordo, e d'alli foi levado acima. Logo tornou abrir a porta; mas Belcar e Polendos foram tão prestes com elle, que lhe não deram lugar pera a cerrar sem entrarem ambos. Belcar pediu a Polendos que o deixasse na primeira batalha: elle o fez contra sua vontade, porque temeu o que podia ser. E ainda que ella foi tão pelejada como delle se esperava, a muita vantage que o gigante lhe tinha, o trouxe a estado de ser vencido, com tamanho descontentamento seu, que foi o mór que nunca recebeu. Porém Pandaro não ficou tão são desta victoria, que não custasse muitas feridas. Polendos com quem houve a terceira batalha, primeiro que entrasse nella, lhe disse: Parece-me que seria bom conselho não quereres perder mais sangue, pois a vida nelle se sustem. Rende-te a mim, e se ha hi mais que fazer, fal-o-hei; e senão, mostra-me o cavalleiro que cá entrou. Parece-me, disse Pandaro, que se não atalhar essas palavras, soltarás tantas como tua necessidade te ensina: e se que-

res ver quão perto sou de me render, olha por ti. Polendos o recebeu com aquelle animo de que sempre andava acompanhado, ferindo-o tão bravamente, que em pouco espaço se fez verdadeiro o conselho, que lhe d'antes dava, tratando-o de sorte que deu com elle no chão quasi sem acordo. Daliagão foi logo sobre elle, por estorvar que o não matasse, armado das armas que sohia: e posto que Polendos estava maltratado, defendeu-se tão valentemente, que nesta batalha mostrou pera quanto era; porém havia-o com forte imigo. Dramusiando o teve em muita conta polo que nelle viu. Primalião e D. Duardos não viam esta batalha, que estavam com Vernao e Belcar, occupados em mandar cural-os. Porém como souberam que o que ficava era Polendos, vieram ver o fim della, e viram-o andar com as armas tão rotas, que tinham bem pouca defeza: as quaes sempre trazia negras sem outra mistura, conforme ao tempo d'então, e no escudo em campo negro uma nuvem cerrada. Finalmente ambos se souberam tão bem ajudar de sua fortaleza e desenvoltura, sem se conhecer melhoria por grande espaço, que já de mui cançados e muito sangue perdido, a um tempo caíram no chão sem sentido nem acordo, e sem a victoria daquella differença se conhecer cuja fosse. Posto que bem olhado a honra della parecia de Polendos, pois claramente não foi vencido do um tão temeroso gigante, sendo-o já delle o temido Pandaro, de cujas mãos não escapou tão são que deixasse de sair bem maltratado. Comtudo

Dramusiando o mandou levar acima, e ao gigante á sua pousada. D. Duardos e Primalião entenderam logo na cura de sua pessoa e dos outros, que depois que tornaram em si, ficaram contentes daquelles desastres; pois por elles acharam quem lhos fazia passar. D. Duardos e Primalião não o foram assim; porque viam a grande falta de cavalleiros em que o mundo estava posto com esta sua prisão, e tudo por sua causa: temendo que já a liberdade delles seria dura de alcançar. E inda que a esperança d'isto não fosse perdida de todo, não eram contentes; porque lhe lembrava que os bens melhor é possuil-os, que podel-os possuir; e os malles o contrario.

CAPITULO XVI.

DO QUE ACONTECEU AL REI RECINDOS DE HESPANHA, E ARNEDOS REI DE FRANÇA, COM OUTROS DOUS CAVALLEIROS NA FORTALEZA DE DRAMUSIANDO.

Recindos, rei d'Hespanha, como estivesse desejoso de seguir as cousas que com trabalho se alcançam, vendo o movimento que a perda de D. Duardos e Primalião fazia em todolos cavalleiros sinalados do mundo, havia por quebra de sua pessoa passar a vida fóra do cuidado em que seus amigos andavam: e com esta determinação, encomendando as cousas do reino ao du-

que Orleando, e ao marquez Ricardo, pessoas de grande credito e autoridade, se foi, o mais secretamente que pôde, levando comsigo um só escudeiro, seu privado, que lhe levasse as armas. E discorrendo por muitas partes, fazendo tantas cousas nellas como sempre costumára, veio ter ao reino de França, onde foi recebido delrei Arnedos seu primo, com aquella vontade e amor, que a verdadeira amisade faz ter. O qual depois de saber o seu proposito, por não lhe haver inveja, determinou seguil-o naquella viagem, lembrando-lhe a razão que pera isso tinha. E deixando os negocios de sua pessoa encomendados á rainha Melicia, sua mulher, muito contra vontade della, se partiram ambos juntamente com determinação de nunca se apartarem, se algum caso muito grande lho não fizesse fazer. E porque já então se começava rogir, que todos os cavalleiros se perdiam naquella Gram-Bretanha, sem saber como isto fosse, fizeram sua viagem contra aquella parte. E em poucos dias entraram nella, e foram ter a Londres, onde elrei Fradique estava: mas não viram Flerida; por que em tempo tão triste não quizeram dar-se a conhecer. Partidos da côrte, que naquelle tempo de mui desbaratada não era pera vêr, caminharam por aquelle reino té virem ter onde a fortuna de todos os trazia, e acertaram d'entrar no valle pola, banda de baixo, a horas de meio dia, e vieram polo rio acima, até chegarem ao castello a tempo, que da outra parte chegaram ou-

tros dous cavalleiros: um delles que de corpo era, grande quantidade, maior que seu companheiro, cavalgava em um cavallo baio crescido, trazia as armas de roxo e encarnado, entremetido um por outro, e no escudo em campo indio um cão pardo sem outra cousa. O que com elle vinha trazia as suas de negro, e o escudo da mesma sorte, e todos quatro juntamente chegaram á entrada da ponte sem se conhecer quaes fossem os primeiros. D. Duardos que estava concertado pera a justa, quando os assim viu, disse: Senhores, vêde qual de vós ha de justar logo, e venha, que pera tantos ha hi pouco tempo. Recindos abaixou a lança, e quizera cumprir-lhe a vontade; mas, o do cão, o deteve dizendo: Ainda, cavalleiro, que catasseis mais cortezia a quem nunca vistes, não perderieis nisso nada. Eu cheguei aqui primeiro, e primeiro hei de justar; por isso não tomeis o lugar a quem o já tem. Se por palavras, disse Recindos, quereis que vos deixe o perigo em que estou, não são as vossas as que me a isso podem obrigar. D. Duardos, que os viu nesta differença, lhe disse: Senhores se quereis escusar esse debate, não juste nenhum de vós, façam-no vossos companheiros primeiro, e poderá ser que vos darão taes novas de si que vos farão tornar á contenda sobre quem será o derradeiro. Mas o cavalleiro do cão, que em extremo estava menencorio, disse contra Recindos, não querendo responder a D. Duardos: Pois não quereis conhecer a hon-

ra que vos fazia em franquear a passagem, a justa, que com esse outro desejaveis comigo, a haveis de ter: eu vos mostrarei quando damnosa é a soberba a quem se della preza. Recindos, que não pode fallar com a ira que lhe aquellas palavras fizeram, com a lança baixa se veio a elle: pois Arnedos e o das armas negras, por não ficarem livres daquella differença, tambem remetteram um ao outro, e todos juntamente se encontraram com tamanho impeto, como se aquelle odio fora de mais dias: e como se não errassem e fossem especiaes cavalleiros, do primeiro encontro vieram ao chão, sem nenhum ficar a cavallo; então arrancando das espadas, começaram antre si uma tão perigosa batalha, que em pequeno espaço a fortaleza de seus golpes poz os corpos em necessidade d'armas de novo; porque as que dantes traziam foram desfeitas tão prestes que as carnes padeciam á mingoa dellas. O gigante Dramusiando se poz antre as ameas que caiam sobre a ponte, e tambem o fez Primalião, Polendos e outros, por ver a batalha, que era das notaveis do mundo: tendo Dramusiando em muito a valentia de todolos homens que naquelle valle entravam. Mas Primalião não podia julgar quem fossem, posto que D. Duardos logo conheceu a Mayortes pola divisa do cão, e não sabia determinar quem seria o que com elle se combatia, indá que polas obras o julgava. Pois tornando a elles, tanto andaram em sua porfia, que de mui cansados se tiraram a fóra:

porém o desejo que cada um trazia d'acabar aquelle debate, os não deixou repouzar muito espaço: antes tornando á sua batalha, desta segunda vez se trataram tão mal, que em pequeno espaço se pozeram em muita fraqueza. Mayortes vendo a dura detença que em seu contrario achava, confiando na força de seus braços, remetteu a elle, e ambos se liaram de maneira que fizeram rebentar o sangue em maior quantidade do que dantes saia. Arnedos e o outro se travaram da mesma sorte, e tanto andaram todos, provando suas forças e gastando o sangue de seus corpos, té, que com o muito desfalecimento delle, cairam no chão travados uns nos outros, tão sem sentido como quem o não tinha pera sentir o lugar onde estava. Dramusiando sahiu ao campo acompanhado de seus prisioneiros, de quem se só fiava com a fé que delles tinha. E mandando-lhes tirar os elmos, acharam todos quatro, ainda com a ferocidade no rosto com que andavam na batalha, tão aferrados uns nos outros, como o poderam estar quando mais mettidos andavam em sua furia. Primalião e D. Duardos, depois de conhecerem Arnedos, Recindos, Mayortes e Belagriz, foram tão tristes, que tomaram por partido serem antes os donos daquelle desastre, que ver por sua causa perder todos seus amigos. O gigante soube de Primalião quem eram, e mandou-os levar pera cima, onde foram curados com tanta presteza e resguardo, como sempre teve nas pessoas de tal qualidade.

E os cirurgiões lhe affirmaram que nenhuma ferida tinham de perigo; mas que a muita falta de sangue os posera em tal estado, de que seus amigos ficaram algum tanto consolados, especialmente D. Duardos, a quem todas estas cousas tocavam n'alma, por vêr que por sua causa succediam. E assim desta maneira houve Dramusíando á sua mão todolos cavalleiros que quiz. E por que sua condição era tão nobre como atraz se disse, ainda que sempre os desejou pera vingança da morte de seu pai, vendo a pouca culpa que lhe tinham, quiz haver por assaz victoria tel-os em seu poder, determinando ganhar com elles a ilha do Lago sem Fundo, que fôra do gigante Almedrago seu avô, que agora era senhoreada d'outros gigantes, que por força lha tomaram: e ganhada, deixal-os em sua liberdade, ficando pera sempre em sua amisade. Pois Mayortes o gran-cam e o Soldão Belagriz, Arnedos e Recindos depois que passaram alguns dias em sua cura, indo já convalescendo, sabendo o lugar em que estavam, foram tão contentes, que tiveram aquelle captiveiro por bom acontecimento, e riam uns dos outros da pressa que cada um tinha por se combater com D. Duardos, e do desengano que delle receberam. Mas pera elle todas estas cousas eram matarem-no; porque, alem de vêr estas perdas sem remedio, davam-lhe novas da vida de Flerida, com que o mais magoavam, que sempre nas grandes paixões a que mais dóe faz ter as outras em menos.

CAPITULO XVII.

DA FALLA QUE PALMEIRIM FEZ A POLINARDA: E COMO SE PARTIU DA CORTE.

O IMPERADOR Palmeirim, segundo diz a historia, depois que fez cavalleiros a seus netos com os mais noveis, como atraz se disse, mandava fazer a miude torneios, justas e festas, pera alegrar seus povos, e não dar lugar a tristeza que, em tanta quantidade, como té li acabasse d'enfraquecer os corações dos homens. Porque se naquelle tempo qualquer senhor pagão quisera conquistar todo o imperio de Grecia, podera-o fazer, e em poucos dias, segundo a fraca defensa que nelle havia. Mas o imperador era tão amado de todos, que, os que lhe podiam fazer guerra, o haviam d'ajudar tendo disso necessidade. Pois tornando ao proposito, por evitar este receio em que seus povos estavam, quiz dalli avante usar por outra via, continuando alegrias desacostumadas, tendo muitas noites serões, a que sempre era presente a imperatriz e Gridonia. Mas com Vasilia nunca se pôde acabar, que a nenhuma destas cousas o fosse, tendo por certo que Vernao era perdido de todo: de quem até então não tinha outro penhor, então a saudade em que vivia. Palmeirim, que á nestes dias lhe parecia ser vergonha não sair polo mundo, e seguir o que as armas lhe man-

davam , e o pera que aceitara a ordem dellas , punha em sua vontade fazel-o, e não ousava sem licença de sua senhora. Pera lha pedir fallecia-lhe o atrevimento , e muito mais pera lhe descobrir sua vontade : assim que vivia nestes estremos sem saber qual escolhesse, se não lho dizer, e viver co'esta dor; se descobrir-lho, e esperar o perigo que lhe dahi viesse. Comtudo uma noite acabando-se o serão, depois de determinar em si o que devia fazer, chegando-se a Polinarda como algumas vezes sohia , cheio de todolos receios qu'em taes tempos os corações namorados costumam ter; a cor mudada; os passos vagarosos; a falla medrosa e cansada, mais embaraçada que desenvolta; começou dizer: Senhora, o imperador vosso avô no dia que nesta casa entrei me deu a vossa alteza : pera que a servisse em tempo que minha idade me não deixou conhecer a mercê, que me nisso fazia; e posto que della me nasceu o perigo, em que ora estou, sou delle tão contente, que sentiria mais perdel-o do que sei temer os muitos que dahi me podem vir; qu'eu já agora hei por tamanhos, que todos os outros que posso passar, me não lembram em comparação deste. E porque minha tenção é seguir as aventuras e ir onde m'ellas quizerem levar, quiz, senhora, pedir-vos licença pera o poder fazer; e tambem que consintaes, que, por onde for, me possa chamar vosso cavalleiro, ao menos em minha vontade ; porque dahi me nasça esforço pera as cousas onde elle for necessario.

Polinarda, que bem entendeu o fim de suas palavras, por dar azo a que despendesse mais, disse: Por certo, Palmeirim, eu vos devo tanto polos serviços que me tendes feito, que folgára de vol-o poder pagar em alguma cousa de vossa honra. Chamardes-vos meu cavalleiro, eu o consinto, pois pera isso basta a mostra de vossa pessoa, a criação desta casa e eu não aventurar nada. O perigo em que me dizeis que estaes, quero saber de vós, que de qualquer, que vos visse, pouco contente seria. Senhora, disse Palmeirim, como crerei eu, vindo-me de vós, que vos pesa de me verdes nelle, porem eu que o busquei o padeço: se bem ou mal me trata, eu o sinto, e ainda que os seus males me matassem, sentiria mais ver-me sem elles. Folgo muito, disse Polinarda, ser minha suspeita certa, e pois a culpa desse atrevimento é minha, não vos quero dar outra pena em galardão della, senão avisar-vos que não pareçais mais ante mim, e se assim não fizerdes, eu terei maneira como, ess'outro erro e o d'agora, se castiguem á minha vontade. E ainda não acabava estas palavras, quando virando as costas o deixou sem acordo, e tal que esteve pera cahir, fazendo termos tão mortaes, que se alguem o olhára, podera ver na turvação de sua pessoa o que daquella falla sucedêra. Mas como todos estivessem occupados em seguir suas damas, que se recolhiam co'a imperatriz, não ouve ninguem que sentisse o que Palmeirim fizera. E tendo já passado a força daquelle aciden-

te, tornou algum tanto em si ; e o melhor que pôde se foi á sua pousada , onde gastou a noite em contendas, nascidas dos movimentos , em que seu coração se via ; e porque em nada achava repouso , e tambem por seguir o que sua senhora lhe mandára , ante que fosse manhãa se armou de umas armas de pardo picado graciosas , annunciadoras dos trabalhos que depois passou, semeadas d'abrolhos d'ouro e negro miudos, e no escudo em campo azul, a roda da fortuna, que o outro, que Daliarte lhe mandára, levava em uma funda, por não ser conhecido por elle: e tomando comsigo Selvião, seu irmão e colaço, filho do salvaje, que o levava c'o as outras armas, se partiu tão secretamente, que ninguem o sentiu. Indo tão sem cuidado de nenhuma cousa, que o não tinha d'outra senão de passar o tempo em palavras descontentes misturadas com muitas lagrimas e suspiros, que lhe arrancavam alma, verdadeira mostra de sua dôr, sem as consolações de Selvião poderem dar remedio a sua pena; antes a dobravam em tanta quantidade, que não ousava dizer-lhe nada: assim andou toda a noite e outro dia sem comer nenhuma cousa ; porque sempre nas tristezas grandes, o cuidado , que dellas nasce , é mantimento de quem as passa.

CAPITULO XVIII.

COMO PALMEIRIM D'INGLATERRA SE FOI DA CORTE, CHAMANDO-SE O CAVALLEIRO DA FORTUNA, E O QUE PASSOU.

Tanto que Palmeirim se partiu, andou o que da noite ficava, e outro dia, sem tomar repouso, nem lhe lembrar que elle nem seu cavallo tinham disso necessidade. Ao segundo dia quasi o sol posto, já alongado de Constantinopla se achou n'um valle cheio d'arvoredos espessos, antre os quaes estavam uns edificios antigos caidos por muitas partes, porem inda no pouco, que delles parecia davam sinal de quão nobre cousa foram; e a lugares por dentro, havia çoteas e casas dignas de se povoarem, e as paredes de parte de fora cubertas d'era, que trepava por ellas tão verde e tecida nas mesmas pedras, que alem de darem graça á antiguidade do edificio, o sostinham que de todo não cahisse. Desviado delle quanto um tiro de pedra, estava uma fonte de agua clara e em lugar tão aprazivel, que o obrigou descer-se. Selvião lhe tomou o cavallo, e a elle quizera dar alguma cousa que comesse, e Palmeirim o não quiz fazer, porque aquelles dias cuidados desesperados eram seu mantimento: antes mandando-o apartar de si, encostado sobre uma mão, com os olhos n'agoa da fonte sobre que

estava lançado, trouxe á memoria as palavras de sua senhora, a braveza com que lhas dissera, e começou a fallar comsigo mesmo mil piedades namoradas, offerecidas a quem não sabia se lhe ficára alguma delle: depois, culpando seu atrevimento, dizia: O' Palmeirim, filho dum pobre salvage, creado nas matas d'Inglaterra, que pensamento foi o teu qu'em tamanho perigo te pôz? Senhora Polinarda, se minha ousadia me faz merecedor de culpa, haja em vós aquella piedade, que nos corações tão altos se soe achar, pera que um desejo tão certo de vos servir não sinta tão desesperado fim como vossa crueza lhe ordena. E se a vontade, com que me fiz vosso, isto não merece, acabai de me matar e será honesto galardão de meu atrevimento; posto que, se vos lembrardes das mostras de vossa fermosura e parecer, a ellas dareis a culpa de qualquer erro, que contra vossa condição se commetta. Já qu'esta dôr me havia de durar, muito fora della contente por ser nascida de vós; mas não quiz ser tal, que me deixe esperança de sostel-a muitos dias; antes me matará cedo, e então ficarei sem ella e sem mim, e com saudade ou desejo de ver quem ma deu. Nisto repousou um pouco, que a fraqueza lh'impedia o alento e a força pera poder despender quantas palavras lhe então a dor e o amor offereciam: e não tardou muito que dentro daquelles edificios ouviu tocar um instrumento de cordas, que por estar algum tanto longe não soube conhecer o que era: porem o

som delle, que por baixo dos arvoredos vinha rompendo, lhe avivou os espiritos pera ter mais que sentir, e mais de que se aqueixar; porque nos corações namorados estas são umas faiscas, com que mais se acende o fogo em que ardem: e indo contra aquella parte, não entrou muito pelos edificios, quando em uma das çoteas, que nelles havia, qu'era d'abobada, viu estar um homem vestido de negro, a barba grande e crescida, a pessoa grave, e no semblante do rosto representava tristeza e vida descontente: tocava um cravo de vozes grandes, que soava tanto ao longe, que podia ouvir-se fora no campo. A harmonia do qual detendo-se na concavidade de aquella aboboda, fazia o som tão singular, que por força quem o ouvisse se enlevava de maneira, que perdido o sentido, causava esquecimento de todas as outras cousas; e elle de quando em quando acodia com alguns vilancetes tristes conformes a sua tenção. O da fortuna transportado de o ouvir se encostou á porta, e não quiz entrar dentro polo não estorvar, que via que o outro de namorado ou descontente se enlevava tanto no gosto do que fazia, ou na lembrança de seu cuidado, que a vezes se cahia sobre o cravo, e acodia com palavras conformes a sua vida, e em louvor de quem lha assim fazia passar. O cavalleiro da fortuna havendo menencoria de ver que o outro louvava tanto sua dama, que a punha acima de todalas do mundo, e crendo que ao merecimento de Polinarda nenhuma se podia igualar, entrou dentro,

dizendo: Cavalleiro, bem seria que louvasseis vossa dama, sem desprezo das outras, pois pode haver alguma qu'em tudo lhe não deva nada. O da cova mui novo de ver alli homem, a tal tempo e á taes horas, agastado do que dissera, fallando co'a turvação que a ira dá, quando ella é supita e de cousa que muito doe, disse: Como mulher ahi no mundo tão acabada, que por todalas vias deixe de viver com quem me esta vida dá? Aguarda, armar-me-hei, e se me ousares esperar, eu te mostrarei a verdade do que digo, e a mentira do que crês. Já quizera que estiveras armado, disse o da fortuna, porque um erro tão manifesto menor tardança havia mister pera se castigar. O cavalleiro entrou pera outra casa e o da fortuna se sahiu pera fora e esteve esperando ao da cova, que não tardou muito, armado d'armas negras, e pola noite ser escura não se via a devisa do escudo, qu'era em campo negro uma sepultura da mesma côr, e emcima della a morte que a guardava; e sem nada se dizerem, remeteram um a outro: o cavalleiro da cova veio a terra fazendo a lança em pedaços no escudo do seu contrario, o qual se desceu a elle e achando-o co'a espada na mão se receberam com tão aceso desejo da vitoria, como lhe nascia da causa porque faziam batalha. E posto que o cavalleiro nas armas fosse estremado, o da fortuna alem de combater pela verdade, o era tanto mais, qu'em pequeno espaço lhe desfez o escudo e armas, e poz em tal estado com muitas feridas,

que o fez vir a terra tão perto de morto, que não teve acordo pera sentir o perigo em qu'estava: então, tirando-lhe o elmo, tornou em si. O cavalleiro da fortuna lhe disse, que se desdissesse da mentira que dissera, senão que o mataria. Mal pôde ser vencido de vós, disse o outro, quem o já é d'outrem: a mentira, que dizeis que disse, não desdirei, que maior seria ess'outra, se eu a dissesse: matai-me se quiserdes, qu'em vossa mão está: este é o maior bem que meu mal me pode fazer, e se sentir alguma cousa, será tirar-me outrem a vida e não as lembranças de quem as de mim não tem. O cavalleiro da fortuna, que o viu tão desesperado da vida, o deixou, dizendo: Não matarei eu quem disso se contenta, abasta pera prova de vossa verdade, quão mal a soubestes defender: e sobindo a cavallo começou caminhar algum tanto contente de si polo que lhe acontecera. O outro se tornou á cova, onde o curou seu escudeiro, tão desejoso de sua fim, que elle a tomava por si, se não lhe parecera que nisso errava ao cuidado, donde a sempre esperara.

OXFORD

CAPITULO XIX.

EM QUE DÁ CONTA QUEM ERA ESTE CAVALLEIRO, QUE O DA FORTUEA ALLI TOPOU, E PORQUE VIVIA EM TAL LUGAR.

No reino de Sardenha houve um rei por nome Avandro, casado com a rainha Esmeralda, filha do duque Armião da Normandia e irmãa do duque Drapos genro d'elrei Frisol, mais moça que elle cincoannos. Este rei teve de sua mulher um só filho, gentil homem, manhoso, e esforçado e bem quisto de seus vassallos, por nome Floramão, que, sendo de idade de vinte annos, namorou-se de Altea, filha do duque Carlo, vassallod'elrei seu pai, e criada da rainha sua mãi: tanto cresceu o amor antre elles, que elrei, temendo-se que viessem ao que receava, a fez levar a seu pai. Mas isto prestou pouco, que amôr é palreiro e tudo descobre, antes alli a seguiu com tamanho cuidado que endinou a elrei a fazer o que ouvireis. Que não podendo com seu filho que cazasse com Adriana princeza de Secilia, teve maneira como com um vaso de peçonha, que por sua industria deram a Altea, a mataram. O duque, vendo sua filha morta, nenhuma paciencia lhe bastava pera poder temperar sua pena, que só esta filha era herdeira de seu estado, e alem de filha, a amava por ser uma das mais fermosas e perfeitas donzellas do mundo, e suspeitando donde lhe

tanto mal viera, mandou prender Larisa sua camareira, que, com força de tormentos, confessou toda a maneira de sua morte. O duque, sabida a verdade, mandou mirrar o corpo de sua filha, e o metteu em uma sepultura de pedra negra, onde fez esculpir todo o modo e historia de sua vida, e em cima da sepultura a morte tirada polo natural, tão feia, como sempre se costuma pintar, e posta sobre uma carreta de campo ajuntou todos seus vassallos e thesouros, com que começou fazer guerra a elrei; mas prestou-lhe pouco, que o poder d'elrei era tanto maior que o seu, que na primeira batalha o desbaratou. O principe Floramão, a que nenhuma destas cousas consolava, com alguns cavalleiros seus amigos, o dia da batalha, andando todos envoltos nella, se foi ao arraial do duque e mandando levar a carreta com a sepultura a uma villa porto de mar, que dahi meia legoa estava, se embarcou em uma galé, que partia pera Turquia, e com tempo foi aportar áquella parte, onde o achou o cavalleiro da fortuna, levando sómente comsigo tres escudeiros, que o acompanhassem: e vendo a graça da terra e despovoação della, quiz alli ficar, mandando tirar a sepultura da galé, da qual nunca se apartava, antes praticando com ella as suas paixões, contentava-se disso, como se a tivera viva. Depois sabendo daquelles edificios, que alli estavam, e achando a maneira delles conforme a sua condicção e vida, levou alli o corpo de Altea, sua senhora, e fazendo sua habitação naquella cova, como atraz se disse, despendia os dias e noutes na

comtemplação de seu cuidado e doçura de sua musica, no qual exercicio era excellente e universal; tendo comsigo toda maneira d'istrumentos, que mandara trazer de Constantinopla, que d'ahi duas jornadas estava, passava com elles sua vida solitaria, que nestes casos musica é rainha dos outros remedios, ou ao menos peja e occupa o tempo á tristeza que mate mais ao longe. E havendo nove mezes, que continuava aquella vida, veio alli ter o cavalleiro da fortuna da maneira, que ouvistes, e posto que na batalha o vencesse tão prestes não deixava Floramão de ser um dos especiaes cavalleiros do mundo; mas estava tão fraco e debilitado, que não fora muito ser vencido de qualquer outro, quanto mais de Palmeirim, que naquelles dias florecia sobre todos os de seu tempo. As armas de negro, que trazia e devisa do escudo, era representando a sepultura, em que sua senhora vinha. E havendo depois anno e meio, que alli estava, soube-o elrei seu pai e teve maneira como por engano lha tomaram sem o elle saber, se não a tempo que lhe não pode valer. E porque vivia descontente de ser vencido d'outrem sobre a fermosura de Altea, culpava-se a si mesmo, pedia perdão a ella, dizendo: Senhora, se mal defendi o parecer de vossa pessoa, não foi por falta da razão, que pera isso tivesse; mas pola fraqueza de minhas forças a quem sempre desemparastes: porem eu irei polo mundo e vingarei esta quebra com fazer confessar verdade a todos os que a negarem: pois é claro que ante vós está por nascer quem se

possa lonvar de formosa. Com esta tenção deixou aquelle assento, levando sempre as armas como as com que se combatera com Palmeirim, chamando-se por ellas o cavalleiro da morte, fazendo cousas grandes, como adiante se dirá, que, quando ellas são taes, inda que o tempo as encubra, se descobrem.

CAPITULO XX.

DO QUE ACONTECEU AO DA FORTUNA NO PASSO DA PONTE.

Depois que o cavalleiro da fortuna se partiu de Floramão, começou de caminhar algum tanto menos triste, por aquelle pequeno serviço, que a sua senhora fizera; e com este contentamento, que Selvião sentiu nelle, o fez comer, cousa que te então não fizera, e praticava mais solto nas suas: trazendo-lhe á memoria tamanho erro era esquecer-se de si, pois nisso não aproveitava nada, e perderia a vida, com que podia servir quem a tirava. Se tu, Selvião, disse o da fortuna, como julgas o de fóra, sentisses o de dentro, bem creio que antes a morte, que outro rémedio, me desejarias; por que este é o mais certo que meus males tem, que todas as cousas possuidas sem esperança, são trabalhos que não tem cura: e se quizeres saber se a tenho d'algum bem, olha os extremos em que vivo; lembre-te o merecimento de quem me mata, a alta genelosia sua, a grandeza de seu estado,

e sobre tudo, aquelle parecer tão differente dos outros, que polo mundo se louvam; e junto com isto se quizeres sentir que sou eu tão engeitado da fortuna, que nem conheço o sangue donde venho, nem outro pai senão o teu, que tem a valia, que tu sabes, julgarás que nenhum bem me fica de que me contente senão o erro de meu atrevimento: pois este qual outro pode ter mór que dar fim a meus dias, justo galardão de tamanha ousadia? E traz estas palavras começou soltar outras tão elevadas em sua pena, que transportado de todo, caminhava sem saber pera que parte, como homem que de nada se lembrava: mas tornado em seu acordo viu perto de si uma ponte, que atravessava um grande rio, no meio della um cavalleiro apercebido de justa, armado d'armas de branco e encarnado com ondas de prata, no escudo em campo pardo um touro branco, e estava á pratica com outros tres, que queriam passar, e não lho consentia; mas nisto um delles abaixou a lança remettendo ao do touro, e ambos fizeram as suas em pedaços: o do touro se apegou ao colo do cavallo e perdeu os estribos, o outro foi fora do seu: o segundo querendo vingar seu companheiro, remetteu ao da ponte, que estava já prestes; porem este foi a terra sem encontro por culpa do cavallo, que, por não ser acostumado naquelles passos, houve medo á ponte, que era de pao e mui alta, de maneira que furtando o corpo, ficou seu senhor fóra delle; o terceiro poz as pernas ao seu e encontraram-se com tamanha força, que ambos ficaram a pé no

meio da ponte; mas o que a guardava levou as redeas em a mão, e tornou cavalgar tão prestes como se não cahira. O outro arrancou da espada pedindo batalha: isso não posso fazer, disse o do touro, porque quem este passo manda guardar, não quer que a faça senão com quem conhecidamente levar de mim o melhor da justa; e pois vós não o fizestes, não me ponhais culpa: o outro se arredou agastado por não fazer sua vontade. O cavalleiro da fortuna conheceu os tres que eram de casa do imperador e seus amigos, e não quiz que ficassem sem emenda. E remettendo ao da ponte, que já estava concertado pera o esperar, deu com elle fora da sella mais levemente, do que os outros o foram de suas mãos: e saltando do cavallo, que não o pode virar na estreiteza da ponte, o achou com a espada nua e o escudo embaraçado, e arrancando a sua começaram de ferir-se de sorte, que os tres derrubados, que eram Luimão de Borgonha, Germão d'Orleans e Tenebrante se espantavam da braveza da batalha. E posto que os golpes do de a ponte fossem dados como da mão de seu dono, que era mui valente cavalleiro, os do da fortuna tinham tanta differença, que logo o amostraram em suas carnes; porque desfazendo-lhe o escudo em o braço, semeou a ponte com as rachas: e com a rotura das armas sahia-lhe tanto sangue, que qualquer outro o não podéra soster; mas o do touro se defendia com tamanho acordo, que fez durar a batalha mais tempo do que a outrem podera durar. O da fortuna desconte de vêr, que um homem tão

mal tratado lhe durava tanto, renovando a força e golpes o fez vir a seus pés, e pondo-lhe a ponta da espada no rosto, lhe disse, que se rendesse e dissesse quem era, senão que o mataria. O outro, ainda que muito contra sua vontade o fizesse, por ver o estado em que estava, não pode al fazer, e disse: Certo, Senhor cavalleiro, minha tenção foi sempre ninguem saber de mim meu nome, até minhas obras o manifestarem; mas pois a fortuna me chegou a tempo, que o hei de confessar por força, o que sem ella não fizera, a mim me chamam Pompides filho de D. Duardos principe de Inglaterra e de Argonida senhora da Ilha encantada: ha poucos dias que sou cavalleiro, e guardava este passo, por mandado de uma dona, que me aqui mandou curar de umas feridas, de que estava pera a morte, que na batalha de dous cavalleiros, que matei, recebi, com tenção de tomar aqui um, que ella desejava, e ha vinte dias que o guardo: no fim delles passei comvosco o que não cuidei passar com ninguem. O da fortuna lhe disse: Senhor Pompides, de tal pessoa como vós não se hade crer senão que por força fazeis estas forças a quem volas não merece; mas com tudo d'aqui avante buscai outras aventuras, pois polo mundo ha muitas, e deixai esta com que impedis o caminho a alguns, que pera todos se fez franco. Os tres se chegaram polo conhecer, mas elle se despediu pagando-lhe algumas palavras de offerecimentos, que lhe fizeram, com outras tão verdadeiras e taes como ellas. Pompides ficou tão mal tratado, que o

levaram em andas a um castello onde se curou, o o qual havia poucos dias, que era feito cavalleiro por mão d'elrei Frisol de Ungria, e andando polo mundo buscando novas de seu pai, veio ter áquella parte onde passou o que ouvistes. Pois os tres companheiros tambem seguiram sua rota espantados da valentia do da fortuna, e desejosos de o conhecer, os quaes saíram da corte do imperador em busca de Palmeirim, tanto que o acharam menos, que eram grandes seus amigos. Aqui deixa a historia de falar nelles, por contar d'uma aventura, que aconteceu ao cavalleiro do Salvajem no Valle Descontente com outro que o aguardava. Porque este, tanto que da floresta da Fonte Clara se apartou de Palmeirim e de Trofolante e os outros que se ahi acharam, correu muitas partes passando por muitas aventuras, e fazendo por onde ia cousas de notavel fama, lembrando-lhe que só seus feitos o podiam fazer famoso; pois os de seus passados não sabia quaes foram: e tambem o que se ganha por seu dono é melhor, que o que fica dos antigos.

CAPITULO XXI.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DO SALVAGE NO VALLE DESCONTENTE, COM OUTRO QUE O GUARDAVA.

Diz a historia, que o cavalleiro do Salvage tanto que se apartou da floresta, onde tomára o es-

cudo á donzella, junto da cidade de Constantinopla, depois que foi são das feridas, que houve na batalha com Trofolante, caminhou por suas jornadas tanto tempo sem aventura pera contar, até que um dia se achou naquelle reino de Lacedemonia, contra a parte onde Paudricia vivia na sua Casa da Tristeza, que era em um valle a que tambem pozera nome o Valle Descontente: porque todalas cousas delle pareciam de pouco contentamento. Os arvoredos medonhos e tristes, os ares mal assombrados, as agoas do rio, que o atravessava, de uma côr e som espantoso, como se atraz disse. Assim que tudo era conforme ao lugar. A uma parte, onde o rio fazia um pégo escuro e manso, debaixo de uns amieiros espessos estava um cavalleiro grande de corpo, armado de folhas d'aço negras e amarellas sem outra mistura, no escudo em campo negro um cisne branco, cavalgava n'um cavallo russo, e encostadas as arvores algumas lanças. O do Salvage como no valle entrou, tudo lhe pareceu menos alegre do que té li viera. Chegando perto do aposento de Paudricia, vendo a maneira delle, não sabia que cuidasse. O cavalleiro do valle tocou com muita força um corno pequeno, que tinha pendurado n'uma arvore, que bem longe se ouvia, e té n'aquillo parecia que abrangia a tristeza daquella casa, porque o seu som era mais temoroso que aprazivel. E inda o não acabou de tocar, quando antre as amêas daquelles paços pozeram um panno negro, sobre o qual se pôz uma dona com algumas donzellas

pera ver a batalha. O do Salvage não sabendo determinar a razão de tanta tristeza, lá sentia o seu coração uma paixão grande daquella gente; porque quando elle é nobre, assim sente o mal alheio, como o seu: um escudeiro do outro se chegou a elle, dizendo: Senhor, aquelle cavalleiro, que debaixo das arvores está, vos manda dizer que ha cinco mezes, que guarda este passo a todolos os cavalleiros andantes, e tem alcançado victoria de tantos, como podeis ver polos escudos que no tronco daquelle alemo estão pendurados, pede-vos se quereis escusar isto por onde os outros passam tanto contra sua vontade, que de duas cousas façaes uma, ou vos torneis por onde viestes, ou promettaes de sempre viver no conto dos tristes, e pera signal d'isto, deixeis vosso escudo, e o nome de vossa pessoa escripto em o brocal delle; porque assim o quer a senhora a quem serve. São tão más condições as que me commette, disse o do Salvage, que, por não sentir o desgosto de nenhumas dellas, quero antes passar polo perigo de suas mãos, que eu hei por menor, que esse outro em que me quer pôr: e dizendo isto, abaixou a lança, e o outro se veio a elle: o do valle errou seu encontro, e perdeu os estribos com a força do que recebeu; e arrancando das espadas começaram de ferir-se com muito esforço. Nesta batalha andaram grande espaço sem se conhecer vantage; posto que na fim della o cavalleiro do valle se sentiu tão affrontado, que quiz descançar; mas como o do Salvage sentisse nelle fraqueza

e desejo de repouso, o carregou de tantos golpes, que em pequeno espaço se mostrou a differença, que de si ao outro havia, tratando-o tão mal, que o fez vir aó chão. Neste tempo se tiraram das ameias todas as pessoas que viam a batalha, começando dentro um pranto de vozes tristes, de sorte que provocavam o animo do cavalleiro do Salvage sentir sua pena, e haver dó da vida de contrario. Porém tirando-lhe o elmo, tornado a seu acôrdo, fez que o queria matar, dizendo que o faria se lhe não dissesse a razão porque guardava aquelle passo, e quem era. O outro vendo-se em tal estado, com palavras forçadas lhe disse: Se em perder a vida ganhára alguma cousa, isso tivera por menos, que dizer o que me perguntaes; mas pois nas armas levaes de mim o melhor, não vos quero negar o mais. A mim chamam Blandidom, filho da infanta Paudricia de Lacedemonia, senhora da Casa da Tristeza, que é esta que aqui vêdes: a sua vida e a razão porque a faz, é tão notoria polo mundo, que já a sabereis: eu, porque em al a não poderia servir, puz-me neste passo com tenção de fazer vontades tristes em homens isentos d'isso, crendo que o maior bem de todolos malles é ser muitos a soffrêl-os. O do Salvage que já ouvíra fallar neste Blandidom, e o tinha por bom cavalleiro, o ajudou a erguer, pedindo-lhe quizesse deixar a guarda daquelle valle, e seguisse outras aventuras, pois então polo mundo as havia tão assinadas. Elle o prometteu, rogando-lhe que lhe dissesse seu nome,

e o recebesse por seu amigo e servidor; porque com aquelle contentamento queria esquecer a falta que alli recebêra. Senhor Blandidom, disse o do Salvage: eu sou o que ganho tanto nesta amizade, que não sei com que vos agradeça a mercê que me n'isso fazeis; meu nome ao presente não é senão o cavalleiro do salvage: por este me conhecem todos, nem eu espero de me nomear por outro até saber mais de minhas cousas do que agora sei. Minha viagem é caminho da Gram-Bretanha, vêr onde se perdem todolos homens assinados, e ter-lhe companhia a sua perdição; porque por maior perda haveria ouvir o desastre de tantos, e fugir delle, que perder a vida de mistura com tantas e de tão esforçados e nobres cavalleiros. Blandidom se fôra logo em sua companhia, se estivera em disposição pera o poder fazer. Assim se partiram um do outro com aquellas palavras de amizade que depois saíram tão certas, como adiante se mostra: que é cousa, que poucas vezes se alcança, e depois de alcançada é tão singular virtude, que muitas outras excede.

CAPITULO XXII.

DE COMO FLOROMÃO, PRINCIPE DE SARDENHA, VEIO Á CORTE DO IMPERADOR PALMEIRIM, E DO QUE AHI PASSOU.

Não passaram muitos dias depois da partida de Palmeirim da cidade de Constantinopla, que a ella veio ter um cavalleiro estranho, que a uma parte do terreiro do Paço mandou armar uma tenda muito grande e em extremo rica, e feita de invenção nova: da banda de fóra de setim negro, e aforrada de outra seda parda, onde subtil e artificiosamente estava lavrada e esculpida toda a maneira de sua vida, e assim mesmo da fermosa Altea, por uns passos tão tristes e namorados, que obrigavam e faziam força a toda pessoa a sentir aquella dôr como se fosse sua propria. A tenda estava feita em quadra: tinha em si dous repartimentos, tirando o principal, em que o cavalleiro fazia seu assento com muita tristeza e dôr. Da parte de fóra muitas infindas lanças e quatro cavallos presos, pera justar, que nem por falta delles o não podesse fazer. Sobre a porta se mostrava uma imagem de mulher assentada em um arco, que o mesmo portal da tenda fazia, tirada polo natural d'Altea, tão fermosa, que, deixando Polinarda, não houve na côrte dama tão confiada, a que não fizesse inveja, com letras na bordadura

de uma roupa que declarava seu nome. Floramão, antes que na tenda entrasse, foi ao paço acompanhado de dous escudeiros, armado das armas que costumava, levando sòmente desarmada a cabeça e mãos. O imperador o aguardou em casa da imperatriz, acompanhado d'alguns, que nas festas dos noveis se acharam. Todos se apartaram por dar lugar a Floramão, que além da mostra de sua pessoa mostrar o preço della, era tão bem disposto e gentil homem de rosto, que dava azo a o olharem com affeição. Chegado ao imperador, quiz-lhe beijar as mãos, mas elle o não consentiu. Floramão, ainda que a fermosura e parecer d'algumas damas daquella casa lhe parecesse por cima de quantas nunca vírá, estava tão cego de sua affeição, que lhe não deixava confessar, que nenhuma o fosse tanto como Altea sua senhora; e depois de as olhar, virou-se contra o imperador, dizendo. Muito poderoso senhor, eu sou um cavalleiro a quem a fortuna tem feito mais damno que a todolos do mundo, que não contente de me tirar diante os olhos a fermosa Altea, consentiu que um cavalleiro de vossa casa fosse ter comigo, onde eu com aquelle corpo morto fazia vida contente, e sobre dizer que sua senhora era mais fermosa, houvemos batalha, vencendo-me nella, não porque a razão fosse de sua parte; mas por o estado em que me achou, que era tão fraco, que a não pòde defender; e por que lá onde a Senhora Altea está, cuido que sentira esta offensa sua ganhada por minha fraqueza,

fiz voto de correr todas as côrtes de principes, e emendar a falta em que caí. Polo qual digo, que nesta, que é a primeira e mais nobre, farei conhecer a todos os que servem damas, que nenhuma iguala ao menor quilate da figura que sobre a porta de minha tenda está, e o que comigo houver de entrar em campo, ha de levar alguma empreza ou imagem da dona ou donzella, porque se combater pera ficar ao vencedor, e o vencido deixará suas armas, e o nome será posto em um dos apartamentos da tenda, que pera isso se fez; e sendo caso que algum me vença, ficará senhor de tudo; porém nenhum poderá comigo contender das espadas senão aquelle que na justa me fôr igual. Vossa Alteza póde ser juiz, pera que as cousas se determinem justamente, e eu me vou onde a differença ha de ser. Acabadas as palavras, depois de fazer seu acatamento, se foi. Alguns houveram por duvidosa sua demanda, e ao imperador tambem lhe pareceu aspera de acabar, e perguntando se havia ahi quem o conhecesse, houve muitos que disseram o que delle ouviram, de que o imperador ficou agastado, polo não tratar com a cortezia que tal principe merecia, estranhando sua vida. Posto que as damas a louvavam pola obrigação em que com ella punha aquelles que as serviam: sua vinda fez tamanho alvoroço em muitos, que em pequeno espaço foram á porta do cerco, onde se as justas faziam, mais de dez cavalleiros. O primeiro foi Graciano principe de França, a quem os amores de Claricia, filha de Polendos rei

de Thesalia, faziam pôr naquelle perigo: e, antes que justasse, tirou um annel do dedo com um rubim de muito preço, que lhe ella no dia do torneio dera em signal de seu cavalleiro, e o deu aos juizes: vinha em em um cavallo castanho claro cheio de malhas pretas, armado d'armas de azul e ouro, no escudo em campo verde uma donzella com o rosto coberto. E antes que abaixasse a lança, postos os olhos nas janellas da imperatriz, affirmando-os em sua senhora, disse: Pera cousa tão clara, como é serdes vós mais fermosa que Altea, escusado é pedir-vos ajuda: e pondo as pernas ao cavallo, remetteu a Floramão; e ainda que os encontros foram grandes e dados em cheio, nenhum foi ao chão. Desta maneira correram a segunda vez sem se poderem derrubar, e á terceira o cavalleiro da morte se chegou á imagem, que estava sobre a tenda, dizendo: Senhora, pois nas cousas em que vos sempre pedi soccorro m'o não quizestes dar, nestas que são do vosso serviço não m'o negueis. E apertando a lança só com o braço se juntaram ambos com tamanho impeto e força, que Floramão esteve de todo pera cair; mas Graciano foi ao chão, de que ficou tão descontente, que se então podera comprar aquelle desgosto com todo senhorio de seu pai, ainda crêra que lhe custava pouco. O imperador, posto que sentiu o vencimento de Graciano seu neto, teve em muito a valentia do cavalleiro estranho, e temeu vêr sua côrte em alguma falta. Floramão pediu a Graciano que lhe mandasse dar as armas segundo a postura com

que alli entrára. Quem se nellas aventura, disse elle, forçado é que alguma hora sinta o desgosto que comsigo trazem: e entrando dentro na tenda foi desarmado, e o seu nome posto em o lugar, que pera isso estava aparelhado. Não tardou muito que Goarim, irmão de Graciano, veio, que tambem foi derrubado na primeira justa, e deixou as armas e o nome escrito junto do de Graciano. E justou sem empreza, que Clariana a quem servia, lha não quiz dar, porque trazia o coração mais entregue em outra parte. Tras este, justou Tragonel o ligeiro, Flamiano, Rocandor, Esmeraldo o fermoso e outros, que por todos foram dez, a que o imperador tinha em muita estima, e todos deixaram as armas e emprezas, e os nomes escritos no apartamento da tenda, a que pôz nome Sepulcro de Namorados. O imperador não quiz que aquelle dia justassem mais, por dar algum alivio ao cavalleiro estranho, inda que o gosto da victoria lhe fazia não sentir o trabalho, que como o vencimento é de cousa que se muito deseja, o contentamento de não ser vencido faz ficar tudo em descanço. Pera outro dia se aparelharam alguns cavalleiros estremados, cada um tão confiado no parecer de sua senhora, que o espaço que estava por passar lhe parecia maior do que de seu natural o era. Essa noite houve serão, e Floramão esteve presente vendo favores de muitos, que lhe trouxeram á memoria a perda dos seus e saudade das cousas passadas: e não podendo soster em si aquella paixão, desabafava com alguns suspiros

dissimulados, que ninguem ouvia, e a elle arrancavam a alma, que este era o maior remedio que á sua dôr podia dar. Porque elles e lagrimas em as tristeżas são alivio d'outros malles.

CAPITULO XXIII.

DO QUE PASSOU O SEGUNDO DIA NAS JUSTAS DE FLORAMÃO.

AINDA o Sol não era saído, quando o cavalleiro da morte ja estava á porta de sua tenda armado d'armas negras da sorte que d'antes trazia, senão quanto eram cheias d'uns rostos de mulher, que se viam por antre uns arvoredos, que nas mesmas armas vinham. No escudo em campo negro outro vulto de homem, ao parecer de todos, triste, cercado de muitas mortes, que mostravam fugir-lhe, ísto tão natural, que enganavam toda pessoa a haver medo dellas e dó delle. Cavalgava em um cavallo alazão tostado, o conto da lança posto no chão, e elle encostado sobre ella, e os olhos em Altea, tão namorado e contemplativo como se a tivera viva, dizendo: Senhora, este é o dia que meus males guardaram pera remedio de todos elles; porque hoje verão as damas, a differença de vós a ellas, e dos seus cavalleiros a mim, por ser vosso. Por isso, ainda que vos sempre esquecesse pera me tratardes bem, lembrai-vos agora pera vos poder ser-

vir : e isto seja por galardão do mais, que vos mereço e prova do que defendo. Mas o fio destas palavras quebrou Polinardo, irmão de Vernao, que chegou á porta do cerco, armado de armas de roxo e pardo com pombas de prata, tão subtilmente cravadas, que parecia todo uma peça. No escudo em campo d'ouro uma donzella com o rosto virado de maneira que o não podiam vêr. Isto trazia por Polinarda filha de Primalião, com quem andava d'amores em sua vontade sem ella nem outrem o conhecer delle. Os Juizes do campo lhe pediram empreza, segundo a ordenança da justa. Hoje é o dia, disse Polinardo, que a eu queria merecer ; porque té agora, nem a tive, nem atrevimento pera a pedir. Os juizes o disseram a Floramão, e elle disse : Que pera os desfavorecidos só com as mostras se contentava. E abaixando as lanças se encontraram de sorte, que as fizeram em pedaços; e com a grande força se toparam os cavallos de feição, que o de Polinardo foi ao chão com seu senhor, por ter uma espadoa quebrada, e o de Floramão esteve pera caír tornando atraz dous passos. Polinardo pediu outro pera tornar a justar : Floramão o não quiz consentir, dizendo : Que pera os taes tempos havia de vir tão provido de tudo, que depois não se escusasse com nada. E sobre isto houve tamanho debate que o imperador mandou sair Polinardo, de que se sentiu tão agastado, que não quiz dar as armas nem escudo nem confessar que ficára vencido. Floramão se agravou de

lhe não fazer inteira justiça, e com esta menencoria andou tão bravo, que antes de comer derribou cinco cavalleiros de muito nome. Todos louvavam sua valentia em tanto estremo que a punham nas estrellas, e criam que a levaria avante e muito a sua honra aquella demanda. Neste tempo cessaram as justas que o imperador se recolheu a jantar, não fallando nem despendendo palavras em outra cousa senão no esforço e destreza do cavalleiro estranho. Acabando de comer, a imperatriz com sua nora, e Polinarda, se veio ao imperador, pera dalli ver as justas, que aquelle dia foram muito pera iso. E ainda que a ellas sairam muitos cavalleiros, antre os quaes foram Onistaldo, Dramiante e Belisarte, Floramão se houve com elles de maneira, que de todos levou a victoria, tendo a sua camara, Sepulchro de Namorados, tão cheia do despojo de suas armas e emprezas, que quasi não tinham onde caber, de que andava por extremo contente, crendo que com isto satisfazia a vontade de sua senhora. Já que o sol se queira pôr, entrou polo terreiro um cavalleiro, que parecia vir de longe, armado d'armas de roxo com esporas verdes, no escudo em campo indio uma espera da mesma sorte, passado por alguns lugares cavalgava; em um cavallo ruço pombo, manchado de sangue, que o fazia mais fermoso. E em passando fez seu acatamento ao imperador e imperatriz: e indo pera onde Floramão estava, primeiro que os juizes dissessem alguma cousa (como homem

que já o sabia) tirou do seu uma taboa pequena com um cerco d'ouro e pedras de muita valia, e nella uma figura de mulher tão fermosa como a propria por quem fora tirada, queira Onistalda filha do duque Drapos de Normandia. E antes que a soltasse da mão, postos os olhos nella, disse: Senhora, eu fico sem vós, mas não sem esperança d'alcançar o que os outros não poderam, pois eu pelejo pola verdade, e elles faziam-no polo contrario: lembre-vos que esta batalha é sobre vossa fermosura, e qualquer offensa, que se me faça, offende a vós: favorecei-me nisto, pois o não fazeis no al, que eu nas cousas de vosso serviço desejo mais a victoria, que nas de minha vontade o remedio, que me sempre negastes. E dando-a aos juizes com gran acatamento e cortezia, com a lança baixa remetteu a Floramão, que o recebeu descontente e menencorio dos extremos que lhe viu fazer: ambos vieram ao chão, mas logo foram levantados sem mostra de sentirem algum damno da queda, e embraçados os escudos, com as espadas nas mãos, se começaram ferir com tanta força e ardimento, que ao imperador e aos que com elle estavam, punham pranto, desejando conhecer quem fosse o cavalleiro, que chegára de novo. Porem elles, como quem lhe lembrava que aquella batalha se fazia sobre o parecer de suas senhoras, obraram nella tantas maravilhas, quantas o amor costuma mostrar nos que por elle se combatem. Nisto andaram tanto, que o sol era quasi posto, e elles

tão mal tratados como se podia esperar dos asperos golpes, que receberam. Então se arredaram a fóra por descançar do trabalho passado. Floramão pondo os olhos em si e vendo suas armas tão mal tratadas, que os vultos de sua senhora estavam quasi desfeitos, houve tamanha paixão, que começou a dizer: Senhora, bem sei que nada vos mereço, pois sou pera tão pouco, que deixo offender as mostras de vossa pessoa, mas ja agora não quero mais pera minha victoria, que as forças que meu erro me empresta. O outro esteve tambem passando outras palavras comsigo dizendo: O' minha senhora Onistalda, como vos não lembra que minhas forças não são mais que segundo a lembrança de mim tiverdes; olhai o estado em que estou, não me desampareis nelle; lembre-vos que esta diferença é sobre a muita que ha de vós ás outras mulheres; não consintais que a mentira d'outrem possa tanto, que faça escurecer esta verdade, de que vós não sereis servida, e eu ficarei com dôr que se depois não perca. Nisto se juntaram ambos tornando á sua porfia com forças dobradas de novo, que fizeram nelles tamanha mossa que em pequeno tempo foram assim maltratados, que se não podiam ter em pé. A noite cerrava-se, o imperador quizera que a batalha ficára pera o outro dia, e não se podendo acabar com elles, mandou trazer tochas, que fizeram o terreiro tão claro como se fora de dia: cada um houve tamanha vergonha de vêr que sua porfia durava tanto, que

deixando as espadas, que de botas não cortavam, se travaram a braços provando ambos tudo o que podiam, com que as feridas se lhe abriram de tal sorte, que não havia nellas sangue, que podesse suster os membros; e porque o outro cavalleiro trazia uma ferida na perna esquerda de que se não podia ter, foi tão cansado, que deu comsigo no chão, cahindo Floramão sobre elle tão mal ferido, que esteve perto de se não saber cuja fosse a victoria; mas como com algum pouco acordo mais que seu contrario ficasse, tirou-lhe o elmo pera lhe cortar a cabeça. Os juizes lh'o defenderam outorgando-lhe a victoria e entregando-lhe a taboa da imagem e armas em sinal de vencimento: e dalli o levaram á tenda. Mas quando todos conheceram que o vencido era Beroldo principe de Hespanha, tiveram em mais a valentia do cavalleiro estranho. O imperador foi tão triste, que o não pode encubrir, e o mandou levar a seu aposentamento. Foi curado como tão gran principe o devia ser. Beroldo, depois de tornar em si desejou a morte muitas vezes, por não parecer ante sua senhora, pois em uma batalha feita sobre sua pessoa podera tão pouco, que outrem o vencera. Floramão esteve muitos dias ferido, e depois de são tornou ao que começára, sendo já tão nomeado, que de muitas partes o vinham buscar. E dalli por diante foi tido em tamanha estima que o julgavam por um dos melhores cavalleiros do mundo, e o imperador o desejou pera seu serviço, com pensamento de lhe

fazer muita mercê; porque pera dar, e não pera se guardarem, as riquezas mundanas se hão de desejar.

CAPITULO XXIV.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DA FORTUNA DEPOIS DE SE APARTAR DE POMPIDES.

O principe Floramão esteve tantos dias na corte do imperador fazendo maravilhas em armas, qu'em toda parte era louvado tanto por estremo, que muitos cavalleiros deixavam a aventura de D. Duardos polo vir buscar: em especial os namorados, que cada um por servir sua senhora acodia a se combater co'elle, com tenção de ganhar o preço de tamanha empresa; mas em todo este tempo nenhum veio ahi tal a que Floramão não mostrasse a ventaje, que havia de Altea ás outras por quem se combatiam. E andava tão ufano e contente de sua vitoria, que de aqui lhe nasceu deixar as armas que d'antes trazia, e tomar outras de verde e branco, com pelicanos d'ouro e pardo, que levavam uns corações no bico, tão louçãas como então trazia a vontade; no escudo em campo verde um pelicano da sorte dos outros. E deixando-o até seu tempo, torna o autor dar conta do cavalleiro da fortuna, que depois que se apartou de Pompides, andou por terras diversas, socorrendo donas e don-

zellas, desfazendo aggravos a muitos, fazendo tão assinadas cousas em armas, com que sua fama esparzida polo mundo fazia espanto em todalas cortes de principes, onde chagava, sem ninguem saber quem fosse; porem o imperador Palmeirim, a cujos ouvidos isto veio, teve sempre por fé, segundo os sinaes que lhe deram, que podia ser elle: e assim andando tão apartado do lugar onde sua senhora estava, e não do cuidado, que della lhe nascia, passando polo reino d'Hungria, á sahida d'uma floresta, que junto do estremo da Grecia está, viu vir um cavalleiro em um cavallo murzello, armado d'armas verdes, e ainda que ellas e o escudo trouxesse rotas por alguns lugares, no ar conheceu que era o companheiro do do Salvage, que entrára no torneio em Constantinopla contra os noveis. E chegando mais ao perto o salvou cortezmente: o outro teve as redeas ao cavallo, e depois de lhe responder com outras palavras não menos cortezes, disse: Senhor cavalleiro, por ventura acharia em vós novas d'uma cousa, que muito desejo saber. Sou tão mofino, disse o da fortuna, que não sei se d'alguma vol-as poderei dar boas. Saber-m'-heis dizer, disse o outro, onde ache um cavalleiro, que traz as armas como estas minhas, e no escudo em campo branco, um Salvage com dous liões por uma trella. Eu folgaria tanto de saber delle como vós, rospondeu o da fortuna, ainda que não sei se a vossa vontade e a minha são ambas pera um fim. Por certo, tornou o outro, a

vossa saberei eu de vós; e se não for tal, aqui estou eu em quem podereis vingar algum aggravo, se o delle tendes. Té agora o não recebi de ninguem, disse o da fortuna, se não d'uma senhora a que o não mereço, e quer que o tenha della. Esse cavalleiro, porque me perguntaes, não sei nada delle; baste saberdes de mim que folgaria de o saber e podeis-vos ir embora, qu'eu, ainda qu'esto me lembre muito, outras cousas me lembram mais. Não sou tão costumado, disse o das armas verdes, a viver nessas duvidas, que queira viver nessa em que me deixaes. Vós me direis pera que desejaes achar esse homem, e se não olhai por vós. Nisto baixou a lança e remetteu tão de supito, que o da fortuna não teve tempo pera mais, que fazer-lhe perder o encontro; e sem tomar a sua a Selvião, que lha quisera dar, arrançou da espada; mas o outro tornava já de volta co'a lança baixa, e ainda que daquelle o não errou e a fez em alguns pedaços, não o pôde mover da sella; antes ao passar levou um golpe no escudo da espada do da fortuna, tal, que um terço delle foi ao chão, de que ficou com menos soberba e maior temor e medo que d'antes: e tirando a sua da bainha, receberam-se ambos com tamanha ira, que ella fez sentir a cada um os golpes de seu contrario; porque o seu natural é criar grandes forças onde as ha ahi menores, e das grandes fazer muito mais grandes, e aos fracos e sem esforço, emprestar animo e fortaleza e tudo pela mais damno; de sorte que as

armas davam sinal das obras de cada um. O cavallo do das verdes de cansado, assim do trabalho daquelle dia, como das jornadas dos outros passados, não se podendo ter, caiu com seu senhor, e elle se lançou fora tão prestes e com tamanho acordo, como nas grandes afrontas é necessario. O da fortuna se desceu do seu, que tambem não andava mui solto; e como então se podessem chegar melhor que d'antes, feriam-se mais sem dó. Nesta batalha se detiveram tanto provando suas forças, ajudando-se de suas manhas e esforço, que o das armas verdes começou d'enfraquecer, não podendo tanto espaço soster-se contra tal imigo. O da fortuna ven'o-o em tal estado, e sentindo de sua pessoa, que havia de pelejar té a morte, por escusar mal tão mal empregado, movido de dôr e piedade se quizera arredar; mas elle, que conheceu o porque o fazia, o tornou a commetter, dizendo: Acabai o que começastes, que não sou eu tão desejoso da vida, que sem honra a queira possuir. Folgo, disse o da fortuna, que sentisses minha tenção; e pois della se não tira outro galardão senão palavras desagradecidas, esta é a paga qu'ellas merecem. E ainda bem não acabava de o dizer, quando, dando-lhe de toda sua força um golpe por cima do elmo, o fez ajoelhar, e levando-o nos braços o derrubou de todo. Então mostrando que lhe queria cortar a cabeça, o das armas verdes, vendo-se em tal estado, lhe disse: Senhor cavalleiro, nem por estimar tanto minha honra, que engei-

tasse vossa piedade e cortezia, é bem que me mateis; pois de minha pessoa já tendes ganhado o maior preço, e ess'outro é obra de crueza, com que muitas vezes a victoria se escurece, ou fica menos d'estimar. Sabeis tão bem defender-vos, disse o da fortuna, que me arrependo de fazer o que me pedia a vontade, e com tudo fa-lo-hei se me não dizeis quem sois, e quem é o cavalleiro do Salvaje. Quem eu sou, disse elle, vos direi logo; mas quem é o cavalleiro porque me perguntaes, nem eu vol-o saberei dizer, nem inda que o soubera não sei se o fizera, com medo de nenhum perigo. A mim chamam D. Rosirão de la Brunda, sobrinho d'elrei d'Inglaterra, filho de Pridos duque de Galles e Cornualha. Isto é o mais, que de mim podeis saber; e se disso não sois satisfeito, acabai o começado e sereis de todo contente. O da fortuna o deixou, partindo-se delle, alegre de o vencer, porque sabia tamanho era o preço deste cavalleiro, assim nas armas, como em todas as outras cousas, dizendo, primeiro que se fosse: Senhor D. Rosirão, melhor fora qu'esta differença não chegára tanto ao cabo, pois ainda que a culpa seja vossa, já o damno não pode deixar de ficar d'ambos, e minhas armas assinadas de vossa mão são bom sinal disso. D. Rosirão, de fraco nem se pôde ter em pé, nem lhe pôde responder. O da fortuna pesando-lhe de o ver em tal estremo, seguiu seu caminho, e aquella noite pousou em um castello de uma dona, onde foi bem agasalhado,

e curado de algumas feridas pequenas, que levava, e ali se deteve alguns dias. Pois tornando a D. Rosirão, pera se saber a razão porque se apartára do do Salvaje, de que atraz não faz menção, é esta. Aos dous dias depois de sairem da cidade de Constantinopla, vieram ter a um valle tres legoas d'ahi, polo qual atravessava a cavallo um donzel pequeno chorando em vozes altas: o do Salvage o deteve com tenção de lhe perguntar, porque se queixava: elle lhe disse que vindo em companhia de uma donzella cujo era, tres cavalleiros a tomaram per força e a levaram pera a forçar, que lhes pedia que com suas pessoas e armas a quizessem soccorrer, e indo ambos a isto, toparam co'a outra de Daliarte, que trazia o escudo á corte. D. Rosirão vendo que o desejo do cavalleiro do Salvaje era tomar-lho e fazer o que depois fez, lhe pediu que o deixasse a elle só na empresa do donzel, ficando concertado, que d'ahi a certos dias se juntassem em um lugar sinalado: mas D. Rosirão, posto que a acabou, vencendo os tres cavalleiros com morte de dous delles, recebeu tantas feridas, que na cura d'ellas se deteve mais espaço do que concertaram: assim que, quando veio, o do Salvaje estava bem alongado: então andando polo mundo buscando-o foi topar com o da fortuna e passaram o que se disse. A razão porque este D. Rosirão se chamava de la Brunda, inda que seja larga de contar, é esta. Escreve-se nas chronicas inglezas, qu'elrei Mares de Cornualha houve na rai-

nha Iseo a Brunda antes de sua morte nem da de Tristão de Leonis, uma filha, a que tambem chamaram Iseo : outros querem dizer que foi filha de Tristão, esta casou com Urgel Blasonante duque de Galez, e d'ambos nasceu Blasonão de la Brunda , que se depois chamou duque de Galez e Cornualhe, e foi casado com Morlota, filha delrei Charlião d'Irlanda, e delles nasceu Morlot de la Brunda, a que poseram este nome, assim por causa de sua mãe Morlota , como por Morlot o grande , de que inda em aquelle tempo Irlanda se honrava: e assim de geração em geração vieram estes duques tomando sempre aquelle apellido, té chegar ao duque de Galez , pai de Pridos, e elle mesmo poz a seu neto aquelle nome, porque um tão antigo e honrado origem se não corrompesse. Assim qu'esta é a razão por que D. Rosirão se chamava da Brunda. E tornando ao preposito, Robrante seu escudeiro lhe apertou as feridas, e o levou a um mosteiro de frades, qu'estavam hi perto , onde cúraram delle com muita diligencia , por ser casa de homens devotos e de boa vida , tendo prestes pera aquelles casos todo necessario, lembrando-lhes que os homens no serviço de Deus hão-de ser largos, e no seu, honestos.

CAPITULO XXV.

COMO O CAVALLEIRO DA FORTUNA SOUBE DE UMA DONZELLA AS NOVAS DA CORTE, E DO QUE FEZ.

Esteve o cavalleiro da fortuna no castello daquella dona, onde fôra ter o dia da batalha, a que chamavam Rianda, tantos dias, que se sentiu pera poder caminhar, e uma noite de ceia, estando com a dona praticando em sua partida, bateu á porta do castello uma donzella sua sobrinha, que vivia com a imperatriz de Constantinopla, e saira da corte outro dia depois da batalha de Floramão e Beroldo principe de Hespanha, a vir a vêr esta sua tia que era muito rica, e não tinha outra herdeira: mas o da fortuna, que estava bem longe de cuidar que aquella poderia ser Lucenda com quem se criára, não se guardou senão a tempo que já o não pode fazer; e vendo quão mal se podia encobrir, foi-se pera ella, dizendo: Senhora Lucenda, quem vos traz a esta terra tão longe d'outra onde vos eu deixei bem de vagar. Lucenda conhecendo que era Palmeirim, o foi abraçar, dizendo: Não vos aconselharia eu que fosseis á corte sem alguma desculpa da culpa, que vos lá dão vossos amigos e amigas, por assim vos encobrirdes de todos ao tempo de vossa partida: e bem se parece que não sois namo-

rado, pois agora que as dâmas vos hão mister; não pareceis pera as vingardes do principe Floramão, que tamanha ofensa lhe tem feita. O cavalleiro da fortuna lhe pediu que lhe dissesse quem era o principe Floramão e em que as desservira: a donzella lhe deu razão de tudo o que passava, de que ficou menos contente do que suas victorias o traziam. E logo lhe veio á memoria que aquelle poderia ser o que achára na cova, e a que já vencêra. Porém lembrando-lhe que todas aquellas cousas passavam ante a fermosa Polinarda sua senhora, póde mal dissimular a paixão, que d'isso recebeu. E despedindo-se dellas, por ser já tarde, se deitou sobre o leito, dormindo com menos repouso do que sohia, inda que dantes tinha bem pouco, culpando sua tardança, pois era causa de Floramão estar tão victorioso. De outra parte, trazendo á memoria que sua senhora lhe mandára que não parecesse ante ella, não sabia que fizesse, porque tudo lhe parecia ser grave. Desobedecer seu mandado não era em sua mão. Deixar passar a mentira de Floramão com victoria tão grande parecia-lhe mui aspero. Contendia comsigo mesmo qual destes estremos seguiria. Depois de determinar algum, havia por erro deixar o outro: vivia nestas differenças sem saber tomar conclusão, achando o coração tão pouco livre, que não sabia qual escolhesse. Nestes trabalhos de espirito passou toda a noite, e depois que veio o dia não se achou descançado delles. Comtudo não sabendo deter-

minar-se, quiz antes errar em ir ver-se com Floramão, que estar em duvida se acertava em fazer o contrario. Ao outro dia tomando suas armas, e despedindo-se de Rianda e Lucenda, se poz em caminho a via de Constantinopla; e muitas vezes virava as redeas do cavallo pera se tornar, lembrando-lhe o mandado de sua senhora. Selvião o tirou muitas vezes deste pensamento, dizendo-lhe: Senhor, se em um caso tão grande como este não servirdes vossa senhora Polinarda, em que esperaes de lhe merecer algum bem, pera remedio de tantos malles? Ide por diante, que maior erro seria deixar passar a ousadia de Floramão sem pena, que ir onde ella vos defendeu, pois é pera a servirdes: quanto mais que o que vos ella então disse, logo se arrependeu de o ter dito, porque as palavras que a furia comsigo traz, depois della passada trazem arrependimento comsigo. Assim que com estas e outras, que lhe disse, o fez ir seu caminho: e passados alguns dias, sem achar cousa que lhe impedisse, chegou á vista daquella gram cidade de Constantinopla um domingo hora de vespora. E vendo os paços do imperador e apousentamento de Polinarda, poz os olhos nelles. Fizeram-lhe tamanha saudade que começou dizer mil vaidades namoradas, nascidas de seu descuido, misturadas com tantos desatinos, como um homem transportado naquelles tempos sóe achar. Selvião se chegou a elle, e lembrando-lhe onde estava, o tirou daquelle pensamento. A este tem-

po acabava de se combater com Floramão Tetubante de Grecia, que servia secretamente Cardina, filha do gigante Floramão, com tenção de casar com ella, por ser muito rica; mas como sua fermosura e d'Altea não fossem iguaes, mui prestes foi vencido: e Floramão andava tão contente, que estava com palavras favorecendo suas obras ante a imagem de sua senhora Altea, como que della lhe houvera de vir o galardão dellas. O imperador não sabia encobrir o pesar, que d'isto recebia, e estando envolto neste cuidado depois do vencimento de Titubante, entrou polo terreiro do Paço aquelle esforçado cavalleiro da fortuna, armado de novo de aquellas suas armas de pardo e abrolhos d'ouro por ellas, em um cavallo baio fermoso e grande com remendos de côres mui bem postos, que lhe dera Rianda, que fôra de um seu sobrinho: e passando por baixo donde o imperador estava, abaixou a cabeça em signal de cortesia. Nelle e em todos houve grande alvoroço, crendo que seria aquelle o cavalleiro da fortuna, de quem tão altamente se fallava. Floramão agastado de vêr o abalio, que com sua vinda fizera, começou concertar-se com tenção de lhe quebrar a soberba, com que entrara. O da fortuna tanto que chegou á porta do cerco, virou-se contra os paços e apousentamento da imperatriz, e vendo as janellas cheias de damas e antre ellas a fermosa Polinarda, recebeu tamanho sobresalto em seu coração, que de transportado perdeu a memoria daquello pera que viera. Mas Selvião, que nunca

se apartava delle, chegou-se o melhor que pôde, dizendo: Ah senhor, não mostreis tamanha fraqueza em tempo tão pouco necessaria. Então tornando em si, e vendo o erro ou descuido porque passára, começou dizer antre si: Senhora, pera remedio de meus malles queria que me valesseis ou vos lembrasseis de mim, que pera o perigo desta justa não hei mister mais que a razão que comigo trago, que é fazel-a em vosso nome. E com estas palavras entrou dentro no cerco. Os juizes lhe pediram empreza segundo a postura de Floramão. Não tenho outra, respondeu elle, senão o cuidado que meu coração sente, se me vencerem, tirem-no, que este é o maior preço, que de mim se póde ganhar. Floramão consentiu na justa só polo rebolliço, que com sua vinda fazia. E abaixando as lanças ao som de uma trombeta, remeteram ambos a um tempo, encontrando-se em cheio com tanta força, que a lança do cavalleiro da Morte se fez em muitas rachas no escudo do cavalleiro da Fortuna, ficando tão inteiro na sella como se lhe não tocara; porém o retorno foi bem differente, que tendo de sua parte a razão da fermosura de Polinarda, deu com Floramão por cima das ancas do cavallo tão grade quéda, que o deixou sem nenhum acôrdo, que foi verdadeira mostra da aventage que havia della a Altea. Este encontro tão sinalado pôz tamanho espanto em muitos, que fez perder a memoria de todalas outras cousas passadas, ainda que de outra parte ninguem tivera de que se espantar, se soubera em cujo nome se elle deu.

O cavalleiro da Fortuna se pôz a pé, e tirando o elmo a Floramão, que de descontente ou desacordado não bollia, quizera-lhe cortar a cabeça: os juizes o não consentiram, outorgando-lhe a victoria. Floramão foi tomado por seus escudeiros, e levado fóra da tenda, e a mesma tenda e armas entregue ao da Fortuna. O imperador não se soffrendo com a suspeita que seu coração lhe dava, desceu abaixo. Mas elle desejoso de se encobrir, se saiu por uma parte do terreiro tão encoberto, que quando o imperador veio o não achou, de que ficou com menos contentamento de vencimento tão honrado. E sentindo que quem tanto trabalhava por se encobrir seria escusado mandar por elle, o não fez. Porém o prazer geral de Floramão ser vencido, fez esquecer o pesar de se não conhecer o vencedor, e não é muito de espantar destas mudanças, que a fortuna traz comsigo, pois suas cousas, de gloria ou miseria andam sempre acompanhadas.

CAPITULO XXVI.

COMO AQUELLA NOITE HOUVE SERÃO, E AO OUTRO DIA A IMPERATRIZ VEIO VER A TENDA DE FLORAMÃO.

Aquella noite quiz o imperador que houvesse serão de sala; mas com Basilia sua filha, esposa de Vernao, não pôde a imperatriz tanto que a fizesse

vir a elle; porque, como se já disse, esta senhora, depois da partida de Vernao, já mais a poderam ver em parte onde houvesse algum contentamento. A fermosa infante Polinarda veio tão gallante, como quem com seu parecer e fermosura alcançara o preço da vitoria de Floramão. Todas as outras damas se vestiram ricamente de atavios louçãos, porque não houve então nenhuma, a que aquelle prazer não alcançasse. Os cavalleiros mancebos e namorados vieram gentis homens e custosos; porque ainda que muitos, ou quasi todos, foram vencidos naquellas justas e a lembrança de seu vencimento os trouxesse algum tanto corridos e descontentes, quizeram dissimular sua pena com mostras alegres em festas e alvoroço tão geral. Cada um se sentou junto de quem mais trazia na vontade, havendo por cousa nova alegria tão supita em parte desacostumada de tanto tempo. E passando o mais delle em palavras de contentamento, durou grande quantidade da noite, sendo o gosto daquelle espaço de muito preço pera cada um, se não pera o imperador, que havia por mór a perda de se lhe ir o cavalleiro da Fortuna sem o conhecer, que o prazer de ver vencido Floramão com tanta honra de sua corte. Ao outro dia, depois de ouvir missa com toda a solemnidade, que nos dias de festa costumava, quiz jantar na tenda com a imperatriz e sua nora: elrei Frisol comeu com elle, trouxe imperatriz pola mão, e o imperador a Gridonia, a o principe Florendos a infante Polinarda: e assim todolos outros principes cada um tomava o lugar

de que mais se contentava; sabindo tão ataviados e custosos e gentis homens, quanto em outra parte naquelle tempo senão poderam achar. E depois de acabado o comer, que foi servido com toda a ceremonia necessaria pera seu estado, quiz o imperador que vissem a tenda e as cousas della. Foram primeiro que tudo ver a imagem d'Altea, que estava sobre a porta, e julgavam-na por tão fermosa, que os vencidos de Floramão haviam aquelle parecer por honesta desculpa de sua quebra, e afirmavam que Floramão tinha muita razão pera sua vida sempre ser triste, porque a perda de Altea era bem merecedora de mais. Dalli foram ao Sepulchro de Namorados, onde viram em torno da casa penduradas as armas dos vencidos, com as proprias empresas de quem serviam, e os nomes de seus donos escritos com letras claras e grandes, que se podiam lêr de longe. As damas motejavam sobre o desastre de seus servidores, de que muitos estavam corridos e descontentes, que haviam aquella pratica por maior afronta, que o vencimento passado. A fermosa Onistalda disse, rindo: Parece-me que seria bom, pois aqui estamos tantas, não consentir que um só cavalleiro leve o despojo de quem nos serve, antes ganhemos nós por força o que lhe a elles ganharam com ella: e eu, polo que me nisso vai, quero ser a primeira, que commetta esta ousadia. Ainda não acabava as palavras, quando lançando mão da taboa, em que estava tirada polo natural, que alli trouxera Beroldo, a meteu na manga de uma roupa a guisa de Grecia, que trazia ves-

tida. As outras, que alli viam suas emprezas, as tomaram com tamanha presteza e desenvoltura, que parecia uma batalha travada, de que já usavam da victoria. O imperador esteve vendo aquella escalla e perguntou a Florendos seu neto se ousaria defendel-a. Não sou eu tão pouco amigo de minha vida, disse elle, que a queira aventurar em parte de tanto perigo. Muito quizera saber, disse a imperatriz, quem foi a donzella, por quem o cavalleiro da Fortuna se combateu com Floramão, que queria que as outras lhe ficassem em obrigação. Eu, disse o imperador, não sei cousa que hoje não dera por saber se o vencedor é quem suspeito, mas pois quiz que o não conhecesse, não pode ser que em algum tempo o não veja, pera perder esta magoa, que hei por tão grande, como podera ter se Floramão deixara a minha corte na falta, que sempre receei. E porque se fazia já tarde, se tornaram ao paço, da maneira que vieram. A imperatriz mandou levar a imagem de Altea pera a ter estimada e venerada como merecia cousa tão fermosa e que tamanha memoria deixara em sua casa, de que as damas ficaram pouco contentes parecendo-lhes que antre ellas não havia alguma tão fermosa em tudo, que pera igualar com Altea lhe não falleces-se muito, se não foi Polinarda, que vinha livre deste receio. O cavalleiro da Fortuna se sahiu da cidade á mór pressa, que pôde, satisfeito e contente de si pola victoria, que alcançara: e porque receava poder vir alguem traz elle por mandado do imperador, que o obrigasse a tornar, cousa que em

aquelles dias por nenhum preço fizera, alongou-se tanto em pouco tempo, que com a distancia da terra perdeu o receio, que té então tinha. E inda que a experiencia do que fizera em Constantinopla o trouxesse algum tanto mais alegre, o desgosto, que recebia em cuidar que sua ida fora contra o mandado de sua senhora, o tornava a fazer tão descontente, que a força deste pesar desbaratava os outros contentamentos, que lhe a memoria representava. E assim com estes pensamentos, hora triste, e outra hora mais triste, caminhava por onde o cavallo queria, e nunca ia contente, e lançava os olhos pera uma e outra parte, por ver se com elles poderia ver alguma cousa, que o descançasse; mas a vista, quando se não emprega em cousas de seu desejo, com nenhuma outra descansa.

CAPITULO XXVIII.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DO SALVAGE DEPOIS QUE SE APARTOU DE BLANDIDOM, EM O REINO DE LACEDEMONIA.

O CAVALLEIRO do Salvage, depois que se apartou da Blandidom, com quem houve batalha no reino de Lacedemonia, caminhou contra o da Gram-Bretanha com tenção de ir ver elrei Fradique seu senhor e o lugar onde se perdiam tantos cavalleiros, porque ja então começava dizer-se da Torre do Gigante, que alguns escudeiros dos

vencidos, a que Dramusiando lançava fóra do sitio defendido, que no castello não cabiam, davam os signaes delle; posto que estes não sabiam dizer as pessoas, que dentro estavam, que nenhum delles entrára lá. E andando por suas jornadas, foi ter á cidade de Lambre que é porto de mar: alli se embarcou pera Inglaterra, e tendo o vento prospero, em poucos dias foram a vista do Cabo de Longas Náos, que é no mesmo reino; mas, antes que podessem tomar terra, se lhe trocou o vento de feição, que per força os fez arribar na costa d'Irlanda ao pé do monte de S. Brandão, quo não poderam tomar o porto de Maroique, que é logo hi pegado. E por que ia maltratado do mar, quiz saír em terra; mas o piloto lhe impedia a saída, dizendo: De meu conselho, senhor cavalleiro, antes devieis esperar pola bonança quando viesse, que saír em parte de tanto perigo. Porque no alto desse monte vive o gigante Calfurnio, que agora é havido polo homem desta vida mais temeroso e cruel, a cujo poder ninguem chega, que de morto ou preso de mui esquiva prisão escape. Muito me contais das cruezas desse gigante, disse o cavalleiro do Salvage, porém quanto maiores forem, tanto mais esperança pode homem ter de Deus o ajudar. E pois elle aqui me trouxe, com sua ajuda quero saír e experimentar minha fortuna, pois ella é senhora de todalas cousas. E mandando lançar o batel, só com Artifal seu escudeiro saiu fóra, armado daquellas suas verdes armas, de que

se muito prezava, caminhando pola fralda da montanha, que lhe pareceu mui graciosa terra, posto que toda era cheia daquelles altos arvoredos, de que inda Irlanda agora é povoada: não andou muito que foi ter a uma ribeira que do alto do monte descia, tão cuberta d'arvores espessas, que em algumas partes se não podia vêr da agoa mais que o tom, com que passava. E onde se fazia um escampado junto de uma fonte, que hi havia, viu estar uma tenda armada, pequena e muito louçã, sem gente nem pessoa alguma: chegando-se mais a ella, e achou alguns troços de lanças e pedaços d'armas semeados polo campo, como que alli fora uma grande batalha: e seguindo por um caminho estreito, que mostrava rasto de sangue fresco, caminhou por elle algum espaço; e sendo já de todo no alto da montanha, viu um castello grande, bem talhado e forte, cercado de torres, e edificado sobre uma rocha tão aspera, que por parte nenhuma podiam sobir a ella, senão a pé. A' porta do qual estava um gigante, grande de corpo, cercado de sete ou oito homens armados de piastrões e alabardas, que tinham antre si quatro cavalleiros presos. E junto do gigante estavam tres donzellas com os rostos baixos chorando. Nisto abriram a porta, e o gigante as metteu dentro. O do Salvage poz esporas ao cavallo por chegar ao castello antes que entrassem; mas sendo ao pé da rocha, vendo que não podia subir como cuidava, se desceu: e deixando Artifar com os cavallos, começou de ca-

minhar por uma estrada pequena, que na aspereza da rocha ao picão estava feita; e ainda que não era mui alta, fazia o caminho tantas voltas, que em uma hora se não podia bem andar: e com o peso das armas e pressa com que tomou aquella subida, quando foi no fim della, achou-se tão cansado, que se não pode ter em pé, e sentando-se por cobrar alento do trabalho, não quiz Calfurnio dar-lhe tamanho vagar, e mandou tres cavalleiros seus, que saíssem a prendel-o: e estando descansando do cansaço, com que alli chegára, abriram um pequeno postigo, que no portal da torre se fazia. O do Salvage, que conheceu de si, que não estava em disposição pera poder-se defender, se poz a uma ilharga delle, não consentindo que ninguem saisse, té que de todo se achou em sua força. Então, desviando-se da porta por lhe dar lugar, saíram os tres cavalleiros, dizendo, que se desse á prisão, senão que o matariam. Menor perigo é esse pera minha condição, disse o do Salvage, que vêr-me preso em poder de tal gente: e dizendo isto, feriu um delles com tanta força por cima da cabeça em descuberto do escudo, que o fez cair a seus pés. Os outros o tomaram no meio, ferindo-o por todas as partes; mas elle se houve tão bem com elles, que em pequeno espaço, derrubando um no chão, o outro lhe fugiu: e porque o postigo da porta se cerrou tanto que saíram, que assim era a ordenança de Calfurnio, não pode entrar dentro; mas

não tardou muito, que o gigante desceu abaixo armado d'armas luzentes e fortes, em uma mão um escudo de gran fortaleza, forrado de arcos d'aço, e na outra um maça de ferro, de que saíam uns bicos tão agudos e tezos, que nenhuma cousa lhe fazia resistencia. E abrindo-lhe o porteiro toda a porta, que polo postigo não cabia, disse contra o do Salvaje. Vós, D. cavalleiro, mais ousado, que sisudo, entregai-vos em minhas mãos, senão eu vingarei nessas vossas carnes, a morte dos meus com tanta maneira de crueza, que me tenha por bem satisfeito da offença, que me fizestes. Mas elle, que té alli nunca vira outro gigante, e este era um dos mais bravos e ferozes do mundo, não teve a sua vida por mui segura. Porem como em seu coração nenhum medo, por grande que fosse, fazia tamanha mossa, que o apartasse de fazer o que devia, lhe respondeu: Melhor seria que deixando essa soberba, que tão senhoreado te traz, e de que tu tão servo eres, empregasses essas forças em obras virtuosas, pera pagar a Deus a divida, em que estás de te fazer tão signalado antre os outros homens. Calfurnio ficou tão agastado d'aquelle conselho, que lançando fumo pola viseira do elmo. com voz temerosa e rouca começou a blasfemar dizendo: Agora quizera que foram aqui juntos os melhores dez cavalleiros do mundo, pera vingar nelles as palavras deste só. Se tão confiado eres em ti, disse o do Salvage, façamos nossa batalha dentro nessa

tua fortaleza, e lá te mostrarei que os nove poderão ser sobejos. Não quero disse Calfurnio, que em nada creias que te temo ou deixo de fazer a vontade, e pera que de todo vejas que comigo só o has, aguarda, verás o que faço. Então mandou sair fóra da torre todos os seus, assim homens d'armas, como pessoas de serviço, e cerrando a porta por dentro com umas aldrabas grandes, com que se costumam fechar, foram ter a um pateo lageado; e no meio posto no ar sobre uns esteos de jaspe, estava um chafariz grande de muita agua, que saia polas bocas d'uns meninos de cristal, de que o chafariz era cercado: e o pateo de todas as partes era occupado de aposentamentos reaes e mui bem obrados, cousa muito pera ver, e ser povoado d'outra gente. E, segundo se diz, aquella fôra uma casa de caça, que os reis d'Irlanda alli fizeram antigamente, e depois o pai deste gigante, que se chamava Tromazor, a tomou por força, e fez nella aquellas torres, com que sempre a defendeu. O gigante como se viu só com o cavalleiro do Salvage, se foi a elle dizendo: Já agora faz o que poderes, que ainda que te arrependas não podes escapar da furia de minhas mãos: e lançando-lhe um golpe da maça, o tomou no escudo com que se amparou; e foi dado de tanta força, que com quantas pontas a maça alcançou, tantos pedaços o escudo foi feito, e o braço, em que o trazia, atormentado, que não se podia bollir: de que o do Salvage

ficou tão cheio de temor, que teve sua morte por certa; e não tendo com que se cobrir andava tão ligeiro e manhoso, que fazia perder a Calfurnio todos seus golpes, que eram taes, que qualquer delles, que o acertára em cheio, satisfizera sua vontade: e ás vezes lhe dava alguns de sua espada, com que lhe fazia perder muito sangue, e o gigante começava a enfraquecer. Nisto deixou Calfurnio o escudo, e tomando a maça com ambas as mãos, se foi a elle acompanhado de sua braveza, dizendo: Este será o derradeiro castigo de teu atrevimento. E chegou-se tão perto, que o do Salvage, não tendo outro remedio se emparou com a espada, e não podendo suster a força do golpe, foi feita em dous pedaços, e a maça cortada por meio da aste, em que andava mettida: e o dianteiro alcançou ainda por cima da cabeça com tamanha pancada, que lhe aballou o elmo por algumas partes e esteve pera caír: porem a necessidade, em que estava, o tornou em seu acordo, e tomando o escudo de Calfurnio que jazia no chão, se quizera cobrir com elle, mas era tão pesado que o não podia fazer senão com ambas as mãos. O gigante arrancou um cutilão grande e cortador, que trazia na cinta, e remettendo ao do Salvage o tomou por cima do escudo com tanta força, que entrou por elle gran quantidade, e encaixou tão fortemente, que ao tirar levou tras si o escudo, sendo tão mau d'arrancar, que primeiro que o podesse fazer, o cavalleiro do Sal-

vage com o pedaço, que da sua lhe ficára, lhe deu tantas feridas, que o poz em muita fraqueza; e pondo os pés sobre o escudo, tirou tão teso polo cutello, que o arrancou; mas não tanto a seu salvo, que primeiro o do Salvage não lhe desse uma ferida pola perna esquerda, onde a armadura era mais fraca, que o fez andar manquejando tras si polo pateo. O gigante, inda que andasse maltratado, lhe deu outro golpe por cima do hombro direito, tal, que cortando-lhe as armas, entrou de maneira pola carne, que lhe pareceu que todo o quarto lhe derrubára: e não podendo ja ter-se em pé pola fraqueza, em que a falta do sangue o posera, caiu no chão dando a alma a todolos diabos, de cujo poder suas obras eram ministradas. E antes que caísse, com a furia da morte, lhe fez um remesso do cutello, que tomando-o de chão por meio do corpo o forçou a pôr as mãos em terra, mas logo foi levantado, e chegando-se a elle por lhe cortar a cabeça, o achou morto de todo. Então se sentou sobre uma pedra tão mal tratado, que se não podia bullir; e ainda que temeu que aquellas feridas fossem as derradeiras de seus dias, consolava se lembrando-lhe que com ellas salvára de tamanha miseria a vida das donzellas, que o gigante alli metteu.

CAPITULO XXVIII.

COMO AS DONZELLAS ACODIRAM AO CAVALLEIRO DO SALVAJE, E COM SUA AJUDA FOI SÃO.

Não tardou muito que as donzellas desceram ao patio, que ainda não estavam mettidas na prisão, que o gigante não teve espaço de o poder fazer, por acodir a seus cavalleiros, que andavam na batalha com o do Salvage, e achando-o tão mal tratado, que quasi estava sem acordo, se o seu não fora tal, que co'elle se suppria a falta dos outros remedios, e com toda diligencia lhe cataram as feridas; acodindo e provendo aquellas onde lhe parecia que havia mais necessidade. Orianda, que era a mais velha dellas e gram sabedora naquella arte, o curou com tanto resguardo, como a pessoa a que o já devia, provendo-se do necessario d'uma botica que o gigante costumava ter. Artifar, seu escudeiro, vendo a má disposição de seu senhor, temendo-se que alguns criados do gigante se apoderassem do castello, o fez levar a uma torre, que no mais alto delle estava, onde as donzellas o acompanhavam; e segurando-se das portas e entradas da fortaleza, se apoderou d'elle, posto que disso havia pouca necessidade; porque, tanto que o gigante foi morto, não houve pessoa, que nelle quizesse estar mais. Porque té lì mais constrangìdos por força

que por vontade o habitavam. Não passaram muitos dias que o cavalleiro do Salvaje se levantou, inda que pera caminhar primeiro passou algum, que o podesse fazer: e os que alli esteve, quiz saber das donzellas quem eram, e a razão porque as o gigante prendêra, pedindo-lhe que lho dissessem. Artinalda, que era a meãa, e mais fermosa dellas, lhe disse: Senhor, é tamanha a mercê, que minhas irmãas e eu temos recebida de vos no soccorro, que nos fizestes, que seria erro deixar de vos dizer a verdade do que perguntaes. Todas tres somos filhas do marquez de Beltamor, vassallo delrei Fadrique d'Inglaterra, que por um desgosto, que delle teve, o desterrou de todo seu estado. E porque nosso pai era rico de dinheiro, veio-se pera esta terra, onde fez tres castellos em tres montes altos, que daqui parecem, com determinação de deixar a cada uma de nós um, vendo que o outro senhorio, que dantes tinha, não o poderiamos herdar. E por esta razão se chamam estes montes, os Montes das Tres Irmãas, como já algumas vezes ouvirieis nomear. E depois de sua morte cada uma de nós poz tal provisão no seu com medo deste gigante, que matastes, que por força e sem razão nol-os queria tomar, que quasi lhe fizemos perder a esperança de os poder haver: e agora, havendo já dias, que não nos viramos, determinámos ajuntar-nos em uma ribeira, que aqui perto está, onde estando todas tres em uma tenda, acompanhadas de seis cavalleiros, este Cal-

furnio, que sempre teve suas espias sobre nós, nos salteou de feição, que alguns delles matou e os outros prendeu; e nós fomos trazidas a esta parte, onde, se Deos nos não acorrera com vossa pessoa, não tão sómente foramos da fazenda e patrimonio roubadas, mas tambem da honra e fama, que é a cousa, que se mais deve estimar, que a propria vida. O do Salvage, que já ouvira nomear seu pai, e sabia que fora gram senhor e pessoa de muito preço, as tratou com mais cortezia e acatamento do que té li fizera, tendo-se por ditoso e bem andante de seu socorro ser feito a pessoas de tanta valía, e mais mulheres: pondo em sua vontade pedír al rei Fadrique, seu senhor, que lhe tornasse o senhorio de seu pai, pois o erro, que fizera não fora tamanho, que merecessem suas filhas ficar desherdadas, como depois fez. E porque aquella fortaleza, em que estavam, lhe pareceu uma das mais fortes e singulares, que nunca vira, pediu a Orianda que a quizesse tomar delle, pois fora o principal remedio das feridas, com que se ella ganhara, promettendo-lhe que não seria aquelle o derradeiro serviço, que a ella e a suas irmãas esperava fazer. Todas lhe tiveram em mercê tamanho offerecimento e a vontade, que pera elle mostrava, pedindo-lhe que lhe dissesse seu nome, pera saber a quem tanto deviam. Meu nome, respondeu elle, é tão pouco conhecido, que vol-o não queria dizer, pola pouca esperança em que co'elle vos posso pôr. Abaste saberdes do

mim que sempre terei cuidado de vos servir. E se eu acabar uma aventura a que vou, e em que se muitos perdem, e tal que fique pera o poder fazer, daqui vos prometo que a primeira cousa em que depois entenda, seja no descanso de vossas pessoas e remedio de vossa vida. Artinalda he disse: Senhor, se o agradecimento, que umas pobres donzellas desherdadas podem dar a essas palavras, é necessario, recebei de nós a vontade que temos pera servir a que mostraes de nos fazer mercê, pois em al não podemos satisfazer o que tão virtuoso desejo merece. E d'agora por diante estaremos debaixo da ordenança de tudo o que de nós quizerdes fazer. A aventura a que senhor, dizeis que is, não sois vós a quem nenhuma ha de ficar por acabar, senão aquella que não commetterdes: salvo se fôr esta Gram-Bretanha, onde dizem que se perdem todolos cavalleiros do mundo, de que já se pode perder a esperança de a ver acabar a ninguem; ainda que se ella pera alguem está guardada, polo que vimos, crêmos que pera vós se guardou. O do Salvage atalhando seus louvores mudou a pratica; e esteve em sua companhia té que se achou em disposição de poder caminhar: e, tomando licença d'ellas, se partiu, deixando-as em seus castellos com mais assocego do que dantes viviam. E inda hoje em dia, aquelles montes, onde estavam edificados, se chamam os Montes das Tres Irmãas. O do Salvage caminhou por suas jornadas contra Inglaterra, contente do que passá-

ra, tendo na memoria, que nos famosos e singulares, os pequenos erros são dinos de mór pena, e as grandes obras de muito mór nome.

CAPITULO XXIX.

COMO Á CORTE DO IMPERADOR VEIO TER A DONZELLA LUCENDA: E DAS NOVAS QUE DEU.

Já se disse como ao tempo, que a cavalleiro da Fortuna venceu Floramão na justa, o imperador ficou em extremo descontente de não saber quem era, presumindo em sua vontade que podia ser Palmeirim. Porem, vendo que seu desejo com aquella paixão não se curava, determinou esquecel-o té seu tempo: e vindo-lhe á memoria o principe Floramão, quiz ir vel-o acompanhado d'alguns principes e senhores, de que aquelles dias sua corte era cheia. E isto só pera o consolar em sua tristeza. Floramão, que o soube, o veio receber vestido em um roupão negro de uma guedelha grande conforme ao tempo e a seu cuidado. O imperador o tratou com o amor e gasalhado, de que suas palavras e obras sempre andavam acompanhadas. Depois de lhe perguntar pola disposição de sua pessoa, começou de mover a pratica sobre cousas alegres, por ver a mossa que nelle fazia. Mas Floramão as estranhava e agasalhava tão mal por serem fora de seu costume, que a nada respondia senão com palavras desconcertadas, bem desviadas da resposta e agradecimento, que as do imperador mere-

ciam. O imperador sentindo quam arraigada n'alma trazia aquella tristeza, vendo o preço de sua pessoa assim nas armas, como nas outras qualidades, não podendo encobrir a dôr, que sentia de ver que um mal sem remedio apartava um tão bom cavalleiro da conversação dos outros, querendo provar se o podia tirar do erro em que de tão longe andava mettido, começou trazer-lhe á memoria muitas pessoas por quem já passaram os casos como o seu, estranhando-lhe tamanho extremo de sentimento e de cousa tão desnecessaria, por ser em tempo, que com sentir-se muito não podia remediar: que ainda as que são perdidas e que grandemente doem, se com isso se alcançam, então se chama bem empregada a paixão, que se por ellas toma; mas onde a esperança é perdida muito mór perda se recebe no sentimento, que comsigo trazem polo pouco que se nisso ganha e o muito que se pode aventurar. Assim que pois isto está claro, e vós senhor Floramão, dizia o imperador, não sois tão pouco submettido á rasão, que um hora ou outra não conheçais a offensa, que com vossa vida lhe fazeis, nem nisso não servis tanto á senhora Altea, que a mais não servisseis por outra via: olhai as muitas aventuras, que agora ha polo mundo, e que dos taes como vos se espera victoria dellas: empregai a pessoa e armas no perigo, que se dahi pode esperar; porque alem de nisso servirdes a honra com fazer obras dinas de fama, não desservis a Altea nem ao amor quem em tal cuidado vos poz. Senhor, disse Floramão, bem vejo que todas as cousas de

vossa alteza foram sempre cheias de respeitos singulares e ditas a bom fim: e eu, inda que nestes dias conhecesse que as minhas eram guiadas mais de vontade que de razão, estava já tão entregue a ella que não lhe poude fugir: mas agora que vejo que isso nem al me aproveita, e que a fortuna em tudo se mostra senhora de mim, sem o eu ser pouco nem muito della, quero ver nas outras aventuras o que querera fazer; que eu farei o que me vossa alteza manda: ainda que polo presente será bem mao d'acabar comigo e ao diante não sei o que será: porem pois nisto me quer fazer mercê, façama de todo em metter-me na conta dos seus, pera que com este contentamento e honra satisfaça alguma parte da quebra que em sua corte recebi. Eu sou o que ganho tanto, respondeu o imperador, que de muito não o ousava de pedir: e pois vós de vossa vontade me offereceis o que tanto desejava, vêde se o poderei negar. Floramão se abaixou pera lhe beijar as mãos, elle o levantou abraçando-o muitas vezes, agradecendo-lhe a mudança de seu preposito. Acabadas estas palavras, de que o imperador ficou satisfeito, se foi á imperatriz, que já o mandara chamar e o estava aguardando com novas de seu gosto, e o veio receber com Lucenda pola mão, dizendo: Senhor peitai-a, e dir-vos-ha quem venceu Floramão. O imperador, que em extremo o desejava saber, não se podendo ter com o alvoroço, que lhe daquellas palavras nasceu, se sentou no estrado com a imperatriz, mandando-lhe que dissesse o que sabia, tão alto que todos o ou-

vissem; porque se as novas fossem de pessoa, com que se devesse folgar, cada um recebesse parte do contentamento, que lhe d'ahi podia vir. Então Lucenda posta em pé lhe disse: Senhor, o cavalleiro da Fortuna, que a vossa corte veio armado de armas de pardo e abrolhos d'ouro por ellas, como vistes, e que nella venceu tão prestes o famoso esforçado principe Floramão, sabei que é aquelle fermoso donzel Palmeirim, que Polendos a vossa casa trouxe, e vossa magestade mandou criar, e de quem no principio de sua criação a sabia do Lago das Tres Fadas mandou annunciar grandes cousas. Então contou como o achára em casa du dona Rianda sua tia, e d'ahi viera á corte, polo que lhe ella contara das victorias de Floramão: e como o dia d'antes o topara indo-se já, e lhe dissera que de sua parte lhe pedisse perdão, por não se dar a conhecer; que sua determinação era não parecer ante elle te passar o perigo da aventura que da Gram-Bretanha se soava; porque cria que alli, e não em outra parte estavam todos os homens, que então polo mundo faleciam; e que a tenda e cousas della desse sua alteza a quem em sua casa lhe parecesse, que por fermosa a merecia melhor; pois elle em nome de todas fizera a batalha; ainda que polo que vira de Altea conhecia, que ninguem lhe podia fazer ventage, se não a senhora Polinarda. O imperador, que não podia dissimular nem encobrir o prazer, que daquellas novas recebeu, lhe disse: Certo, Lucenda eu vos mostrarei quanto vos agradeço o serviço, que me fizestes; e posto que Palmeirim se encobriu de mim

e da imperatriz e de todas as pessoas de minha casa e corte, d'onde se criara, sempre minha suspeita, que em meu coração tinha, me disse quem elle era. Va-se elle por onde for e a sua ventura o encaminhar, que, por muito secretamente que ande, suas couzas já não podem deixar de andar acompanhadas da fortuna prospera; pois em tudo pera elle se guardou. A tenda dar-se-ha a quem elle diz, porque quem tão bem a soube ganhar e com tanta honra, como a elle ganhou, não pode mal escolher pera se dar a quem melhor o merece. E porque era já tarde, se recolheu a seu aposentamento, e a imperatriz tambem se recolheu ao seu, e todos aquelles senhores a suas pousadas, desejosos de logo sem mais tardança se partir; que a inveja que as grandes obras de Palmeirim lhe faziam, os fazia desejar a partida mais prestes. E tornando a elle, diz-se, que aos tres dias depois da justa sua e de Floramão, indo-se por suas jornadas contra a Gram-Bretanha, encontrou Lucenda, vindo já de casa de sua tia, onde a deixara: e vendo que lhe não podia negar o que passara na corte, lhe deu conta de todo, rogando-lhe que de sua parte o desculpasse do imperador, dando-lhe por desculpa de não se dar a conhecer a que já ouvistes; e apartando-se um do outro, ella pera Constantinopla, e elle pera Inglaterra, com desejo de se ver naquella afronta, em que outros muitos estavam, desejando perder-se alli ou restituir todos, e alcançar nisso fama perpetua; que, quando ella é singular e de grandes cousas, faz nobres os que a deixam.

CAPITULO XXX.

DO DESAFIO QUE HOUVE TREMORÃO COM UM CAVALLEIRO ESTRANHO SOBRE O DA FORTUNA.

Ao outro dia, depois da vinda de Lucenda, estando o imperador á meza, e com elle Floramão, que, ainda que naquelles dias não estava muito bem disposto, veio ao paço por mostrar a vontade, que lhe ficára de o servir, e com elle outros cavalleiros de preço praticando todos nas cousas do cavalleiro da Fortuna, quasi por façanha, tendo-as por tão acima das de os outros homens, que as passadas estimadas dantes em muito, agora pareciam de menos valor, que pera Floramão era assás contentamento vêr tanto em extremo louvar a pessoa de que fôra vencido, e de quem o eram tantos, como atraz se disse, antes que o comer se acabasse, entrou pola porta um cavalleiro mancebo armado de tôdas as armas, sómente o rosto. As quaes eram de verde escuro apertado, cheias de visagras d'ouro e azul, assás louçãas, no escudo, que o escudeiro lhe trazia, em campo verde um arvoredo da mesma côr, que parecia que se via de longe; e elle em si tão bem disposto e gentil homem, que dava esperança de grandes obras: depois de chegar ao imperador e fazer a cortezia que devia, com voz entoada, e que se podia bem ouvir, começou a dizer: Eu, senhor,

sou um cavalleiro estranho, a que aqui se não saberá o nome polo pouco que ha que trago armas: o desejo que tive de me vêr na aventura da Gram-Bretanha, onde todos fallecem, me fez tomar esta ordem, por vêr se minha dita seria melhor, que de alguns delles: e caminhando contra aquella parte, ouvi dizer que em vossa côrte havia outra sobre a fermosura d'Altea: e porque uma senhora que sirvo, me parecia mais digna desta victoria, que todalas do mundo, vim de longe buscal-a em seu nome, e aqui perto soube que a houve outro cavalleiro, e por mais minha mofina disseram-me que era ido, pera eu a não poder tornar a haver delle: queria que vossa alteza me dissesse onde o poderia achar, por não vêr levar a outrem o preço que com mais razão era meu que de ninguem. Parece-me tão forte a demanda que trazeis, disse o imperador, que vos não aconselharia que a seguisseis: o cavalleiro, que dizeis, não sei onde está; mas sei que por onde for, suas obras o descobrirão. Só por essa confiança, que vossa alteza tem, disse o outro, desejo achal-o, pois de qualquer cousa que com elle passar em batalha, me vem muita honra e gloria: porque, se elle me vencer, saberão de mim que me experimentei com elle, e se o vencer, ficará comigo o credito, que nelle vossa alteza tem: e o serviço que n'isso eu fizesse a quem mo faz buscar, seria já de muito maior merecimento, que o que lhe faria, sendo delle vencido. N'isto saiu d'antre a outra gente da sala

um cavalleiro, por nome Tremorão, filho do duque Lecesim, neto do imperador Trineo, e disse: Bem creio eu que não achardes aqui esse cavalleiro, foi pera mais honra vossa: Sua Magestade vos aconselha bem, pois vós não quereis seguir seu parecer, aqui estão alguns seus amigos, que em seu nome farão batalha comvosco, e se quizerdes que seja eu, folgarei muito, porque o cavalleiro da Fortuna saiba que o sirvo em alguma cousa. Bem vejo, disse o outro, que a amizade que com elle tereis, vos faz desejar pôrde-vos em campo comigo sobre cousa que bem podeis escusar, pois a vós vos toca tão pouco; e porém, porque isto não pareça escusa, se sua alteza nos segura o campo, ide-vos armar antes que se vos vá essa vontade. Ao imperador pesou de Tremorão tão sem causa querer batalha com quem tão sem odio vinha a sua casa; e porque já não podia al fazer, consentiu nella, tomando de cada um a luva de gaje. Tremorão se foi armar, e o cavalleiro se metteu dentro no cerco, que pera os taes casos estava feito, a esperal-o, que não tardou muito, vindo armado d'armas negras, que ainda não vestira, que as fizera pera a demanda da Gram-Bretanha, e eram daquella côr, por mostrar quanto sentia a perda do principe Primalião seu senhor; no escudo em campo negro um Liampardo, cavalgava em cavallo fouveiro fermoso e grande, e veio tão bem posto, que naquellas mostras de fóra se julgava o muito pera que podia ser; que, como se já disse, este

foi um dos noveis, que no dia do torneio fez móres cousas em armas. Tanto que ambos foram no campo, sem outra detença abaixaram as lanças ao som d'uma trombeta, que os juizes mandaram tocar: e foi com tanta força, que, quebradas em muitos pedaços, se toparam dos corpos e escudos tão rijo, que os cavallos e elles vieram ao chão, e levantando-se com muita desenvoltura e presteza arrancaram das espadas, ferindo-se com tamanho impeto, que em pequeno espaço tiveram as armas quasi desfeitas: porém Tremorão, que lhe lembrava que o via o imperador e a imperatriz, e que tambem seu contrario havia mister dura defensa, fez aquelle dia maravilhas, e tudo lhe foi necessario, porque o outro com que se combatia, não era pera menos que elle. O imperador estimava em muito o esforço de cada um, havendo aquella batalha por uma das boas que vira: as feridas que cada um trazia eram grandes, e o sangue que dellas corria, muito; assim que isto os poz em tamanha fraqueza, que quasi se não podiam ter: e travando-se a braços, por se acabarem de vencer, vieram ao chão empeçados um no outro, e Tremorão com algum mais acordo; porém não tanto, que a victoria fosse claramente sua. O imperador os mandou tirar do campo, tendo-os por mortos ou quasi: e o escudeiro do outro levou seu senhor a uma pousada, que pera os forasteiros estava ordenada: onde todas as cousas necessarias se davam em tanta abastança, como eram mister a cada

um. Porém o imperador, que lhe pareceu ser pessoa de preço, mandou saber secretamente de seu escudeiro quem era, e, sabendo ser Roramonte filho d'el-rei de Bohemia, o mandou apousentar dentro no paço té ser são; e d'ahi ficando em seu serviço de mistura com tantos e tão singulares cavalleiros como então havia em sua casa, se partiu pera a aventura da Gram-Bretanha, menos confiado d'a acabar do que té li o fôra; porám ia, por se não dizer que fôra dos que ficaram. Este Roramonte, sendo mancebo de vinte annos, era tão orgulhoso em si, que qualquer cousa de esforço lhe parecia pequena pera commetter: e com esta confiança de si mesmo, ouvindo dizer da perda de todolos cavalleiros do mundo, e onde se perdiam, desejou tanto vêrse naquella affronta, que fez com seu pai, que o armasse cavalleiro: e indo a via d'Inglaterra seguir seu preposito, soube por um donzel como Floramão estava na corte do imperador mantendo as justas, que já ouvistes, e porque elle amava mais que a si mesmo Lusiana filha d'el-rei de Dinamarca, e, cego do amor ou do bem que lhe queria, cuidava que ninguem se podia igualar com ella, mudou o caminho por se vir ver com Floramão, e, vencendo-o, levar a imagem de Altea a sua senhora: e tanto que soube que o cavalleiro da Fortuna o vencêra, veio ter á corte do imperador, e passou o que se já disse Acabada esta batalha, os cavalleiros mancebos, que ainda ahi estavam, se despediram uns pera uma parte

e outros pera outra; posto que todos com uma tenção, que era acharem-se na perdição daquella Gram-Bretanha: antre os quaes foi o principe Florendos e seu irmão Platir: de que Gridonia começou a sentir nova saudade, temendo que a fortuna do pai podesse alcançar aos filhos, pera que tarde ou nunca lograsse a elle nem a elles. Assim que desta voz ficou a corte de Constantinopla deserta de todo, e o imperador tão só, que lhe não ficava pera defensa de sua cidade senão mulheres. E posto que então sentisse muito este segundo aballo, encobria-o o melhor que podia, soffrendo em si tamanha dor e paixão, pola não dar a outrem, e tambem porque nas cousas que se muito sentem, é mais de louvar o soffrimento, que nas outras a que o juizo não teme.

CAPITULO XXXI.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO DA FORTUNA NA VIAGEM D'INGLATERRA.

Assim como o cavalleiro da Fortuna se apartou da donzella Lucenda, andou por suas jornadas contra o reino da Gram-Bretanha, acompanhado sempre daquelle cuidado, com que a primeira vez saira de Constantinopla, sem achar nenhuma aventura, que de contar seja, té que chegou ao cabo de Tãogis, que é porto de mar, e, porque o vento então era contrario, esteve alguns dias

esperando por bonança, pera s'embarcar: não tardou muito, que correu o tempo, e embarcando-se em um navio, que estava fretado da condessa de Sorlinga, que iá a Inglaterra, e vinha de ver uma sua filha, que enviuvára pouco havia, sendo a viagem em poucos dias e boa, aportaram no porto de S. Micheo, qu'está duas legoas de Sorlinga, donde aquella senhora era condessa: e porque o cavalleiro da Fortuna em sua viagem recebia della muita honra, a foi acompanhando té onde estava séu assento e alli repousou aquella noite. A outro dia se partiu algum tanto contente, com lembrar-lhe que já estava em aquella parte, em que sempre se desejára, pera ver se sua fortuna era pera mais que a dos outros homens: e caminhando contra a cidade de Londres, acompanhado das lembranças da senhora Polinarda, um dia, que a calma era grande, atravessando a montanha do deserto, onde nascera, chegando a um escampado, que se nella fazia, se desceu pera refrescar co'a agoa da fonte, em que o já banharam o primeiro dia de seu nascimento, bem descuidado de cuidar no que lhe alli acontecera. Selvião tirou os freios aos cavallos, e, deixando-os pascer da erva, lhe deu de comer a elle d'alguma cousa, de que sempre andava provido. E estando ambos praticando nas aventuras daquella terra e quão singular parecia, sahiu do espesso do mato um veado, que co'a furia, que trazia, quebrava todas as ramas e troncos por onde passava, e traz elle um lião grande e temeroso: o cavallei-

ro da Fortuna, sentindo o estrondo delles, primeiro que os visse se levantou em pé, e o veado, a que o medo ensinava buscar guarida, tomou por remedio cousa contraria á sua natureza e de que outro tempo fugira, que foi chegar-se a elle, não querendo passar avante, como que alli tivera a esperança e a vida mais certa. Por certo, disse o da Fortuna, pois tu em minha ajuda confias, primeiro eu quero passar pola affronta, em que te vês, que tu por ella passes; e, arrancando da espada, esteve quedo: mas o lião se deteve, conhecendo qu'era homem, a quem todas as cousas de razão obedecem: os cavallos com medo, quebraram as prisões, fogindo polo campo, e Selvião traz elles polos tomar: nisto saiu do mato, por onde o mesmo lião viera, um homem grande de corpo, cuberto todo de pello á maneira de salvage, a barba branca crescida e mal composta, o rosto já arrugado, na mão esquerda um arco e na direita uma frecha ervada, e em torno do corpo mettidas antr'elle e uma corda, com que se singia, gram soma dellas, e arredor do braço uma trella de muitas voltas com que o lião se prendia; e em vendo o cavalleiro da Fortuna, poz na corda a frecha, que na mão trazia, e fez um tiro com que lhe passou o escudo da outra parte, e quasi as armas, se sua fortaleza não fora tal, que lho impedira. O cavalleiro da Fortuna, que conheceu que aquelle era o proprio pai, que o criára, não sabia que fizesse; porque feril-o, acabara-o mal com-

sigo, mettel-o na razão pera que o conhecesse, era necessario mais vagar, segundo o outro em tudo costumava ter pouco: e vendo que o lião perdido já o medo, que té então mostrara, com o esforço, que o salvage lhe dera, remetia a elle, deu-lhe um golpe da espada tal, que tomando-lhe as mãos ambas, que no escudo lhe lançara, lhas cortou, e o lião caiu em terra; e trazendo sempre o olho no arco do salvage, recebeu outras duas frechas no escudo; então remetendo de supito, o levou nos braços primeiro que lhe fizesse outro tiro: o salvage, que de seu natural era forçoso, trabalhava por soltar-se de suas mãos; mas não o pôde tão prestes fazer que primeiro o da Fortuna não o abrandasse com palavras, trazendo-lhe á memoria quem era, de que o salvage ficou tão contente, que, apertando-o mais comsigo, o não queria deixar: então se sentaram ambos ao pé da fonte: onde o cavalleiro da Fortuna lhe deu conta de todas suas cousas, e lhe disse como Selvião seu filho, era o que fora traz os cavallos: o salvage d'espantado, não sabia que dissesse. E na verdade, se a razão ou entendimento não fora nelle tão grosseiro, bem achara que dizer e de que se espantar; mas como sua natureza não fosse pera mais, que pera sentir o que os brutos por natural instinto alcançam, lembrava-lhe tudo o que passára e o risco que co'elle correra já aquelle cavalleiro naquelle proprio lugar, o dia de seu nascimento, estando por vezes movido pera lhe dizer tudo o

que passava, e depois, parecendo-lhe que o perderia de todo, não o quiz fazer. Assim, praticando em algumas cousas, estiveram té a noite esperando por Selvião; porem como naquella terra pera o cavalleiro da Fortuna estivessem sempre os desastres certos, lá lhe aconteceu um, com que tão prestes não pôde vir: então se partiram ambos pera a cova, onde sua mulher estava, e ella, que soube que o cavalleiro era Palmeirim, o recebeu com o amor, que dantes o criara, lançando muitas lagrimas pola saudade, que os outros lhe faziam, e o que mais pena lhe dava era Selvião, mas consolava-se com saber que o dia dantes se apartara delles e que muito cedo o podia ver. Aquella noite dormiu o cavalleiro da Fortuna em uma cama de pelles, conforme a outra, que sempre naquella casa tivera. A mulher do salvage quisera-lhe mostrar os pannos em que viera envolto o dia, que nascera, e descobrir-lhe quem era, e o salvage não o consentiu, por lhe não fazer perder a suspeita em que vivia de lhe parecer, que podia ser seu filho. Ao outro dia pola manhãa, armado e assim a pé, se despediu daquelle pai e mãi, que tanto tempo o criaram, indo descontente por se ver em tal estado e em parte, onde o cavallo lhe era tão necessario, temendo as voltas da fortuna, que muitas vezes tem o fim como teve o principio.

CAPITULO XXXII.

DO QUE FEZ O CAVALLEIRO DA FORTUNA DEPOIS QUE SAÍU DE CASA DO SALVAGE.

Partido o cavalleiro da Fortuna de casa do Salvage, andou assim a pé tanto espaço do dia, sem saber por onde caminhava, que, sendo já passado o mais delle, ouviu contra a mão esquerda bater o mar, e caminhando contra aquella parte, conheceu que aquelle era o proprio lugar onde o achou o esforçado Polendos rei de Tesalia, trazendo á memoria a mansidão delle aquelle dia, e a fermosa galé em que viéra, batendo com seus remos ao longo da praia: e lançando os olhos ao longe, contra onde naquelle tempo caminhàra, lembrou-lhe Constantinopla o amor, com que o imperador Palmeirim o recebera, e como de sua mão o déra á fermosa Polinarda. Fez-lhe isto tão grande saudade, que não podendo dissimular comsigo mesmo a paixão, que lhe esta lembrança fazia, subiu-se em um penedo alto, que mais ao fundo d'agoa estava, porque d'alli via o mar mais ao longe: alli as suas ondas mais bravas que em outro lugar batiam, mas elle tudo lhe parecia manso em comparação de seu pesar. Assim esteve tanto revolvendo em si seu cuidado, que com elle adormeceu: porem o somno não era tão descansado que

o deixasse repousar; antes acordando com um sobresalto grande, como quem em seu coração suspeitava alguma afronta, olhou a uma e outra parte e não viu ninguem comsigo, senão o mar mais manso do que sohia, e ao redor de si outro de lagrimas que seus olhos fizeram, por onde conheceu que té no somno o seu cuidado não dormia. Depois virando-se contra terra, viu mettido no espesso do matto, um batel grande cuberto de rama, e chegando-se a elle por ver se estava alguem dentro, achou dous homens: um delles, que houve dó delle, polo vêr tão mancebo e sem cavallo, começou ao aconselhar que se fosse. Nisto chegaram quatro piões armados de piastrões e alabardas que impediram a pratica, e traziam antre si outro homem preso, e sendo mais perto, o cavalleiro da Fortuna conheceu que era Selvião seu escudeiro, e vendo-o tão mal tratado, não podendo encubrir o pesar que disso sentia, se chegou a ellés, rogando-lhes que o soltassem: mas um dos quatro lançou tambem mão delle dizendo: agora buscai quem solte a vós, que est'outro a bom recado está. O cavalleiro da Fortuna se desenvolveu delles, dando ao primeiro uma punhada nos peitos, que foi de tanta força, que o estirou no campo: e, arrancando da espada, feriu os outros, que o faziam a elle, de tal sorte, que em pequeno espaço fez tal estrago nelles, que os desbaratou de todo: e cortando a Selvião as cordas, com que o traziam atado, perguntou-lhe que desastre fôra o porque

assim o prenderam. Selvião, que lhe pareceu que ainda allí não estava seguro, disse: Senhor, vamo-nos d'aqui, que polo caminho vos contarei o que passa. Primeiro o quero eu saber, disse o da Fortuna, pera depois determinar o que devo fazer. Mas inda lho não começava a contar, quando viram vir dous homens com dous cavallos a destro, e traz elles em cima de outro murzello grande, um gigante de grandeza desmedida, armado d'armas brancas e fortes, sem nenhuma louçainha, no escudo em campo sanguinho, e tres cabeças de gigantes, em sinal de outros trez, que vencera, e matára em batalha de um por um. Isto era o que receava, disse Selvião, mas pois vós vos não quizestes ir, agora sabereis desse diabo, mais do que vos eu podera dizer. O cavalleiro da Fortuna, que aquelle era o primeiro que em toda sua vida vira, temeu algum tanto, mas não pera que deixasse de fazer o que devia. O gigante vendo o gran destroço dos seus houve tamanha menencoria, que arrancando da espada, que trazia na cinta, fóra da ordem e medida das outras, remetteu de supito, cuidando de o atropelar: mas elle se desviou, e alcançando-o com a sua por uma perna acima do joelho, lhe fez tão grande ferida, que cortou muita parte della. O gigante, que a não sentiu com a furia, que levava, virou outra vez com outro golpe, e tomando-o no escudo foi tal, que a metade delle fez vir ao chão, e o cavallo com a força que levava, embicou na raiz de uma arvo-

re e deu com o gigante no chão tamanha quéda, que o da Fortuna cuidou que o matára. Porem Camboldão, que este era o seu nome, que em outras maiores affrontas se já vira, levantou-se o melhor que pôde, posto que a ferida, que recebera na coxa, lhe estorvava não o poder fazer á sua vontade. Assim se andaram ferindo de mui duros golpes; e posto que os do gigante fossem com grau força, os que recebia eram dados a tão bom tempo, que faziam muito mais damno que os seus, de que andava tão furioso e menencorio quanto o nunca fora em nenhum tempo. O da Fortuna se sabia guardar tão bem, que lhe fazia perder todo seu trabalho, e em galardão de seus golpes, lhe dava outros tão certos, que o campo estava tinto de seu sangue. O gigante vendo que suá braveza não lhe aproveitava, remetteu ao da Fortuna, cuidando leval-o nos braços, e antre elles o espedaçar: mas não foi assim, que elle o atalhou com uma ferida per antre os dedos da mão direita, tal, que lha fendeu com alguma parte do braço. A este tempo, o gigante de desesperado começou blasfemar com vozes altas e taes, que per um espaço andaram retumbando nas concavidades que o mar fazia; e querendo ferir com a outra mão, teve tão pouco geito nella, que nenhum golpe dava, que fizesse damno: por onde o da Fortuna se chegava mais sem receio, fazendo-lhe tamanhas feridas e per tantas partes, que o fez vir a terra, e como fosse pesado e grande, pare-

ceu que caía uma torre. E vendo-o morto, e tanto a seu salvo, que nenhuma ferida lhe ficára, pôz os joelhos no chão, rendendo as graças daquella mercê a quem de tal perigo o livrara. Os homens, que estavam com os cavallos, acabada a batalha vieram-se a elle, pedindo que os não matasse por serem da companhia de tão mau homem; pois mais por força, que de vontade o faziam. O da Fortuna que não tinha tal lembrança, lhe mostrou outro gasalhado bem fora do que delle esperavam, rogando-lhes que lhe dissessem o nome e vida do gigante. Este gigante, respondeu um delles, se chamava Camboldão de Murzela, senhor do Castello de Pena Broca; foi muito cruel, teve outro irmão por nome Calfurneo, que vivia na costa d'Irlanda, e porque lhe deram novas que um cavalleiro d'armas verdes e no escudo em campo branco um salvage com dous liões por uma trela o matára em batalha, partiu-se do seu castello com proposito de matar quanta gente achasse em vinguança da morte de seu irmão; e porque o vento o arribou neste lugar deixou o navio em que veio, traz aquella ponta que o mar faz, e saiu em terra por vêr se acharia alguem em que satisfizesse parte de sua paixão: e hoje, recolhendo-se já achou esse escudeiro, que vós emparastes, que andava traz estes cavallos, que nós aqui temos, a que mandou prender. Agora vêde o que quereis fazer de nós. Queria se vós quizerdes, disse o da Fortuna que vos presentasseis de minha parte al rei de

Inglaterra, e lhe desseis novas da morte deste Camboldão, com que sei que folgará muito polos desserviços que lhe já tem feitos. Quem diremos, disseram elles, que é o que lhe fez tamanho serviço? O cavalleiro da Fortuna, disse elle; que inda meu nome não é outro. Então se despediram; e, pondo-se elle a cavallo, começaram de caminhar elle e Selvião, não lhe dando conta do que passára com o Salvage, por não ser causa de se deterem mais em tornar a vel-o: antes caminharam contra a parte onde ouviam dizer que a perdição de todos acontecia, que dalli era mui perto, não receiando o perigo a que ia, porque seu proposito era virtuoso; que esta qualidade tem a virtude, todolos trabalhos estimar pouco e os vicios muito menos.

CAPITULO XXXIII.

COMO O CAVALLEIRO DA FORTUNA ENCONTROU COM DALIARTE DO VALLE ESCURO, E PERDEU O SEU ESCUDO DA PALMA.

JÁ atraz se disse, como no tempo que o cavalleiro da Fortuna saiu de Constantinopla a primeira vez, Selvião lhe trazia o escudo da palma, que Daliarte lhe mandou, mettido em uma funda de panno, por não ser conhecido por elle, guardando-o pera alguma grande necessidade, se nella se visse: mas depois que a batalha d'antre o

gigante Camboldão de Murzella se acabou, o cavalleiro da Fortuna attentou polo escudo, porque o outro fôra todo desfeito, e aquella terra havia mister as armas em dobro, segundo nella as aventuras differentes das outras succediam: e vendo Selvião sem elle o teve a máo signal, parecendo-lhe que o não perdera sem algum mysterio. Selvião lhe disse: Senhor, além de té agora me não dar o tempo lugar de vos dizer o que passa, receava tambem a paixão que podieis receber. Hontem antes que o Gigante, que matastes me prendesse, sendo já á vista delle, atravessou por meio da floresta donde eu ía, uma donzella em cima de um palafrem branco, e chegando a mim, lançou mão das correias do escudo, dizendo: Selvião, deixa-mo levar antes que esse diabo, que ahi vem, o tome; que seria maior perda do que cuidas: e eu o tornarei a teu senhor no tempo em que mais o ha de haver mister. Eu, porque vi que ella me sabia o nome, e o gigante vinha já mui perto, crendo que nisso vos servia mais, que em tomar-mo elle, o larguei, e a donzella desappareceu tão prestes, que não soube julgar pera que parte fôra. O da Fortuna espantado do que Selvião lhe disse, por serem cousas a que não entendia o fim, se deixou ir cuidando n'isto e em outras cousas, que lhe então occorriam á memoria; mas Selvião lhe cortou o fio deste pensamento, dizendo: Senhor, vós ouvis o que eu ouço? Que é o que tu ouves, disse o da Fortuna, que eu não vou tal que alguma cousa

sinta? Grande roido d'armas, disse Selvião, contra aquella parte das arvores altas, e não póde ser senão que alguma batalha se faz junto dellas. O cavalleiro da Fortuna, virando as redeas ao cavallo, tomou um galope apressado pera ir vêr se era assim, e chegando onde a batalha se fazia, viu quatro cavalleiros a pé envoltos na braveza della, dous de cada banda: e posto que as armas estavam já desfeitas, que nellas não se podia enxergar nada, ainda no pedaço do escudo de um delles parecia a cabeça de um touro branco, que era devisa de Pompides filho de D. Duardos: dos outros nunca pôde conhecer nenhum, posto que todos lhe pareceram taes, que duvidava haver quem lhes fizesse vantagem: e rogando-lhes que o quizessem ouvir, se apartaram assim por descançar, como por lhe fazer a vontade. Senhores, disse o da Fortuna, vejo-vos tão maltratados das feridas, que nesta batalha recebestes, e a bondade e esforço de todos tão igual nella, que hei medo que seja pera mais damno. Peço-vos, se a razão sobre que a fazeis é tal que a possais escusar, o façaes por amor de mim, e ahi fica tempo em que vol-o depois possa servir. E' sobre tão pequena cousa, disse um delles, que não está em mais deixarmol-a, que em confessar esse cavalleiro do Touro, pera que busca outro porque nos perguntou. Isso não sabereis vós de mim, disse o do Touro, senão depois que minhas forças poderem mal defender esta vontade. Com isto se tornaram a juntar com tamanha ira, como se de novo começaram a batalha,

ferindo-se de maneira, que em pequeno espaço desfizeram as armas, andando tão vivos e esforçados, como se tiveram todas suas forças inteiras. Ao cavalleiro da Fortuna pesava tanto vêr morrer aquelles homens, como se fôra cada um delles: mas vontades ou opiniões de mancebos, quem as poderá forçar! cada um trazia muitas feridas, e o desejo aceso pera receber outras sobre ellas. O cavalleiro da Fortuna, desesperado de os poder apartar, esteve-os vendo de fóra: e posto que todos fossem estremados, um que trazia armas de branco sem outra mistura, parecia que o era mais, assim na soltura com que pelejava, como no saber ferir; mas comtudo nem este estava tal, que se esperasse sair d'alli senão segundo os outros. E já então as armas eram tão desfeitas, que nenhum golpe se podia dar, que fosse de pouco damno, posto que d'outra parte as espadas andavam tão botas, que isto os fazia de menos perigo. O cavalleiro da Fortuna se metteu antre elles, pedindo-lhes que deixassem sua contenda, pois era sobre cousa que se podia bem escusar: e nem isto pode acabar com elles; porque a ira que os então senhoreava, lhe não deixava conhecer a razão, ou o que lhes mais era necessario. A este tempo se cobriu o ar de uma nevoa espessa e negra, antre a qual se perderam de vista uns dos outros, soando por antre ella os golpes, que, ao parecer dos ouvidos, se davam com mais furia que os primeiros. A escuridão foi tamanha, e tamanho o temor, que cada um teve de ferir seu companheiro, que os fez deixar a ba-

talha, caindo no chão tão sem acordo, como quem por força de encantamento estava roubado de todo o juizo e sentido natural; e prestes começou de abrir a nevoa. E o cavalleiro da Fortuna viu polo ar levar os corpos delles mettidos em uma tumba grande posta sobre uma carreta, que quatro cavallos pretos guiavam, e não sabendo determinar cousa tão espantosa e nova, chegou-se aos escudeiros, que traz os cavallos polo campo andavam chorando, pera saber delles quem eram; e sabendo que um era Platir filho de Primalião, e os outros Floramão principe de Sardenha, Pompides e Blandidom, e que a differença da batalha fôra sobre elle, ficou muito triste, e tornava a si a culpa de a deixar ir tão ávante; porém consolava-se com crer que, quem assim os levava e em tal tempo lhe acudira, não seria pera os desamparar de todo. Um dos escudeiros, a que perguntou pola razão daquella differença, lhe disse: Platir meu senhor, que é o que vistes que trazia as armas brancas, saíu da côrte do imperador seu avô em companhia do principe Floramão, ha poucos dias, com proposito de vir a esta Gram-Bretanha a provar sua ventura nas aventuras della, e ver-se com o cavalleiro da Fortuna, a que ambos buscavam, que são seus amigos, e ver suas cavallarias, de que agora polo mundo tão grandemente fallam. Hoje, sendo o segundo dia, que nesta terra entraram, aquelles outros dous cavalleiros, depois de se salvarem, um, que trazia o touro branco no escudo, lhes perguntou polo ca-

valleiro da Fortuna, se lhe dariam novas delle; e sobre quererem saber pera que o perguntava, houveram a batalha, que vistes, em que vão ja mortos ou acerca; e nós ficamos sem senhores, e sem saber que façamos de nós com tão máo recado, como delles podemos dar. O da Fortuna os esteve consolando, aconselhando-lhes que se fossem a Londres; porque, sendo seus senhores vivos, tarde ou cedo haviam de vir alli ter. E deixando-os contentes de suas palavras e da vontade, com que lhas dissera, tomou seu caminho pera onde d'antes ía. Não andou muito por elle, quando polo mesmo caminho viu vir um homem vestido a guisa de monteiro, com sua buzina ao collo, na cinta um manchil, em cima de um cavallo grande e magro, dizendo em voz alta, o rosto alegre e risonho; Já agora, Palmeirim de Inglaterra, se chegam os dias, em que tuas obras farão escurecer todalas dos outros passados, e esta Gram-Bretanha será restituida no contentamento perdido, que todo este tempo teve. Não te espantes saber-te o nome, porque de ti e de tuas cousas sei mais do que tu podes saber. O cavalleiro da Fortuna teve em muito ouvir-se nomear em terra tão estranha, e desviada de sua criação: e suspeitando que aquelle podia ser Daliarte do Valle Escuro, duvidava polo ver tão mancebo, que de tão poucos dias não se esperava tamanhas obras. Daliarte, que entendeu sua suspeita, lhe disse: Senhor Palmeirim, desejo tanto servir-vos, que vos quero tirar da duvida em que

vos vejo. Sabei que eu sou Daliarte vosso servidor, e posto que de vossas cousas vos saberia dar boa razão, não quero fazel-o, porque d'aqui a vós o saberdes hão de passar poucos dias, e será em outros, donde recebaes dobrado gosto e contentamento do que agora podeis sentir. Não quero, senhor Daliarte, disse o da Fortuna, saber mais de vós, que o que vós mesmo quizerdes; que bem creio, que quem todo este tempo me fez mercê em minhas cousas, d'aqui por diante não se esquecerá nas que estão por vir. Assim praticando nestas cousas e outras de seu gosto, o levou té seu apousentamento, que estava mettido em um valle, da sorte que se já disse. Mas depois que foram dentro, e o cavalleiro da Fortuna viu a maneira delle, não lhe pareceu que no mundo podesse haver cousa de mór primor. Alli esteve alguns dias, que Daliarte o deteve, e soube como Platir e os outros cavalleiros da Floresta sararam das feridas, e que estavam de sua mão curando-se, pera cedo serem em Londres, de que ficou mais contente que d'antes: que a imaginação do em que os víra, o fazia viver triste. Assim esteve naquella casa té que Daliarte o deixou ir, passando tempo em praticas e exercicios singulares, que de sua conversação procediam, esperando tirar algum fructo d'isso. Por onde não é pouco de estimar as conversações virtuosas e de homens sabios, pois ellas e companhias singulares fazem claros e virtuosos quem as usa; e as outras, além de botarem o engenho e juizo d'alma, corrompem com

vicios os costumes corporaes, pera maior nodoa ou infamia de seus donos.

CAPITULO XXXIV.

COMO O CAVALLEIRO DO SALVAGE VEIO Á CORTE D'INGLATERRA, E DO QUE MAIS LHE ACONTECEU.

O esforçado cavalleiro do Salvage, de que ha muito que se não fallou, depois que deixou pacificas senhoras as tres irmãas, filhas do marquez de Beltamor, assim dos seus castellos, como do outro, que ganhara a Calfurnio, partiu-se caminho da Gram-Bretanha, com tenção de se provar na aventura d'ella; e porque elle não queria ser dos derradeiros, que se nella achassem, deu tamanha pressa em suas jornadas, que em poucos dias aportou em Inglaterra, levando outras armas feitas de novo da sorte das que dantes trazia. Assim seguiu a via de Londres pera ir ver el-rei e Flerida, sem cuidar que podia haver alguem, que lhe estorvasse seu caminho. Mas naquelles dias não eram tão pouco povoadas as estradas e florestas de cavalleiros andantes e donzellas fermosas, aventuras e desastres, que ninguem podesse caminhar seguro, como cuidava. Assim aconteceu que um dia já tarde, sendo meia legua da cidade de Londres, viu vir uma donzella contra si em um palafrem ruço, descabella-

da, as roupas mal compostas, a côr mudada, como que d'algum grando medo ou temor vinha trespassada, enchendo a floresta com gritos, trazendo já a voz rouca e cansada, qu'era sinal de ter dados muitos e serem nascidos de coüsa, que muito doía; a qual, tanto que o viu, se chegou a elle, dizendo: Peço-vos, senhor cavalleiro, polo que deveis á ordem da cavallaria, que me empareis d'um máo homem que per força quer roubar minha honra. O do Salvage vendo que o outro vinha traz ella armado de todas peças, saíu a recebel-o, dizendo: Mal empregadas sejam em vós as armas, pois as trazeis pera co'ellas defender mulheres, ellas são offendidas de vós. Senhor, não vos engane essa má, disse o outro, que não é como cuidaes. Todavia o do Salvage se poz diante, dizendo: Primeiro vós havereis batalha comigo, que a donzella receba damno. Pois assim quereis, disse o outro, fal-o-hei, ainda que contra minha vontade. Então se arredaram o que lhes pareceu necessario, remettendo co'as lanças baixas, porem erraram os encontros; mas á segunda carreira o cavalleiro veio ao chão, e o do Salvage perdeu os estribos e esteve pera caír. O outro se levantou co'a espada na mão, o do Salvage se desceu por se combater co'elle a pé, e ambos começaram a batalha mais perigosa do que cada um esperava, e não andáram muito nella, quando a propria donzella tornou, trazendo comsigo dous cavalleiros, a que mostrou o do Salvage, dizendo: Senhores, aquelle é o que me ma-

tou meu pai, e agora mata meu irmão, como vêdes: peço-vos que me vingueis delle. Um dos dous se desceu a pé, e porque viu ao que a donzella chamava irmão, já maltratado, metteu-se no meio, dizendo contra o do Salvage: Comigo, comigo, D. traidor, o haveis de haver, e não com quem não pode defender-se. O do Salvage, que assim se viu nomear, tendo-se por livre de tal nome, e de tal infamia, houve tamanha menencoria, que co'a ira que daquellas palavras recebeu, não póde responder-lhe, e remettendo a elle, cuidou de o ferir em descuberto do escudo; mas o com que antes fazia batalha, recebeu o golpe no escudo, dizendo: Acabai primeiro comigo o que começaste, que depois grande é o dia pera o fazerdes com outrem, e virou-se pera o cavalleiro, que se mettera no meio e disse-lhe: Arredai-vos a fora, que não quero vossa ajuda em quanto me posso defender. O outro o fez, porque lhe pareceu cousa feia dous a um. Mas o do Salvage, que em estremo desejava ver-se co'elle em batalha, deu tanta pressa na primeira, que em pequeno espaço tratou tão mal o com que a fazia, que por força o fez vir ao chão; e não tanto a seu salvo, que deixasse de ficar tão maltratado, como se esperava, das mãos de com quem se combatera. O segundo, como tivesse a inclinação virtuosa e animo grande e generoso, vendo-o algum tanto cansado, e co'as armas desfeitas e rotas por alguns lugares, lhe disse: Vejo-vos tão mal tratado, que, polo que

vos convem, não queria haver batalha comvosco; pois a honra, que se já agora pode alcançar, será mui pouca. Mas o do Salvage, que nestes tempos sabia mal temperar sua colera, lhe resrespondeu com um golpe por cima do escudo tal, que lho fendeu até o meio, dizendo: Fazei o que poderdes, que eu vos mostrarei que inda assim, como estou, me sobejam forças pera vós. O outro, que tambem não se estimava pouco, vendo quão mal lhe agradecia o dò, que havia de suas feridas, começou de o ferir sem piedade. E posto qu'esta batalha foi temerosa e durou muito, bem sentia elle em suas armas e carnes, que contra o do Salvage se não podia sustêr. O seu companheiro que inda estava a cavallo, estimava tanto a valentia do do Salvage, que naquella hora lhe não pareciam nada todolos outro homens. Pois tornando a elles, andaram tanto em sua porfia, ferindo-se de mui duros golpes, que o cavalleiro começou a enfraquecer, não podendo sustêr-se contra os de seu contrario, que eram taes, que todalas armas trazia desfeitas e as carnes por alguns lugares maltratadas. O de cavallo, que viu seu companheiro em tal estado, temendo que se a batalha chegasse ao cabo, o do Salvage o mataria, segundo sentira as palavras, que lhe dissera, se desceu e chegando-se a elle, lhe disse: Já, senhor cavalleiro, deveis d'estar bem satisfeito de vossa ira, pera qu'esta differença não vá mais avante; pois nisso se aventura a vida de cada um de vós ou d'ambos juntos, que seria

maior perda do que se podia receber com deixar della Por certo, disse o do Salvage, isso não farei eu, se elle primeiro não se desdisser do que disse ,. ou se render em minhas mãos; e se não , ellas serão o verdadeiro castigo de suas palavras. Se vós , disse o outro , não quizerdes deixar a batalha por meu rogo, será força haverde-la comigo, e eu o não queria, polo que a vós cumpre : pois vossa disposição mais necessidade tem de repouso , que de trabalho: e qualquer mal que vos viesse é mal empregado em vós. Não hajaes dó de mim, disse o do Salvage, que eu hei de acabar o que comecei, ou elle fará o que eu digo: e se m'o vós defenderdes, inda estou pera gastar comvosco neste officio tudo o que do dia fica por passar. Mas estando nestas razões o cavalleiro, com quem fazia a batalha, cahiu no chão, não se podendo suster pola falta do sangue, que lhe saíra de uma ferida, que reabəra na garganta, de que seu companheiro ficou tão triste, que occupado de dôr e sentimento , esquecido dos cumprimentos , em que antes estava , sem dizer outra cousa, remetteu ao do Salvage, com preposito de vingar nelle a morte do outro. Porem não achou a resistencia tão fraca, qu'em pequeno tempo deixasse de ser posto em tamanho temor de ser vencido , como té li tivera esperança de ser vencedor. E comtudo , o do Salvage estava tão maltratado das mãos dos outros , e este era tão bom cavalleiro, que ambos morreriam naquella batalha, se por alli não acertara de vir el-rei

de Inglaterra, que sahindo aquelle dia á caça de falcões, fóra do exercicio, em que gastava os outros dias d'atrás, veio ter contra aquella parte onde andavam combatendo-se. E vendo a braveza da batalha e o fraco estado em qu'estavam, e o esforço com que ambos se combatiam, houve por mal empregada a morte de qualquer delles, e metteu-se no meio rogando-lhes, que a deixassem se era por cousa, que o podessem fazer. Elles se desviaram, vendo que era elrei, contentes de se verem fora de tamanho receio, e da justa escusa, que tiveram pera deixar a batalha. O do Salvage maltratado, como estava, tirou o elmo pera beijar as mãos al rei. Elle, que o conheceu, o levou nos braços, fazendo lhe tamanho gasalhado, como a homem a que então queria maior bem, que a todolos do mundo; assim pola criação de sua casa, como porque a natureza o obrigava a isso. O outro fez outro tanto. Elrei conhecendo, que era Graciano Principe de França, que já outra vez o vira, se desceu do cavallo, recebendo-o com tanto amor e cortesia, como se devia a tal pessoa: e não sabendo porque razão antr'elles fora aquella differença, perguntou a Graciano, quem eram os outros, que jaziam no chão. Senhor, disse elle: este, que aqui está mais perto, em cuja companhia eu vim, é Francião filho delrei Polendos de Thesalia, e uma donzella irmãa daquell'outro morto; que alli jaz nos trouxe aqui, dizendo que este cavalleiro lhe matára seu pai por traição, e agora mata-

va seu irmão; que nos pedia que a vingassemos. Francião, vendo já em má disposição o irmão da donzella, quizera defendel-o; mas elle que era bom cavalleiro, o não quiz consentir em quanto esteve pera se deffender: e este cavalleiro de vossa alteza fez tanto em armas, que o venceu a elle e depois a Francião, e agora trazia a mim no estado, que vistes. O cavalleiro do Salvage, espantado do que ouviu, disse contra elrei. A donzella, que este cavalleiro diz, pera vossa alteza saber o que passa, vinha fugindo daquelle a que chamava irmão pedindo-me que a valesse, porque a queria deshonrar, e depois que nos viu em batalha, foi buscar os outros pera fazer o que fez. Elrei maravilhado da subtileza de sua maldade, mandou tirar o elmo a Francião, que logo tornou em si: assim fizeram ao outro por vêr se era morto, e não era; porque tanto de affrontado, como de ferido caira: e vendo que era Polinardo, filho do imperador Trineo, teve mais de que se espantar; e mandando buscar andas a Londres, em que o levassem a elle e a Francião, não se quiz ir dalli té que vieram: e polo caminho foi perguntando a Polinardo a razão porque vieram atraz a donzella quando o do Salvage lha defendeu. Senhor, disse Polinardo, aquella deve ser a mais má mulher do mundo; porque por amor della cuido que são mortos Onistaldo e Dramiante seu irmão, filhos del rei Recindos de Hespanha, a que fez haver batalha um com outro, que, por trazerem as ar-

mas trocadas não se conheceram. E quiz Deus que cheguei onde a faziam, porem a tempo que se não podiam bulir: e porque os conhecia ambos, espantado de tamanha crueza, me meti no meio e os apartei, que depois de se conhecerem caíram um pera uma parte, e outro pera outra quasi mortos. E eu indo traz a donzella pera a tomar, e saber porque o fizera, se me salvou com ordenar o mais que depois succedeu. Elrei, não podendo encubrir a paixão, que lhe daquellas cousas nascia, com lhe parecer, que sua desventura o causava, mandou logo saber d'Onistaldo e Dramiante se eram mortos, pera lhe dar sepultura conforme a suas pessoas; e acharam que os levaram dalli uns frades do mosteiro da Clara Victoria, pera os curarem: onde, inda que as feridas que receberam, foram grandes, em poucos dias tiveram remedio Este mosteiro é um, que elrei Amadis mandou fazer junto de Fenusa, onde levaram a sua ossada depois de morto, no tempo, que senhoreava a Grãa-Bretanha, por memoria dos reis que alli venceu. Pois tornando á historia, elrei mandou em busca da donzella, e nunca poderam achar nem descubrir, que Eutropa, que a mandava, a sabia guardar. Assim chegaram a Londres, onde aquelles principes foram apousentados e curados com tanto resguardo como a suas feridas convinha. O cavalleiro do Salvage foi levado ao apousentamento onde antes sohia pousar, sendo cada dia visitado de Flerida, a quem suas feridas doiam, como quem advinha-

ra o muito parentesco, que antre ambos havia. Elrei tambem o acompanhava o mais do tempo, assim polo ver, como por ouvir suas cousas que tão assinadas antre os outros homens eram; mas com elle nunca se póde acabar, que nenhuma lhe dissesse, crendo que assaz detrimento é o famoso louvar suas obras, nem deslouvar as alheias.

CAPITULO XXXV.

COMO DALIARTE MANDOU CURAR PLATIR E OS OUTROS CAVALLEIROS: E O DA FORTUNA SE DESPEDIU DELLE.

Diz a historia, que ao tempo, que o cavalleiro da Fortuna achou em batalha Platir e Floramão com Pompides e Blandidão sobre a razão, que se já disse, o famoso sabio Daliarte, vendo o preço daquelles cavalleiros, e o perigo, sem remedio, em que estavam, e o muito que na vida de cada um se aventurava, ordenou por sua arte uma nuvem cerrada, em que elle mesmo veio. E cobrindo-os com ella, os encantou com palavras de sorte, que sem nenhum acordo foram mettidos na tumba, que dentro na nuvem vinha, a que quatro cavallos guiavam, e dahi levados a sua casa, foram lançados em leitos, que pera isso estavam ordenados, e curados de suas feridas com mór deligencia do que em outra parte o poderam ser, sem aquelles dias saber de que mão tal socorro lhes viera, nem lhes lembrava da batalha, cuja fosse a victoria, nem o estado em que a deixaram. Platir e Floramão esta-

vam em uma casa e os outros dous em outra, e todos visitados com igual remedio, segundo a cada um convinha. Posto que esta boa obra não quiz Daliarte, que soubessem donde lhes viera, por não lhe dizer o seu nome. Nem o cavalleiro da Fortuna pode saber delle o lugar donde os tinha, ainda que da esperança de sua saude e boa disposição fosse sempre certificado. E sendo já em estado de poderem caminhar, não sabiam como o podessem fazer: que se achavam desapercebidos de armas e cavallos, que as que d'antes traziam perderam na batalha, em que se elles tambem perderam. E com este cuidado occupavam seus leitos dormindo com menos repouso do que d'antes costumavam. Uma noite, que Daliarte pera isso ordenara, adormecêram de sorte, que perdido todo o juizo, não lhe ficou algum com que podessem sentir que os levavam fôra de suas camas. E já que a manhãa esclarecia, e se foi gastando o peso de tamanho somno, acharam-se todos quatro, dous a uma parte e dous a outra, deitados no proprio lugar onde foram levados, quando andavam na batalha, sem ver ao redor de si outra cousa senão pedaços d'armas, troços de lanças, rachas de escudos, com algumas mostras das devisas, que nelles traziam: e a lugares as ervas do campo tintas de seu sangue. Punham uns os olhos nos outros e depois cada um em si: e cheios de admiração e espanto de tantas novidades, estiveram algum espaço despendendo o tempo nesta imaginação. Por certo, disse Floramão, as cousas desta terra não são como as das

outras terras. Aqui foi nossa batalha e d'aqui fomos levados sem saber o fim que houve, e segundo, senhor Platir, me parece, estes cavalleiros, que aqui estão, são os que comnosco a houveram; e eu crêra, segundo o que vejo, que, quem aqui nos tornou, o fez pera que a acabassemos, se vira que nos deixára armas, com que o podessemos fazer; mas nós estamos sem ellas e sem cavallos, em que possamos caminhar: assim que não sei que tenção foi a sua de quem nos aqui poz. Platir disse aos outros: Se de nossas cousas sabeis, senhores, mais que nós, peço-vos que o digais, pera ficarmos fora do pensamento, em que nos ellas poseram. Tão máo recado vos saberemos dar, disse Pompides, que se primeiro o não perguntareis, eu vol'o quizera perguntar. Então se chegaram uns aos outros, e esquecendo o odio, com que se alli a primeira vez juntaram, trataram-se de outra sorte, especialmente depois que se souberam os nomes, que cada um era tão conhecido polo seu, como suas obras o faz'a ser, que, quando são boas, são pregoeiras da fama de quem as obra. E estando neste cuidado do que deviam fazer, atravessou polo mesmo valle uma donzella mais feia que fermosa, em cima d'um palafrem baio, vestida de negro, e o semblante de rosto triste. Chegando a elles, teve a redea ao palafrem, e depois de olhar pequeno espaço, disse: Parece-me, senhores, segundo a mostra de vossas pessoas, que deveis ser cavalleiros e perdestes as armas por alguma aventura, o que não é de espantar, pois nesta terra ha

tantas. Senhora, disse Blandidão, seria cousa tão larga dizer-vos como as perdemos, que hei medo que faleça o tempo de que homem tem necessidade pera as ir buscar. Se vós, senhores, disse ella, quizesseis outorgar-me um dom, que não seria injusto, eu vos serviria com outros cavallos e armas tão boas, como as que já perdestes. Inda que o serviço que de nós quereis, disse Floramão, vos não fizessemos mais que por ser mulher, seria bem empregado, quanto mais merecendo-o primeiro com tamanha mercê e em tempo tão necessaria: assim que eu da minha parte volo outorgo, e estes senhores cuido que tambem o farão. Todos consentiram no que Floramão dissera. E ella se despediu delles, fazendo logo volta, trazendo comsigo quatro escudeiros, e cada um diante si um lio: e outros quatro homens de pé com quatro cavallos a destro, todos de uma grandeza e côr, tal que se não podia fazer differença de um a outro. Se vós, senhores, disse a donzella, cumpris comigo como o eu faço comvosco, não terei de que m'agravar. E mandando desliar os lios e tirar as armas, que vinham dentro, que eram muito louçãas e todas d'uma sorte, as presentou: e porque em outra parte se dirá a maneira dellas e devisas dos escudos, se não diz aqui. Cada um tomou as que primeiro pôde: e armando-se vieram-lhe tão justas e bem feitas, como se pera elles se fizeram. Ora, senhores, disse a donzella, depois de serem armados, cumpre que tres ou quatro jornadas me acompanheis, porque no fim dellas pode ser que com vossa ajuda repou-

sem meus pensamentos: e estes escudeiros vos serviram em lugar dos que antes trazieis. Assim começaram caminhar em companhia da donzella. Deixa a historia de fallar delles até seu tempo e torna ao cavalleiro da Fortuna, que estava em casa de Daliarte, onde passou alguns dias a seu gosto, assim porque sempre lhe fallava em seus amores, como aquelle a que nada era secreto, como porque soube muitas cousas, que o faziam menos triste do que te então vivera: inda que antre estas nunca lhe quiz descobrir cujo filho era, pola razão, que se já disse em outro capitulo. E vendo, que havia muito que em sua companhia estava, determinou partir-se. E Daliarte, que sabia sua tenção, lhe disse que o devia fazer pela necessidade, que de sua pessoa naquella terra havia. E deu umas armas a Selvião taes como as primeiras de pardo e abrolhos d'ouro por ellas, e seu escudo e devisa da fortuna como o outro. Um dia pola manhãa se despediu delle, pedindo-lhe Daliarte que o trouxesse na memoria onde quer que fosse; porque lá o acharia sempre comsigo pera o servir. O da Fortuna lhe teve em mercê a vontade, de que tal offerecimento nascia. Pondo-se no caminho de Londres com desejo d'ir ver aquella tão antiga cidade e nobre corte, de que já tanta fama houvera polo mundo, aos tres dias de suas jornadas foi ter a casa d'um cavalleiro ancião, que pousava na estrada duas leguas da cidade, onde passou a noite por repousar dos trabalhos do dia, recebendo muito gasalhado do hospede, que assim o costumava

com todolos cavalleiros andantes. Acabada a ceia, estando ambos praticando em cousas do tempo, entrou pola porta uma dona de meia idade, trazia comsigo um donzel, que a acompanhava, e perguntando se lhe dariam pousada, o senhor della, que nunca a negara a ninguem, a mandou apousentar segundo seu costume, offerecendo-lhe tudo o necessario. Ella lhe agradeceu sua vontade com as melhores palavras, que pode, sentando-se junto com a mulher do cavalleiro, que era dona de boa conversação. O da Fortuna, parecendo-lhe que alguma dôr grande a faria cansada é triste, lhe perguntou se trazia algum descontentamento, que muito sentisse; porque seu rosto dava mostras disso. A dona poz os olhos nelle, e vendo traz suas costas pendurado seu escudo com a deviza da fortuna tão temida em todo mundo, se lançou a seus pés com muitas lagrimas, dizendo: Senhor, agora cuido que minha ventura, enfadada de quantos males me tem feito, me quer favorecer em tamanha necessidade, pois aqui fui achar o maior remedio, que nella podia ter. Eu, Senhor, tive um filho mancebo e muito bom cavalleiro, côm que cuidáva descansar os dias, que ainda tenho por passar. Quiz minha desaventura, que se namorou d'uma donzella fermosa com que antes andava d'amores outro cavalleiro, e vendo que meu filho em poucos dias valeu mais com ella, ou alcançou mais que elle, quiz matal-o por sua pessoa e sahiu-lhe ao revez; que meu filho o tratou mal na batalha, e o outro se lhe rendeu com medo da morte. E por-

que sentiu muito aquella dôr, antes de muitos dias trouxe comsigo outro cavalleiro, que traz as armas verdes e no escudo em campo branco um Salvagem com dous liões por uma trella. E fazendo-o pôr em campo com meu filho, não lhe valeu querer-se render, depois que não pode pelejar, antes sem nenhuma piedade lhe cortou a cabeça e o entregou a seu contrario. Este cavalleiro é tão temido de todos por sua valentia, que nunca achei quem ousasse combater-se com elle e vingar-me de tamanho mal: determinei buscar-vos a vós, porque me dizem que só em vossas mãos está certa a vingança, que eu espero. E posto que vos nunca vi, bem vejo, que a devisa do vosso escudo me diz que sois vós o famoso cavalleiro da Fortuna, que polo mundo tão altamente se nomeia. Elle, que se ouvia louvar, não sendo de sua condicção, antes que mais dissesse lhe atalhou, dizendo: Senhora honrada, hei tamanho dó dessas lagrimas e palavras descontentes, que soltais, que me fazem crer que as não direis sem causa. E posto que em mim não haja, o que vos dizem, eu vos outorgo minha pessoa pera vingança da vossa, se o cavalleiro do Salvagem está em parte, que possa ser: e cumprirei duas vontades, essa, que trazeis, e a que eu trago ha muitos dias, que é ver-me com elle em batalha, por outra differença, em que nos já vimos. Senhor, disse a dona, o cavalleiro está em Londres, onde ainda o deixei com tamanha fama, que fallam nelle por milagre: porem isto lhe encarecia tanto polo fazer mais desejar ver-se já com o outro em

campo. Pois assim é, respondeu elle, á manhãa vamos lá, e eu o mandarei desafiar por este meu escudeiro, e se poder vingarei a vós e satisfarei a mim. Bem se parece, disse a dona, que as cousas, que de vos se dizem, não são em vão; pois nessa pessoa e armas está tão certo o soccorro daquelles, que o hão mister. O hospede sabendo ser aquelle o cavalleiro da Fortuna, se teve por bem ditoso d'o ter em sua casa, e lhe pediu perdão de o não servir ou agasalhar como elle me recia, dizendo, que a honra daquelle dia tomava por satisfação do serviço que a todolos cavalleiros andantes fizera: e esteve contando muitos feitos sinalados do cavalleiro do Salvagem, que mais acendiam o da Fortuna e lhe faziam desejar o dia pera acabar o que tanto desejava. Com este cuidado se foi deitar e com elle se levantou antes que a manhãa esclarecesse. A dona, que tambem não dormia, se ergueu, e tomando licença do hospede, se partiram caminho da gram cidade de Londres, onde chegaram a tempo que o sol sahia, e os seus raios batiam nas altas torres e singulares edeficios de que estava nobrecida. O da Fortuna se deteve em um oiteiro alto, onde toda parecia, olhando a maneira della, esperando polas horas, que lhe pareceu que elrei poderia ser levantado, passando pola memoria os grandes feitos, famosas façanhas, temerosos acontecimentos, que se já antigamente alli aconteceram, desejando que alguns, que os remedassem, passassem por elle; que isto é o pera que prestam imaginações e historias antigas,

obrigar os homens a usar virtude, e a inveja dellas os incitar a grandes obras.

CAPITULO XXXVI.

COMO O CAVALLEIRO DA FORTUNA ENTROU EM LONDRES, E O QUE PASSOU ANTRE ELLE E O CAVALLEIRO DO SALVAGE.

Um domingo pola manhã era quando o cavalleiro da Fortuna chegou á cidade de Londres, onde naquelles dias estava toda ou a maior parte da cavallaria do mundo. E porque lhe pareceu que antes de jantar não podia haver batalha, foi-se a uma ermida que ahi perto estava: onde, depois de ouvir missa, andou olhando as antigualhas da casa, que com quanto estavam gastadas do tempo, eram tão notaveis, que nellas se parecia que já alli estivera algum templo populoso e grande. E antre algumas cousas que achou de notar, foi uma sepultura de pedra, lavrada de obra tão subtil, que lhe pareceu merecedora e digna de se fazer memoria della em toda a parte; mas os lavores de que era feita de gastados do tempo se não podiam enxergar. Tinha umas letras gregas em roda tão mortas, que não pode ler dellas mais que uma pequena parte, em que dizia Arbão rei do Norgales: então lhe lembrou que a sepultura ficára do tempo do famoso rei Lisuarte senhor da Gram-Bretanha: e perguntando ao ermitão se aquel-

la casa fôra maior, lhe disse: Quando eu pera ella vim, que ha trinta e quatro annos, era como agora; e porém sempre ouvi affirmar que no tempo que os infieis entraram este reino, a derrubaram de todo: e alli contra a parte da mão direita está outra sepultura, em que jaz D. Grumedão alferes d'el-rei Lisuarte, pegada com a de D. Guilão o Cuidador. Essa quero ver eu, disse o da Fortuna, porque em homem tão namorado não se póde ver cousa má. Então se chegou pera onde as sepulturas estavam, que era junto da porta, e esteve-as vendo grande espaço, em especial a de D. Guilão, a que sempre fôra affeiçoado polo que delle ouvira. Aquellas cousas lhe trouxeram á memoria lembranças da senhora Polinarda, de quem havia muitos dias que não sabia novas nenhumas, e não podendo suster em si o cuidado, que lhe naquella hora deram, posto que nunca delle andava desoccupado, deitou-se sobre a pedra do moimento da ossada daquelle namorado Guilão o Cuidador com as mãos e rosto postas sobre elle, e alli por algum espaço esteve passando comsigo mil palavras namoradas, offerecidas a quem as não ouvia, tão mettido no desacordo das outras cousas, que o ermitão e a dona cuidaram que alguma enfermidade lhe sobreviera; mas Selvião lhe disse, que se não espantassem, que aquella era uma dôr que o atormentava, e muitas vezes lhe vinha, a que ninguem sabia dar remedio. O cavalleiro da Fortuna depois de passar por aquelle accidente, conheceu a fraqueza em que caía, e

limpando os olhos, se levantou em pé, e quiz com alegre semblante dissimular a tristeza manifesta, que nelle parecia. Selvião lhe deu o cavallo, dizendo: Senhor, lembre-vos o muito que tendes pera fazer, e com quem haveis de haver hoje batalha, não gasteis o dia em al, pois o mais delle é passado. Vamos onde quizeres, disse o da Fortuna, que mór é a em que eu me agora vi que ess'outra, com que tu me ameaças. Então, despedindo-se do ermitão, se foi contra a grande cidade de Londres, levando comsigo a dona, e antes que entrasse nella, chamou a Selvião, e dizendo-lhe o que havia de fazer, o despediu de si, esperando que tornasse com resposta do que lhe mandára. Selvião chegou ao paço a tempo que elrei acabava de comer acompanhado de muitos senhores, e antre elles mais chegado a elle o valentissimo Deserto cavalleiro do Salvage, que estava já são das feridas que recebêra nas batalhas que com Graciano, Francião e Polinardo houvera. Rompendo por antre a gente, chegou al rei, a que com os giolhos no chão começou dizer: Muito poderoso senhor, o cavalleiro da Fortuna, cujo eu sou, beija vossas reaes mãos. Diz que seu proposito foi sempre não vir á vossa côrte senão pera vos servir, e que agora por desfazer um aggravo a uma dona que com elle vem, lhe é forçado desafiar um cavalleiro que nesta está, a que chamam o do Salvage; pede-vos lhe deis licença pera o poder fazer, e vir seguro a sua batalha, segundo de tão excellente principe, como vós, se espera.

El-rei, que ouviu nomear ao cavalleiro da Fortuna, e estava informado de suas cousas, pesou-lhe vir com tal demanda a sua casa, e quizera impedir a licença. Porém o do Salvage, que sentiu sua tenção, se levantou, dizendo: Não é aquelle o homem, a que se nada deve negar; porque pareceria que temor de suas obras o faz. E pois isto me toca a mim, vossa alteza o mande entrar, e segurar o campo; se não eu irei em busca delle, e cumprirei seu desejo e o meu. El-rei, vendo que se não podia escusar, disse a Selvião: Amigo, dizei a vosso senhor que me peza muito vir á minha côrte, com cousa que nella possa dar desgosto; porém pois assim quer, que eu o seguro de todos, senão desse a quem busca, de que não sei que tão seguro podera estar. Selvião se despediu, e tornando a cavalgar, se foi com recado a seu senhor, que logo entrou armado de todas armas. Muitos o saíam a vêr, que a nova de sua vinda se espalhou por toda a gente, e entrando no terreiro, fez seu acatamento al rei, que estava a uma janella do apousentamento de Flerida; porque quiz que ella visse aquella batalha, pois era dos dous mais notaveis e melhores cavalleiros, que no mundo havia. Todo o campo, janellas e casas em torno do terreiro estavam tão cheias de gente, que o mais da cidade se despovoou por acudirem áquella parte. Nisto entrou o cavalleiro do Salvage, armado de suas proprias armas e devisa, tão novas que ainda o dia d'antes lhas acabaram. Vinha acompanhado com muitos cavalleiros. Argolante lhe tra-

zia a lança, D. Rosirão de la Brunda o escudo; chegando onde o da Fortuna estava, disse: Senhor cavalleiro, não sei porque me desafiastes: porém sei que pera meu gosto esta é a mór mercê que me podieis fazer. Quem tão sem piedade, disse o da Fortuna, mata quem o não merece, não se deve espantar achar quem o castigue. Esta dona se queixa de vós, cumpre que a contenteis no que quizer, senão aqui estou eu, que lhe darei a emenda, que ella ha mister, e vós mereceis. A essa dona, disse o do Salvage, nem a outra alguma que haja no mundo, não fiz nunca cousa de mim se possa queixar, mas pois a batalha ha de ser comvosco, não quero dar nenhuma razão, com que me escuse de a fazer. Ambos se arredaram o espaço necessario, e ao som de uma trombeta remeteram com toda a força, que os cavallos poderam trazer: as lanças foram feitas pedaços, os escudos falsados, e elles passaram um polo outro como pessoas, a que os encontros não tocaram. Logo tomaram outras, porque o cavalleiro da Fortuna lhe pediu que quizesse tornar a justar; e assim passaram a segunda e terceira carreira sem se derrubarem, sendo sempre os encontros dados com tanta força, que parecia impossivel poderem-se suster a elles. E arrancando das espadas começaram a ferir-se tão sem piedade como se nelles houvera alguma razão pera o fazerem, usando de maiores forças e manha cada um do que té alli nunca fizeram; por vêr que alli mais que em outras partes em que se acha-

ram, eram necessarias. Trabalhando pola victoria um do outro, porque a fama de seus feitos ficasse nelle; e este desejo e cubiça os pôz em tal estado que em pequeno espaço ficaram as armas quasi desfeitas, os cavallos de fracos, e cançados de trabalho e peso que sustinham, não podiam já comsigo; mas a viveza de seus senhores os fez descer delles. Aqui foi a batalha tão temerosa e cruel, porque se podiam melhor juntar, que elrei, e os que viam a braveza della, sabiam mal julgar qual delles tivesse a victoria mais certa, nem criam que nenhum podesse escapar, se a batalha houvesse de ter fim. Já neste tempo não havia escudo, com que se amparassem, que a força dos golpes os desfizeram em muitos pedaços, e as armas de tão pouca defensa, que á falta dellas padeciam as carnes. E porque havia grande espaço que se combatiam, arredaram-se a fóra, por cobrar forças e alento pera tornar a sua contenda. Cada um pôz os olhos em si, e vendo suas armas rotas, e tão forte imigo diante, não sabiam que esperassem, senão aquelle dia ser o derradeiro dos que tinham de vida. Pouco se detiveram que não tornassem a sua porfia, não podendo soffrer tamanho repouso. E porque já não tinham com que se amparar, feriram-se tão mortalmente, que com seu sangue começaram tingir o campo em tanta quantidade, que parecia que dentro nelles não ficava nada, de que os membros se podessem suster. Ás vezes se travavam a braços por se derrubar; provando

todas suas forças; porém tudo era em vão, antes a força que nisso punham, fazia rebentar as feridas com mòr damno do que os golpes fizeram. O dia se ia gastando, e nelles não se conhecia qual levasse o melhor. El-rei e os que de fóra estavam, diziam que alli se juntára o cume do esforço e valentia, e que aquella batalha fazia escurecer todalas passadas, assim de cavalleiros, como de temidos gigantes. Flerida, que por antre umas grades a estava vendo, não lhe podendo soffrer o coração tamanha dôr, como quem sentia aquelles golpes em si, tirou-se dellas com tanta certeza, como quem já soubera, que o sangue, que se alli vertia, fôra gerado em suas entranhas. Ambos se tornaram desviar outra vez, porque o cansaço e trabalho grande os não consentia poderem-se suster. Já então se cria que nenhum poderia escapar. O cavalleiro do Salvage; que se viu sem armas e sem escudo, e a espada mui bota e pouco cortadora, as forças tão desfallecidas e fracas, que quasi não podia menear os braços, e lhe lembrava com quão forte imigo se combatia, começou de temer a morte; mas não pera deixar de perder a vida como devia, que aos esforçados não é ella a que os tira de seu natural, dizendo antre si: Eu morro no melhor de minha idade e não me pesa por ser tão cedo, senão porque me leva em tempo que não me deixou servir el-rei nem a Flerida as mercês que me tem feitas, nem provar-me na aventura dos outros, pera onde eu guardava o fim de meus dias, ou

de minha victoria: mas pois elle aqui estava mais certo, eu farei o que puder pera que meu imigo não leve de mim honra nesta batalha tão descançadamente, que deixe de lhe custar outro tanto como a mim. O da Fortuna em quanto descançou não esteve tão livre deste cuidado, que deixasse de passar pola memoria outro tanto, lembrando-lhe sua senhora Polinarda, a quem se então soccorria em sua vontade, dizendo: Senhora, este é o tempo em que eu hei mister vossa ajuda, se me ella agora não val, já não virá outro tempo, em que depois vol-a peça. Este homem não é como os eutros homens, e por isso contra elle vosso soccorro, e minhas forças tudo se ha mester. N'isto se tornaram a juntar com amor, furia e impeto que d'antes; porém os golpes, ainda que fossem dados com ella, eram de menos damno, que as espadas tão botas, que faziam pouco: porém o que já tinham feito não era tão pouco: que quaesquer outros cavalleiros com a terça parte delle se podessem suster. El-rei, a quem aquella dôr atormentava, não o podendo soffrer, desceu ao terreiro, acompanhado de muitos senhores ancianos, com preposito de os apartar, vendo tamanho erro, seria deixar assim morrer os melhores dous cavalleiros que nunca víra. Mas a cobiça da honra póde tanto, e a razão andava tão cega antre elles, que a não quizeram seguir no que lhe elle mandava; antes perdendo a obediencia, juntaram-se tanto que com os punhos das espadas começaram torcer e abolar os elmos

por tantas partes, que o ferro se mettia polas cabeças. O sol era posto, e nelles não se conhecia ventage, mais que quanto as armas do da Fortuna estavam algum pouco mais sãas que as do outro. El-rei, que nenhum descanço nem repouso recebia em seu coração, fosse onde estava Flerida, dizendo: Senhora filha, se D. Duardos é vivo e por mão d'alguem ha de ser livre, não ha no mundo de quem homem o espere se não de um destes, que estão perto de perder as vidas. Peço-vos de mercê que os vades apartar, que por mim já o não quizeram fazer, e se não, se elles morrem, eu hei por morta a esperança, que té aqui tive d'algum bem. Flerida, que té então nunca d'uma casa, nem ninguem a vira, houve por mui grave o que lhe el-rei pedia: porém quiz-lhe fazer a vontade, e tambem porque o dó que daquelle seu sangue havia, a moveu a isso. Assim saiu ao terreiro, levando-a el-rei pola mão, acompanhada de quatro donas vestidas de negro, e ella com um habito da mesma côr de panno grosso, conforme a seu cuidado, na cabeça uma beatilha de vasso, que lhe cobria os olhos; porém tão fermosa como no tempo de sua alegria. No terreiro do paço foi tamanho alvoroço, vendo-a vir, e o espanto e reboliço da gente tão grande, que os cavalleiros se tornaram a apartar, por vêr que era. Flerida chegou a elles, e tomando o da Fortuna pola manga da loriga, disse: Peço-vos, cavalleiro, se em algum tempo por alguma dona, tão maltratada da fortuna como eu, ha-

veis de fazer alguma cousa, que seja deixardes esta batalha, pois nella não se ganha senão o risco, em que vossa vida e a dess'outro cavalleiro está posta. O da Fortuna poz os olhos nella, e pareceu-lhe tão natural com sua senhora Polinarda, que não soube se cuidasse que era aquella: e pondo os giolhos em terra, disse: Senhora, esta foi a batalha que mais desejei acabar que todalas do mundo; agora a deixo, pois nisso vos sirvo, e a honra della seja desse cavalleiro, que tambem a merece. Essa não quero eu, disse o do Salvage, senão quando por mim a ganhar: e se vós desejastes acabal-a, confesso-vos que tambem desejei o mesmo; mas pois fazeis a que a senhora Flerida manda, mal poderei eu fazer o contrario, que sou seu, e lho devo de obrigação. Flerida lh'a agradeceu suas palavras, tornando-se pera cima, sem saber que não era aquella a primeira vez que de sua mão receberam a vida. El-rei os quizera mandar levar a seu apousentamento; mas o da Fortuna, que viu junto comsigo o hospede que tivera a noite passada, que viera ver a batalha, rogou-lhe que o levasse pera sua casa, não querendo acceitar d'el-rei aquella mercê, que estava corrido de lhe perder a vergonha no que lhe pedia. O hospede o levou a casa de um seu amigo; e apertando-lhe as feridas, mettipo em umas andas, se foram pera sua casa, onde foi curado por mão de uma sua filha, que sabia muito na arte de cirurgia; e da dona que alli o trouxe não souberam mais onde se escon-

dêra, antes affirmaram alguns que no meio da batalha desapparecêra. O cavalleiro do Salvage foi levado a seu apousentamento, é curado com mais resguardo que nunca; porque então, mais que nunca, tambem era necessario. El-rei e todolos de sua casa ficaram tristes polo da Fortuna não querer ficar nella. Aqui deixa a historia de fallar nelles, e torna aos outros da côrte do imperador, que naquella demanda andavam, cada um experimentando sua fortuna, confiando em suas mostras, que té li foram a seu gosto: mas isto não devia ser assim, porque quando ella é maior, então se deve ter em menos, ou haver-lhe maior medo.

CAPITULO XXXVII.

EM QUE DIZ QUEM ERA A DONA, QUE Á CORTE TROUXE O CAVALLEIRO DA FORTUNA: E DO QUE PASSARAM ALGUNS CAVALLEIROS, QUE ESTAVAM NA CORTE D'INGLATERRA.

Escreve-se nas chronicas antigas d'Inglaterra, donde esta historia foi tirada, que Eutropa, a gran sabedora, tia do gigante Dramusiando, depois que viu na fortaleza de seu sobrinho mettidos tantos cavalleiros, que quasi não cabiam, temendo-se que os que ficavam podessem ainda vir fazer algum damno, ordenou como uns a outros se matassem, pera que depois de alguns se-

rem presos, e outra parte mortos, e o mundo despovoado delles, o fizesse saber aos senhores pagãos, crendo que então com pouco trabalho, poderiam vir senhorear toda a chfistandade, segundo depois fez. E pera seu desejo vir a melhor effeito, mandou algumas donzellas espertas em sua maldade, repartidas por aquelle reino, ordenar batalhas antre os cavalleiros que achavam, com que muitas vezes chegavam ao fio da morte. A uma destas foi a que ordenou do cavalleiro do Salvage com Polinarda, quando vinha traz ella, e assim fizera haver outra a Onistaldo e Dramiante seu irmão, ordenando todo o mais, que já em outro capitulo disse. E a outra, que deu as armas e cavallos a Platir e seus companheiros e os levou comsigo. Tambem foi dellas a dona, que fez pelejar ao da Fortuna e o do Salvage. E porque era pessoa, em cujo saber e astucia Eutropa muito confiava, lhe deu cuidado de tamanha empreza, e ella o ordenou da sorte que vistes. Deixando agora a elles té seu tempo, torna aos cavalleiros andantes que na corte delrei Fradique estavam, que, passado o dia daquella temerosa batalha, logo ao outro se despediram com tenção de seguir suas aventuras, apartando-se cada um por onde melhor lhe pareceu; e seguindo todavia a rota onde lhe diziam que a torre do gigante estava. Alguns trocavam as armas, outros as devisas polos não conhecerem por ellas. Assim que então muitos amigos se encontravam, que primeiro que se conhecessem se tra-

tavam tão mal, que algumas vezes eram postas as vidas em risco de se perder. E porque seria largo de contar dizer o que cada um per si passou, o não faço, pois como já disse atraz, seria gastar o papel em obras alheias, e deixar as de quem o livro tem o nome. Porém porque uma batalha, em que os mais delles juntamente se acharam, é das principaes e mais famosas cousas, que naquelle tempo succederam, dir-se-ha aqui a maneira della; que deixar de o fazer seria erro. Assim aconteceu que as donzellas, que Eutropa trazia por aquelle reino, usando cada uma de sua subtileza, e do que lhe era mandado, umas per uma parte, e outras per outra ajuntaram todolos cavalleiros mancebos de casa do imperador, que naquella terra andavam, pedindo-lhe com lagrimas fingidas cousas, que pareciam justas, pera se não poderem escusar de as fazer; e ajuntando-os em um dia certo naquelle grande campo, que diante da torre de Dramusiando estava, onde assim da banda de abaixo, como da de cima tinham tendas ao longo do rio, repartidas em duas partes á maneira d'arraiaes, de um ao outro haveria dous tiros de bésta; e alli se recolhiam todos os cavalleiros, que alli chegavam, os que vinham pola banda de baixo nas de baixo, e os da outra parte nas de cima: assim que da uma se acharam o principe Graciano, Onistaldo, e Dramiante, Vasiliardo, Frisol, Luymão de Borgonha, Dirdem, filho de Mayortes, Francião, Polinardo, Tremorão e Claribalte d'Ungria, Fla-

miano e Esmeraldo o fermoso. Da outra parte o principe Beroldo, D. Rosuel, Belisarte, Goarim, Estrelante, Germão d'Orliens, Tenebror, Platir, Pompides, Floramão e Crespião de Macedonia, Blandidon, Rocandor. E posto que os de uma banda não sabião quem eram os da outra, estavam todos tão contentes e confiados de se acharem assim juntos, que cada uns cuidavam que a outra parte seria mais fraca; porem não sabiam que dissessem a não lhe discubrirem o pera que alli foram trazidos. Estando neste cuidado, abriram as portas da torre, e sairam della duas donas, a uma acompanhada como pessoa de preço, a outra só sem mais companhia que um pequeno donzel. Esta se foi contra as tendas de baixo, a outra as de cima, e chegando onde estava Graciano com os outros principes e cavalleiros, recebida delles com a cortezia de que lhes pareceu merecedora, e assentados todos debaixo de uma arvore, que antre as tendas estava; a dona lhe propoz uma falla forjada de muito tempo, com palavras tão cheias d'engano, quanto as mostras eram ao contrario, dizendo: Senhores, a fama de vossas cousas é tão espalhada polo mundo, que só o tom della basta pera não deixar obrar mal áquelles, que o tem por officio. Assim que quem com esta cuidava fazer temor a seus imigos, muito melhor o podera fazer com as proprias pessoas, de quem ella nasce. Eu, senhores, sou uma dona, senhora deste castello, que já em outro tempo vivi alegre e com menos dôr da que agora te-

nho : quiz a minha ventura , que tendo grande patrimonio tive uma só filha, que o pode herdar, e esta , pera mais meu damno , fez a natureza tão perfeita de todalas cousas, que pode dar, que assim os que a conhecem, como os outros, que suas cousas ouvem , se poem em grande perigo pola servir : pedindo-ma em casamento muitos homens, a que eu a não ouso dar pola differença, que sei que com outros sobre isso hão de ter. Agora um vesinho meu, cujas são aquellas tendas , que vêdes , gran senhor , soberbo e mui confiado em sua valentia e esforço , com ajuda de seus parentes e aliados , sabendo que estava concertado casal-a , ajuntando-se com elles , se assentou sobre este meu castello , com voto de se não levantar dalli té lha dar por mulher, ou a tomar a quem quer, que a levar quizesse. E, porque sei que estas forças ninguem mas póde desfazer, senão quem outras mores desfaz, que sois vós, ordenei mandar estas minhas donzellas, que vos aqui trouxera , pera que , contando-vos meu mal, vos doesseis delle: e agora, querendo escusar o muito, que disto pode nascer, mandei-lhe dizer por aquella outra dona , que vistes, que comigo saiu da fortaleza , que quizessem deixar seu preposito, pois era escusado , o que cuido, que não farão segundo já nisso estão endurecidos. Por isso , o que daqui , senhores , vos peço é que assim como vossas pessoas e armas estão certas pera soccorro de todos aquelles, que vol-o pedem, me valham a mim em ta-

manha semrazão como me querem fazer. Tanto que a dona acabou sua falla, poseram os olhos uns nos outros esperando que cada um desse a resposta, e Graciano, como mais principal, se levantou em pé, vendo que assim o esperavam delle, dizendo: Posto que antre estes cavalleiros, dona honrada, eu seja o que menos valha e menos possa, como homem que sei o que cada um tem na vontade, responderei por elles e por mim. Vossa pessoa e apparencia é tão cheia de boas mostras, que se não pode esperar della senão que em tudo falle verdade, e por isso crêmos que o que dizeis será assim. A força que esse homem vos quer fazer é tamanha, que seria erro passar sem emenda. E porque a estes senhores parece bem que elle a haja, elles e eu vos offerecemos nossas pessoas pera satisfação de vossa vontade: pois o trabalho que com as armas se toma, só pera estes tempos se sofre. A dona lhe agradeceu aquellas palavras com outras compostas de sua industria, mistnradas com lagrimas fingidas. Nisto chegou a outra, que fora ter com os outros, dizendo: Senhora, aquelle imigo de vossa honra e amigo de seu damno, não quer outro concerto senão batalha, afirmando que vos ha de mostrar quão fraco soccorro tendes. Onistaldo, que em estremo era acelerado, se levantou dizendo: Já quizera que nos viramos nella, pera que suas soberbas foram castigadas melhor do que cuidam. Tão perto estamos disso segundo me parece, disse Vasiliardo, que hei medo que essa

vossa furia, senhor Onistaldo, seja pera mór mal seu. Francião quizera que logo os foram desafiar. Mas a dona o impediu, dizendo que queria outra vez mandar a elles, e se se não chegassem a concerto algum, que ella o faria; porem que se armassem e estivessem prestes. E fallando com a outra á parte a tornou a enviar; e porque da primeira vez, que lá fora, lhe dissera que pois aquelles cavalleiros do arraial debaixo queriam por força tomar aquelle castello áquella dona sua senhora, cujo era, os fizera alli vir, e que ella fora pedir-lhe quizessem que sobre isso houvesse algum concerto e não batalha, pera que sobre cousa tão injusta se não perdessem mais vidas; e quando não, que lhe pedia que não consentissem qne tão sem culpa lhe tomassem o seu. O principe Floramão lhe disse: Dona, ainda que nosso officio seja desfazer aggravos e não consentir forças, e mais a mulheres, elle assim mesmo nos defende que primeiro que commettamos alguma cousa saibamos a razão porque o fazemos, se é justa ou injusta. E porque esta vossa demanda não sei com que causa a poderemos tomar, e a victoria as mais das vezes está nella, é forçado que primeiro se saiba se vossas palavras são cheias de verdade, ou se de outra cousa. Mas a donzella, que lhe a elle e Pompides, Blandidon, e Platir deu as armas e cavallos no valle onde houveram a batalha quando os achou a pé, e lhe prometteram o dom, que hi estava presente, disse: Cavalleiro, lembre-vos que no

tempo que vós, e vossos companheiros houvestes mister meu soccorro, não busquei escusa pera vol-o fazer. Essa dona vos falla verdade em tudo, e este é o dom, que vos eu então pedî: por isso cumpri-o agora, como eu cumpri com vosco quando tinheis necessidade. Senhoras, disse Platir, já creio que de taes pessoas não se pode receber engano: vede se esses cavalleiros querem arredar-se de seus prepositos, senão cumpra-se o pera que aqui viemos; e se estes senhores não quizerem, eu por mim vos offereço a minha pessoa. Quem quereis vós, senhor Platir, disse Beroldo principe d'Hespanha, que veja a vossa nesse risco, que queira ter a sua fóra delle. Por isso, dona, fazei o que o senhor Platir vos diz, que nós todos faremos o que melhor vos parecer. E fingindo que tornava a saber o que se passava, tornou segunda vez tão cheia de lagrimas como dalli se fora sem ellas, dizendo: Senhores, ja agora tendes mais razão pera fazer a batalha do que té aqui tivestes; porque aquelles cavalleiros não contentes de sua damnada determinação, agora vendo a minha senhora antre si a prenderam, com juramento de a não soltar, té que de todo lhe entregue a força, e a mim deixaram livre pera vol-o vir dizer; fazendovos saber que já ficam tomando armas pera a batalha se sobre isso a quizesseis haver. Como os corações dos mancebos qualquer cousa os move, sem outra deliberação, á maior pressa que cada um pode, começaram armar-se e sellar cavallos;

e os d'um arraial, vendo a presteza dos do outro, com a maior que todos podiam se aparelhavam, sem saber o mui junto parentesco e larga conversação, e sobre tudo aquella tão perfeita e singular amizade, que antre elles havia. Antes naquella hora os amigos contra os amigos, parentes contra parentes, irmãos contra irmãos, estavam tão indignados, que já dalli não outra cousa se esperava, senão a morte de todos ou muitos delles. Esta é uma assaz clara razão por onde todos aquelles, que tem claro juizo, devem arredar-se de pessoas, que com bem ordenadas palavras, e apraziveis lisonjarias os tratam, pois é certo que delles nenhum outro fruito se recebe senão aquella primeira mostra. E debaixo daquelle contentativo engano vêde que se tira, e achareis que não al senão perigos sem remedio, e damnos, que não tem cura, como nesta historia se pode vêr. Posto que pera nós ella é bem escusada, pois o tempo d'agora faz melhor esperiencia, especialmente nos senhores, antre quem o engano da lisonjaria tem tamanho preço, que, quem melhor a usa, mais tem. Engano tão manifesto não devia ser tão mal conhecido, nem valer a verdade tão pouco, que quem mais a costuma, menos vale; e a mentira ter tanto preço, que leva o galardão de tudo.

CAPITULO XXXVIII.

DA CRUEL BATALHA, QUE ESTES CAVALLEIROS PASSARAM E DO FIM QUE HOUVE.

Assim como as donas tiveram bem tecido seu engano, todos os cavalleiros, que nas tendas estavam, assim os d'uma parte, como da outra, foram armados e postos a cavallo: e porque as armas que traziam tinham trocadas do que sohiam, por não se conhecerem por ellas, se dirá aqui a maneira de cada um, porque de homens tão sinalados não fique nada por dizer. O principe Graciano estava armado de verde e branco a quarteirões, cubertas as armas de folhagem das mesmas côres: e no escudo em campo um lião pardo. Onistaldo trazia outras de negro, feitas de folhas d'aço a maneira d'escamas de invenção nova: no escudo em campo azul uns mares de prata. Dramiante, seu irmão, sahiu da mesma sorte, porque ambos as mandaram fazer juntamente, senão quanto no escudo trazia um ceu estrellado. Vasiliardo sahiu de verde com liões d'ouro miudos, e no escudo em campo verde uma aguia com as unhas envoltas em sangue. Francião sahiu armado d'armas de fogos, e no escudo em campo negro umas chamas ardendo tão naturaes, que parecia algum fogo artificial, com que se elle não queimava. Dirdem veio assim mesmo com outras armas de negro e amarello e grifos pardos por

ellas, e no escudo em campo sanguino a torre de Babilonia muito bem tirada polo natural. Polinardo tirou outras d'amarello com muitas esperas espedaçadas por ellas: no escudo trazia em campo da mesma côr outro pedaço d'espera, como homem que já perdera a esperança de tudo. Esta devisa costumava trazer assim, porque não pôde vencer Floramão quando se combateu com elle por amor de Polinarda. Frisol sahiu armado de roxo com visagras de preto: no escudo em campo dourado um lião rompente. Tremorão trazia as suas de encarnado e pelicanos de prata: no escudo em campo indio um idolo com um arco e frechas nas mãos. Luimão de Borgonha, Claribalte d'Ungria tiraram armas brancas: no escudo em campo verde medronhos d'ouro. Flamiano, Esmeraldo o fermoso, sahiram com outras de morado e roxo e pintasirgos de muitas côres, e nos escudos em campo branco umas nuvens cerradas. Pois os da outra banda, que tambem eram de tanto preço, como elles, e de que se deve fazer menção, sahiram mui gentis homens. Beroldo tirou armas de negro e lagrimas de prata, de que as mesmas armas vinham cubertas, no escudo em campo negro um corpo espedaçado. D. Rofuel e Belisarte, seu irmão, traziam outras de verde e encarnado, a maneira de xadrez, cravadas com malmequeres de branco e amarello, e nos escudos em campo azul umas luas mingoadas. Estrelante tirou as suas de pardo sem nenhuma louçainha: no escudo em campo branco uma onça tão grande, que o occupava todo. Tenebror trazia outras de verde com

papoulas d'ouro: no escudo em campo indio o Yllion de Troya. Goarim sahiu de armas brancas a maneira de novel: no escudo em campo roxo um pavão tão fermoso, como o são de seu natural. Rocandor e Crespião de Macedonia sahiram ambos d'uma sorte, com armas e devisas, que dantes acostumavam. Germão d'Orlians se armou de folhas d'aço tão fortes, como pera aquella terra eram necessarias: no escudo em campo de prata o vulto d'uma mulher, dos peitos acima tirada polo natural da fermosa Florenda, filha d'elrei de França seu senhor, com quem andava d'amores e em cujo favor esperava d'entrar na aventura da Gram-Bretanha. Platir, Floramão, Pompides e Blandidom, a quem a donzella de Eutropa deu as armas, como se já disse, vieram todos d'uma maneira em cavallos ruços pombos manchados de negro, e as manchas em lugares, que lhe davam muita graça: as armas tambem de negro e cisnes brancos por ellas: os elmos dourados, e em cada um dos escudos em campo amarello a fragoa de Vulcano com suas chamas acesas, tão naturaes, que davam receio a quem as via de ousar chegar a ellas. E sendo todos no campo a cavallo com as armas e devisa, que se disse, seu passo a passo se vieram chegando, tendo em muito os de cada parte a riqueza das armas de seus contrarios. E porque sempre quando o tempo do derradeiro perigo se achega, acontece que a confiança se resolve em temor, começaram uns aos outros temerse com mais receio, do que té li tiveram. E sendo tão chegados quanto parecia necessario pera os en-

contros, com as lanças baixas pondo as pernas aos cavallos com muito impeto remetteram juntamente, e encontrando-se em cheio assim das lanças como dos corpos e cavallos, foi o estrondo tão grande, como se cahira uma rocha. D'uma parte e outra e vieram todos ao chão, uns com a força do encontro, outros por a fraqueza dos cavallos: somente Platir, Beroldo e Polinardo, que por ajudar melhor seus companheiros se desceram muito prestes dos seus. E postos todos a pé, arrancando com furia das espadas, os escudos embaraçados, todos a um tempo começaram antre si a mais cruel e temerosa batalha, que no mundo se podera ver. Andando tão vivos e acesos nella, combatendo-se com tamanho acordo, ardideza e desenvoltura, como se podera esperar delles mesmos, se da outra gente foram conhecidos: sem conhecer-se vantagem de nenhuma das partes, nem em nenhuma dellas fraqueza, porque todos de muito excellentes se não podia fazer differença qual o fosse mais. O rachar dos escudos foi de maneira, que em pequeno espaço se semeou o campo delles. Aquellas fermosas sobrevistas e singulares devisas, armas de tanto preço, de que os mais vinham cubertos, foram tão prestes desfeitas, que já se não sabia enxergar a louçainha dellas, antes estavam tão tintas de sangue, que se não podia crêr, que algum tempo foram de outra côr. O retinir dos golpes era tamanho, que por todalas partes de aquelle valle soava, com tamanho estrondo, como se todo elle se fundira. O principe Beroldo, que antr'elles andava

um dos mais assinalados, juntou-se com Onistaldo seu irmão, que da outra parte fazia maravilhas: travando-se ambos a braços trabalhavam por se derrubar, provando todas suas forças. Aqui foi a pressa tão grande de cada parte, por acudirem cada uns ao seu, que se começou de renovar a batalha com maior força e dureza de golpes, do que té li fizeram. E porque já co'as espadas faziam menos damno do que queriam, travaram-se uns com os outros e todos obravam tão valentemente, que não havia então alguem que cuidasse, que naquelle tempo fazia menos do que devia. O Gigante Dramusiando, a que Eutropa dera conta de tudo, estava posto entre as ameas do seu castello vendo a braveza da batalha e julgando comsigo mesmo, que naquelles homens se encerrava a maior parte da valentia do mundo. E vendo quam acerca de todos estavam de morrer por tamanho engano, como sua tia lhe fizera; muitas vezes lhe disse que por alguma arte o desviasse, porque sua condicção era nobre; mas a della tanto de revés, que nunca o quiz fazer. D. Duardos, Primalião, Polendos, Belear, Recindos, Arnedos, o principe Vernao e Belagris e os outros prisioneiros, que dentro na fortaleza estavam, quando viram tamanho ajuntamento de cavalleiros, sem saber porque fora a crueza com que se tratavam, e aspera peleja em que andavam, não sabiam que cuidassem, nem conheciam quem podessem ser. Posto que dentro em si cada um suspeitava o quinhão, que nelles podia ter. Este receio os fazia haver tamanha dôr, que sentiam aquellas feridas co-

mo se fossem suas proprias. Por certo, disse D. Duardos, eu vi muitas batalhas de notaveis cavalleiros, mas não me lembra que visse outra igual a esta. Eu estou tão espantado, disse Primalião, que não sei o que cuide: porque agora me parece, que todalas cousas, que d'antes sohia ter em muito, se devem estimar pouco em comparação desta. Assim estavam todos louvando sua valentia e sentindo tamanha perda: porque daquelles cavalleiros não se esperava senão a morte, conforme as suas feridas e a braveza, com que andavam. Elles andaram em sua porfia por mais de uma hora, combatendo-se de tal sorte, que no cabo não havia armas pera se cobrirem nem forças pera pelejarem; mas seus espiritos eram tão grandes, que emprestavam forças aos membros pera se poderem suster. Neste tempo Graciano com D. Rofuel, Dramiante com Belisarte, Beroldo com Vasiliardo, e assim uns com os outros, se travaram a braços, cuidando que por aquella via mais prestes se vencessem: e, porque já estavam no derradeiro extremo de suas forças, não consentiu o gram sabio Daliarte, que alli perto vivia, sentissem a quem desfaleciam primeiro, nem que Eutropa podesse triunfar de tamanha vitoria. Antes acudindo contra aquella parte, entrou no campo á maneira de velho anciano, em cima d'uma serpe temerosa e grande com verga de fogo na mão, e tocando com ella em terra cahiram tão sem acordo, que nenhum delles o teve pera sentir nenhuma cousa. Feito isto se foi contra o castello, lançando a serpe pola boca e ventas tão gram quantidade de

fumo negro e espesso, que todo o ar foi congelado delle, de feição, que nada se podia ver assim dentro na fortaleza como fóra della, senão algumas chamas vivas que ás vezes por antre o fumo sahiam com tamanha furia, que parecia que tudo queimavão quanto se lhe punha diante. Por gram maravilha tiveram todos isto, e muito mais Eutropa, aquem estas cousas pareciam de tanto espanto, como quem co'ellas achava trespassadas as forças de seu saber. Nisto se começou a gastar a nevoa e descubrir o campo, ficando tão despejado, que nenhuma cousa se achou nelle, senão aquelles cavalleiros com os rostos em terra, ao parecer de quem os via mais mortos que de outra sorte. O Gigante Dramusiando vendo-se desembaraçado dos outros medos, sahiu fora acompanhado de seus prisioneiros, de cujas fés se fiava, como se já disse; e mandando levar aquelles corpos á fortaleza, foram logo desarmados pera se curarem segundo o seu costume. Porem depois que as armas foram tiradas, e elrei Recindos conheceu seus filhos, Arnedos os seus, Polendos a Francião, Belcar a D. Rosuel e Belisarte, Mayortes a Dridem; que Primalião deixara tão pequeno a Platir, que não o conheceu então, senão ao diante: foi a tristeza tão geral em todos, que esquecidos da que dantes sentiam, houveram aquella por tanto maior, que nenhuma cousa os fazia alegres: posto que muita della perderam depois de ser certificados polos fisicos, que as feridas não eram de perigo. Desta maneira ficaram estes cavalleiros presos em companhia de seus pais e irmãos, pra-

ticando muitas vezes na maldade da dona, depois que uns souberam dos outros tudo o que passara. O Gigante, vendo que já em seu poder estava toda ou a maior parte dos homens, que sempre desejara, determinava cada dia ir ganhar a ilha do Lago sem fundo, sem nunca lhe dar conta de seu proposito. Em quanto não fazia, tratava-os com o amor e verdade, que dantes costumara, cuidando que com isso melhor que por outra via ganharia sua amizade, couza que estimava muito, parecendo-lhe que antes com amigos que tesouro, pessoa e patria se defende, se a amizade é tal, que a nenhum interesse tem respeito.

CAPITULO XXXIX.

DO QUE FEZ EUTROPA DEPOIS DA PRISÃO DOS CAVALLEIROS, E COMO VEIO O CAVALLEIRO DO SALVAGE A' TORRE.

Depois que a gram sabedora Eutropa fez o que ouvistes, que ella foi a dona que ordenou a batalha antre aquelles valentes e tão preciados cavalleiros, e viu presas as pessoas de que se mais temia ou podia temer, e a christandade posta em tamanha falta, quiz ordenar outro mór mal do que té então fizera. Que sabendo que o soldão Oloriqúe marido d'Alchiana, a grande amiga de Palmeirim, era morto, e que delle ficára um filho já cavalleiro mui esforçado, tão dado ás ar-

mas, e affeiçoado á guerra, que o seu animo não socegava senão quando nas cousas della o trazia occupado, e que era tão imigo de christãos, e desejoso de os destruir, quanto seu pai fôra ao contrario: ordenou escrever-lhe uma carta, na qual lhe trouxé á memoria a antiga amizade, que seus avós e antecessores tiveram com os imperaradores de Grecia, as grandes perdas e damnos, que delles receberam sempre; lembrando-lhe tambem as mortes d'alguns principes seus antepassados diante dos muros daquella famosa Constantinopla; e que estas cousas não tão sómente haviam de fazer magoa nos corações daquelles a que tanto tocavam, mas acender sempre o desejo pera a vingança delles: e pois sua idade era pera isso, e seu animo tal, que não das pequenas emprezas se contentava, que olhasse a grande, que então se aparelhava pera em pouco espaço ser senhor do mundo; pois pera o ganhar não lhe fallecia mais que pôl-o em obra, quizesse com todo seu poder vir sobre Constantinopla, pois que os seus muros já não tinham outro amparo senão aquelle velho imperador, a que a idade e o tempo pozera em tal estado, que não podia soffrer as armas; e que os defensores, que o poderiam ajudar, jaziam presos em parte onde tinham mais necessidade de soccorro do que podiam dar a outrem: e assim por conseguinte todos outros reinos estavam tão desfallecidos de seus valedores, que seria leve cousa ganhal-os. Esta carta que Eutropa mandou, foi dada ao soldão de Babylonia, e posto com ella

em tamanho alvoroço, que começou de pôr em ordem o que nella lhe aconselhava. E porque o mais que nisto fez, se dirá a seu tempo, deixa aqui a historia de fallar nelle, e torna ao cavalleiro do Salvage, que depois de ser são das feridas, que recebeu na batalha que passou em Londres, tomou licença d'el-rei e Flerida pera entrar na aventura em que todos andavam. Despedido delles, caminhou por aquelle reino sempre por onde o cavallo o queria guiar; mas como já a hora era chegada, aconteceu que aos sete dias de suas jornadas, sua fortuna o apartou no Valle da Perdição a horas de meio dia: e discorrendo por elle abaixo, não andou muito, que viu aquella torre edificada no meio do rio, e cercada d'alemos verdes, que do fundo d'agua saíam, e a altura delles tal que as ameias della ficavam á sombra das suas folhas. Muito desejoso o cavalleiro do Salvage saber cujo gracioso assento fosse, e com esta vontade chegou junto da fortaleza. Mas não tardou muito quando de dentro viu sair somma de cavalleiros armados, e antre elles gigantes de grandeza desmedida, com os rostos descobertos e a ferocidade nelles, de que natureza os dotára. Posto que elle nunca vira aquelle castello, vendo a gente qué delle saía, logo cocheceu que seria o de que se já fallava, e não sabia determinar como cavalleiros de tão ricas armas acompanhassem os gigantes, assentando em si, que se aquella era a aventura qué então buscavam, que mais certa estava alli a desaventura de todos, que a victoria de nenhum. E porque viu

que um dos cavalleiros se apercebia de justa, tomando uma lança nas mãos e enlazando o elmo, encommendou suas cousas á fortuna, e pôz as pernas ao cavallo, remetendo contra o esforçado rei Recindos, que era o que já o esperava. Porque aquelle dia o Gigante Dramusiando saiu á caça acompanhado delle e de D. Duardos, Primalião e Arnedos, e os seus dous bravos Gigantes vieram tambem té fóra da ponte, que d'alli nunca passavam sem expresso mandado de Dramusiando, antes ficavam sempre por guarda da torre. Como vissem vir ao cavalleiro do Salvage, detiveram-se todos esperando que D. Duardos justasse, segundo o costume: mas Recindos, que depois que alli entrára nunca vestira armas, senão aquelle dia, pediu a primeira justa, e ainda que no seu tempo fosse tão nomeado como no livro de Primalião se diz, nesta não lhe aconteceu tão bem, que do primeiro encontro deixasse de ir ao chão, cousa de que se muito maravilharam os que o bem conheciam. Arnedos, que sempre o acompanhára em tudo, enlazára o elmo, e pediu a D. Duardos que o deixasse provar sua dita, que foi tão má como a de seu primo; porque tambem do primeiro encontro o lançou fóra do cavallo. Primalião, que extremo era acelerado, não aguardou pedir licença a D. Duardos, antes quando viu seu cunhado derrubado, tomando uma lança na mão, se foi contra o do Salvage, e encontrando-se em cheio fizeram as suas em pedaços passando um polo outro. Dramusiando, que grandemente folgava de

vêr aquellas justas, mandou vir somma dellas de dentro da fortaleza, cada um tomou outra de novo, e justando segunda vez, passaram como da primeira; porém á terceira Primalião foi ao chão com a sella antre as pernas, rebentando a silha por duas ou tres partes com a força do encontro; e o do Salvage tambem não ficou no seu: mas levando as redeas na mão, tornou a cavalgar tão prestes, como se não caíra. D. Duardos vendo tamanhas obras em homem não conhecido, tomou outra lança das muitas que o gigante mandára trazer, e vendo que o outro estava já prestes com a sua na mão, remetteu a elle com tenção de vingar todos, ou passar pola vergonha delles. E como nenhum não errasse o encontro, foram de tanta força, que os cavallos caíram com seus senhores. E o de D. Duardos ficou com a espadoa direita quebrada, e não se podendo levantar, lhe tomou uma perna debaixo, de que o podéra tratar mal, se o cavalleiro do Salvage lhe não acudira, transtornando o cavallo da outra parte, dizendo: Ainda, senhor, que té hoje não recebi de ninguem outro encontro como o vosso, quero-vos fazer este serviço, porque fiqueis pera em algum tempo os poderdes dar a outrem. Por certo, disse D. Duardos, eu não sei como meu encontro vos pareceu grande, porém sei que o vosso é o maior que nunca recebi. N'isto chegou a elles o temido Pandaro armado das proprias armas, com que sempre se sohia combater, dizendo contra o cavalleiro do Salvage: pois nas justas fizestes mais

do que de vós se esperava, cumpre-vos combater comigo, que é o costume deste valle, que quem aqui entra não póde saír sem passar por elle. Se isto vos não parecer bem, rendei-vos em minhas mãos: e será pera menos perigo do que dellas podeis receber. Por mór o haveria eu, disse o cavalleiro do Salvage, que o com que tu me ameaças; pois é tanto a teu salvo e tão longe de minha condição. O gigante, que se não queria deter em razões, foi-se a elle coberto de seu escudo com sua maça na mão, e recebendo-se ambos com a vontade que cada um levava, começaram a batalha tão brava e tão cruel, que Dramusiando, D. Duardos e Primalião, que a estavam vendo, não sabiam negar a muita differença, que havia daquelle cavalleiro a todos os outros, que té então alli vieram. Porém elle, que lhe pareceu, que vencendo o gigante, lhe ficavam outras móres affrontas por passar, soube-se tão bem suster naquella, que fazia a Pandaro perder os mais dos golpes, e os seus empregava a tão bom tempo, que em pequeno espaço o trouxe á sua vontade. Mas a valentia de Pandaro sabia encobrir a fraqueza em que as feridas o punham, dando outras tão mortaes da sua maça, que o escudo do cavalleiro do Salvage estava quasi desfeito; e elle e as outras armas o foram tambem, se a ligeireza com que se defendia, o não salvára. N'isto andaram por grande espaço, ferindo-se mortalmente sem tomar nenhum descanço nem repouso. E Pandaro que com

o peso do corpo e armas já não podia suster-se, e andava tão affrontado, que não podendo menear-se, lhe caíu a maça das mãos, e elle no chão desapoderado de toda sua força, fallecendo-lhe o alento pera se poder ter em pé. O cavalleiro do Salvage, que o viu tal, lhe começou desenlazar o elmo pera lhe cortar a cabeça, e estorvou-lho Daliagão da escura cova, que sempre nestes tempos acudia com a presteza, que nelles era necessaria. O do Salvage sentindo-o tão perto, deixou Pandaro por se defender delle, e ambos começaram a segunda batalha, tão temerosa e cruel, que não se sabia julgar qual o fosse mais, se esta, se a primeira, que houvera com Pandaro, louvando-se por extremo a viveza do cavalleiro do Salvage; porque assim andava desenvolto e ligeiro, como se em todo o dia não tivera feito nada. Porém o Gigante, que viera de refresco, começou feril-o por tantas partes, que a sua ligeireza e soltura não póde impedir que em pequeno tempo em suas carnes e armas os seus golpes não fizessem muita mossa. Comtudo, os do esforçado cavalleiro do Salvage eram tambem taes, que pagavam a seu contrario os que delle recebia. Assim se começaram a tratar de maneira, que já não se esperava que nenhum podesse sair com vida. E porque contar polo meudo tudo, o que nesta batalha passou, seria enfadar aos que a lessem, o não faço; baste que durou muito, sendo pelejada d'ambas partes tão grandemente, como se póde crêr de taes homens.

E no fim o Gigante caiu aos pés do cavalleiro do Salvage sem nenhum acordo, ficando o cavalleiro do Salvage tão maltratado de suas mãos, que quasi se não podia ter. Dramusiando se chegou a elle assim a cavallo como estava com o rosto desarmado, cuidando que o matasse, dizendo: Senhor cavalleiro, é tamanha a victoria, que hoje tendes recebida, que seria bom pera ficardes de todo com ella, curardes-vos dessas feridas, que tão mal vos tratam, e escusardes os outros trabalhos, que ainda tendes por passar, com renderdes-vos a mim, que saberei usar comvosco da cortezia e honra, que mereceis: e pesar-me-hia não ser assim, que será forçado haverdes batalha comigo em tempo que vossa disposição tem mais necessidade de repouso que de trabalho. Palavras são isso, disse o do Salvage, pera um homem muito são e bem disposto a agradecer, quanto mais quem está tão maltratado como eu; mas porque tenho suspeita, que nesta fortaleza estão presos os melhores cavalleiros e mais altos principes do mundo, e que vós sois o senhor della, não queria que em tal tempo sentissem de mim tão grande fraqueza; pois não pera me render, mas pera os libertar vim aqui ter. Bem é, pois assim quereis, disse o Gigante, que vos mostre quão bom conselho vos dava, e quão vão pensamento é o vosso. N'isto enlazou o elmo, e embraçando o escudo, com sua espada na mão, posto a pé se veio contra o do Salvage, dizendo: Outro tão bom cavalleiro como vós e mais são, do que

vós estaes, quizera agora aqui, pera que meus golpes foram dados com mais gosto do que levo em os gastar comvosco: comtudo pois isto não conheceis, quero que sintaes o damno que elles fazem. O cavalleiro do Salvage não respondeu nada, antes cobrindo-se com o escudo de Daliagão que tomára, porque algum tanto estava mais são que o seu, começou de se defender de Dramusiando com mais acôrdo e ardileza do que té li fizera; porque assim alli mais que com os outros lhe era necessario, andando tão vivo, como se então entrára de novo; mas isto nem al lhe valia, que Dramusiando, além de mui esforçado e forçoso, como se em outro lugar disse, era tão manhoso em tudo, que em nada lhe fazia ninguem vantage. O cavalleiro do Salvage, que lhe lembrava que aquella era a mais alta empreza e perigosa aventura do mundo, e que, quem a acabasse, acabava o maior feito, que se nunca fizera, fazia maravilhas; e porque muitas vezes quando o desejo da victoria é grande soe emprestar forças pera se alcançar, isto, além do seu natural, o fazia tão esforçado, que verdadeiramente suas obras daquelle dia não eram como as dos outros dias; porém pera Dramusiando de tudo havia necessidade. Assim se andaram ferindo tão grande espaço, que D. Duardos e Primalião estavam fóra de si, crendo que naquellé homem se encerrava toda a alteza das armas, e os seu feitos antepassados, que haviam por mui grandes, naquella hora os julgavam ao revez Dramusian-

do e o cavalleiro do Salvage se arredaram por cobrar alento. O Gigante disse: por certo a tua valentia me faz haver maior dó de ti do que cuidei, porque emfim não durará mais, que em quanto esse teu sangue acaba de gastar se, e, se morreres, morrerá o melhor cavalleiro do mundo; rogo-te que não queiras que a batalha vá mais ávante: olha por ti, verás as armas desfeitas, as carnes tambem com ellas, e o campo tinto de teu sangue: se té qui te não quizeste render, faz o agora, porque o bom conselho antes tarde que nunca se ha de tomar. Essas razões, disse o do Salvage, merecem tão boa resposta, que, por ta não dar, quero antes tornar á batalha, que gastar o tempo nella. Logo se juntaram outra vez, e nesta segunda fizeram ambos tanto, que nenhum se podia menear. E posto que o cavalleiro do Salvage estava já de todo perdido, o Gigante era chegado a tão extrema fraqueza, que ácerca se não podia julgar qual estivesse peior, inda que na verdade o do Salvage estava mais perto da fim; mas o seu espirito incansavel e nunca vencido, encobria tudo. Primalião e D. Duardos se chegaram a elles com tenção de estorvar a batalha, por não ver morrer nella o cavalleiro do Salvage; mas nunca se pode acabar com elle: na qual andaram por grande espaço, fazendo o que podiam, que era já bem pouco. O cavalleiro do Salvage tomou a espada com ambas as mãos, crendo que aquelle seria o derradeiro golpe, que désse, porque pera mais já não havia forças nem alento;

e tomando ao Gigante em descoberto do escudo por cima do elmo, foi a pancada tão grande que quebrou a espada em muitos pedaços, e um delles entrou tanto por elle, que o feriu na cabeça, de que Dramusiando ficou alguma cousa atormentado; mas não pera deixar de o levar nos braços e o do Salvage a elle, e assim vieram ambos juntos ao chão sem saber claramente quem fosse vencedor. E como já fosse noite, quando acabaram a batalha, e Daliarte, que alli sobreveio, a fizesse por sua arte mais escura do que era de seu natural, o cavalleiro do Salvage foi levado do campo sem ninguem vêr como, e o Gigante ficou estirado nelle, porém ainda em seu acordo. A presumpção da verdade é, que o do Salvage ia de todo fóra do seu. Dramusiando foi levado á fortaleza, e curado por Eutropa sua tia, que então de ninguem se fiava. E porque lhe pareceu que nos dias, que assim estivesse, aquelles cavalleiros seus prisioneiros quereriam fazer alguma mudança fóra da fé, que lhe sempre guardaram, os metteu sem sentirem como em uma casa grande, que caía sobre o rio, forte em extremo, sem mais serventia que uma janella de grades por onde lhe davam o necessario. Alli os teve té que Dramusiando e os seus gigantes foram sãos, que os tirou della, pesando-lhe de sua tia os tratar assim, que de confiado em sua verdade cria que em todo lugar e tempo a usariam com elle. Que não está em razão que quem pera com seus imigos tem palavras e obras virtuosas se lhe paguem com ingratidões, senão

quando os que a recebem tem as condições desviadas da virtude.

CAPITULO XL.

DO QUE PASSOU O CAVALLEIRO DA FORTUNA DEPOIS QUE FOI SÃO DAS FERIDAS, QUE RECEBEU NA CIDADE DE LONDRES, QUANDO SE COMBATEU COM O VALENTE CAVALLEIRO DO SALVAGE.

Muito ha que do famoso cavalleiro da Fortuna se não fallou. Diz a historia que esteve em casa do seu hospede curando-se das feridas, que recebeu em Londres, tantos dias té que se achou em disposição de poder caminhar, e despedindo-se delle e da dona sua mulher, se partiu armado d'armas feitas de novo, que Selvião lhe mandára fazer em Londres, co'a mesma devisa da Fortuna como as que dantes trazia. Caminhando sempre contra onde lhe parecia que a fortaleza do gigante Dramusiando podia estar. Assim andou muitos dias sem achar aventura, que do contar seja, na fim das quaes o tomou a noite ao pé d'uma montanha alta: junto della ia um valle, que co'a escuridão da noite se encobria a frescura delle. Onde estava uma tenda, armada com lume de tochas, e chegando-se mais por ver o que seria, dentro nella não achou outra gente se não um cavalleiro morto mettido em umas andas, e outro que com palavras de muita dôr e sentimento mostrava sentir sua morte. E conhecendo que

aquelle era D. Rosirão de la Brunda sobrinho delrei d'Inglaterra, pareceu-lhe que o das andas não podia ser pessoa de pouco preço: e descendo-se do cavallo, entrou assim armado na tenda, com tenção d'o consolar. Mas D. Rosirão, que em vendo-o, conheceu ser o cavalleiro da Fortuna, levantou-se em pé, dizendo: Já agora, senhor cavalleiro, sereis contente, pois é morto o homem a quem vós por imigo sempre tivestes. Este é o cavalleiro do Salvage, de que já desejastes vitoria e a não podestes haver. Ao da Fortuna vieram as lagrimas aos olhos; que esta qualidade tem os corações piadosos, ainda do mal de seus imigos haver dó, dizendo: Por certo nunca a eu de ninguem mais desejei: porque assim delle, antes que de outrem, era bem que se desejasse. E pois na vida a imizade de ambos foi tamanha como vós sabeis, na morte quero que vejais o que eu em sua vingança farei. Por isso queria que me dissesseies em que parte aconteceu esta desaventura; porque la quero tambem passar por ella, ou vingar a elle. Senhor, disse D. Rosirão, eu acheguei aqui haverá meia hora, e não sei outra cousa mais que achal-o neste estado. E um homem, que daqui se foi, me disse que estas feridas recebera na fortaleza do gigante, onde se crê que todos ou os mais excellentes cavalleiros do mundo são perdidos. E posto que fizera em armas cousas tão estremadas quaes nunca de outrem se viram, na fim ficara tão mal parado como vêdes, sem saber dar cabo a aquel

la tão perigosa aventura. O cavalleiro da Fortuna, que a dôr de tão gram desaventura sentia dentro n'alma, e vendo que o outro não acabara aquella aventura, a teve em mais do que té então cuidava. E tomando as armas na mão pera ver os golpes, as achou tão espedaçadas que não tão sómente teve em muito a grandeza delles; mas teve em muito mais haver homem em todo o mundo que com tamanhas feridas podesse sostter-se algum espaço. E antes que as soltasse das mãos, esteve louvando o esforço do cavalleiro, dizendo: Por certo já agora se pode perder toda a esperança de se essa aventura acabar; pois nella fez o fim quem o podia dar a todalas outras. E chegando-se mais a elle por ver se de todo era morto e tirou-lhe um pano de seda com que o rosto estava cuberto: e estava inda com tal viveza nelle como se então andara na batalha onde se suas feridas receberam. Affirmando mais os olhos nelle, lá lhe deu um sobresalto no coração como se de todo o conhecera. E porque a natureza nestes casos descobre tudo, ella lhe trouxe á memoria a perda de seu irmão, vendo nelle alguns signaes, que lhe fizeram suspeitar ser aquelle. E chamou Selvião pera que o visse, e tanto o esteve olhando, que ambos se certificaram naquella suspeita. Porem o cavalleiro da Fortuna, que ainda de todo não estava satisfeito, disse contra D. Rosirão. Peço-vos, senhor cavalleiro, que digaes seu nome, se o sabeis e cujo filho é; pois vós nem elle não perdeis nisso na-

da, e a mim tiraes uma duvida em que estou. Aventura-se já tão pouco nisso, disse D. Rosirão, que vos não quero negar o que sei. Seu proprio nome é Deserto: pai nem eu nem outrem o conhece: posto que a mim, como ao maior amigo, que sempre teve, confessou já algumas vezes, que um salvage o criara, e que a este conhecia por pai, chamando-se sempre em seu poder o mesmo nome de Deserto. O cavalleiro da Fortuna, a quem estas palavras tocaram n'alma, vendo ser seu irmão, cahiu sobre as andas, tão sem acordo como se o seu coração não fora pera móres affrontas. Nesta hora entraram por a tenda quatro homens e pondo as andas em dous palafrens, que pera isso trouxeram, se partiram co'aquelle corpo morto. O da Fortuna se quisera ir tambem tras elle, e não lho consentiram, dizendo que cresse, se algum remedio de vida tivesse, que sem elle lho dariam. Então deixando-o levar, por lhe parecer escusado seguil-o, perguntou a D. Rosirão que queria fazer de si, porque sua determinação era acabar onde aquelle cavalleiro recebera suas feridas, ou ver se as podia vingar. Eu, disse D. Rosirão, torno-me a Londres co'estas suas armas, mostral-as a elrei, de cuja mão foi feito cavalleiro, que as mande guardar e ter em tamanha veneração na morte, como as obras de seu senhor mereceram em vida. Saber-m'-heis dizer, disse o da Fortuna, a que parte está a fortaleza onde todos acabam? Nem o sei, nem cuido que ninguem o sabe, disse o

outro; porem creio que deve ser mui perto, pollo que aquelle homem me disse; e tambem porque inda hoje foram as batalhas do cavalleiro do Salvage, e não podera ser aqui trazido de mui longe em tão pequeno espaço. Logo se despediram um do outro, seguindo sua viagem cada um. D. Rosirão andou toda a noite e ao outro dia quasi tarde entrou em Londres, levando ante si as armas do cavalleiro do Salvage, que pera as vestir não iam taes, que o podesse fazer: e elle era tão conhecido de todos, que o sairam a ver como a cousa mui desejada. Chegando ao paço, achou elrei tão desacompanhado dos cavalleiros, de que sua corte os dias passados estava cheia, que lhe vieram as lagrimas aos olhos, crendo que todos seriam perdidos; e co'este descontentamento entrou por antre alguns poucos, que ahi havia, ao parecer delles triste e descontente, sem fazer detença té onde elrei estava. Pondo os giolhos no chão tomou as armas do cavalleiro do Salvage, dizendo: Senhor, só isto lhe fica a vossa real Alteza pera consolação da morte de quem as trazia. Estas são as armas do vosso Deserto, o muito valeroso cavalleiro do Salvage, polos golpes dellas, podeis ver o estado em que pode ficar. Elle morreu por vos servir: e pois de sua pessoa não fica outra ouira cousa se não estas insinias, as mandai pòr em parte, que sejam testemunho das obras de quem as trouxe. Então lhe contou tudo o que na tenda lhe disseram das grandes e bravas batalhas que fizera,

e como o achou e da maneira que o cavalleiro da Fortuna foi ter co'elle, e do pranto que fez e palavras que dissera: e que dalli se partira pera o ir vingar. Elrei esteve um pouco ouvindo o que D. Rosirão dizia, querendo encobrir a paixão que lhe aquellas palavras davam: mas como fosse grande, pode mais que sua tenção, e começou de dizer outras palavras de maior lastima que as de D. Rosirão, queixando-se da fortuna que tanto ao cabo chegava com suas cousas, lembrando-lhe naquella hora a perda de seu filho, juntamente co'a de seus netos, que fora azo de se perderem todos os cavalleiros do mundo: e agora, que cuidava que estavam em parte que podiam ser remidos por alguem, via morta a maior esperança que disso tivera: temendo-se que ainda ao cavalleiro da Fortuna a sua lhe empecesse pera não poder acabar nada. Depois tomadas as armas assim rotas como vieram, só com D. Rosirão, se foi á camara de Flerida onde tambem achou a Rainha: e mostrando-lhe aquelle derradeiro despojo do cavalleiro do Salvage, não se diz aqui a pranto que ambas fizeram, que seria gastar tudo em descontentamento dos leitores, baste sentir cada um a rezão que pera isso teriam. Elrei mandou pôr as armas na casa, que os reis d'Inglaterra costumavam ter antigamente pera memoria das taes cousas, que chamavam a torre das façanhas, em que havia armas de poucos, porque assim poucos foram dinos daquella casa. E foram postas as do cavalleiro do Salva-

ge antre algumas que ahi estavam, qu'eram as de Morlot o grande, e Lançarote, e alguns da Tabla Redonda e tanto mais acima quanto bastava pera lhe conhecer a vantage que delle aos outros houvera. Elrei, como quem já perdera a esperança, consolava-se comsigo mesmo, occupando-se sempre nas cousas de serviço de Deos, vendo que sua idade mais pera isso que pera as da fortuna estava já disposta, julgando-as umas por verdadeiras e duraveis e as outras por caducas e vãas: não agradecendo outra cousa á natureza se não o juizo que lhe dera pera conhecer tudo isto. Que antre os bens, que ella dá, este é o maior de todos.

CAPITULO XLI.

DO QUE PASSOU O CAVALLEIRO DA FORTUNA DEPOIS QUE SE PARTIU DE D. ROSIRÃO.

Como o cavalleiro da Fortuna se apartou de D. Rosirão, não andou muito polo valle abaixo, que se não descesse do cavallo e deitando-se ao pé de uma arvore com preposito de dormir o que da noite estava por passar; mas não o pôde fazer com a dôr que as feridas do cavalleiro do Salvage lhe fi eram, arrependendo-se algumas vezes porque por força não fôra em sua companhia. Passando tambem pola memoria a tristeza em que vivia de não saber cujos filhos fossem.

Isto o fazia desejar fazer obras com que todas est'outras cousas esquecessem, desejando já ver-se na torre de Dramusiando e esperimentar a sua fortuna, ou fazer fim de mistura com tantos. Tanto como a manhãa esclareceu Selvião lhe chegou o cavallo, e nelle começou a caminhar por aquella terra, perguntando sempre per novas do castello do gigante, e todos as sabiam tão mal, que nunca em ninguem achou recado do que queria. E posto que cada dia passava perto della, não quiz Eutropa, que entrasse no sitio defendido, té seu sobrinho e os gigantes estarem em disposição de batalha, assim que desta maneira andou atravessando aquelle Reino por espaço d'alguns quarenta dias, sem nunca achar nenhuma aventura, de que se possa fazer memoria; posto que neste tempo passaram por elle muitas. Ao fim delles estando já o gigante Dramusiando e toda sua gente pera sofrer qualquer trabalho, se achou dentro no valle da perdição ao longo do rio da banda de cima, parecendo-lhe o sitio e terra tão fresca, que a julgava pola melhor cousa do mundo. E indo occupando os olhos na verdura do campo, clareza e mansidão d'agua; e o cuidado na lembrança da senhora Polinarda, começou fazer antre si mil differenças namoradas, que o levavam tão transportado, que sómente pera cuidar no perigo, em que estava, não lhe ficou algum sentido. Accordou deste pensamento aos brados, que Selvião lhe dava: viu-se pegádo com a ponte, e D. Duardos no meio della,

apercebido de justa: e querendo tomar a lança, viu vir contra si uma donzella em cima de um palafrem russo, com um escudo nas mãos, dizendo. Esperai senhor cavalleiro, e antes que façais nada tomai de mim esta peça, que hoje é o dia, em que mais que nunca vos ha de servir: e dando-lho tornou por onde viera tão prestes, que em pequeno espaço desappareceu. O cavalleiro da Fortuna deu o outro a Selvião, e querendo-se cobrir com aquelle, que a donzella lhe dera, conheceu que era o seu escudo da palma, que lhe tomaram o dia que houve batalha com o gigante Camboldão de Murzella. Bem entendeu que darem-lho em tal tempo não era sem algum misterio; e mais lembrando-lhe as palavras, que a donzella dissera a Selvião quando lho tomou prometendo-lhe que o tornaria a seu senhor no dia, em que maior necessidade podia ter delle. E posto que com o outro escudo, em que andava sua devisa da Fortuna, acabára tamanhas cousas, como atraz disse, e já de muitos dias lhe fosse afeiçoado, quiz então usar dest'outro, assim porque lhe lembraram as palavras, que se delle disseram quando foi levado á côrte do imperador Palmeirim, como porque lhe pareceu que era aquelle o dia de maior perigo e afronta que todos os passados; que o seu receio lhe disia ser aquella fortaleza do gigante. Nisto viu que D. Duardos, enfadado de sua detença lhe dava vozes que justassem. E abaixando as lanças cubertos dos escudos se encontraram de toda sua força. A de D.

Duardos foi feita em pedaços, sem fazer moça no escudo do da Fortuna, do que lhe ficou mais esperança de poder passar qualquer afronta, vendo que tamanho encontro fizera tão pouco damno. O de D. Duardos foi falsado, as armas tambem, e elle algum tanto ferido, mas não que caísse, nem deixasse de ficar tão inteiro na sella, como se o encontro lhe não tocára. E porque não tinham mais lanças pera poder justar, e batalha das espadas D. Duardos não podia fazela com ninguem, segundo a ordenança do castello, foi logo aberta a porta da torre, da mão daquelle temido Pandaro. D. Duardos se recolheu maltratado do encontro. O da Fortuna, que já desejava experimentar a sua, entrou traz elle. Pandaro que não esperava outra cousa, tanto que o viu dentro, correndo o fecho da porta, cuberto do escudo e sua maça na mão, feita de novo, se veio a elle. O da Fortuna o recebeu, emparando-se com seu novo escudo, onde os golpes faziam tão pouca mossa como se dera em uma rocha, ferindo ao gigante tão mortalmente, que em pequeno espaço o tratou tão mal quanto se elle nunca vira de mão d'outrem, se não foi do cavalleiro do Salvage: e porque sentiu quão pouco damno faziam seus golpes no escudo de seu contrario, esforçou-se tanto pera se suster na batalha, que aquelle foi o dia, em que mais que nunca mostrou o fim de suas forças e esforço. Porem o cavalleiro da Fortuna andava tão vivo, que alem de lhe ter o escudo desfei-

to no braço, tinha-o ferido por tantas partes que Dramusiando, Primalião e D. Duardos e os outros, que viam a batalha, falavam nella por milagre, louvando-a tanto quanto sua braveza era digna de fazer temor e espanto. E inda que o cavalleiro da Fortuna não trazia o seu escudo costumado, muitos cavalleiros de casa do imperador houve no castello, que o conheceram polo outro da palma a que custára caro, quando sobre elle se combateram com o cavalleiro do Salvage, afirmando todos juntamente que se quem o trazia não achasse aquella aventura, que já sua prisão era perpetua. O alvoroço foi tamanho em alguns, que não sabiam qual era maior se o contentamento de o ver naquella casa pera sua salvação delles, se a paixão que sentiam do perigo em que o viam a elle. E no que muito se esforçavam alem de o conhecerem por tal, era a bondade do escudo. Neste tempo o gigante andava tão fraco e mortal, que acerca se não podia ter. O da Fortuna, conhecendo sua fraqueza, o carregou de tantos golpes, que per força o fez vir ao chão, tão sem accordo como quem de todo era morto. Logo lhe desenlaçou o elmo pera lhe cortar a cabeça, mas não o fez, assim por não ser necessario, como porque Daliagão lhe não deu tamanho vagar: e posto que aquella hora tivesse necessidade de descansar algum pouco, começou de se defender, vendo que a tenção do gigante não era essa. Mas em menos d'uma hora elle o poz em tal estado, que o fez

desejar repousar tambem outro pouco. Aqui se arredaram um do outro. O da Fortuna viu seu escudo tão são, como se aquelle dia não recebera em si nenhum golpe: porem as armas estavam rotas por alguns lugares, e elle algum tanto ferido. E passando pola memoria o perigo daquella casa, bem conheceu que sem um companheiro tal como o que trázia não podera sustentar-se. Daliagão estava maltratado, e Dramusiando posto em tamanho receio, que não sabia que cuidasse. Bem sentia que se o escudo do cavalleiro da Fortuna assim durasse em sua perfeição e fortaleza, seria dura cousa veucêl-o D'outra parte era tão confiado em sua força, que esperava que seus golpes desfizessem tudo. Nisto se tornaram a juntar Daliagão e o cavalleiro da Fortuna com maior braveza e impeto que a primeira vez. Porem a batalha durou antre elles pouco, que inda que o esforço de Daliagão não fosse pequeno e aquelle dia fizesse mais do que delle se esperava, o da Fortuna vendo as ameias e janellas da fortaleza cheias de seus amigos, e lembrando-lhe que estavam presos, e a confiança que nelle teriam, combatia-se com tal esforço, que a poder de feridas o derrubou a seus pés; e desenlaçando-lhe o elmo, lhe cortou a cabeça, sem lhe valerem bradados nem rogos de Dramusiando, de que ficou tão descontente e agastado, que logo pediu as armas. O da Fortuna se sentou em uma pedra tão cansado, que não se atreveu a subir a escada sem ter algum repouso. Dalli es-

teve á pratica com alguns seus amigos. D. Duardos lhe pediu, que tirasse o elmo, qne o desejava ver. Floramão, que com elle estava; vendo-o duvidar lhe disse: Senhor cavalleiro, quem vos isto pede é o senhor D. Duardos, por isso o fazei, que á elle não se pode negar nada. O cavalleiro da Fortuna ouvindo nomear D. Duardos, poz os olhos nelle, e na aparencia de sua pessoa julgou que devia ser assim. Então tirando o elmo ficou tão abrasado do trabalho passado, que o mesmo trabalho o fez parecer mais gentil homem, do que era de seu natural. Já agora creio, disse D. Duardos, que a quem Deus no parecer fez tão differente dos outros homens, que o não guardou senão pera em todalas cousas o ser. Peço-vos de mercê que se vossa boa ventura chegar ao cabo com esse gigante, que agora lá vai pera fazer batalha com vosco, como chega em tudo o al, que useis com elle de toda a cortezia, que nunca vistes homem de seu nome tão merecedor della. O cavalleiro da Fortuna lhe quizera responder, porem viu que Dramusiando era já abaixo, e não teve vagar pera mais que enlaçar o elmo, e pôr-se a uma parte do terreiro cuberto de seu escudo a esperal-o. Dramusiando, como algum tanto viesse senhoreado da ira pola morte de Daliagão, quiz logo gastar o tempo em sua tenção, antes que em palavras, e juntando-se ambos começaram a ferir-se de taes golpes, que em pequeno tempo fizeram muito damno. Os de Dramusiando entravam polo escu-

do de seu contrario tão grandemente como se fora outro qualquer, de que nasceu ao da Fortuna algum receio, achando-lhe tal differença em tempo tão pouco necessaria: d'outra parte sentiu quem lho mandára e ordenára assim, pera que, se a victoria de tão grande empreza houvesse de alcançar, não fosse toda atribuida á fortaleza do escudo. E guardando-se de Dramusiando com maior resguardo do que dantes fizera, fazia-lhe dar seus golpes em vão, que de outra maneira qualquer delles que o acertára, o pósera em mui grande perigo. Com tudo alguns, com que algumas vezes o alcançava, o traziam mal tratado, o escudo de todo desfeito, as armas acerca; posto que as do gigante não andavam mais sãas que as suas, que em todas havia pouca defeza. O sangue que lhe saía era muito: assim que nelles não havia mais que a braveza, com que pelejavam, e esta era tal, que alem de destruir a elles, fazia dôr a quem com amor os estava vendo. Mas seus corações incansaveis, e que naquelle tempo podiam mal sofrer algum repouso, não os deixava descansar. Antes renovando a batalha se tratavam de maneira, que quem de fóra os olhava, não julgava que nenhum delles ficaria pera algum hora poder entrar em outra. De que os mais d'aquelles principes e cavalleiros sentiam tamanha pena, que antes tomaram por partido serem sempre presos, que livres, se sua liberdade havia de ser com morte de tal homem. Dramusiando e elle se arredaram um pouco por tomar algum descanso, e Dramu-

siando temendo que aquelle seria o destruidor de suas forças, e que se cumpriria o que Eutropa sempre lhe annunciára, cuidou em si se lhe cometeria algum partido, com que deixassem a batalha: depois lembrando-lhe que tal commettimento pera sua honra era pouco necessario, quiz antes aventurar morrer nella, que ver-se vivo com algum desgosto ou quebra de sua fama. O cavalleiro da Fortuna, que tambem no mesmo receio estava metido, começou dizer antre si. Se a minha morte ha de ser causa da liberdade de tantos, aqui melhor que em outra parte é ella bem empregada: porem soccorrendo-se á senhora Polinarda, sua senhora, dizia: Senhora, se em algum tempo esperais lembrar-vos de mim, seja este ao menos pera que saibais que com vosso favor se alcançou tamanha victoria. E estando-lhe encommendado o perigo de sua batalha, viu que Dramusiando vinha contra elle tomada a espada com ambas as mãos, porque já a nenhum ficára escudo com que se amparar; e guardando-se do golpe, lho fez dar em vão, e assim todos os outros. E elle empregava os seus de feição que os mais delles foram dados á sua vontade, e nem por isso os de Dramusiando lhe deixavam de empecer alguma vez, com tanto damno, que assim poucos como eram, o poseram em fraco estado, e tal, que quasi se não podia ter nem menear. Todos os que viam a batalha a haviam por tamanha cousa, que pasmavam de a vêr. Porem como em ambos já não houvesse sangue nem a-

lento, e as forças não se sustivessem mais que na viveza do espirito de cada um, foram juntamente tão desfallecidos dellas, que Dramusiando caiu no chão, e o cavalleiro da Fortuna se sentou junto delle, que nem pera lhe tirar o elmo se atreveu estar em pé. Logo desceram todos os prisioneiros, e D. Duardos o tirou a Dramusiando pera que lhe desse o ar, pedindo ao da Fortuna, pois a victoria claramente era sua, não quizesse mais vingança e do feito se contentasse. O da Fortuna disse: Ainda que minha tenção era outra, deixarei de lhe cortar a cabeça, porque vós o mandais, e tambem porque cuido que será escusado, pois elle e eu mais per mortos que vivos nos podemos contar. O Principe Primalião, Polendos e outros senhores o tomaram nos braços, vendo que cóm o desfalecimento do sangue lhe vinham alguns desmaios, que o amorteciam. Logravam esta victoria com tamanho descontentamento, que a tristeza a fazia esquecer de todo. Nisto bateram á porta da torre com muita pressa. Platir foi-a abrir por vêr quem era e achou um homem antigo á maneira de grego, que entrou dentro e duas donzellas com elle, cada uma trazia na mão uma boceta dourada, em que vinham alguns unguentos necesssarios a tal tempo. E sem mais detença buscou as feridas e tomou o sangue dellas, assim ao gigante, como ao cavalleiro da Fortuna, curando-os ambos com igual diligencia, sem consentir que outrem lhe pozesse mão, e mandando-os levar cada um a seu leito,

disse contra aquelles principes e senhores, que se consolassem, que não eram aquellas as feridas de que nenhum delles havia de fazer fim: por onde o prazer foi algum tanto perfeito, e seria de todo, se as palavras não foram ditas em tempo que pareciam de consolação. Porem sabendo que no vencimento do gigante se quebrava todo o encantamento daquelle valle e que já a saída dalli estava nelles, tiveram mais de que se contentar. O velho se tornou por onde viera, deixando as donzellas pera os curar. Todos acompanhavam o cavalleiro da Fortuna, senão D. Duardos, que inda que cada dia o fosse ver duas vezes, o mais do tempo estava com Dramusiando, desejando vel-o são, pera lhe pagar a vontade e amor com que sempre o tratara, não lhe lembrando algum mal, se delle, elle e seus amigos alguma ora o receberam, pois não fôra pera máu fim. E isto se devia sempre olhar nas cousas onde vemos que de bons respeitos tem começo alguns males.

PALMEIRIM

DE

INGLATERRA.

—

PARTE II.

Do livro do muito esforçado cavalleiro Palmeirim de Inglaterra, O qual trata das suas grandes cavallarias, e das do infante Florião do deserto seu Irmão.

CAPITULO XLII.

COMO O PRINCIPE FLORAMÃO POR CONSELHO DAQUELLES CAVALLEIROS PARTIU PERA LONDRES A VISITAR ELREI E FLERIDA.

Alguns dias passaram depois do vencimento de Dramusiando que aquelles senhores e cavalleiros não entendiam em al senão na cura delle e do cavalleiro da Fortuna; não havendo o prazer da vitoria por perfeito em quanto sua saude estava incerta. Assentando em suas vontades não sahir dalli té o ca-

valleiro da Fortuna ser de todo são, ou lhe darem sepultura conforme a seu merecimento. Mas depois que viram que ia melhorando, e que as donzellas, que os curavam, certificaram sua saude, ordenaram fazer mensajeiro al rei d'Inglaterra, que lhe levasse aquellas novas, sabendo quão necessarias eram pera atalhar sua dôr de tanto tempo. Por conselho de todos ordenaram que fosse o principe Floramão, que antre os outros era havido por um dos mais eloquentes de toda a companhia: e tomando suas armas, que rotas e espedaçadas achou antre as outras que na armaria de Dramusiando estavam, se armou o melhor que pôde. Ao segundo dia que de alli partiu chegou a Londres, onde, entrando por ella, não viu outra cousa senão gente popular: e a seu parecer, té naquelles andava tão esparzida a tristeza como se fôra na gente nobre, de que então a torre de Dramusiando estava mais povoada que a cidade. Todos sahiam a vel-o como cousa nova, espantando-se do modo das armas irem tão cheias de sangue como sahiram daquella temerosa batalha, em que elle e todos seus amigos foram presos; iam tão feitas pedaços, que parecia cousa contra rasão podelas levar ninguem. Assim chegou ao paço a tempo que elrei sahia á caça de gavião, acompanhado d'alguns caçadores, que aquelles dias o seguiam. E tirando o elmo pera lhe beijar as mãos, elrei, que o conheceu, o levou nos braços, dizendo: Por certo, senhor Floramão, vossas armas me dizem os perigos, que por vós podiam passar; posto que pera isto se crer, estas mostras não eram

necessarias, senão pera quem não conhecesse vossa pessoa. Peço-vos que se algumas boas novas tendes, mas deis, e ainda que sejam más tambem m'as deis, que tão acostumado estou a ellas, que me já não podem espantar muito. Senhor, disse Floramão, torne-se vossa alteza onde está a rainha e Flerida, que per ant'ellas vos darei as que sei. Elrei se tornou ao paço levando pola mão a Floramão té onde ellas estavam, que o receberam segundo merecia. E Floramão, que nunca té li viu Flerida, pareceu-lhe das mais fermosas mulheres que nunca em sua vida vira: com quanto a paixão destes dias passados lhe roubára muita parte da sua fermosura natural. Tendo-se por um dos ditosos homens do mundo, por ser elle quem a tornasse a restituir a seu prazer e contentamento co'as novas que lhe trazia, tanto ao revez das que lhe sempre deram. Então virando-se contra elrei, disse: Por certo, senhor, ainda que do muito trabalho que as armas dão, não tirara mais fructo pera minha satisfação que esta visitação, eu o hei por tamanho preço, que nenhum outro me poderam dár ellas que mais estimara. E antes que alguma cousa do a que são enviado diga, peço de mercê a vossas altezas, que assim como sempre tiveram coração pera passar os combates que a fortuna té aqui lhe deu, agora as novas que de mim ouvirem, que são boas, recebam moderadamente; porque ás vezes quando isto assim não é, tanto ou mais se recebe das alegrias supitas e não esperadas, como das tristezas, que muito duram. O principe D.

Duardos vosso filho, e Primalião, com todos os outros principes e cavalleiros, que se cria serem perdidos, beijam vossas reaes mãos, fazendo-vos saber que estão e ficam em toda sua inteira liberdade, muito perto desta cidade de Londres, onde eu os deixo, esperando pola saude do famoso cavalleiro da Fortnna, por cujas mãos e esforço foram livres da prisão, em que té agora os teve aquelle temeroso gigante Dramusiando. Não tiveram estas palavras tanto poder, que nos corações delrei, rainha, e Flerida fizessem verdadeiro assento pera se crer o que ellas affirmavam. Antes julgando-as mais por sonho, que por outra cousa, se olhavam uns aos outros, não se sabendo determinar. Floramão, que, como discreto, conheceu e sentiu suas mudanças, vendo a revolta, que as novas que trazia, faziam no intrinsico daquellas possoas reaes, tornou outra vez a dizer: Por certo, senhor, vosso filho D. Duardos é vivo; eu me apartei hontem delle e dos outros cavalleiros, que em sua companhia ficam. Elrei, que algum tanto com aquellas derradeiras palavras se certificou mais, levantou-se em pé, e levando Floramão nos braços começou dizer: Senhor Floramão, que farei pera vos crêr, que de vós não se espera senão verdade; mas minha má ventura está tão costumada a outras novas differentes destas, que não deixa crer-vos de todo. Flerida e a rainha se recolheram a uma camara tão mortas, que foi forçado acudirem-lhe com muitos remedios pera as tornar em si, porque nes-

tes tempos sempre o prazer faz tamanho aballo naquelles, que o não esperam, que o pesar ainda que seja grande, em comparação delle é de muito menos damno. Depois tornadas em seu acordo abraçavam-se uma á outra tantas vezes, como se antre ellas houvera algum apartamento de muitos dias. Elrei quiz saber em particular em cujo poder D. Duardos e os outros cavalleiros foram presos: a batalha que o cavalleiro passara, a disposição em que ficava. Floramão lhe deu tão inteira conta de tudo como aquelle que a muitas daquellas cousas estivera presente, e as outras sabia tão bem como se as vira. E quando chegou a contar o desbarato da derradeira batalha, elrei ficou atonito d'ouvir as grandes maravilhas do cavalleiro da Fortuna, e a guarda que o gigante Dramusiando costumava ter em sua fortaleza, dizendo: Não bastou a guerra que o gigante Franarque fez al rei meu pai: mas inda as reliquias que delle ficáram, haviam de pôr minha vida em tanto perigo: dou graças a Deus que isto consente, pois não quiz que o fim de meus dias fosse com el desgosto que esperava. E preguntando a Floramão se Dramusiando era morto, lhe disse que não: mas antes lhe affirmava que D. Duardos lhe desejava a vida como a sua propria, e lhe mandava pedir que quando o visse o tratasse como a pessoa, que muito devia; porque nunca vira gigante que merecesse ser-lhe feita muita honra senão aqnelle. Elrei, posto que o não tivesse na vontade, ouvindo as suas nobrezas e o que com

seu filho e os outros senhores usára, prometteu de o fazer assim. Com esta certeza e contentamento se foi onde estava Flerida, e levando-a nos braços, ontou-lhe o mais que depois com Floramão passára. As novas se espalharam pola cidade, e foi o alvoroço tão grande, que uns vinham vêr Floramão, outros iam á torre do gigante, sendo aquelle prazer tão geral como dantes fora a tristeza. As festas no povo miudo se começaram tamanhas, tamanhas havia muito tempo que naquelle reino se não fizeram. Flerida com quanto ouvia o alvoroço da cidade, estava tão atormentada dos medos passados, que lhe faziam ainda recear aquelle prazer não ser perfeito. Mas passado o dia, que todo se gastou em visitações e contentamentos, chegaram muitas pessoas, que já vinham da torre do gigante, e affirmaram as novas por certas. Elrei quiz logo fazer correio ao imperador Palmeirim, que tão attribulado vivia, pola perda de seu filho e netos. E mandando chamar Argolante filho, do duque d'Ortão, disse-lhe: Argolante, eu quero, pois vós levastes á corte do imperador da Grecia a primeira nova da perda de meu filho, por onde se depois perderam os seus, que agora lhe leveis esta, de já serem achados, com que tanto prazer em sua côrte se ha de receber. Argolante lhe beijou logo as mãos por tamanha mercê, e sem mais detença tomando suas armas logo se poz ao caminho. Os paços foram logo toldados de tapeçarias ricas, somente o apousentamento de Flerida, que o não quiz

consentir té vir D. Duardos. Passados tres dias, elrei quizera ir á torre de Dramusiando pera ver seus amigos e trazel-os comsigo. E estando nesta determinação chegou Pridos, que lhe estorvou com dizer que elles lhe mandavam pedir não quizesse bullir comsigo, porque o cavalleiro da Fortuna estáva já quasi são: e que tanto que elle e o gigante podessem levantar-se, todos juntamente viriam beijar-lhe as mãos. Quando elrei viu Pridos já lhe pareceu que tudo o que lhe dantes diziam era verdade, que té li ainda o seu coração temia os perigos que já passára. E tomando-o nos braços o levou a Flerida, que tambem foi tão descansada com elle como se vira D. Duardos. Elrei andava tão contente, que aquellas suas cãas sustidas com tanta fortuna pareciam mais de outro homem que de pessoa, em que tanto pesar houvera. Pridos lhe disse, que D. Duardos lhe pedia que quando visse a Dramusiando o tratasse, não como imigo, senão como ao maior amigo do mundo. Já o principe Floramão, respondeu elrei, me tinha dito isso; e posto que minha vontade era ao contrario determinei fazer o que me pede; assim porque as nobrezas desse gigante dizem que merece tudo, como porque sei que a injuria do imigo que se rende, é menos gloria vingal-a que perdoal-a.

CAPITULO XLIII.

COMO AQUELLES SENHORES SE PARTIRAM PERA LONDRES, E DO QUE FEZ EUTROPA.

Estiveram tantos dias aquelles principes e cavalleiros na torre de Dramusiando, até que elle e o da Fortuna se acharam dispostos pera poderem caminhar: e querendo pôr em obra a partida, quiz D. Duardos prover primeiro na fortaleza, pera que ficasse por sua, e a Eutropa tia do Gigante, posto que lhe não merecia boas obras, dar-lhe outra mais de seu proveito, em que podesse estar; porque a elle esperava fazer tantas mercês, que nellas se enxergasse a vontade e o amor, que com suas obras lhe soubera merecer. Estando praticando isto com seus amigos e pedindo ao principe Beroldo que quizesse ir dizel-o a Eutropa, sentiam tamanho terremoto no castello supitamente, que parecia que se assolava. A escuridão foi tamanha que uns a outros se não viam. A esta hora ouviram uma voz no ar que dizia: D. Duardos, não empregues tuas cousas em quem tão mal te as ha de agradecer. Eu sou Eutropa, que té que meus dias hajam fim, não cançarei de buscar maneira como ha de aos teus e de todolos, que em tua companhia ficam. Agora me vou a parte onde dcsembaraçada de todos os outros cuidados possa seguir só este que mais na vontade le-

vo. Então se desfez a escuridão, e ella viram ir mettida em uma nuvem com tamanha pressa, que em pequeno espaço desappareceu; de que todos ficaram espantados, e porém contentes de a vêr ir tão longe que sua conversação lhe não podesse empecer; porque quando ella é má, ainda aos bons damna. Passado aquelle dia, as donzellas que por mandado do velho, que alli veio o dia da batalha derradeira, ficaram curando o cavalleiro da Fortuna e o gigante Dramusiando, se vieram a D. Duardos, dizendo: Senhor, o pera que aqui ficamos é já acabado, e os feridos em tão boa disposição, que podeis caminhar cada vez que quizerdes, e a nós dar licença pera nos irmos; porque lá em outra parte somos mui necessarias. Certó, senhoras, disse D. Duardos, a obrigação em que vos fico é tamanha, que não quizera que foreis sem alguma satisfação della; mas porque o que vós mereceis é muito, e o que eu aqui posso muito pouco, peço-vos que ou me vejaes em Londres, ou me digaes onde vos poderei ver, e então sabereis o que tendes em mim. Senhor, disseram ellas, a nobreza de vossa condição é tal e tão clara a todos, que pera nós fôra escusado fazer salva: a Londres iremos nós se a vosso serviço fôr necessario, e nos mandar quem nos aqui deixou; porque dizer donde nos poderão achar, nenhuma de nós o fará, pois n'isso errariamos a quem nos o defende. O que agora queremos é licença pera nos podermos ir, que as outras mercês estão tão certas em vós pera quem as houver mister, que seria gram des-

confiança cuidar ninguem que perdeu comvosco alguma hora alguma cousa. Pois o al que de mim quereis, disse D. Duardos, vós sois tão livres onde quer que eu estiver, que em tudo podeis seguir vossa vontade. Ellas lhe agradeceram a sua, e despedindo-se delle, e depois do cavalleiro da Fortuna, que tambem lhe fez outros offerecimentos conformes ao que elle podia, se foram á porta da fortaleza, onde já acharam dous palafrens em que cavalgaram seguindo o caminho onde haviam de ir. Pois vendo D. Duardos e todos aquelles cavalleiros, que a disposição dos feridos era pera poder caminhar, e seguirem qualquer trabalho, determinaram de partir-se, ordenando primeiro qne a fortaleza ficasse polo cavalleiro da Fortuna, o qual nunca poderam acabar com elle: antes pedindo elle muito por mercê a D. Duardos que a quizesse acceitar delle, lho fez fazer, tomando-a com condição, que d'alli por diante, pera memoria de quem a ganhára, se chamasse a Torre da Fortuna. E deixando nella Pompides té mandar outrem, se partiram todos juntamente armados de suas armas, que já foram inteiras, que o gigante Dramusiando assim em pedaços guardava na sua armaria, pera maior façanha e memoria de seus vencimentos: e antre os outros cavalleiros ia tambem elle armado das proprias armas, com que fizera a batalha o derradeiro dia, porque nellas se podessem vêr os façanhosos golpes, e extremada força do cavalleiro da Fortuna. Com aquelle prazer caminharam té os tomar a noite em um valle duas leguas de Lon-

dres, onde já estavam tendas armadas, que os esperavam com tudo o necessario. Alli repousaram té outro dia pola manhãa, que se partiram quando o sol saía, tão contentes de si, como quem lhe lembrava a prisão de que saíram, e a liberdade em que se então achavam. A gente, que da cidade saía era em tanta quantidade, que todos os campos e estradas estavam occupados; de sorte que quasi os de cavallo não podiam romper. Uns se chegavam a D. Duardos polo vêr, crendo que inda não fosse verdade ser aquelle, outros com as lagrimas nos olhos lhe beijavam a falda do arnez, tanto era o amor que todos lhe tinham. Alguns depois de o vêr a elle, íam vêr ao gigante Dramusiando e ao cavalleiro da Fortuna; tendo por cousa espantosa por mão de um cavalleiro ser vencida aquella ferocidade. Assim praticando cada um no que mais naquella hora lhe apresentava a fantasia ou a memoria, chegaram á vista da gram cidade de Londres, onde vendo D. Duardos por antre os outros edificios populosos o apousentamento de Flerida, não pôde estar tão livre, que nos seus olhos se não sentisse a dôr, que então a saudade sua de tão longe fez. Porém lembrando-lhe quão perto estava de a vêr, e esquecer com aquella gloria presente toda a tristeza passada, esforçou-se o melhor que pode pera ninguem lhe sentir aquella fraqueza. Chegados junto da cidade, el-rei os veio receber com solemne procissão; todos se desram a pé pera ir acompanhando-a: el-rei recebeu

a cada um segundo a valia de sua pessoa; e quando chegou D. Duardos, que foi dos derradeiros, veio com Dramusíando pola mão, e depois de beijar a sua a el-rei com os giolhos no chão, lhe disse: Senhor, se alguma hora ante vossa alteza, eu posso valer alguma cousa, seja fazer-me tanta mercê, que a este gigante trate, não como a filho de seu pai, senão como a um dos melhores homens do mundo, pois o elle é. El-rei levantou D. Duardos, e tomando-o antre os braços, o apertou comsigo, correndo-lhe muitas lagrimas: começou dizer: Filho D. Duardos, quem quereis vós que tanto tempo desejasse ver-vos, e que no dia que isto alcançasse vos negasse o que pedis? Então se foi contra Dramusiando, que tambem lhe quizera beijar as mãos, e abraçando-o, lhe disse: Por certo, Dramusiando, mal cuidava eu que a quem me tanto mal fez, podesse querer tamanho bem; mas vossas nobrezas poderam tanto comigo, que além de fazer perder o odio que vos podia ter, virei a vontade tanto de vossa banda, que já agora não sei quem podesse ser vosso imigo que o tambem não fosse meu. N'isto viu que o cavalleiro da Fortuna se vinha pera elle, e levando-o tambem nos braços, começou a dizer: Quem me disse a mim que se eu algum bem havia de ter, de vossas mãos havia de vir? Polas de Deos, póde vossa alteza dizer que isso veio, respondeu elle, que as minhas não são pera tanto; que se de sua misericordia não foram ministradas, não é o gigante

Dramusiando quem por mão de outro homem se podesse vencer. Acabado este recebimento, e palavras, se foram todos acompanhando a procissão té á igreja principal da cidade, onde ouviram missa com tanta ceremonia de vozes e instrumentos; quanto havia muito tempo que se alli não celebrára. Acabada a missa, aquelles principes e cavalleiros fizeram cavalgar el-rei quasi por força, e elles a pé o foram acompanhando té o paço, onde acharam a rainha e Flerida, que os sairam a receber: e ambas juntamente levaram D. Duardos nos braços, que cada uma cuidava que se tardasse o podia inda perder. El-rei tomou a rainha pola manga de uma roupa que trazia vestida, dizendo: Senhora, vosso filho já está em vossa casa pera cada dia o poderdes vêr. Agora fallai a estes principes e cavalleiros, a que tanto devemos polo perigo a que todos se pozeram com desejo da salvação de D. Duardos. Então mostrando-lhe o principe Primalião, a rainha o recebeu como a tão gram pessoa convinha; e logo a Vernao, el-rei Polendos, e rei Recindos, e Arnedos com os outros principes e cavalleiros mancebos. Flerida depois de cuidar que D. Duardos estava seguro, abraçou seu irmão Primalião, dizendo: Senhor, perdoai-me não ser isto mais prestes, que na verdade a vista de D. Duardos me fez esquecer de tudo. Vós, senhora, tendes tanta razão, disse Primalião, que ainda que mais tarde vos lembrareis de mim, não vos pozera culpa: e tomando-a pola mão, e D. Duardos á rainha sua mãi, as levaram a seu apou-

sentamento, onde ficando D. Duardos só com ella, el-rei se saiu fóra a fazer por sua pessoa apousentar a todos. E porque no paço estava já provido o apousentamento pera muitos, foram agasalhados desta maneira: Primalião, Vernao, Belcar sobre si; el rei Arnedos de França, Recindos rei de Hespanha, Polendos de Thesalia em outra parte. O cavalleiro da Fortuna, o principe Beroldo, e Graciano em outro apousentamento. Platir, Polinardo, Francião tambem sobre si. Dramusiando, Mayortes, e o Soldão Belagriz em outra parte. E assim todolos outros que ficavam foram agasalhados de tres em tres no paço, que os mui bem podia soffrer, assim polos apousentamentos delle serem dos maiores do mundo, como porque pera cavalleiros andantes, ainda que tão grandes pessoas fossem, menos podera bastar. Aquelle dia foram providos em suas pousadas tão largamente de tudo o necessario, como em dias de tanta festa e contentamento se esperava. E assim passaram uns com os outros, desejando partir-se logo cada um pera onde sua vontade lhe pedia: isto mais pera apagar a saudade de tanto tempo, que pera ir usar de mando e senhorio. Que natural é das pessoas singulares cubiçosas de fama, não se honrarem tanto das dignidades quanto ellas devem ser honradas delles.

CAPITULO XLIV.

COMO TRINEU IMPERADOR D'ALEMANHA VEIO Á CORTE D'INGLATERRA, E DAS FESTAS QUE HOUVE NELLA.

Já' as novas da soltura destes cavalleiros eram tão espalhadas por algumas partes, que ao imperador Trineu que alli perto vivia, chegara a noticia dellas. E porque té então vivera sempre triste pola perda de seus filhos Vernao, e Polinardo; e aquella tristeza de mestura com sua idade, qu'era muita, o tivesse posto em tão fraco estado, que cada dia esperava pola fim de seus dias; quiz sua ventura que lhe affirmaram a soltura delles; e lhe certificaram serem vivos. Fez nelle tamanho alvoroço, que sem qnerer seguir outro conselho, se pôz no caminho de Londres, acompanhado de muitos cavalleiros, provido d'atavios de festa, e todas as outras cousas necessarias ao tempo d'então; levando comsigo a imperatriz Agriola, que alem de desejar ver seus filhos, de que já perdera a esperança, quiz tambem antes que morresse ver-se naquelle reino donde era natural. E em quanto passaram polos logares de seu senhorio foram recebidos com tantas alegrias de seus povos, quanto nos dias passados costumaram ser visitados de consolações tristes. No reino de Inglaterra se soube de sua vinda. Elrei lhe man-

dou fazer prestes o apousentamento em que a imperatriz já vivera no tempo, que era infanta e Trineu andava de amores co'ella, qu'era o proprio em que então a rainha estava; porque pousando nelles podessem melhor trazer á memoria as cousas que alli passaram. Todolos cavalleiros se ataviaram pera o dia de sua entrada, e o sairam a receber tres leguas fóra da cidade e elrei co'elles, indo no meio de Vernao e Pollnardo. E porque dizer as cortezias que uzaram ao tempo qué se viram, seria desnecessario, pois pera isso se sentir basta o juizo de cada um, não o faço, nem tão pouco o prazer que Trineu e a imperatriz poderiam sentir co'a vista de seus filhos, de que tão pouca esperança té então tiveram; pois isto pode ver quem os alguma hora perdeu e os muito desejou achar. Junto da cidade foram recebidos de tantas invenções e cousas de folgar, como então o povo podia inventar. Chegando ao paço acharam a rainha e Flerida vestidas tão louçãas, que cuidar que já alguma hora antr'ellas houvera tristeza parecia mentira. Ambas tomaram antre si a imperatriz, usando primeiro cada uma das cerimonias e cortezias que antre taes pessoas se costuma e são necessarias. E assim sobiram as escadas levando o imperador a rainha pola mão, que por ser mui velha não podia já comsigo, Elrei a imperatriz sua irmãa, Primalião a Flerida, té as deixar a cada uma em sua casa. Porem Agriola que inda lhe parecia não serem aquelles seus filhos, quisera que aquella noite

dormiram na sua camara, pera acabar de crer que era verdade. E porque do caminho chegaram quebrantados, não houve serão, segundo estava ordenado. Antes recolhendo-se cada um a sua pousada, começaram fazer prestes cousas necessarias pera os outros dias, que determinavam gastar e despender em exercicios d'armas; onde muitos esperavam descobrir o preço de suas pessoas, e os que havia algum tempo que o não fizeram, por o impedir a prisão de Dramusiando, queriam então mostrar o que se perdera nellas, os dias que o mundo esteve isento de seus feitos. O imperador e imperatriz depois de passarem com seus filhos todalas cousas a que o amor e razão os obrigava como pais, achando-se na camara onde já outro tempo com tanto trabalho e risco algumas vezes se viram, sendo elle cavalleiro andante, fez-lhe tamanha saudade cuidar naquelle gosto passado qu'em sua mocidade tiveram, e que se então poderam tornar a elle de novo, ainda que fora com muito maior perigo do que dantes era, ambos o tomaram a troco de todo seu senhorio: e o imperador Trineu, com quanto já era velho de muita idade, o maior espaço da noite com Agriola pola mão andou vendo as janellas e paredes da casa, se lhe parecia que eram aquellas proprias que dantes sohiam ser, querendo-lhe tamanho bem polo segredo, que lhe sempre tiveram, como se foram pessoas de que se esperava alguma hora o poderem romper, passando então pola memoria as suas entradas naquel-

la casa, como e por onde foram; folgando tanto de se ver naquelles lugares, que os fazia desejar tornar-se aventurar nelles sem necessidade. Outras vezes praticavam nos medos de Agriola, nas obras do famoso Palmeirim d'Oliva, que então era cavalleiro andante. Mas comtudo quando lhes lembrava que isto perderam co'a idade, e que já não se podia cobrar, algum tanto aquella tristeza lhe fez vir as lagrimas aos olhos; posto que d'outra parte a alegria da vista de seus filhos desbaratava todos est'outros accidentes. Assim passaram a noite com menos somno do que outrem podia ter. Ao outro dia foram feitos grandes cadafalsos no campo onde haviam de ser os torneios. E os cavalleiros alemães e inglezes, segundo já estava concertado, se poseram de uma parte, e os da casa do imperador Palmeirim da outra, com alguns estrangeiros, que quizeram ser da sua, determinando cada um fazer maravilhas, assim os muito esforçados, como os que tanto não eram. Porque nestes casos sempre os bons e os máos igualmente desejam gloria.

CAPITULO XLV.

COMO ARGOLANTE CHEGOU A CASA DO IMPERADOR DE CONSTANTINOPLA E LHE DEU SUA EMBAIXADA.

Argolante, que por mandado delrei d'Inglaterra partira pera Constantinopla, pera levar-lhe as novas de seus filhos e netos, caminhou com tanta pressa como lhe fazia levar o desejo de se ver em aquella casa: que isto acontece sempre áquelles que fazem viagem de seu gosto, que o gosto com que esperam ser recebidos, faz não sentir o trabalho que as longas jornadas dão. E deixando de dizer algumas cousas, que naquelle caminho lhe aconteceram, assim no mar como na terra, polas quaes passou como esforçado e bom cavalleiro: uma segunda feira, horas de vespora, chegou áquella gram cidade de Constantinopla, que naquelles dias estava tão só de seus valedores, de que já tinha necessidade mais qu'em outro tempo: e antes que entrasse dentro, antre poucos homens de pé, que andavam provendo a muralha da cidade, viu ant'relles em uma faca negra ao imperador Palmeirim, tão branco da muita idade e tristeza passada, que quasi o não conheceu. E informando-se de um homem soube ser aquelle que mandava concertar os muros; porque já nestes dias se começava soar que o sol-

dão de Babilonia e Persia, juntavam grande exercito pera vir sobr'elle, e destruir todo o imperio de Grecia. Argolante tirando o elmo e descendo-se do cavallo, lhe quiz beijar a mão; o imperador, que o viu, posto que nunca o vira mais d'uma vez, polo que lhe aquella custou, o conheceu então; e recebendo-o com muito gasalhado, lhe disse: Por aqui vereis, Argolante, a que estremo de necessidade é chegada a triste Constantinopla, que cuidando eu se os imigos viessem a ella, mandar lhe derrubar os muros por onde entrassem, agora está tão só dos outros valedores, tão cheia de temor e medo, que os mando fortalecer, esperando ter nelles alguma defensa, que doutras partes já não espero. Cavalgai, e dai-me novas delrei vosso senhor; que pedir-vo-las de outrem bem me parece que se podera escusar. Senhor, disse Argolante, eu por seu mandado venho a vossa magestade, por isso ya-se onde a imperatriz e Gridonia está, que lá lhe direi ao que sou vindo. Assim se foram praticando té o paço, onde descavalgaram. O imperador se foi á camara de Gridonia, e alli mandou pedir á imperatriz, que quizesse vir pera ouvir novas de sua filha Flerida. A imperatriz veio, e Argolante, que viu que Basilia esposa de Vernao não era presente, disse ao imperador: Senhor, a senhora Basilia queria que tambem tivesse quinhão desta visitação, por isso beijarei as mãos a vossa magestade mandai-a chamar. O imperador, a que aquellas palavras começavam d'alvoroçar,

e o seu coração adevinhava parte do que podia ser, desejou tanto ver o fim dellas, que elle por sua pessoa a foi buscar, crendo que tambem de outra maneira não viria. Argolante, depois que viu juntas as pessoas que desejava, disse contra o imperador, tão alto, que todos o ouviram: Bem se lembrará vossa magestade que ao tempo, que o principe D. Duardos meu senhor desappareceu, eu fui o que a triste nova de sua perda trouxe a esta corte, por onde se perderam todolos cavalleiros de vossa casa, e primeiro que nenhum, vosso filho Primalião, que em aquelle espelho de todolos, que vestiam armas. Pois mal tempo era ousara parecer eu em parte onde minha vinda fez tanto mal, sem trazer outras novas com que se tudo tornasse a cobrar. Não sei se vossa magestade alguma hora ouviu nomear o cavalleiro da Fortuna, posto que os seus feitos eram taes, que em todo lugar o publicam; inda que de outra parte cuido que bem conhecido será nesta côrte e casa, que me lembra que já ouvi dizer, que nella venceu o principe Floramão, quando se combatia sobre a imagem de Altea. Este, depois da Gram-Bretanha ter perdido todolos cavalleiros, que nella aportaram, que eram a flor do mundo, e não se saber a verdade de como se perdiam, e o reino d'Inglaterra ficar despovoado daquella singular cavalleria, chegou á torre do gigante Dramusiando filho de Franarque, que vós matastes em Inglaterra, sendo cavalleiro andante; á qual torre ninguem podia ir sem licen-

ça e consentimento da gram sabedora Eutropa sua tia de Dramusiando, que a encantara com toda a floresta ao redor, a fim de com ella tomar vingança da morte de seu irmão. E justando primeiro com D. Duardos, segundo o costume da fortaleza, por o qual todos os que alli chegavam haviam de passar, houve batalha de um por um com o temido Pandaro, gigante de não menos força e valentia que ferocidade. E vencendo-o por força d'armas o matou. E houve batalha mui temerosa com Daliagão da Escura Cova, tambem não menos, mas ainda mais esforçado que o outro gigante, o qual assim mesmo per força venceu e matou. Finalmente houve outra batalha, e todas em um dia, com o gigante Dramusiando, de quem vossa magestade pode crer, segundo todos affirmam, que tem tanta vantagem aos outros gigantes, assim no esforço como na destreza das armas, quanta parece impossivel crer-se: nesta foi o cavalleiro da Fortuna tão maltratado... Rogo-vos, disse o imperador, que, antes que me mais conteis, me tireis de uma affronta, em que essas palavras põem meu coração, que é dizer-des-me se esse cavalleiro da Fortuna é morto, ou vivo; porque em quanto não estiver livre deste receio, poderei mal ouvir o que me dizeis. Senhor, disse Argolante, vivo e em mui boa disposição ficava ao tempo que eu de lá parti, posto que, como dizia, elle per derradeiro, venceu ao gigante Dramusiando e ficou tal da victoria, que se não cria que sua vida podesse lograr o gosto

della duas horas inteiras. Assim que comtudo, disse o imperador, vós affirmaes que elle é vivo. Sim, por certo, disse Argolante, e em disposição pera outro trance de tanto perigo como o passado. Agora contai o que mais quiserdes, que nenhuma cousa, disse o imperador, me pode fazer triste, nem nenhuma outra nova alegre tanto como esta. Pois, disse Argolante, se tanto vossa alteza folga com sua vitoria, mais razão tem da que cuida pera isso; porque com ella ficou desencantada a floresta de Eutropa. E vosso filho, o principe Primalião, e D. Duardos, com todolos outros principes e cavalleiros saíram da prisão, em que o temeroso Dramusiando os mettera. E virando-se contra Basilia, disse: Senhora, e vós, porque tambem deste contentamento não fiqueis com menos quinhão, o vosso Vernao, que a seus parentes e amigos não quiz dever nada em suas affronta-, antes sendo-lhe companheiro na prisão, é saído della em tão boa disposição, que poderá emendar o tempo, que lá gastou. Gridonia se levantou em pé quasi com desatino, e foi abraçar a Basilia, que a turvação daquellas palavras não esperadas a tirara fora de seu juizo. A imperatriz tomou ambas pola mão, e recolhendo-se todas tres a um oratorio, foram dar a Deus os agradecimentos de tão grande beneficio. O imperador ficou com Argolante ouvindo mais por estenso tudo o que passára; logrando aquelle prazer tão moderadamente, que ninguem podia conhecer nelle nenhum abalo, antes perguntava e ouvia tudo

com tanta temperança, como se a pratica fora sobre cousas de cada dia. E depois que ouviu os nomes de todolos presos, vendo que nelles se encerrava a maior parte da christandade, disse: Por certo, inda que na prisão de D. Duardos não fôra pera mais que pera se certificar da amisade de tantos homens, é tanto d'estimar, que com isso pode esquecer todo o trabalho, que nella passsou. E tornando a perguntar polo cavalleiro da Fortuna, trouxe alli á memoria dos que presentes estavam as palavras, que delle mandára annunciar a dona do Lago das Tres Fadas o dia, que Polendos o trouxera á sua corte. Estas novas foram logo rotas pola cidade; e no animo de todos os naturaes, alem do gosto que receberam, foi concebido tamanho esforço, pera apagar o medo em que viviam, que já lhe não lembrava se alguma hora o tiveram. O imperador mandou apousentar Argolante como pessoa a que se tanto devia, e recolhendo-se com a imperatriz e Gridonia lhe deu conta do mais, que ellas não ouviram. Ao outro dia Argolante tomando licença do imperador se partiu, deixando Constantinopla tão alegre como já outra vez a deixara triste; que assim são as mudanças desta vida, curar os grandes descontentamentos com descontos d'alegrias, e as alegrias torval-as com descontentamentos. Assim qu'em suas cousas pola mór parte sempre o pezar vence o prazer.

CAPITULO XLVI.

DO FAMOSO TORNEIO QUE ANTRE AQUELLES CAVALLEIROS SE FEZ.

PASSADOS oito dias depois da vinda do imperador Trineo á côrte d'Inglaterra, foram armados no campo, onde os torneios se costumavam fazer, grandes cadafalsos pera d'ahi se poderem vêr. Chegado o domingo, em que determinavam celebrar suas festas, toda a cidade amanheceu revolta em armas e instrumentos de guerra. A's horas que pera isso estavam concertados, saíram todos aquelles senhores grandemente acompanhados. El-rei veio diante com a imperatriz sua irmãa. O imperador trazia Flerida, Primalião a rainha. E assim desta maneira saíram as damas acompanhadas d'alguns cavalleiros Inglezes que as serviam, e aquelle dia com suas obras esperavam merecer-lhe algum contentamento; cousa que nestes casos muitas vezes duvida quem o muito deseja: vinham tão ataviadas e louçãas como pera tempo de tamanha mostra parecia necessario. Chegados ao campo, todos aquelles principes se assentaram nos lugares, que pera elles estavam ordenados. E posto que pola tristeza, em que a côrte d'Inglaterra os dias passados vivêra, não havia muitas damas no paço, a imperatriz Agriola trouxe comsigo algumas tão merecedoras de as servirem,

e perigosas pera matarem, que só com seu parecer enchiam os cadafalsos, cousa muito pera vêr. e não menos pera desejar. Assentados todos, vieram logo os cavalleiros Inglezes e forasteiros em tanta quantidade, que quasi occupavam todo o sitio donde o torneio se havia fazer. Não tardou muito que por outra parte do campo entraram aquelles esforçados mancebos, os cavalleiros da casa do imperador Palmeirim, lustrosos e galantes, armados de armas feitas de novo, ricas e louçãas, guarnecidas de côres alegres, e invenções de seu gosto, que alvoroçavam os espiritos de quem os via: sobre ellas suas sobrevistas tambem mui louçãas, com um estandarte diante, e por capitão delles o esforçado principe Graciano, a quem aquelle dia quizeram dar aquella honra por ser muito pera isso, e tambem porque Palmeirim não entrou no torneio a rogo d'el-rei, que lho pediu, parecendo-lhe que estando o campo isento de suas obras poderiam melhor lustrar as dos outros homens, que eram tão poucos á comparação dos outros, que parecia cousa desigual haverem de combater contra elles. As trombetas foram logo tocadas a signal de começarem. E os de uma parte e outra remetteram com tanta furia como poderam levar em alguma batalha feita com mais razão. Ao romper das lanças foi tamanho o estrondo, que parecia que todo Londres se arruinava. E porque tambem da outra parte havia cavalleiros famosos, foram d'ambas derribados muitos. O principe Graciano se encontrou com Estrope de Beltrão, ca-

valleiro de muita conta em Inglaterra, e levando-o fóra da sella, o derribou sem nenhum acôrdo. Platir com Normando o Soberbo, e fez-lo tão humilde quanto o nunca fôra, dando com elle no chão tão gram quéda, que o levaram em braços. Beroldo fez o mesmo a Carlonte filho do duque de Boquingão. E assim polo conseguinte se encontraram todos. Da parte dos Inglezes quantos receberam encontros foram a terra, e da outra nenhum notavel, senão Guarim, que caiu o cavallo com elle. Passado o impeto do primeiro rompimento das lanças, arrancaram das espadas, e começou-se o torneio tão bravo e aspero quanto nunca naquella côrte se víra outro de tantos por tantos, posto que já em outro tempo se viram nella os mais notaveis do mundo. De uma parte e outra havia homens singulares e muito pera vêr. O principe Beroldo, que este dia se mostrou um dos mais sinalados, andava discorrendo por muitas partes, fazendo cousas taes, de que em extremo se fallava, e viu vir pera si a Claribalte de Hungria, rompendo a força de seus contrarios, e recebendo-se ambos com a vontade que cada um trazia, se travaram a braços, e affastando-se os cavallos, vieram ao chão apegado um no outro; mas prestes se soltaram e começaram antre si uma notavel batalha, tal que muitos se desoccupavam de vêr o o torneio, polos vêr a elles. El-rei Recindos, posto que os golpes que seu filho recebia lhe doiam na alma, estava o mais contente do mundo por vêr nelle tão extremada destreza e esforço. Aqui re-

cresceu todo o peso do torneio; porque da banda de Claribalte acudiram Estrope de Beltrão, que tambem andava não pouco furioso por se ver derrubado do primeiro encontro, o esforçado Pridos, Argolante e Archerim, Lamberto, Surgibrão, Rocandor, Alcarrofo, Rucialdo e Altaris, que tambem alli se acharam: Frocardoso, Abertaz o Forçoso, Lamostão, e Brutanante. Da outra acudiu Graciano, Frisol, Luymão de Borgonha, Onistaldo, Dramante, Tenebror, D. Rosuel e Belisarte. E posto que todos estes fizessem maravilhas pera soffrer a furia de seus contrarios, eram tanto mais e antre elles muitos tão esforçados, que os cavalleiros do imperador por força perdiam o campo. E já a este tempo Claribalte, não podendo suster-se contra os golpes de Beroldo, caiu no chão sem nenhum acôrdo. Mas tudo isto não prestava, que seus companheiros perdiam o terreiro. Porem Platir, o principe Floramão, Francião, Germão d'Orleans, Vernao, Polinardo, Pompides, e Tenebror, que aquelle dia andavam cançados do muito que fizeram, acudiram contra aquella banda, e com sua ajuda tornaram seus companheiros a fazer tanto em armas, que cobraram tudo o que do campo tinham perdido. Os reis e senhores, que de fóra olhavam o torneio, não fallavam em al, senão no muito que os cavalleiros do imperador tinham fiteo. D. Duardos e Primalião os julgavam acima de quantos tinham visto. Pois Arnedos rei de França não estava pouco satisfeito de vêr a valentia de seus filhos, especial de Gra-

ciano, que entre os outros andava bem sinalado. O gigante Dramusiando, que estava junto do imperador Trineo, dizia-lhe que não cuidava que no mundo houvesse homens pera tanto. E tornando ao proposito, a multidão dos cavalleiros Inglezes e estrangeiros era tanta, que não valendo aos do imperador esforço nem valentia, começaram de perder do campo muito contra vontade de Primalião e do imperador Trineo, Recindos, e Arnedos, que alli traziam seus filhos. N'isto entraram polo meio de torneio em ajuda dos do imperador tres cavalleiros armados d'armas d'amarello e leonado: um delles trazia no escudo em campo negro o deos Saturno cercado de estrellas; o outro no escudo com campo negro a Casa da Tristeza; o terceiro trazia o seu coberto com um couro negro por cima da pintura, que encobria a devisa delle. Estes, vendo que a sobegidão dos muitos fazia perder a bondade aos poucos, abaixaram as lanças, com as quaes antes de as quebrar derrubaram alguns: e arrancando das espadas, em pequeno espaço tornaram os do imperador a cobrar tudo o que haviam perdido, com tanta vantage, que os contrarios não podendo suster-se, se começaram retraer. Grande espanto fez tamanha mudança, e maior o fez a bondade dos tres, polo muito que em tão pouco tempo fizeram; e inda que em extremo fossem louvados de muitos, o do escudo coberto punham acima por milagre, desejando geralmente conhecel-o. Platir, Graciano e D. Rosuel, Beroldo, Floramão e Belisarte com os mais seus companheiros,

vendo a bondade de taes ajudadores, trabalhavam o que podiam por ter com elles: desta maneira por força lançaram seus contrarios fóra do campo, já a horas que o sol se queria pôr. Porém não foi tanto a seu salvo, que o principe Vermão, Tenebror, e Tremorão não fossem a força de braços tirados delle quasi mortos polas muitas feridas, que de suas mãos receberam. El-rei, vendo que os Inglezes iam de vencida e de todo desbaratados, mandou tocar as trombetas em signal de acabarem. O principe Graciano recolheu os seus, que saíram do campo tão contentes e ufanos, quanto o preço e o gosto da victoria merecia. E assim envoltos no sangue de seu vencimento juntamente com os tres companheiros se vieram aos cadafalsos pera acompanhar el-rei e a rainha com os mais senhores e princezas, que desceram tão acompanhados de instrumentos, charamelas e trombetas, atabales, e outros de outras maneiras conformes ao dia e a seu contentamento, quanto pera taes principes e cavalleiros parecia necessario. Assim chegaram ao paço, onde descavalgaram, praticando nas façanhas daquelle dia, tendo em muito a virtude de quem as obrára, cousa que alguns não criam delles. Mas esta qualidade tem ella, onde está, manifestar-se por si.

CAPITULO XLVII.

COMO SE CONHECERAM OS TRES CAVALLEIROS QUE VIERAM AO TORNEIO, E COMO SE SOUBE DE PALMEIRIM E SEU IRMÃO, CUJOS FILHOS ERAM.

Aquelle dia comeu elrei na sala e com elle, polo hanrarem o imperador Trineo, elrei Arnedos, Recindos e o Soldão Belagriz. Em outra meza D. Duardos, Primalião, Vernao, Beroldo, e Floramão. Em outra o cavalleiro da Fortuna, o principe Graciano, Dramusiando, Platir, Mayortes e todos os cavalleiros da casa do imperador, sendo todas as mesas servidas com tanta cerimonia e abastança de iguarias, que a multidão dellas fez durar a ceia a maior parte da noite. Acabado o comer houve seram real no apousento de Flerida, onde a imperatriz e a rainha aquella noite cearam. Ao serão vieram os mais dos cavalleiros, que no torneio se acharão. Já que se queriam recolher a seus apousentamentos, entraram pola sala os tres cavalleiros esforçados, que no torneio foram em ajuda dos da casa do imperador, vestidos das proprias armas, que nelle levaram; tão bem postos e com tal continencia, que não houve alli nenhum a que suas obras e parecer não fizesse inveja. E com este alvoroço cada um lhe dava lugar pera poder chegar al rei. Sendo já quasi ao pé do estrado onde elle e os outros principes estavam, se fez uma escuridão na sala, de tal qualidade que nenhuma pessoa podia

ver outra. As damas houveram tamanho medo que cada uma lançou mão de quem mais perto achou. E isto não durou muito que a escuridão se gastou logo, e á vista de todos ficaram um Lião e um Tigre envoltos em batalha, ferindo-se tão sem piedade como aquelles que a não sabiam ter de si mesmos. Nisto entrou por meio da sala uma donzella com um bastão dourado na mão, e tocando-os ambos cairam em terra tão mortos como se nunca tiveram vida. Mas isto não foi tão prestes feito, quanto se elles tornaram levantar em figura de touros, tão grandes e com tal ferocidade, que a mór parte da gente que estava na sala estiveram pera fugir della; senão alguns cavalleiros famosos, que alem deste medo fazer pouca mossa nelles, consolavam as damas, rindo-se de lhes ver a côr perdida do temor que receberam. Os touros se afastaram um do outro algum espaço e remettendo de toda a força, se encontraram com tanta, que a sala parecia cahir e assolar-se. E da fortaleza dos encontros vieram ambos ao chão, lançando pola boca e narizes um bafo tão negro e espesso, que tornou outra vez a escurecer a sala como primeiro, tanto que nenhum podia ver a outro. Desfeita a escuridão, que não durou muito, ficaram os tres cavalleiros armados de suas armas com os rostos descobertos: e o que dantes trazia o escudo coberto, achou-se então co'elle da maneira que o sempre trouxera, que era em campo branco um Salvage com dous liões por uma trella. Chegando-se a elrei, que já o queria levar nos braços polo conhecer, lhe beijou as

mãos dizendo: Senhor, faça vossa alteza cortezia a este cavalleiro que aqui está, que é o gram sabio Daliarte vosso servidor e a quem o vosso cuidado sempre deu muito pera o sentir e desejo pera vos servir em tudo. Elrei, que já o conhecia de fama, quando o viu tão mancebo e bem desposto, ouvindo sempre dizer sua sabedoria, parecia-lhe não ser possivel que um homem de tão pouca idade alcançasse tão grandes cousas: então levando-o nos braços com muito amor, dizia: Por certo, Daliarte, que vos eu não devesse mais que entregardes-me vivo a Deserto, cousa que eu não esperava, isto senão po'e já pagar. Senhor, disse Daliarte, a razão, que eu tenho pera vos servir, é tamanha, que ella me poz sempre nesta obrigação, por onde vossa alteza me está em menos do que cuida: e porque o maior serviço, que vos eu em alguma hora podia fazer, está ainda encuberto, sente-se vossa alteza e ouça-me; porque queria que minhas palavras acrescentassem estas festas com mais razão do que se nellas ainda faz. Elrei posto que não suspeitava o que podia ser, por ser cousa que o tempo já trazia esquecida; crendo que sempre seria alguma de seu gosto, tornou-se ao seu assento e chamou junto comsigo Deserto, que estava de joelhos falando com Flerida e D. Duardos. Depois de todos socegados, o gram sabio Daliarte, pondo os olhos a todas partes, virou-se contra Flerida, dizendo: Por certo, senhora, claro está que a vista de D. Duardos vos tira da memoria a lembrança de todalas outras cousas, e muito mais a de vossos filhos tanto pera

vos lembrarem. Isto não devia ser assim, que a quem suas obras mór gosto deram foi a vós. E a fortuna que no seu primeiro nascimento os poz em tão baixo estado, que o seu alto sangue esteve pera ser sacrificado a dous bravos liões por mão do saluagem, que volos roubou, essa os tornou a pôr em tamanha alteza de fama nas armas, que não tão somente passaram os de seu tempo, mas no outro passado não houve quem tão excellente fama deixasse como a sua, nem no por vir por largos annos eu não alcanço quem com muita parte os iguale. Pois quem taes filhos perdeu não devia viver tão sem cuidado de tamanha perda, que os outros gostos a isentasse desta lembrança. Porem lebrem-vos as palavras, que Pridos vos disse o dia do seu nascimento, e do perdimento de D. Duardos, que lhe dissera uma donzella de Argonida da sua parte, e aqui vereis quam verdadeiras sahiram. Vossos filhos estão junto comvosco e são taes, que vos souberam pagar o pesar que vos já deram. Vedes alli Palmeirim d'Inglaterra que vos tantas lagrimas tem custado, e a quem vós pozestes o nome por seu nascimento ser conforme ao de vosso pai. E depois o imperador seu avô sem lho saber tornou a lho pôr quasi por inspiração divina. Pois Floriano do Deserto não é outro senão este cavalleiro do Salvagem, a quem vós como mãi criastes e como a filho alheio tendes esquecido. Flerida poz os olhos em D. Duardos mui torvada, que assim o prazer como o pezar faz estas mudanças em quem o recebe de cousa que não espera. D. Duardos poz tam-

bem os seus nella, e assim Palmeirim em Deserto. E conhecendo-se se levaram logo nos braços. Elrei, que sua idade não podia com tamanho contentamento, se encostou sobre a cadeira, e chamando Daliarte, disse: O' Daliarte, não tão supito quizera este gosto, porque minha fraqueza não é pera juntamente soffrer sobressalto tão grande e tão pouco esperado. Rogo-vos que me digais como sabeis vós isto, que eu inda que o sempre suspeitei, não o creio polo gosto que recebo. Daliarte disse: Eu vos o ensinarei tão claro como convem pera se crêr o que digo. Então tirando um pequeno livro do seio, leu pouco espaço; porque aquelle bastou pera fazer vir ante si o Salvagem, que os criara e sua mulher co'elle, entrando pola sala tão espantados como pessoas que nunca em outra parte como aquella se viram. Palmeirim, que o conheceu por haver menos dias que o vira, foi ao abraçar; e Floriano do Deserto a sua mulher. Selvião seu filho assim mesmo com o joelho no chão, cortezia desacostumada antre elles e que Selvião não por natureza senão por conversação aprendera: mas ella com lagrimas nos olhos não sabia qual recebesse primeiro. Flerida posto que naquella hora lhe lembrasse o dia do perdimento de seus filhos, e não ficasse tal que tivesse acordo pera nada, todavia com sua turbação inda naquella hora lhe pareceu que aquelle era o roubador delles. Depois que Palmeirim teve mettido em acordo ao Salvagem, o chegou al rei, que, sentando-o junto comsigo, lhe perguntou miudamente pola criação daquelle prin-

cipe; e informado publicamente do que passava, apertou Palmeirim comsigo, e os olhos postos no ceu dizia: Senhor este era o derradeiro bem que desejava ver, peço-te agora que me leves antes que a fortuna me mostre algum revez delle. Então tomando-os ambos pola mão os entregou a Flerida, a quem com os joelhos no chão beijaram as mãos muitas vczes, e ella os teve abraçados algum espaço sahindo-lhe da alma algumas lagrimas contentes, lembrando-lhe a temerosa batalha em que os já vira dentro em Londres, e quão perto estiveram d'acabar nella. D. Duardos os abraçou, não podendo encobrir tamanho contentamento; porque, quando é grande e de cousa que se muito deseja, pode se mal dissimular. Logo por mandado seu fizeram sua cortesia al imperador Trineo e al rei Arnedos e Recindos como pessoas que de novo conheciam, posto que Palmeirim quando chegou a Primalião pera lhe fazer seu acatamento, lembrando-lhe ser pai de sua senhora, foi com muito mór obediencia que aos outros, cousa que a todos pareceu que o fazia por ser filho do imperador Palmeirim, cujo criado era. No paço foi o alvoroço tamanho, que nelle se mostrava que aquelle prazer era geral. A rainha estava com seus netos tão contente e sofrega, que não queria que outrem os lograsse senão ella. E o Salvagem e sua mulher com seu filho Selvião tão alegres de o ver tão gentil homem e fóra do seu trajo como cousa não esperada. Palmeirim mandou a Selvião que os levasse a sua pousada, e por ser ja tarde quiz elrei que

se recolhessem todos, mandando apousentar a Daliarte e ao cavalleiro, perguntando-lhe primeiro quem era; mas Daliarte lhe disse: Senhor, o cavalleiro é de muito preço assim nas armas, como na origem donde vem. Amanhãa vos direi o mais que delle fica por dizer, se parte o quizerdes ouvir. Logo se foram cada um a sua pousada, esperando pola manhãa pera com mais razão tornarem a suas festas; que alli são ellas bem ordenadas, onde Deus não recebe a offensa e os homens levam gosto,

CAPITULO XLVIII.

COMO SE SOUBE QUEM ERA BLANDIDOM, POMPIDES E DALIARTE, E COMO O IMPERADOR E REIS SE PARTIRAM DA CORTE.

Tamanho foi o prazer de todos com saber aquellas novas, que a nenhum pareceu que ficava menor quinhão no contentamento dellas. Ao outro dia pola manhãa, el-rei se levantou cedo, e indo buscar seus netos á pousada, veio acompanhado delles e de Primalião, e Vernao té o apousentamento do imperador Trineo, que já o acharam levantado. D'ahi se foram juntamente á pousada de Arnedos e Recindos, que tambem saíam pera se vir a elles, e indo á igreja principal de Londres, onde estava ordenado lhe dizerem missa, a ouviram com toda a solemnidade de ceremonias reaes, abastança de fallas e vozes singulares conformes ao estado das pessoas que a ouviam. Depois de acabada se tornaram ao paço acompanhados de tan-

ta gente popular, que vinham por ver seus novos principes, que quasi não podiam romper as ruas: e sentados ás mezas, que acharam postas, comeram segundo a ordenança do dia d'antes, fazendo el-rei e todos aquelles senhores tanta honra e cortezia a Daliarte como a homem de muito preço, e a que se muito devia. Acabado o comer, que todo se gastou em lhe perguntarem a maneira de que Floriano fôra são das feridas, que recebêra na batalha de Dramusiando e dos seus gigantes, e elle lhe dar conta de tudo e o que mais passára, segundo atraz vai escripto, se foram á camara da imperatriz Agriola, onde aquelle dia jantára a rainha e Flerida: onde depois de sentados, disse el-rei contra Daliarte: Agora, amigo, queria saber de vós o mais que vos hontem perguntei, e me não quizestes dizer, e tambem cujo filho sois, porque não posso crêr que homem de tão alto juizo e extremado esforço, cousa que se junta poucas vezes, seja senão de geração singular. Cousas ahi disse Daliarte, que eu não queria dizer; mas mandando-m'o vossa alteza não posso fazer al. O cavalleiro porque me pergunta, que hontem entrou no torneio, chama-se Blandidom, e porque Floriano do Deserto, vosso neto e seu amigo, vol-o dirá menos publico, do que aqui seria, o não faço. Quanto a mim não sei se o diga, pois n'isso posso desservir o senhor D. Duardos, baste confessar que Argonida nos pariu ambos a Pompides e a mim. D. Duardos, que no regaço de Flerida estava lançado, não querendo que aquellas cousas andas-

sem por encobertas, vendo o que passava, se levantou em pé, dizendo contra el-rei: Senhor, a Daliarte e Pompides podeis tratar como vossos netos, pois o são; e vós, senhora Flerida, não vos pese de ouvir isto, pois o fructo que desta culpa nasceu, paga o erro della; além de ser pouca a que neste caso tenho. Então contou tudo o que passára com Argonida, da maneira que fôra ter á sua ilha, e o modo que teve pera haver delle aquelles filhos, de que el-rei recebeu outro novo contentamento: e quanto ao senhor Blandidom, disse D. Duardos, eu ainda agora não sei quem é, porém, pois Floriano do Deserto o sabe, diganol-o, e servil-o-hemos como a pessoa de tanto preço, como parece. Certo, disse Floriano, por esse o podem a elle ter em toda a parte, porque todalas suas qualidades são dignas de muito merecimento. Flerida perdoou alli a D. Duardos, rindo-se do que passára com Argonida, louvando muito o erro, que tal desculpa deixára. E querendo-lhe Daliarte e Pompides beijar as mãos, ella os abraçou com amor de mãi, e com esse os tratou sempre. D'alli se recolheram cada um a sua pousada. Palmeirim de Inglatera fez muita honra a Daliarte, havendo por mui gram dita ter com elle tão chegado parentesco. D. Duardos soube secretamente quem era Blandidom, e por lhe não dar descontentamento, lhe mostrou ser seu filho por alguns dias, té que depois foi forçado pera seu proveito dizer-lhe a verdade do que passava. Com estes descobrimentos de homens tão sinalados iam

as festas em tão gram crescimento, que por mais de quinze dias não houve outra cousa senão justas e torneios, e de noite serões, onde havia damas fermosas, a que se muitos affeiçoaram pera em quanto viveram. E no fim delles Arnedos e Recindos, que tambem desejavam ir dar aquelle gosto aos seus, se despediram d'el-rei e de Primalião, e de D. Duardos. O imperador Trineo fez o mesmo, posto que não quiz ir-se té ver a torre do gigante Dramusiando, que lhe diziam ser cousa muito pera isso. Esta determinação sua o fez fazer a muitos, e não consentiram a Arnedos nem a Recindos, que se fossem té que todos tornassem lá, pera ver onde tanta gente coubera. Ao outro dia depois d'isto estar assentado, el-rei, rainha, imperatriz Agriola e Flerida em companhia dos mais reis e principes se partiram da cidade de Londres, caminho daquella famosa torre, naquelle tempo tão nomeada e temida polo mundo, de que já agora não ha hi memoria. Posto que isto não é muito de espantar, pois vemos que muitas vezes os casos de admiração tão prestes como passam esquecem.

CAPITULO XLIX.

COMO AQUELLES SENHORES CHEGARAM Á FORTALEZA DO GIGANTE DRAMUSIANDO, E O QUE LÁ LHE ACONTECEU.

Aquelles cavalleiros mancebos todos se ataviaram d'armas ricas e as mais louçãas, que cada um podia achar pera a jornada da torre de Dramusiando, isto mais por parecer bem ás damas, que, cuidando que podiam ser necessarias. Chegado o dia da partida não consentiu el-rei que ninguem da gente popular fosse lá, senão os moços necessarios O primeiro dia foram dormir á floresta do Deserto, onde estavam armadas tamanha somma de tendas e leitos, como pera tanta cavallaria parecia necessario; e chegaram aiuda a tempo que houve monterias de muito gosto, e que a Flerida davam pouco, porque se lembrava o que aquella floresta lhe custára. Acabado de montear, fizeram ante si vir o Salvage, que já parecia outro homem vestido em umas roupas de Palmeirim, a que dava mui pouco lustro, e esteve contando miudamente como tomára os infantes o dia de seu nascimento, e a que parte estava a cova, a qual todos ou os mais daquelles cavalleiros e senhores quizeram logo ir ver. Chegados lá, Primalião foi o primeiro que nella entrou, e depois delle Mayortes o gran-can, e Belagriz Soldão de Niquea, dos quaes té aqui se não fez menção, mas nem por isso em todalas festas e cou-

sas passadas deixaram sempre ambos de serem tidos como pessoas mui principaes naquella companhia. Entrados na cova estes cavalleiros e outros muitos, acharam-na tão grande em si, que parecia um labyrintho, e da uma e da outra parte estava toldada de tapeçaria, em que aquelles tão preçados infantes Palmeirim e Floriano tanto tempo se criaram, que eram pelles d'alimarias, que o Salvage e seus leões tinham mortas por espaço de muitos dias, que nella viveram. E destas havia tantas, que parecia impossivel poder haver tanta criação em tão pequena floresta; mas muito mais se espantaram de ver a maneira da cova, que era tão artificiosa e de tantos repartimentos e casas concertadas, que parecia que já em algum tempo servira de apousentamento de algum grande homem: e era razão que assim o parecesse, posto que o não fosse, por ser obra das mãos daquella gram sabedora infante Melia, que alli pousou alguns annos no tempo d'el-rei Armato de Persia seu irmão, segundo que na chronica mais largo se reconta. Esta e Urganda foram ambas em um tempo, como se escreve nas Sergas de Esplandião. Acabado de ver a feição e grandeza da cova, se tornaram pera as tendas, onde foram bem recebidos daquellas senhoras, que nellas ficaram. Primalião contou muito de espaço a Flerida sua irmãa a maneira do apousentamento, em que seus filhos se criaram, de que dava muitas graças a Deos pela mercê e beneficio tão assinado, que

delle recebêra. Aquella noite repousaram todos na floresta, servidos todos de tanta abastança como se estiveram na cidade de Londres. Outro dia se partiram pera a torre, e foram jantar ao meio caminho, e antes de horas de vesporas se acharam naquelle gracioso valle ao longo da ribeira, que polo meio corria, cousa tão alegre pera os olhos verem, que parecia mais pintada que natural; posto que d'outra parte a natureza, que de tudo é tão excellente mestra, se esmerou alli de feição, que se não cria que o juizo de nenhuma pessoa, por subtil que fosse, alcançasse tanto, que podesse imaginar assim uma floresta tão singular como ella alli fizera. Não andaram tanto polo valle abaixo, quando ao longo do rio contra si viram vir gram somma de monteiros com sua bozeria, e diante delles muita diversidade de caça, porcos, veados e outras alimarias montezas, fugindo com muita pressa, mettendo-se por antre os pés dos palafrens, em que as damas vinham. Foi o medo e alvoroço tamanho nellas com receio de caírem, que, por se terem, lançavam mão de quem achavam mais perto. N'isto desappareceram os monteiros, e a caça se passou toda a nado da outra banda do rio, cousa de que alguns se espantaram; mas não os que já presumiam que isto podiam ser obras de Daliarte. Afóra estas cousas, foram vendo outras muitas, que lhe fizeram não sentir o trabalho do caminho, té chegarem á vista da gram torre de Dramusiando, que ao longe parecia. O aballo que fez no coração de muitos,

foi tal, que fez esquecer tudo o passado, vindo-lhe á memoria o que alli passaram, e muito mais do de Flerida, que sabendo ser aquella casa, onde D. Duardos tanto tempo estivera captivo, não póde tanto dissimular sua dôr, que as lagrimas a não descobrissem. El-rei e o imperador íam louvando a maneira della, e perguntavam a Dramusiando quem fôra o primeiro inventor que a edificára. Senhores, respondeu elle, Eutropa minha tia, a fez desde o primeiro fundamento. Por certo, disse Trineo, não de mão de mulher tão boa obra merecia ser feita. Cousa nova, disse Dramusiando, me parece que vejo na ponte. E olhando t dos por o que seria, viram no meio della a modo de querer justar um cavalleiro, tão bem posto a cavallo, quanto se não podera achar outro, que melhor parecesse.: e não sabendo quem fosse, olhavam se naquella companhia fallecia algum dos que nella vinham, e não achando ninguem menos, não podiam suspeitar quem de fóra tamanha empreza quizesse commetter, como era querer defender a ponte a tantos. O cavalleiro estava em cavallo fouveiro remendado e grande, vestido d'armas de negro e branco a coarteirões com flôres de prata por ellas. No escudo em campo azul um vulto de mulher tirado polo natural de quem trazia na vontade, tão fermosa, que nem o d'Altea, por quem Floramão fez tantas cousas em Constantinopla, lhe igualava com gram parte, nem a fermosura de Polinarda lhe fazia vantage em nada. Na bordadura d'uma roupa, que trazia vestida,

vinham umas letras d'ouro, que diziam: Miraguarda. N'isto saiu da ponte um escudeiro, e chegando a elles, disse tão alto, que todos o ouviram. Senhores, o cavalleiro que na ponte está, diz que elle veio de mui longe por mandado de uma senhora, a que serve, provar-se na aventura desta fortaleza, de que tanta fama havia polo mundo, e chegando a ella, achou já os encantamentos de Eutropa quebrados, a força de Dramusiando e seus companheiros destruida polo esforço de Palmeirim de Inglaterra, e os prisioneiros que dentro estavam, postos em liberdade, de que está assás contente pola muita parte, que n'isso lhe cabe: e agora, por não se tornar em vão, sabendo que aqui vem os melhores cavalleiros do mundo, deseja justar com alguns pera ver o que tem em si. Batalha das espadas diz que a não fará, porque a sua deseja offerecer no serviço de todos, e não em offensa de nenhum. Tamanho foi o alvoroço que estas palavras fizeram no coração de cada um, que havia já differença quem iria primeiro. El-rei disse ao escudeiro: Amigo, dizei a vosso senhor que sua empreza é mui alta e a tenção, que aqui o trouxe, digna de louvor, e que se as obras dizem com o parecer, essa senhora, que o cá faz vir, não deve estimar em pouco seu serviço: mas isto não tem ellas, que nada satisfazem por razão, antes todas suas cousas por accidente ou appetite são governadas. O escudeiro se tornou á ponte, e ainda não acabava de dar o recado, quando o esforçado Te-

nebror estava nella pedindo justa, de que foi satisfeito, que arredando-se o outro o necessario pera os encontros trazerem força, se encontraram com tanta, que o cavalleiro perdeu um estribo, e Tenebror foi ao chão por cima das ancas do cavallo, de que ficou pouco contente, e os que o viram tambem, tendo a força do outro em muito. Traz elle Luymão de Borgonha, que da mesma maneira do primeiro encontro veio ao chão. Belcar, que ainda naquelle tempo desejava experimentar sua pessoa antre as outras dos mais mancebos, abaixou a lança, pondo as pernas ao cavallo; porém o da ponte, que no meio della o recebeu, o encontrou tão duramente, que elle e o cavallo vieram ao chão: e tomando uma lança das muitas, que estavam encostadas ao castello, remetteu a D. Rosuel, que lhe dizia que se guardasse; e posto que o cavalleiro da Ponte se apegou ao collo do cavallo, D. Rosuel teve companhia aos outros. Da mesma sorte o fez a Tremorão, Goarin, Frisol, Graciano, Blandidom e a Francião, de que Polendos ficou tão descontente e manencorio, que quizera tambem ir a justar, se lho D. Duardos não tolhêra. Todos foram derribados em tão pequeno espaço, que a alguns fazia crêr, que poderiam aquelles encontros ser obra de Daliarte; mas isto não era assim, senão força de quem os dava, sustida no contentamento da imagem de seu escudo, e na lembrança de quem em tamanhos perigos o punha. Traz estes veio o principe Floramão, parecendo-lhe que se

a victoria daquelle homem da força d'alguns amores nascia, elle por aquella via não desmerecia nada, nem menos, a seu parecer, a fermosura de sua senhora Altea devia nenhuma cousa á de seu escudo; que este engano ou ceguidade tem os corações namorados, quando de todo estão entregues. E com esta confiança entrou dentro na ponte, dizendo: Senhora, se me eu alguma hora esquecêra de vos servir, alguma razão terieis de vos não lembrar de mim; mas quem vos serviu sempre, soffrendo vossos malles sem esperança de algum bem, porque o não favoreceis em um trance como este, pera com este gosto satisfazer todalas tristezas passadas? Acabando estas razões, dizendo antre si e tão baixas, que só elle e o amor as ouviam, pôz as pernas ao cavalfo, e o cavalleiro da Ponte o recebeu com outra furia igual á sua, e quebrando as lanças, passaram um polo outro tão airosos como o elles eram; porém á segunda carreira Floramão e seu cavallo caíram juntamente com a força do encontro de seu contrario, de que ficou tão triste e descontente de se ver assim vencido em parte, onde tanto desejára a victoria, que tornou a dizer: Senhora Altea, já sei que isto me vem de não merecer servir-vos; pois em todas as cousas o que desejei fazer me foi tão mal. Eu pera comvosco sempre fiz o que devia, vós pera comigo o que quizestes, seja assim, que quando me fiz vosso, logo me determinei a ser contente do bem ou mal que me viesse. El-rei e o imperador Trineo e os outros

reis ficaram pouco contentes de ver aquelle descontentamento em Floramão, por ser nascido de lembranças tão antigas e necessarias a se esquecerem. O cavalleiro da Ponte andava tão contente de si, que lhe parecia que toda aquella gente era pouca pera elle: n'isto chegou a elle o principe Beroldo, Onistaldo, e Pompides, e inda que que todos fossem notaveis cavalleiros, o da Ponte os derribou, posto que com menos vantagem que aos outros. O cavalleiro do Salvage, parecendo-lhe vergonha vencer um homem tantos homens, e elle não ser dos primeiros, enlazou o elmo, corrido de ver as damas da imperatriz louvar tanto o cavalleiro da Ponte, e remettendo a elle á maior força que o cavallo o pode levar, se encontraram ambos com tanta, que as lanças voaram em peças, e passaram um polo outro sem fazer mostra de sentirem os encontros: logo tomaram outras, correndo segunda e terceira carreira sem se poder derribar. O da Ponte estava tão mauencorio de ver o vulto de sua senhora algum tanto desfeito de um encontro, que já se arrependia de não contender das espadas, e dizia antre si: Por certo, ou o cavalleiro é o melhor do mundo, ou eu não sou pera nada, pois tendo em minha ajuda o parecer de quem me mata, não posso vencer quem suas mostras offende. E tornando um contra outro a quarta carreira, foi com tamanha furia e os encontros tão bem acertados de cada parte, que não podendo os cavallos soffrel-os, vieram todos ao chão. E porque já isto

era quasi noite, Palmeirim não teve tempo de justar cousa pera elle muito grave, parecendo-lhe que n'isso offendia o parecer de sua senhora, que quizera antes perder o mundo, se fôra seu, que deixar de provar-se em cousa que todos faltaram. Mas Daliarte lhe disse a puridade. Não vos pese, senhor, não terdes justado com o cavalleiro, que qualquer cousa que com elle passareis, eu sei que vos pesàra pelo desprazer, que d'isso recebêra a senhora Polinarda. Vós sabeis tanto de tudo, senhor Daliarte, disse Palmeirim, que não é muito saberdes o que me n'isso vai: portanto quero tornar o pesar, que recebi de não justar, em prazer de ver fóra de tão grande receio como me essas palavras deram: porém se me quizesseis dizer quem é o cavalleiro, e se é necessario encubril-o, fal-o-hei; porque assim esse segredo de mim como de vós o podeis fiar, estimal-o-ia em muito. Muito bem sei eu, disse Daliarte, que a vós não se deve encobrir nada. O cavalleiro se chama Florendos, a quem os amores de uma mulher trazem tão mal tratado como a vós os de sua irmãa: seu nome não o saiba ninguem, que esta é sua tenção. Ah senhor Daliarte, disse Palmeirim, que escusada cousa seria cuidar alguem que a vós se póde encobrir nenhuma. Floriano do Deserto se levantou descontente de si, e o cavalleiro da Ponte outro tanto, e tornando a cavalgar o melhor que pode, só com seu escudeiro se foi polo campo abaixo, sem nunca qusrer que o conheces-

sem, engeitando o louvor, que lhe cada um queria dar de suas obras, crendo que os homens hão de amar mais ser bons, que parecel-o.

CAPITULO L.

COMO ACABADAS AS JUSTAS ENTRARAM TODOS NA TORRE E DO QUE LÁ PASSARAM.

Como o cavalleiro da Ponte se foi polo valle abaixo, por algum espaço ficaram fallando em suas obras, desejando saber quem fosse, e alguns apertaram com Daliarte que o quizesse dizer; mas nunca se pode acabar co'elle; somente disse contra Primalião. E' de mui gram preço, e pessoa que a vós mais que a ninguem deseja contentar, ou ao menos remediar vossas obras. Os amores de uma mulher, cujo nome traz no escudo, o trazem apartado da conversação destes senhores, com quem tem muita amizade e rasão. Veio aqui por seu mandado provar-se na aventura de Dramusiando e a achou já acabada e pera saber o que havia nelle justou com quem desejava servir. D. Duardos lhe pediu que dissese o nome de quem servia: isso nos não encobrira elle, disse a imperatriz Agriola, ao menos, se a conhecer alguem, saberemos a causa, que tem, pera perder-se por ella. Senhora, disse Daliarte, o nome é Miraguarda e o seu parecer tal, que quem bem o sentir olhal-o-ha pera ver o que nunca viu e guardar-se ha por não cair nos perigos, que d'ahi lhe podem nascer. E' natural de Hespanha, filha do conde Arlao, pessoa de muito preço e

ella em tanto extremo fermosa, que ninguem a viu uma vez, que não quizesse aventurar a vida pola tornar a ver outra. Do conde vos sei dizer, disse elrei Recindos, que é o que vós dizeis, de sua filha não sei nada, porque ao tempo, que vim de Hespanha, era de tão pequena idade, que inda senão dizia della. Nisto entraram na torre levando aquellas senhoras pola mão, onde, depois de serem dentro, tiveram em tanto os edificios e assento della, que quasi a olhavam por milagre, louvando em extremo a humanidade de Dramusiando e a confiança de si, mesmo, depois que viram o modo da prisão tão solta, em que tivera aquelles homens. As varandas, janellas e eirados, que caiam sobre as agoas daquelle gracioso rio, estavam tão bem assentadas e alegres, que alvoraçavam os espiritos pera desejar a conversação dellas: alem disso as ramas dos altos alemos, que do fundo d'agua sahiam, faziam os paços tão bem assombrados e davam-lhe tanta graça, que acendiam o desejo para os lograr e não pera enfadarem nunca. Aquella noite cearam com tanta abastança de cousas ministradas por Dramusiando, como se fôra no tempo de sua bonança. Ao outro dia porque Flerida não podia soffrer estar em parte, onde lhe tanto pesar nascera, partiram-se muito cêdo, fazendo primeiro Palmeirim mercê da torre a Dramusiando, que a acceitou delle com tenção de o servir em maiores cousas, como depois fez, pondo-lhe nome, extremo de fortaleza, que ella mui bem merecia, assim pola muita que nella havia, como polo que já alli acontecêra: dahi

se foram ao apousentamento de Daliarte, que não era mui longe, tendo sempre no caminho muitas invenções de cousas de folgar, com que iam enganando as horas do caminhar, pera não sentir o enfadamento. E tanto que entraram no Valle Escuro, donde Daliarte tomou o nome, foram combatidos de tantas, que não sabiam se recebessem com ellas prazer ou espanto; porque se algumas eram pera rir, logo se mudava em outras de medo e temor, que faziam perder o gosto a tudo. Posto que este entrava só no coração das damas, que os dos cavalleiros com as cousas de prazer folgavam e com as contrarias não se entristeciam. Alem de todas estas, que eram bem pera ver, só a maneira do valle dava tanto que cuidar, que isto bastava pera se ter em muito o saber de Daliarte. Porem depois que ao assento das casas chegaram, que no mais fundo do valle estavam edificadas, não houve antre elles pessoa a que o modo e invenção dellas não fizesse espanto. Por isso não escrevo a maneira de sua composição, que seria damnar com palavras o que com ellas senão pode dizer. Alli os teve Daliarte alguns dias tão abastados e servidos, que não poderam ser mais em nenhuma parte, em fim dos quaes Arnedos e Reeindos se despediram dos outros senhores, seguindo um via de França e outro de espanha, sem outra companhia que dous escudeiros, não querendo levar comsigo seus filhos, porque mais em idade de seguir as aventuras quede repouso estavam. Ao outro dia se partiuo imperador Trineo, deixando tambem os seus contra a vontade da impera-

triz e indo satisfeito de suas obras, cousa que sei muito deve estimar, quando ellas são boas. Elrei se tornou a Londres com toda a outra companhia, e d'ahi se despediram o soldão Belagriz e Mayortes com tamanha saudade de D. Duardos, como lha fazia sentir o amor, que se elles sempre tiveram; mas primeiro que se fossem, D. Duardos apartou o soldão, dizendo: Senhor, bem cuido que vos lembrara ao tempo que desencantei elrei Tarnaes de Lacedemonia o que em meu nome com sua irmãa passastes, do que me então pesou muito. Porem já agora se pode tudo esquecer polo fructo, que d'ahi sahiu. Sabei que Blandidom é vosso filho e seu, e eu não lhe ousei té agora dizer a verdade, porque me guardei pera tempo, em que o milhor podesse fazer. Se quizesseis conhecer o erro de vossa lei e seguir estoutra, que é verdadeira, vosso povo fará o que vós quizerdes e vos casareis com Paudricia, que faz a vida que já ouvistes, e lograreis a ella e a um filho tanto pera estimar. Algum espaço esteve Belagriz, que não respondeu a D. Duardos, passando pola memoria o peso daquellas cousas, que quando ellas são grandes, muito em as cuidar e pouco em executar se deve occupar o espirito: e pondo os olhos em D. Duardos, disse: Por certo, senhor, nunca tão abalado me vi com nenhuma cousa, que o tempo ou a fortuua me offerecesse, como agora estas palavras me fizeram. Blandidon estimo tanto tel-o por filho, que cuido que co'elle farei o que nunca tive na vontade: comtudo quero-me ir, e a determinação que lá tomar vós a sa-

bereis de mim. Assim se despediu Belagriz sem mais conclusão de suas cousas, posto que depois a tomou boa. E com sua ida e de Mayortes se alvoraçaram muito os outros pera se partir, como foi Polendos, Belcar e Vernao, a quem os amores de Vasilia não deixavam repousar. Traz este se foi Primalião com assáz saudade de Flerida, que lhe queria bem em extremo, levando determinado caminhar só, e passar polas aventuras que lhe sua ventura desse e experimentar sua pessoa nos perigos, de que já estava isenta, não consentindo agravar a ninguem, nem forçar a quem não tem força pera se defender, que a vida e a pessoa pera soccorro dos fracos se ha d'aventurar.

CAPITULO LI.

DO QUE ACONTECEU AO CAVALLEIRO, QUE JUSTOU NA PONTE, QUE ORA SE CHAMA O CAVALLEIRO TRISTE, COM PRIMALIÃO.

PARTIDO Primalião, andou tanto por suas jornadas por terra e por mar, que se achou no reino de Lacedemonia, onde vindo-lhe á memoria Paudricia, e da maneira, que a achara, quando passou por alli no tempo da perdição de D. Duardos, desejou tornar a vel-a, pera exprimentar se nas mulheres algum cuidado mora muito, que de seu natural são tão mudaveis, que de nenhuma dellas se espera. E depois d'atravessar a maior

parte daquelle reino, um dia já tarde aportou no Valle Descontente, onde nenhuma pessoa entrava, que não sentisse em si o nome delle: e antes que chegasse ao apousentamento de Paudricia, viu dous cavallos andar polo campo pascendo, e antr'elles conheceu polos sinaes o do cavalleiro, que justara na ponte, e não podendo cuidar que razão alli o trouxesse, olhou a uma e a outra parte e o viu lançado á sombra d'uns arvoredos sombrios e carregados; que na borda d'agua daquelle tristonho rio estavam, armado d'armas de negro com nodoas amarellas, que as occupava todas, tão tristes como então o cavalleiro trazia a vontade, donde a convenção dellas fora tirada: e assim por ellas, como polo cuidado, em que o sempre viam, lhe chamavam por aquella terra o cavalleiro Triste. Primalião o desconheceu algum tanto, porque não eram aquellas as com que justara na ponte. Chegando-se mais por ver quem seria, acabou de conhecêl-o polo escudo que tinha nas mãos, e os olhos na figura delle, tratando-a com tanto acatamento como se fora a propria por onde aquella imagem se fizera. Primalião se desceu por melhor poder chegar a elle, mas o outro estava tão enlevado em suas cousas e no cuidado dellas, que o não estorvara um rovoliço mui grande, dizendo: Senhora, que fará quem vos alguma hora viu pera se perder por vós, e vos agora não vê pera esperar algum bem? Peço remedio a esta imagem de vossa fermosura, mas ella não o tem pera mo dar, á

se o tem nega-mo, porque vós o quereis assim. Tem vossas mostras tanto merecimento comigo, que me fazem perder por ellas, e eu tão pouco ante vós, que vos não lembram meus malles senão pera fazer-me outros maiores: se folgais de me matar, acabai de o fazer e não terei que sentir e sentireis vós a perda, que vos disso vem. O' Florendos, filho e neto dos mais altos principes do mundo, tão venturosos em suas cousas e tu tão sem ventura nas tuas, apartado da conversação de teus amigos. metido na comtemplação de um cuidado sem fim, nascido de quem de ti o não tem. Miraguarda é, senhora, vosso nome: quem vo-lo assim poz, ou nasceu com a vontade livre, ou teve o juizo fraco pera sentir o que disse, que não sei quem vos veja, que depois se queira guardar de vos ver, ou se quizer não sei se podera. Estas e outras cousas passou o cavalleiro Triste comsigo só, por onde Primalião acabou de conhecer que era seu filho Florendos, e, como quem já passára polo fio d'outras taes imaginações no tempo da sua Gridonia, doiam-lhe as suas como se nisso fôra a principal parte. E chegando-se mais a elle, disse-lhe: Esforçado cavalleiro, a quem vossos cuidados dão pena, não lhe dareis quinhão delles? O cavalleiro triste levantou os olhos e pondo-os em Primalião, disse: Não os estimo eu tão pouco, que a ninguem senão a mim os queira ver; mas quem sois vós, que em tal tempo me estorvastes a comtemplação delles? Por certo, se me ousais esperar, eu vos darei a emenda do desprazer que me fizestes: então

chamando a seu escudeiro, que a mui gram somno dormia, pediu suas armas. Primalião não lhe respondeu, antes tornando a cavalgar, se desviou polo campo enlaçamdo o elmo, desejando experimentar a força de seu filho pera ser assim mesmo testemunha della. O cavalleiro triste depois de armado e enlaçado o escudo, estando já em cima de seu cavallo, vendo a pouca razão, que tinha, despedida a furia, com que o fizera, quiz arrepender-se, dizendo contra Primalião. Senhor cavalleiro, se as palavras, com que vos desafiei, fizeram em vós alguma manencoria, peço-vos que a percais e me perdoeis, que eu da ira com que as disse m'arrependo. Mas como a tenção de Primalião fosse outra, disse: Dom cavalleiro, não são eu a quem essas escusas hão de tirar de seu preposito. Tomando vossa licença fazei o que poderdes, que já hei de ver o que ha em vós; ainda que o experimente á minha custa. Então se arredaram um de outro e remmettendo com toda a força, que os cavallos podiam trazer, quebraram as lanças nos escudos com a fortaleza do encontro e topando-se dos corpos e cavallos, Primalião veio ao chão e rebentando a cilha do cavalleiro triste, cahiu com a sella antre as pernas; porem não com tão pouco acordo, que deixasse de cahir em pé, arrancando da espada com tanta presteza, que Primalião o teve em muito e levando tambem da sua, senhoreado já de ira, começou de cortar naquellaa armas e carne de seu proprio filho, com tamanha braveza como se fôra seu imigo mortal: por onde se prova, que nas cou-

sas da honra antre os excelentes varões, a opinião della pode mais e tem mais força que as amizades e grandes parentescos; porque os pais estimam pouco matar seus filhos, nem os filhos perder seus pais, como se pode ver por muitos acontecimento destes, de que as historias antigas andam cheias. O cavalleiro Triste, vendo-se em tal affronta, não sabendo a offensa que nisso fazia ao pai, que o gerara, começou feril-o tão sem piedade e por tantas partes, que em pequeno espaço as armas de cada um foram assim desfeitas, que as carnes começaram sentir a fortaleza dos golpes, que se nellas recebiam. Nos escudos não havia defensa e se a havia era mui pouca. O ruido dos golpes era tamanho que todo o valle soava, com um estrondo temeroso e triste, conforme ás outras cousas delle. Nisto se arredaram por cobrar alento e viram as ameias da casa de Paudricia cobertas de tapeçaria negra, de que estavam toldadas, segundo o costume, em que sempre vivera e ella com algumas suas damas posta antr'ellas pera ver a crueza da batalha, qu'era das maiores, que nunca vira. Primalião quizera muitas vezes deixal-a, mas seu coração robusto e feroz não lho consentia. Então se tornaram ambos a juntar, dizendo Primalião. Agora, Dom cavalleiro, vereis se as mostras dessa senhora, que servis, vos, defendem de minhas mãos Se eu pera vós, disse o cavalleiro Triste, houvera mister sua ajuda e ella ma dera, com menos golpes dos que tenho despeso se amançara essa soberba; mas porque pera tão pequenas cousas não peço seu soccor-

ro, vos defendestes tanto. Porem com a ira daquellas rasões se acenderam de feição, que a batalha se avivou em maior braveza e os golpes começaram fazer muito mais damno. Dos escudos não havia mais sinal que os pedaços, de que o campo estava semeado. As armas tão espedaçadas, que descobriam a mór parte dos corpos. E porque o espaço, que havia que pelejavam era grande, enfraqueciam as forças de cada um, em especial as de Primalião, que já começava de haver dó do sangue de seu filho, a que disse. Cavalleiro, se vos bem parecer, devemos descansar um pouco, que pera se saber quem havera a victoria desta differença assás tempo nos fica. Por certo, disse o outro, esta batalha fôra bem escusada antre nós, se vós quizereis; mais pois vossa soberba pôde mais que minha desculpa, eu heide ver o fim della seja á custa de quem for. Pois eu disse Primalião não quero que seja assim que d'uma parte aventura a minha vida e da outra a vossa, que mais estimo. Nisto viram que do castello saia Paudricia acompanhada de suas damas, porque o dó, que delles houve, a fazia vir apartal-os. O cavalleiro triste não sabendo determinar a tenção das palavras de seu imigo, pondo a ira a parte, quiz esperar a fim dellas. Primalião se chegou a Paudricia, que ainda então lhe pareceu muito bem, dizendo: senhora, já estareis menos descontente do que vos eu deixei o dia, que neste assento vos mettestes. Senhor, respondeu ella, eu não sei quem sois, mas o dó, que tenho dessas feridas e das de esse outro cavalleiro, me faz cá vir: e pois assim

é que vos acho concertados em vossa batalha, peço-vos que me digais vosso nome, pera saber se lá dentro, ou fôra vos hei de mandar curar. Senhora, disse Primalião, desejei sempre tantos servir vos, que de mui longas terras vim a esta pera vos dar algumas novas de vosso gosto e contentamento: e porque a vós não hei de negar nada, eu sou Primalião filho do imperador Palmeirim. Quando o cavalleiro triste o ouviu nomear e conheceu que era seu pai, esteve pera cahir, não podendo suster em si tamanho pezar. Primalião, que sentiu nelle aquella fraqueza, o ajudou a suster, dizendo: Cavalleiro, quem pera se combater tem tão sobejo esforço, pera nas outras cousas não deve mostrar tão pouco. Eu vos conheci mui bem, quando me combati comvosco, agora vos conheço melhor, que sei o que ha em vós. O cavalleiro triste não teve tempo de lhe responder, nem lhe beijar as mãos, que Paudricia levou a Primalião pera dentro, alegre e contente de o ver em sua casa, e as damas o levaram a elle. E antes de outra cousa nem praticarem em al, foram concertados dous leitos, ambos em uma camara, e elles curados de suas feridas, que ainda que não eram grandes, o sangue, que lhes sahia dellas era tanto, que os enfraquecia muito, como se foram de mais damno. Que esta é sua qualidade, que onde falece não tão somente na côr se parece, mais inda a fraqueza dos membros o manifesta.

CAPITULO LII.

DO QUE PASSOU PRIMALIÃO COM PAUDRICIA, E COMO FOI A CONSTANTINOPLA, DONDE VEIO NOVA QUE A FROTA DO SOLDÃO DE BABILONIA ERA DESFEITA.

Alguns dias Primalião e o cavalleiro Triste estiveram em casa de Paudricia tão servidos e visitados della como lho fazia fazer o preço de suas pessoas, e o contentamento das novas, que lhe deram de D. Duardos ser vivo. Que posto que de todo já estivesse desesperada de o poder haver, contentava-se de ter a vontade sugeita na lembrança de suas obras. E a rogo de Primalião se mudou d'aquelle assento pera o Jardim das Donzellas onde dantes costumava estar. E passados alguns dias, que alli se detiveram, dando-lhe sempre conta da prisão de D. Duardos e dos mais, que na torre estavam, se despediram della, deixando-a mais contente do que dantes vivia. O cavalleiro Triste, porque sua determinação não era seguir a via de Constantinopla, mas tornar a volta de Hespanha, pediu a Primalião seu pai lhe desse licença pera o poder fazer, que lhe não negou, porque tambem como se já disse, sua vontade, quando partiu de Londres, foi caminhar só, pera só passar os perigos das aventuras, que lhe succedessem. E acon-

selhando-o primeiro na temperança que em suas couzas havia de ter, onde a estrada se repartia em dous caminhos lhe lançou sua benção, e tomando elle um, o cavalleiro Triste se foi pelo outro seguindo a via de Hespanha, tão desejoso de chegar lá, como quem nenhum repouso nem descanso recebia fóra della. Aqui deixa de fallar nelle té seu tempo, em que se dará inteira conta de sua vida, pois té qui se não fez. Torna a Primalião; que continuando seu caminho, andou tanto sem passar nenhuma aventura, que seja pera contar, que chegou à gran Constantinopla, onde tão desejado era, a tempo que cada dia esperavam a armada do soldão, que se dizia vir tão poderosa e grande, que todo o imperio parecia pequena presa pera tão sinalada gente. Primalião entrou pola cidade armado de todas armas por não ser conhecido, que seu desejo era tomar todos de sobresalto pera maior alvoroço. Descavalgando á porta do paço, entrou na salla a tempo que o imperador acabava de comer, armado d'armas de verde e ouro, fortes e louçãas, mas tão desfeitas como aquellas que sentiram em si as forças e golpes do cavalleiro Triste, levando um continente tão airoso e loução, que só por elle houvera de ser conhecido naquella casa, se a distancia do tempo, que havia que della partira, o não estorvara. Todos lhe deram lugar pera melhor poder chegar onde o imperador estava, e sem tirar o elmo, depois de fazer o acatamento que devia, lhe pediu que o quizesse ouvir ante

a imperatriz e sua nora, pera lhe dar novas da corte d'Inglaterra. El imperador disse: Vós vindes de parte, que por vos ouvir é bem que se faça tudo o que quizerdes. Logo se levantou em pé e acompanhado d'alguns, que com elle estavam, se foi á camara da imperatriz, onde tambem achou Gridonia e Vasilia sua filha; indo bem sem suspeita de saber quem era o correio, que comsigo levava, disse contra todas: Senhoras, este cavalleiro vem da corte d'Inglaterra; as novas, que della traz, não as quiz dar a mim só, porque se fossem tão boas, como espero, as não lograsse sem vós. Queira Deus, disse a imperatriz, que seja assim, que a tardança de meu filho me faz receiar outra cousa. O imperador se sentou junto della e Primalião virando os olhos a todas partes esteve vendo a mudança, que o tempo fizera em toda aquella gente, que o imperador estava já mui desbaratado, Gridonia com muita parte de sua fermosura perdida. E não era muito parecer-lhe assim, pois junto della estava Polinarda, ante quem nenhuma parecia fermosa. Porem isto não parecera a Florendos, se se naquella casa achára. Primalião por algum espaço esteve espantado de a vér, e assim o estava o imperador e os outros delle não fallar. Assim que passada aquella detença, chegou-se ao imperador e pondo os joelhos no chão, disse: Senhor, se algum tanto me detive em vos não dizer quem era, não me ponhaes culpa, que a mudança, que aqui vejo o causou. As novas que da corte d'In-

glaterra desejais saber, se as quereis de Primalião vosso filho, ante vós o tendes; elle vol-as dará de quem mais quizerdes. Então tirando o elmo, com vir affrontado das armas e do trabalho do caminho, ficou com uma cor rosada no rosto, tão gentil homem, que nenhuma differença acharam nelle do dia que dalli partira. O imperador se achou tão sobresaltado daquella vinda supita, que nenhuma cousa lhe respondeu. A imperatiz e Gridonia o tomaram juntamente nos braços tão apertado comsigo, que por um espaço grande se não pode soltar dellas, lançando cada uma tantas lagrimas com aquelle prazer subito, como o poderam fazer com alguma nova triste, que lhe então viera. Vasilia se veio tambem a elle, e abraçando-a lhe disse: Senhora irmãa, o principe Vernáo será mui cedo comvosco, porque vossas lembranças não lhe dão lugar, que o deixem repousar sem vos vêr. E querendo-se apartar della, viu que a fermosa Polinarda o detinha pola falda do arnés, estando de joelhos pedindo-lhe a mão pera lha beijar; elle a levantou nos braços, dizendo contra Gridonia: Senhora, não cuidei que cá houvesse cousa, que me tanto cuidado desse, pois o vosso bastava pera me dar em que cuidar. Ella tem a quem saír sendo vossa filha e neta da imperatriz minha senhora; por isso não me espanto de cousas tão estremadas saísse um estremo tamanho. O imperador o fez desarmar, e antes que o deixasse repousar quiz saber inteiramente todas as novas d'Inglater-

ra, em especial de Palmeirim: e depois de as ouvir, quando soube ser filho de D. Duardos e de sua filha Flerida e seu neto delle, o contentamento, que recebeu, foi tamanho, que não o podendo encubrir, fez mil mudanças alegres tão fora de seu costume, que parecia cousa nova em homem tão desacostumado dellas. Este alvoroço não foi só seu antes era tão geral pola criação, que em Palmeirim naquella corte se fizera, que cada um mostrava por obra o quinhão, que de tamanho prazer sentia, senão Polinarda, que ainda que sobre todos estimasse aquella nova e seu contentamento fosse muito alem dos outros, ninguem lho sentia senão Dramaciana, a quem nenhuma cousa sua era occulta. Na corte se começaram grandes festas de gente miuda, que cavalleiros havia poucos. E dous dias depois da vinda de Primalião chegou Vernão, com que Vasilia acabou de ser contente e perder o receio, em que dantes vivia: que no grande bem querer ou cousa que se muito deseja, qualquer tardança faz receiar mil cousas, que o coração suspeita. Tras elle cada dia vinham outros cavalleiros, com que a corte pouco a pouco se foi nobrecendo. Não passaram muitos dias depois da vinda destes senhores, que a Constantinopla chegou um cavalleiro da casa do Soldão Belagriz com recado ao imperador, que o recebeu como mensageiro de tal pessoa, e dando-lhe uma carta de crença, depois de mandal-a ler, lhe disse: Agora podeis dizer todo o a que sois vindo. Senhor, respon-

deu elle, o Soldão meu senhor, beija as vossas reaes mãos, fazendo-vos saber que o dia, que chegou a sua casa, que ha muito poucos, achou novas como o Soldão de Babilonia e todo seu estado, ajudas de parentes e alliados, vinham sobre vosso imperio, com tenção d'o levar nas mãos, crendo que o poderia fazer pola falta de cavalleiros, que em vossa casa havia: e ora estando pera mover seu exercito, soube que alguns senhores de seu reino se lhe rebelavam com todas suas terras, não podendo soffrer tão duro senhorio: e porque isto lhe foi descuberto por alguns, que na mesma consulta eram, quiz primeiro que nenhum movimento fizesse, prover na seguridade de seu estado; porem as cousas estavam já tão damnadas, que não o pode fazer sem morte de mais de cem mil pessoas de uma e outra parte: por onde não tão somente sua armada ficou desfeita, mas ainda elle posto em tamanho receio, que esquecido de tomar o alheio, tomaria por partido ter já seguro o seu, de que ao Soldão meu senhor pesou em estremo, que quizera que vossa magestade nos taes tempos soubera o que tinha nelle. Por certo disse o imperador, do Soldão Belagriz conheci eu sempre ser grande meu amigo. A nova, que me por vós manda, lhe tenho muito em mercê não por temor, que dessa gente tenha, senão pola vontade, que pera esse caso offerece. Vós repousai hoje, amanhãa partir-vos-heis, ou quando vós quizerdes, que para tamanhas jornadas algum repouso ha mister.

Porem primefro me dai novas, em que disposição em que o Soldão fica, pera se forem como espero, sentir o contentamento, que se com ellas deve tomar. Senhor, disse o cavalleiro hi não ha outras senão des o dia, que da corte d'Inglaterra partira, sempre esteve em boa disposição, occupado em outras cousas de lá, que são tantas que sempre havera de dizer, se houver quem as ouça. Vós dizeis verdade, disse o imperador, que esta prisão de D. Duardos foi cousa tão sinalada, polo que della succedeu, que quanto hi houver mundo, haverá que fallar nella. Acabadas estas palavras o imperador se recolheo com a imperatriz a dar-lhe aquellas novas e o cavalleiro se foi a sua pousada, e ao outro dia se partiu com resposta caminho de Niqu a; e a corte do imperador com a certeza do desbarato do Soldão ficou tão quieta e segura dos medos, em qu'estava, como se nunca os tivera de nenhuma cousa: posto que estes não entravam nos corações dos esforçados, e assim é bem, pois o natural da guerra é os mais ousados estarem mais seguros e os menos com maior medo,

CAPITULO LIII.

EM QUE TORNA A DAR CONTA DO CAVALLEIRO TRISTE.

PORQUE nunca té aqui se deu conta de Florendos, filho de Primalião, que agora se chama o cavalleiro Triste, dá o author a desculpa, que pera isso tem, e é esta. Ao tempo, que elle sahiu da corte de Constantinopla de mistura com outros muitos cada um por sua parte, foi seu caminho tão desviado de todos, como se aqui se dirá. Florendos sahiu da corte com preposito de ir ter á gram-Bretanha e indo seu caminho contra essa parte, chegou a uma cidade porto de mar, onde achou uma náo de mercadores fretada pera Inglaterra: mettendo-se nella por ir em menos tempo, deferiram do porto com vento prospero e com elle caminharam té vista de Inglaterra, onde cuidaram tomar porto, se o vento não lho estorvara, o qual se lhe trocou tão prestes ao revez de seu desejo, que em pouco espaço lhe fez perder terra de vista. Nisto veio a noite com tamanha escuridão e o vento se avivou de maneira, que o piloto perdeu de todo o tino da viagem e os marinheiros andavam tão sem acordo, que o não tinham pera mais que cuidar na morte, e não esperavam por seu trabalho guarnecer a vida: em a náo foi o rumor e medo tão grande, que nenhuma pessoa, que ahi fosse, tinha esforço senão pera cho-

rar. Florendos, que em uma camara ia, ouvindo as vozes de todos e a perdição tão chegada, em que se viam, sahiu fóra, e mais com ameaços que rogos fazia trabalhar os marinheiros, que já o não faziam, por lhe parecer escusado. Assim sustiveram a náo té o dia, co'a claridade do qual esforçaram algum tanto, mas nem por isso o vento era menor, antes sempre parecia que se dobrava em muito maior quantidade. Esta tormenta correram oito dias com suas noites, sempre arvore seca, sem nunca poderem ver terra, nem saber a que parte eram lançados. Na fim delles, cançado já o tempo de os perseguir, bonançou o vento e acharam-se tão longe d'Inglaterra como aquelles que eram lançados na costa de Hespanha e tão mettidos nella, que quasi estavam no fim da terra da belicosa Lusitania, provincia então povoada de muitos e mui esforçados cavalleiros, onde por virtude do planeta que a rege, os houve sempre mui famosos; posto que naquelle tempo os que maior fama tinham eram idos em busca de Recindos seu natural rei e senhor, de que se então não sabia por estar na prisão de Dramusiando, como se já disse. E, reconhecendo os marinheiros e piloto a terra, determinaram sahir na cidade de Altarocha, que depois chamaram Lisboa, cujo nome dizem, que se derivou dos fundadores della. Florendos vendo-se tão afastado donde levava seu pensamento e que sua fortuna o lançara tão longe, não sabia encobrir o pesar, que recebia; porem como com elle não se podia cobrar o que seu desejo queria, apartou de si aquel-

le descontentamento e tomando suas armas mandou lançar o seu cavallo e de Armelo seu escudeiro fóra, não querendo entrar na cidade, porque naquelles dias mais nas florestas que nos lugares as aventuras estavam certas. Assim começou caminhar polo reino de Portugal, passando por muitas cousas de perigo, em que por vezes o correu assás, tanto a sua honra, que a fama que dalli lhe ficou, o fez tão conhecido naquella terra, que se não fallava em al. E assim discorrendo á uma e a outra parte, indo um dia bem descuidado do que lhe podia acontecer, á horas de vespera, sendo no mez d'abril, se achou ao longo da ribeira do Tejo, que com suas mansas e graciosas aguas rega os principaes campos da guerreira Lusitania até se metter no mar. Como naquelle tempo toda fosse cercada de muitos arvoredos, impedia a vista d'agua em muitas partes. Pois, caminhando por ella acima, não andou muito que no meio d'agua em pequeno ilheo, que o rio fazia, viu um castello roqueiro tão bem assentado e guerreiro, que era muito pera ver e muito mais pera temer a quem nos perigos delle se visse; antes que lá chegasse, quanto um tiro de pedra, viu ao longo d'agoa tres donzellas fermosas, que por baixo dos arvoredos andavam folgando, logrando as sombras delles, que naquelle dia eram pera isso, por ser de muita calma, andando tão mettidas no gosto de seu desenfadamento, que o não sentiram senão a tempo que já estava tão perto, que lhe não poderam fugir. Florendos poz os olhos em todas e na que lhe pareceu

de maior merecimento, segundo o acatamento, que lhe as outras faziam, viu tamanha differença de fermosura, quanta nunca cuidou que d'uma mulher a outras mulheres podessem haver, tendo pera com elle tamanho poder aquellas primeiras mostras, que no proprio instante o seu coração, que dantes era livre, converteu sua liberdade isenta em cuidados desesperados, que muitas vezes lhe faziam desejar a morte, pera menos perigo ou maior remedio da vida. Como esta affeição o pozesse naquelle desejo sem fim, acrescentou-lhe muita mais ver nella com uma seguridade honesta, graça, despejo e desenvoltura, tudo conforme a seu parecer, cousas, que obrigam os homens se mais perder por ellas. E vendo que se recolhiam ao castello, não teve juizo pera lhe fallar, que o espanto do que vira lho deixára de todo tornado. Porêm depois que se achou só no campo e viu a ellas dentro, desembaraçado da torvação primeira, começou a sentir aquelles novos accidentes namorados, em que o seu coração se via, com tamanhos sobresaltos como o amor tem onde suas obras abrangem: e indo contra a porta do castello a achou cerrada de todo; e no alto della, que era de pedraria, viu um escudo de marmore, encaixado na mesma pedra e posta nelle em campo uma imagem de mulher, tirada polo natural da que vira no campo, tanto ao proprio, que não soube fazer nenhuma differença d'uma a outra. Tinha no regaço umas letras brancas, que diziam: Miraguarda: e bem lhe pareceu que aquelle seria seu proprio nome, e bem conhe-

ceu que o nome dizia verdade, que a senhora delle era muito pera ver, e muito mais peras e guardarem della. Mas a tenção porque as letras alli se poseram não era esta, senão porque se guardassem do gigante Almourol senhor daquelle castello, de quem depois tomou o nome; que elle as poz alli pera mostrar que a imagem do escudo era pera a verem, e elle pera se guardarem delle. O qual, pera fazer sua tenção verdadeira, sahiu de dentro ao tempo que Florendos estava lendo as letras e derivando nellas seu mal, armado de folhas d'aço verdes, não menos fermosas que fortes, em um cavallo negro tão crescido e forte, como era necessario pera suster tão gram peso, dizendo contra Florendos: Por certo, cavalleiro, essas letras vos mostrariam a vós, se as bem entendeis, quão escusada vos fora esta detença. Se os outros receios, em que m'ellas metem, disse Florendos, não fossem maiores que o medo, que me vossas palavras fazem, eu os passaria com menos dôr da que me já ora dão. E assim de palavras em palavras vieram em tamanha ira um do outro, que houveram uma batalha assás temerosa e de muito perigo, em que o gigante Almourol mostrou bem seu esforço; mas como Florendos lhe fizesse vantajem, vendo que o via d'antre umas ameias a senhora Miraguarda com Lademia e Ardenia suas criadas, fez tanto em armas, que o desapoderou de toda sua força, trazendo-o tão mal tratado, que por nenhuma via podia escapar de suas mãos, se ella não descera abaixo, que lho pediu, dizendo: Cavalleiro, peço-vos,

se alguma cousa ha no mundo, que vos obrigue deixar esta batalha, o façais por amor de mim, e não mateis esse gigante, que é pessoa a que muito devo e o principal guardador, que nesta fortaleza tenho. Senhora, disse Florendos, essas palavras e quem as diz, me obrigam tanto, que não sei por quem mais que por ellas fizesse. O gigante póde fazer de si o que quizer, e vós de mim o que mandardes, que em tal estado me vejo, que não sei se faria outra cousa. Miraguarda lh'agradeceu sua vontade, recolhendo-se pera dentro e Almourol com ella. Florendos ficou fóra, ferido de suas mostras, com maior dôr do que lhe então davam as feridas do gigante, de que o curou seu escudeiro. E depois de são esteve alli muito tempo, guardando o escudo de Miraguarda, pera mostrar o preço de sua pessoa, combatendo-se com todolos cavalleiros, que alli vinham, vencendo-os com tamanho louvor seu, que os que eram famosos o buscavam de longe pera experimentar suas pessoas e obras, sem nunca o gigante ter necessidade de sahir fóra, porque elle lhe franqueou sempre o campo de todos os que alli vieram. Se alguma hora lhe vagava tempo o passava por baixo dos arvoredos em comtemplações tristes, contando-se a si mesmo seus males e outras vezes á imagem, que estava sobre a porta, assossegada pera ouvir, muda pera lhe responder, na qual achava tão pouco remedio como se esperava d'uma estatua. E com quanto Miraguarda via todas essas cousas, era tão livre de condição, que soffria seu serviço delle pera seu

gosto. della e dissimulava o que via por lhe negar o galardão em tudo. Nesta continuação esteve Florendos tantos dias, que se começou de descubrir a fortaleza de Dramusiando em Inglaterra e perdição daquelles principes e esforçados cavalleiros: e porque a confiança, que a Miraguarda nascia de suas obras era grande, o mandou lá, crendo que aquella ventura se acabaria por elle e ella ficaria co'a honra de tão crescida victoria, pois por seu mandado entrara nella. Partindo Florendos, contente de sua senhora lhe mandar alguma cousa, em que a servisse, chegou a Inglaterra, já quando tudo era acabado por mão de Palmeirim, como se atraz disse. E sabendo que todolos que estavam na corte vinham ver a fortaleza de Dramusiando os esperou na ponte, onde passou o que já disse. Pois tornando a Miraguarda, já atraz se mostra cuja filha era, e quão extremada em parecer e fermosura a fizera a natureza; porem não se disse a rasão porque naquelle castello estava, que era esta. Como antre nós as mulheres tem tanto poder, que tudo vencem, em especial as fermosas em extremo, que estas obrigam os homens a não temerem os perigos pera os cometterem, nem sentir os seus receios pera os passar, houve na corte de Hespanha, onde o conde, pai de Miraguarda, sempre andava, por ser pessoa de muito preço e alta valia, tantos competimentos de cavalleiros sobre quem a serviria, que corrompendo-se este desejo nos de maior qualidade, havia sempre tantas justas e torneios e invenções, gastos demasiados, que quasi

todos ou a maior parte se achavam gastados delles e da desordem, com que se faziam, de que a rainha recebia pena e desgosto, vendo, que em tempo que elrei seu senhor era fóra do reino e ella vivia em continua tristeza, seus naturaes passavam os dias em maiores alegrias do que nunca costumaram. Depois disso as competencias foram em tamanha rotura, que, nascendo dellas discordias grandes, houve bandos, em que morreram alguns senhores principaes e cavalleiros famosos, e ia em tanto crescimento, que se assim não atalhara com sua temperança e discripção, Hespanha fôra posta em maior destruição do que já foi em outros tempos. Mas o conde, que em extremo era discreto e sesudo, mandou chamar ao gigante Almourol, pessoa de mais credito na corte do que de gigante se esperava, e lhe rogou que a quizesse ter em sua guarda com alguns cavalleiros, que lhe daria té ser tempo de a casar, pois então havia rasões, que o estorvavam: e mandou sua filha com quatro cavalleiros de sua casa e algumas donas e donzellas pera a servirem e acompanharem: esteve no castello de Almourol tanto tempo, que aquellas discordias foram esquecendo e ella sahiu delle pola maneira que se adiante dirá. Por onde se crê que muitas vezes os grandes males são principio de maiores bens.

CAPITULO LIV.

COMO PALMEIM SE SAHIU DA CORTE D'INGLATERRA E DO QUE LHE AÇONTEÇEU.

Esteve tantos dias Palmeirim na corte delrei Fradique d'Inglaterra seu avô, que alguns sem razão começavam de estranhar sua detença, de que teve pouca culpa, que força de rogos e palavras de sua mãi, lhe deteve mais do que lh'a vontade consentia; porque Flerida queria com aquelles poucos dias de sua conversação satisfazer a tristeza dos outros, em que o não vira. E porque já então parecia mal tamanho descuido de sua partida, não pôde al fazer senão dar-lhe licença e tambem a Floriano que tambem se despediu. Palmeirim depois que se despediu de D. Duardos e Flerida, se foi alrei que por nenhuma via o quizera deixar, crendo que segundo sua idade o não podia mais vêr: mas promettendolhe que o mais cedo que podesse tornaria, se partiu, deixando tamanha saudade naquella corte como se nunca a tivera de outra pessoa: porem inda esta se satisfez algum tanto com ficar Floriano, que com sua partida, que durou pouco depois da partida de seu irmão, se dobrou tanto que com nenhuma pessoa se podia praticar em que se não achasse algum sentimento triste pola perda da conversação de tão singulares principes.

E posto que a partida de Palmeirim fizesse grande abalo em elrei e Flerida, mui maior o fez Floriano do Deserto: porque assim como este de mais pequena idade antre elles se criara, assim a affeição de suas obras e amisade em todos era maior, com quanto as de Palmeirim por cima das suas eram estimadas. Palmeirim caminhou por suas jornadas não sabendo a que parte guiasse, que pera Constantinopla não ousava, tendo inda na memoria a defeza de sua senhora Polinarda, contentando-se algum tanto da lembraça de cujo filho era: cousa que dantes não sabia, cobrando com isso nova ousadia, pera sem tanto pejo a poder servir. E indo assim satisfazendo-se a si mesmo com aquel'e novo parentesco, que tão alegre o fizera, sendo já alongado da cidade de Londres, foi ter em um valle despovoado e grande, no meio do qual estava uma arvore tão desacompanhado de outras, que dalli bom espaço não havia outra nenhuma, tão crescida e fermosa que com seus compridos troncos e graciosos ramos occupava grande parte do campo. Ao pé da arvore jazia um cavalleiro dormindo, vestido de armas negras, e no escudo, que á sua cabeceira estava, em campo negro um unicornio branco manchado das mesmas cores de negro. Palmeirim, que o viu sem cavallo nem escudeiro tão só e os peitos em terra, houve dó delle, parecendolhe que estar assim não seria sem alguma fortuna ou desastre grande, e que devia ser homem de preço segundo o atavio de sua pessoa. E de-

sejando vêr se o que lhe parecia era verdade, pos-lhe o conto da lança nas costas, dizendo: Acordai senhor cavalleiro que em tal lugar com menos seguridade se deve tomar repouso. O outro que se sentiu tocar se levantou a gran pressa apanhando da espada: mas como estivesse sem elmo Palmeirim o conheceu, que era o principe Graciano: e espantado de o ver em tal lugar e daquella sorte, disse: Senhor Graciano pera quem tanto vos deseja servir, com menos íra o haveis de receber, e tirando o elmo pera que o elle conhecesse, não pôde Graciano tanto encobrir o contentamento de tamanho bem em tempo tão necessario; dizendo: Já sei senhor Palmeirim, que todolos desastres alheios se hão de curar com vossas obras. E porque deter-vos em palavras pera contra o que passa seria gran perda polo que pode succeder, hi vosso caminho e valereis a Platir e Floramão que vão em mui grande risco de se perderem: e eu irei nas ancas do palafrem de Selvião, e se nos não podermos alcançar, juntemo-nos nestes dez dias na ermida do Padrão esquerdo, que é daqui dez legoas. Palmeirim ficou naquelle concerto, e pondo as pernas ao cavallo sem mais esperar tomou um galope apressado seguindo pelo valle abaixo. Mas não andou muito que encontrou com dous caminhos e não sabendo qual tomasse, viu vir por um delles uma donzella descabellada, fugindo com tamanha pressa como lhe dava o temor que comsigo trazia: Palmeirim, desejando saber a razão porque

fogia a deteve, tomando-a polas redeas do palafrem, e ella lhe disse. Senhor deixa-me, que mais mal me fareis em deter-me que bem em querer saber de mi nenhuma cousa, pois em fim me ha de aproveitar bem pouco. Isso não sei eu, disse Palmeirim, mais primeiro que vos deixe saberei de vós a razão com que fugis. A donzella que por nenhum modo se queria deter, disse: Pois pera me deixardes não aproveita pedirvol-o, tornai comigo e mostrar-vos-hei o que tanto desejais. Palmeirim a seguiu, e não andou muito que ouviu grande ruido d'armas contra a parte onde um castello estava. Chegando-se mais, viu em um pequeno campo, que ao pé delle havia, té dez cavalleiros em batalha com dous, que se defendiam tão maravilhosamente o offendiam com tamanha braveza e esforço, que os outros lhe não ousavam já ter campo, fazendo nelles tamanho destroço, que nenhum golpe davam, que não fosse de muito damno: e á porta do castello estavam alguns homens de pé, que tinham antre si duas donzellas formosas pera as metter dentro; mas os dous companheiros traziam tanto tento nisso, que não davam lugar a se abrir a porta. Palmeirim os esteve olhando um pequeno espaço, contente de vêr suas obras, louvando antre si sua valentia como merecia ser louvada. Os cavalleiros, que com elles combatiam polos prender, de cansados e desbaratados não podiam já consigo, jazendo estirados no chão os cinco delles com tão pouco accordo, que o não tinham pera se levan-

tar nem valer a seus amigos: porem os dous não andavam tão sãos, que seu saugue deixasse de tingir as ervas do campo, e a um delles mataram o cavallo, e pelejava a pé com tanta destreza, que nenhum golpe dava a que as armas tivessem resistencia. Nisto saiu por uma porta falsa do castello um cavallo ruão de gran corpo, d'armas verdes, em um cavalleiro acompanhado de dez piões brandindo uma lança com tanta força, que a quebrava, dizendo contra os seus: Arredai-vos fracos e covardes, deixai esta minha lança romper as carnes desses malaventurados, que tanto pesar me tem feito. Porem Palmeirim, que assim o viu vir, temendo que sua chegada fosse muito danosa, segundo o que nelle parecia pola grandeza de seus membros, lhe saiu diante, dizendo: A mim mostrai vossas forças, e não a quem as já não tem pera se defender: e remettendo a elle se encontraram com tanta força, que ambos vieram ao chão, de que cada um teve em que cuidar. Arrancando das espadas começaram uma batalha tão cruel e espantosa, quanto havia muitos dias que cada um delles se não vira em outra tal: os dez piões, que do castello saíram, foram ajudar os cavalleiros que andavam em batalha com os dous, crendo que pera seu senhor não havia mister ajuda, e poseram-os em tão fraco estado polo muito que havia que pelejavam, que por força os prenderam, se a este tempo não chegára Graciano nas ancas do palafrem de Selvião, que com sua chegada fez tanto em armas, que os dois

naram sobre si, fazendo tamanho estrago, que em pequeno tempo não houve quem lhe esperasse golpe. Palmeirim que fazia sua batalha com Darmaco senhor do castello, vendo-se em necessidade de mostrar suas forças, pelejou tão valentemente que desatinado de tudo o fez vir a seus pés, com uma ferida na cabeça tão grande, qne lhe chegou aos miolos, de que logo rendeu o espirito. E tirando-lhe o elmo por ver o estado em que estava, viu que já era morto e a sua alma arrancada da carne, pera ir povoar outro lugar peior, que era o inferno, verdadeiro galardão de suas obras. Os outros que andavam na batalha, vendo seu senhor morto, desampararam o campo, fogindo com tanta pressa, como quem cuidava que nella só teria sua guarida certa. Palmeirim se chegou ás donzellas, que estavam pasmadas do que viram e mais de ver ante si morto aquelle temeroso Darmaco, que em tamanho temor os posera, e vendo-as fermosas e inda torvadas de medo, lhe disse. Eu, senhoras ainda agora não sei o aggravo que aqui vos faziam, porque ninguem me deu conta delle, mas sei que não sois vos a quem se nenhum deve fazer. Nisto chegaram Platir e Floramão com os rostos descubertos, os elmos tirados a abraçal-o, agradecendo-lhe o beneficio, que delle recebêram por lhe acudir em tempo tão necessario. Ao senhor Graciano, respondeu elle, podeis agradecer esta ajuda; que eu mal adevinhava o perigo em que estaveis. Então se recolheram todos ao castello, onde não es-

tava outra gente senão duas donas velhas, que faziam pranto pela morte de Darmaco: porem vendo seus imigos dentro, convertido o pranto em temor e medo de as matar, dissimularam e encubriram seu odio mortal, vindo com palavras lisongeiras, ensinadas de sua fortuna e necessidade, pedir misericordia das vidas, que lhe Palmeirim otorgou, porque sua condição não consentia negar nada a mulheres. As donzellas foram apousentadas por si, Platir e Floramão curados per mão do escudeiro de Floramão, que naquelles casos era grande homem, e Palmeirim quiz logo saber a vida e nome do senhor do castello, e ninguem lho soube dizer senão uma daquellas donnas, que era sua mãi: della soube que se chamava Darmaco, filho do gigante Lurcão, que Primalião matou em Constantinopla, quando o acusou pela morte de Piriquim de Duaços. E por ser filho da dona, que não era de nação de gigantes, saiu de menos corpo que gigante, porem tão esforçado e damnado em suas obras, que ainda alli parecia abranger as reliquias da origem donde procedia: por isso não é de espantar obrar mal quem na perservação de más obras é gerado, e nellas se cria.

CAPITULO LV.

EM QUE DÁ CONTA DE QUEM ERAM AS DONZELLAS, E DE COMO ALLI VIERAM TER.

Esteve tres dias Palmeirim no castello de Darmaco, vendo curar aquelles cavalleiros seus amigos, que tanto damno receberam dos povoadodores delle: e vendo que já estavam em melhor disposição, se despediu delles, pedindo primeiro ás donzellas lhe dissessem porque razão Darmaco as mandava alli trazer. Uma dellas que era mais despejada e de mais dias, lhe disse: Senhor cavalleiro, nós somos filhas de uma dona que d'aqui cinco leguas tem um castello, em cujo poder estavamos tão guardadas, que nenhum receio nem medo tinhamos destes desastres, em que nós agora vimos: mas como nenhuma pessoa póde fugir ás cousas que hão de ser, este Darmaco, de quem se minha mãi nem nós temiamos, usando de suas obras, que foram sempre matar quem lho não merecia, e forçar donzellas, mandou dez cavalleiros ao castello onde estavamos, os quaes entrande de supito nos tomaram por força a nós e a uma nossa prima, que ahi estava, e nos trouxeram sem haver dó das lagrimas de minha mãi, que lhe muitas vezes pediu quizesse tomar toda sua fazenda, e nos deixassem a nós. E trazendonos pera este castello encontraram com esse ca-

valleiro, que acudiu depois de vós em companhia do vosso escudeiro: e como o tomassem descuidado, remettendo a elle, o encontraram tão de supito, que o derribaram do cavallo: e contentando-se delle, porque era fermoso, o trouxeram, deixando o cavalleiro a pé sem nenhum querer chegar á conclusão de batalha, posto que muitas vezes lho pediu, dando por escusa que não haviam de fazer o que por outro lhe era defeso, antes caminhando com muita pressa nos trouxeram a este castello onde nos queriam metter, se a este tempo não chegaram ess'outros dous cavalleiros, que fizeram tanto em armas, que além de nos defender por muito espaço, mataram muitos delles com a força de seus golpes: mas n'isto acudiu Darmaco, de quem já não poderam defender-se, polo muito que tinham feito, se o vosso soccorro não fôra. Palmeirim esteve estranhando a maldade de Darmaco, e rindo-se do desastre de Graciano, dizia: Parece-me, senhor, que aquelles cavalleiros de vos tener em pouco, lhe veio não quererem batalha comvosco. Então soube delle como depois que o derribaram, se viera a pé da arvore, onde o Palmeirim achou, a esperar Floramão e Platir por um concerto que antr'elles havia, e achando-os já alli, lhe deu conta como aquelles cavalleiros levavam as donzellas, e o que passára com elles, por onde os seguiram té os alcançar, e a donzella, que Palmeirim topou fugindo, era a prima das outras, que se soltou ao tempo que Floramão e Platir chegaram, e tan-

to que tornou com elle e o deixou na batalha, se foi á maior pressa que pôde, pera o castello de sua tia. Sabidãs todas estas cousas, Palmeirim fez mercê do castello ás donzellas com o mais que nelle havia, em satisfação da affronta que alli receberam: e despedindo-se de Platir e de Floramão e de Graciano, se partiu caminhando por suas jornadas como d'antes fazia. Tornando aos cavalleiros, que no castello das duas irmãs ficaram, que já então se não chamava de Darmaco, como suas feridas fossem curadas na conversação daquellas donzellas fermosas, que com seu parecer faziam outras em quem as olhava, não poderam tanto encobrir em si aquelle desejo que lho ellas não sentissem, especialmente em Graciano e Platir; que Floramão inda então não queria errar ao amor d'Altea: e assim polos verem gentis homens e bem fallados, como por ellas serem em conhecimento da boa obra, que delles receberam, pagaram-lhe o amor que lhe tinham, ou mostravam ter, com outro igual ao seu: por onde, depois que de suas feridas foram sãos, passaram alguns dias a seu gosto naquelle castello. Graciano com a mais velha, Platir com a outra; cada um tão contente da sorte que lhe coubera, que nenhum se havia por enganado, té que a mãi dellas veio ter com elles, sabendo já da morte de Darmaco, que antes d'isso não ousára sair de sua casa, e com sua vinda se estorvou o prazer de todos, não podendo usar do que té li costumaram, antes parecendo-lhe

ser tempo de se partirem o fizeram: pedindo licença áquellas senhoras fermosas, que bem contra sua vontade lha deram, rogando-lhe que com a mãe de Darmaco se houvessem piedosamente, pois a sua innocencia não merecia culpa nas obras de seu filho. E ellas por mostrar virtude, ou usando da liberalidade sobeja, que ás vezes o deshonesto amor comsigo traz, que faz não sentir o que dão, ou a que podem haver mister, lhe deram o castello em sua vida, assim como o receberam de Palmeirim. Todos tres se guarneceram, primeiro que se partissem, de mui boas armas, das muitas que Darmaco costumava ter, escolhendo cada um as que lhe melhor armaram, e assim o fizeram de cavallos, que Darmaco de tudo estava provido, e mettendo-se ao caminho, seguiram a via de Constantinopla, crendo que então aquella côrte antes que a nenhuma do mundo os cavalleiros sinalados acudiram, antre os quaes elles queriam que vissem suas obras: porque sempre são de maior fama, onde com mais perigo se mostram.

CAPITULO LVI.

DO QUE ACONTECEU A PALMEIRIM DE INGLATERRA DEPOIS QUE SE APARTOU DE GRACIANO, PLATIR, E FLORAMÃO:

Depois que Palmeirim se partiu do castello de Darmaco, andou tres dias por suas jornadas sem

achar nenhuma aventura, que fosse digna de memoria: e ao quarto, sendo já quasi sol posto, ouviu contra a mão direita gram roido d'agua; e indo pera aquella parte, viu o mar, que com a furia do vento, que então fazia, andava levantado, e batiam suas ondas com tanta força nas concavidades, que por espaço de tempo tinham feitas nas rochas, que por alli havia, que o seu tom soava muito longe: posto que o que naquellas barrocas andava fazia tamanho terremoto nellas que parecia que toda a rocha caía. Andando ao longo da costa vendo aquellas obras da natutureza, lançando os olhos a todas as partes, porque com a occupação delles o seu cuidado algum tanto se desvellasse, viu antre duas pedras, onde a agua fazia remanso, um batel grande preso por uma corda fóra na terra, e dentro delle dous remos postos em seu lugar, sem nenhuma pessoa, que os governasse, de que se muito espantou: e mandando a Selvião que lhe tomasse o cavallo, que queria entrar no batel, porque não podia presumir como alli estivesse tão desacompanhado de gente, Selvião lhe foi á mão dizendo, que as cousas donde se não alcançava victoria se não haviam de experimentar sem necessidade; porém vendo que o não podia tirar de seu preposito, o deixou usar de sua vontade, que nas cousas onde ella é vencedora não se estima a razão: e tomando-lhe o cavallo, Palmeirim se metteu no batel, e ainda não era dentro quando Selvião lhe bradou, que se saisse: que

la desarmado: então virou os olhos a terra, e viu-se alongado della quanto um tiro de pedra, e remando por se tornar não teve tanta força que a do fado ou encantamento não fosse maior pera o desviar: porque o vento além de ser contrario se avivou tanto, que alongou o batel mui longe. Palmeirim deixou os remos, crendo que aquella mudança não seria sem alguma causa: não andou muito que perdeu a terra de vista. Selvião ficou tão agastado de o vêr assim ir, que nenhuma cousa o fazia alegre; e depois de esperar tres dias naquelle lugar por ver se tornaria o batel, ou passaria alguma barca, em que elle o fosse buscar, não vendo remedio, se foi caminho de Londres levar novas al rei: e indo admirado de tal acontecimento e fim duvidoso, viu vir dous cavalleiros, um delles trazia as armas de branco e pelicanos de prata, e o outro de roxo e encarnado: chegando-se mais a elles, conheceu que eram Francião e Onistaldo, de que algum tanto ficon contente, crendo que dando-lhe conta do que a Palmeirim acontecêra, estimariam pouco o trabalho de o ir buscar, que este é um bem que a amizade tem, os grandes perigos estimal-os pouco nas cousas onde se ella ha de mostrar. Francião, que o conheceu, vendo-o assim vir em cima de um cavallo com outro pola redea, receou algum desastre; mas depois que elle e Onistaldo souberam o que passava, tiveram em menos seu receio; e aconselhando-lhe que não fosse a Londres, temendo que

aquella nova fizesse algum aballo em el-rei e Flerida, lhe disseram que os aguardasse em algum lugar certo, e com isto se despediram delle com preposito de o ir buscar, atravessando o mar a todas as partes. Selvião, não sabendo que fizesse, determinou ir-se ao gigante Dramusiando, que o recebeu mui bem, e rogando lhe que por nenhuma via se partisse do seu castello té saberem novas de Palmeirim, se armou de todas as armas, asssentando em sua vontade correr todo o mundo em sua busca. Selvião, que naquelles dias não podia ter repouso, não quiz ficar alli, antes se foi com elle com tenção de o não deixar em quanto naquella demanda andasse. Desta maneira se partiu Dramusiando do seu castello, passando muitos dias primeiro que tornasse a elle, do qual se aqui deixa de fallar té seu tempo, e torna a Palmeirim, que indo polo mar como se já disse, andou todo aquelle dia e noite, e ao outro em amanhecendo se achou ao pé de uma rocha fragosa e alta, que o mar fizera alli por espaço de tempo em ilha, a seu parecer despovoada, porque n'ella não viu outra cousa senão arvoredos espessos e altos, isto quanto ao que se de fóra julgava. E saltando do batel em um porto, que antre dous outeiros estava, começou a subir por um pequeno e estreito caminho, que na aspereza da rocha se fazia, tão ingreme pera cada parte, que quem pera alguma dellas escorregasse, além de ser muito perigo, não podia parar senão d'alli mui longe. Esta subida lhe pa-

receu tamanha, que primeiro que á meia costa chegasse, descançou tres ou quatro vezes: a derradeira se achou em um campo, no meio do qual estava um padrão de marmore da altura de um homem com letras no alto delle, que diziam: Não passes mais ávante. Posto que estas palavras punham receio a quem as lia de não passar, ou se tornar, em Palmeirim, além de fazerem pouco, avivaram-lhe a vontade pera provar os medos, que se d'alli podiam esperar: e olhando pera traz viu o mar tão longe ao pé da rocha, que se espantou da grandeza e altura della, e muito mais do modo de sua composição; que toda em roda era de pedra talhada tanto por igual, que parecia mais obra composta por mãos de mestres excellentes, feita por compasso e medida, que não de natureza: e inda que a ilha tivesse bem quatro leguas em torno, em toda ella não havia outro porto onde podessem sair nem desembarcar senão aquelle onde a barca de Palmeirim veio ter. Já que se achou mais descançado pera poder caminhar, tornou a subir por outro caminho mais largo, que daquelle escampado pera o alto da ilha se fazia, coberto por cima de latadas tão graciosas pera occupar a vista nellas que faziam a subida de menos trabalho. Não andou muito que de todo se achou na maior altura da montanha onde não viu outra cousa senão arvoredos de tantas maneiras, que as muitas differenças delles os faziam sem nome: a terra tão chãa e igual, que parecia a mais fermosa cousa do mundo. Um só defeito parecia que havia

nella, que era não se poder vêr ao longe: porque a povoação das arvores de mui basta não deixava lograr á vista a graça daquelles mattos. E parecendo-lhe que alli não havia que temer, e que as letras do padrão eram vaidade, andou por uma e outra parte té se lhe cerrar a noite: porque o espaço, que pôz em subir a rocha foi tamanho, que acabou de gastar o dia, e veio tão escura que nenhuma cousa se podia vêr. Palmeirim se encostou sobre a herva, pondo o elmo á cabeceira, cuidando dormir algum somno, se o seu cuidado o deixára, que neste tempo era tal polo muito que havia que não víra a senhora Polinarda, que com nada descançava: e como então se achasse sem Selvião, que nestes tempos atalhava sua dôr com palavras necessarias, teve o amor lugar pera trazer á memoria mil saudades namoradas de cousas, que já passáram, que lhe fizeram velar a noite em contendas que havia antre a razão e o desejo, umas polo tirar de seu proposito, outras polo metter nelle. Mas como ás cousas da vontade pola maior parte as outras obedecem, e a sua estava tão affeiçoada, que por nenhuma via se podia apartar, obedecia-lhe a razão pera consentir sua pena: os outros sentidos consentiram, uns pera sentir seu mal, outros pera ser contentes delle: o juizo respeitava a causa onde estes males nasciam, e havia-os por bem vindos: de maneira que todas estas cousas eram pera maior dôr de Palmeirim, e menos esperança de seu remedio. N'isto passou

a noite, e vindo o dia enlazou o elmo, porque se alguma cousa achasse de perigo melhor aparelhado estivesse pera elle: quanto mais andava pola ilha mais graciosa lhe parecia a terra, e pesava-lhe vêl-a despovoada, tendo já de todo por abusão as letras do padrão. Porém não andou muito que antre o mais basto daqnelles arvoredos se achou em um campo grande, descoberto á maneira de praça, tão compassado de todas as partes que em nenhuma parecia que saísse fóra de medida. No meio delle estava uma fonte levantada no ar em uma pia de pedra sustida sobre um marmore, que debaixo do chão vinha. A agua saía polas bôcas de umas alimarias, que no alto da pia estavam assentadas, e era em tanta quantidade, que a que corria polo campo fazia um pequeno rio. O que mais o espantou foi vêr que aquelle lugar era o mais alto da montanha, e a agua subia alli, cousa que parecia fóra de toda a razão e regra de natureza: ao pé do marmore estavam presos dous tigres e dous leões tão medonhos, tanto pera temer como sua ferocidade mostrava: as prisões delles eram de tamanho comprimento, que se podiam alargar da fonte tres braças, feitas de cadeias de metal de tanta grossura, quanto parecia necessario pera suster a força delles. Estas saíam de umas argolas grandes que no marmore estavam encaixadas, e vinham-se atar no pescoço daquellas alimarias. Bem viu Palmeirim, que quem naquella fonte quizesse beber, havia mister licença dos guardadores della,

que não a sabiam dar a ninguem: e parecendo-lhe doudice querer provar sua agua, ou commetter tamanha cousa, quiz passár diante, mas tolheram-lho umas letras vermelhas, que na pedra da pia estavam, que diziam: Esta é a fonte d'agua desejada: andando mais em roda viu outras que diziam: O que nesta pia beber todalas cousas de esforço acabára: mais ávante diziam outras: Passa, não bebas. Assim que se umas o faziam desejar a fonte, outras o punham em receio de o fazer; porque o das primeiras as segundas o negavam; e nesta determinação derradeira se affirmava, lembrando-lhe, ou tendo por certo, que o atrevimento desnecessario não se julga por esforço.

CAPITULO LVII.

DO QUE PALMEIRIM PASSOU NA FONTE COM AS ALIMARIAS QUE A GUARDAVAM, E O MAIS QUE ALLI FEZ.

Determinado esteve Palmeirim por muitas vezes ir-se sem chegar á fonte, porque a bemaventurança, que as lettras promettiam, julgava por nenhuma, e commetter aquellas alimarias mais doudice que esforço. E indo-se já por um caminho, por antre os arvoredos se fazia, houve tamanha vergonha de si mesmo, que ella o obrigou a fazer volta. E cobrindo-se do escudo e a

espada na mão, chegou á fonte pola parte onde um dos tigres estava: elle o recebeu com uma espantosa braveza, tomando-o de salto: e ainda que seu acordo e ligeireza fosse grande, não pode tanto desviar-se que lhe não levasse o escudo nas mãos, quebrando-lhe as correias delle em muitos pedaços; mas não tanto a seu salvo, que uma das pernas não levasse arrojando, com tamanha ferida nella, que quasi a maior parte da carne e osso levava cortado: de sorte que o tigre se não pôde mais bolir á sua vontade. Logo todolos outros tres, assim liões como tigres remeteram juntamente: e porque Palmeirim estava sem escudo, este foi o mór medo e aventura mais duvidosa, em que se nunca viu. Todavia como nos esforçados o temor costuma dobrar o esforço, achou-se então com tamanho, que lhe não lembrou a qualidade e grandeza do perigo em que estava; antes esperando um dos liões, que se mais chegou por estar mais perto, o que os outros não fizeram, que as prisões não abrangiam tanto, lhe deu tamanha ferida nas mãos, que o lião trazia levantadas polo tomar antr'ellas, que lhas cortou ambas, caindo no chão sem se mais poder levantar, e abaixando-se por tomar o escudo, que o tigre deixára co'a dôr da perna, o outro lião teve tempo de chegar a elle, e alcançando-o com as unhas polas enlazaduras do elmo, tirou com tanta força, que lho arrancou da cabeça, e levando-o tras si lhe fez por as mãos em terra, e inda bem não caía, já o

tigre, que inda estava são, o tomou antre as suas tão apertado, que se não fora a fortaleza das armas o fizera pedaços: porem alem dellas lhe valer naquella necessidade, Palmeirim se ajudou de uma estocada dada a tão bom tempo e em tal lugar, que atravessando com ella o tigre por meio do coração subitamente caiu morto. O lião, que se detivera em desfazer o elmo, quando o assim viu em salvo, remeteu outra vez polo levar, e offerecendo-lhe o escudo lançou as mãos nelle, e elle lhe deu um golpe por baixo com tanta força, que lançando-lhe a mór parte das tripas fora do corpo caiu morto. Com tudo isto a chegada da fonte inda não era segura, que o tigre, a que Palmeirim cortára a perna, estava tão bravo e pegado com o marmore que por nenhuma parte Palmeirim podia chegar á fonte, que lho não defendes-se: porem vendo que já o mais era passado, cuberto do escudo, tornou pera elle; e inda que o tigre se não podia bem soster em pé, levantou se polo receber, e travando-lhe com uma mão polo escudo, lançou a outra na espada, vendo que dalli lhe vinha o mal, e levando o escudo com uma, cortou a outra nos fios della, de feição, que nem lhe ficou pera poder fazer damno, e com outro golpe lhe derribou a perna que ficara sã, e estirou-se com a dôr da morte, fazendo tamanho estrondo e dando tão grandes urros, que por toda aquella ilha soavam. Elle ficou tão quebrantado, que por um espaço grande lhe conveio estar descansando sentado, pa-

recendo-lhe que todos os ossos lhe ficaram moídos das mãos do primeiro tigre, que matára. Depois de descansado, tornando a chegar á fonte pera beber, lêu outra vez as lettras e não soube entender o que as primeiras lettras diziam, julgando por mais seguro o conselho que as derradeiras davam a quem o dellas quizesse tomar. Acabando de as ler, bebeu d'agoa da fonte, que lhe não pareceu melhor que a das outras fontes; mas julgava aquella cousa por obra das mãos d'algum encantador zeloso de novidades. E vendo que alli não havia mais que fazer, se meteu polo caminho, per onde dantes começára ir. Não andou muito, que se achou junto com um castello dos mais fermosos e fortes, que nunca vira, assim de bem torneado, como d'assento gracioso: cercava-o em rodá uma cava bem alta cheia d'agoa, e sobre ella estava uma ponte levadiça, que saía da porta do castello té a outra parte da cava. Em tórno d'elle havia quatro padrões de jaspe, e sobre cada padrão um escudo. Palmeirim se chegou ao primeiro por ver as cores delle, não tendo já por abusão as cousas daquella terra e viu-lhe em campo negro umas lettras, que diziam: Não me levará ninguem. Certo, disse Palmeirim, eu hei d'ir ao fim com estes ameaços, e tomando o escudo do padrão o pôz ao hombro, porque o seu ficara todo desfeito ao pé da fonte. Nisto ouviu dizer: Dom cavalleiro, vede não vos custe caro esse atrevimento; e olhando contra onde lhe bradavam, saía pola pon-

te da cava, um homem armado de todas armas, tão bem disposto e grande, que era muito para recear. Chegando a elle, com voz mais temerosa que branda, disse polo ver sem elmo: Quem esse escudo ha de levar, havia de trazer armas de sobejo pera o defender e não vir sem a peça, de que mais necessidade tem: e não querendo ouvir a resposta que lhe Palmeirim dava, remeteu com um golpe tão grande, que um quarto do escudo, em que o recebeu fez vir ao chão. Palmeirim, que em tamanha affronta se viu, vendo-o tão perto de si, o levou nos braços; e porque o seu coração era grande, e muitas vezes delle vem a força aos membros, alem delle a ter de seu natural, se achou naquella hora com tanta que o derribou, e tomando-lhe a espada das mãos, o cavalheiro se lhe rendeu. Palmeirim lhe perguntou se havia mais que fazer, e elle lhe disse que sim. Então lhe tomou o elmo, e enlazando-o, se foi ao segundo escudo, determinando experimentar já todas as cousas que lhe succedessem. Neste achou em campo azul outras letras, que diziam: De maior perigo sou eu. Sejaes de tamanho vós quizerdes, disse Palmeirim, que nem por isso vos hei de deixar: e deixando o pedaço do outro, tomou aquelle, mas aindo o não acabava de tomar, quando viu sair pola mesma ponte outro cavalleiro d'armas vermelhas, dizendo: Máo conselho tomastes em bollir com esse escudo. Máo ou bom, respondeu Palmeirim, aqui estou, em quem podereis vin-

gar o pesar, que vos n'isso fez. Ambos se juntaram com as espadas levantadas, começando antre si uma batalha tão bem ferida e travada, que em qualquer parte fôra assás pera vêr. Esta não durou muito, que o cavalleiro do Castello, não podendo soffrer em si os asperos golpes de Palmeirim, começou a enfraquecer em tanta maneira, que já não dava nenhum, que fosse de muito damno: todo o seu cuidado era defender-se dos que recebia de seu contrario. Palmeirim, que viu sua fraqueza, tomando a espada com as mãos, lhe deu tamanha ferida por cima do elmo, que entrando por elle lhe achegou á cabeça com tanta força que o fez vir ao chão morto de todo. E vendo que já nelle não havia poder-se defender, chegou-se ao terceiro escudo, a qne em campo verde achou outras letras azues, que diziam: Comigo se ganha a honra. Palmeirim o tomou como os outros, e logo saiu outro cavalleiro armado d'armas da mesma côr do escudo, tão furioso e manencorio como pessoa que em suas obras e em si trazia muita confiança: e sem mais se dizerem, se receberam na fortaleza de seus braços, e começaram uma batalha tão differente das passadas, que nella se mostrou tambem a differença que delle aos outros havia. Palmeirim, sentindo que cada vez saíam da vantage, trabalhou quanto pôde por levar aquella batalha ávante, receiando a outra, que ainda estava por passar, segundo a ordenança dos escudos: porém o cavalleiro era tão sinalado em

suas obras, que a experiencia dellas fez a Palmeirim andar mais vivo do que d'antes fazia, aproveitando-se de seu esforço e ligeireza por ser necessario. E por me não deter em golpes, á batalha durou algum espaço, mas a victoria ficou com quem a sempre costumava ter, e o cavalleiro caiu aos pés de Palmeirim com um braço menos, de que logo morreu: e elle ainda tão são, por saber-se guardar, que não sentia daquellas batalhas mais que o trabalho. Logo se foi ao derradeiro escudo, que em campo de prata tinha outras letras d'ouro, que diziam: Em mim está a victoria. Elle o tirou do padrão com tenção de ajudar-se delle, porque o outro não ficára pera isso. Não tardou nada o quarto cavalleiro, antes á grande pressa saiu do castello, armado d'armas de pardo e branco com estremos d'ouro por ellas, dizendo: Não cuidei que vossa doudice fosse tão ávante, porém, pois vos não contentaes do passado, aguardai, e vereis o que n'isso ganhastes. E Palmeirim, que nos lugares onde palavras não eram necessarias, havia por escusado aproveitar-se dellas, lhe respondeu com um golpe por cima do elmo em descoberto, que lhe fez abaixar a cabeça té os peitos; mas o cavalleiro do Castello lhe tornou com outro, e tomando-o por meio do escudo, entrou a espada tanto, que cortou té as embraçaduras delle: assim se começaram a ferir tão mortalmente e tão sem piedade, como aquelles que a não tinham de si: cada um experimentava sua força e manha

por vêr, que lhe era necessaria: os golpes eram tão temerosos e bem acertados, que as mais das vezes desfaziam as armas, os escudos tinham pouca defeza, que a mór parte estava desfeita. O cavalleiro do Castello era de tanta bondade d'armas, que nenhuma fraqueza se conhecia nelle, nem vantagem em Palmeirim, inda que aquelle dia foi dos que mais experimentou sua pessoa. Esta contenda durou muito, tanto que o cavalleiro, não podendo suster-se contra os golpes de Palmeirim, que parecia que mais se animavam, affrontou tanto dentro nas armas, que caiu estirado no campo, tão morto como aquelle a quem de todo desamparou a vida. Palmeirim, que assim o viu, deu graças a Deos por tamanha victoria, e perguntando ao cavalleirro, que primeiro vencêra, se havia no castello mais que fazer, lhe disse que sim, mas que para elle já lhe não parecia que nenhuma cousa podia ser muita, porque vi em vós o que d'outro não esperava, porém a virtude onde está por si se manifesta.

CAPITULO LVIII.

COMO PALMEIRIM ENTROU NO CASTELLO, E O QUE ACONTECEU.

Acabadas estas batalhas, Palmeirim se foi ao castello, e entrando sem nenhum pejo no pateo debaixo, viu a maneira delle, que era tão ma-

ravilhosa quanto os seus perigos foram pera espantar. Todas as casas e torres estavam assentadas sobre esteios de jaspe de altura de dez braças, o pateo coberto de umas pedras de preço verdes e brancas, cortadas a igual compasso e medida; assentadas a modo de xadrez. No meio delle havia esguichos d'agua, que saíam pera o ar, com tanta furia, que subiam ao mais alto das casas: depois d'isso o madeiramento dellas era de uma invenção tão nova e subtil, que se não podia comprehender no juizo de nenhum homem o principio nem o fim delle. Assim que todalas cousas, que da porta pera dentro estavam, eram dignas de louvor, e algumas de muito espanto. Palmeirim, depois de olhar aquelles edificios por baixo, subiu por uma escada grande, que ía ter a uma sala tão artificiosamente lavrada, que todas as outras cousas, que té li víra, lhe pareceram pequenas em comparação desta. A' entrada della estava um gigante tão grande e espantoso, quanto nunca víra outro, com uma maça de ferro nas mãos de muito peso: e vendo que Palmeirim queria entrar na sala, a esgrimiu com tanta continencia, que bastára pera fazer medo a qualquer outro cavalleiro; mas como em Palmeirim os desta qualidade fizessem pouca mossa, quiz passar por diante pera levar sua aventura ao fim que desejava, não se contentando da muita honra, que aquelle dia ganhára, parecendo-lhe que mais deshonra era deixar perder o ganhado, que honra ganhar o perdido. E posto que já alli não havia

que perder pera quem tanto ganhára, por lhe não ficar cousa alguma por fazer, remetteu ao gigante, que, inda que parecia natural, era artificial e fantastico; e dando-lhe um golpe da espada o fez vir a terra como cousa morta e sem sentido, que era: logo entrou na sala, e depois de olhar particularmente a obra della, achou uma porta pequena, que saía a uma varanda, e d'alli não havia saída pera nenhuma parte, senão pera outras casas, que estavam além da varanda defronte della, e antre ella e ellas ia um vão de tamanha altura, que era cousa muito medonha pera olhar. No fundo daquelle vão corria um rio d'agua negra, tão femerosa e triste, que parecia a propria, que dizem de Aquerom barqueiro do inferno. Pera se passar desta varanda á outra varanda não havia outra passagem, senão uma trave tão estreita como uma mão: e além de ser muito delgada; parecia já tão podre e gastada do tempo, que não poderia soffrer em si qualquer pequeno peso. Palmeirim, vendo que por nenhuma parte podia passar da outra, cousa que muito desejava, pera experimentar todalas daquella casa, e que aquella ponte era mui perigosa, foi posto na mór confusão do mundo. E porém, porque lhe lembrou que já o imperador Palmeirim seu avô se vira em outra aventura como aquella, e só na determinação dos homens está o commetter das cousas, depois de correr tudo pola fantasia, determinou passar além, deixando as armas, senão a espada sómente, temendo que o

peso dellas fosse pera mais seu damno: e pondo o pé no páo, e o coração em sua senhora, a afirmando-se sobre a espada; mas quando chegou ao meio delle, começou de dobrar-se pera baixo, e rachar-se por tantas partes, que Palmeirim se teve de todo por perdido, e detendo-se um pouco, disse antre si: Senhora, se eu nas grandes affrontas espero vossa ajuda, em qual maior que esta me póde a minha ventura nunca pôr? A vida, se a não desejára pera vos servir, pouco me dera perdel-a aqui: esta vez a tirai deste perigo; e depois ordenai algum de serviço vosso, em que eu a perca, e vós sereis servida e eu contente. Então, tornando a caminhar pelo páo, teve em tão pouco seus meneios, como se o fizera por alguma ponte muito segura e larga, e inda não foi da outra parte, quando de dentro das outras casas saiu uma velha em seu parecer de muita idade, descabellada, e o rosto rasgado, dizendo: Que me presta o meu saber, se por um só homem tantas vezes ha de ser destruido e desbaratado? E lançando mão de Palmeirim polo levar traz si, se deitou naquelle fundo rio, onde fez o fim, que suas obras merecíam; mas elle se soube tão bem affirmar nos pés, que não o pôde mover donde estava, ficando espantado do que víra: e entrando polas casas, não achou outra gente senão mulheres, e pessoas de serviço, a quem perguntou por onde se serviam pera baixo: ellas lho mostraram, e mandando por um daquelles homens chamar o ca-

valleiro, com quem houvera a primeira batalha, veio ter com elle por outra parte por onde o rio se não passava. Palmeirim quiz saber o nome do castello e da dona, que se matára. Senhor, disse elle, a vós não se póde negar nada. Esta ilha em q'e estaes, se chama a Ilha Perigosa: alguns querem affirmar que a gram sabedora Urganda foi senhora della, e que qui se encobria a todos, e que por sua morte ficou encantada pera que ninguem a povoasse, deixando aqui estes paços e uma fonte, que lá fóra fica da sorte que verieis; e que isto assim fosse, mostra razão; porque nunca em nossos tempos, nem antes de nós, vimos pessoa, que soubesse dar novas desta ilha, sendo cousa tanto pera se fallar nella, se não se foi esta dona, que se deitou no rio, a qual se chamava Eutropa, tia do gram Dramusiando, que bem ouvirieis nomear, que por vêr seu sobrinho vencido por um só cavalleiro com todos seus guardadores, e D. Duardos com os outros principes soltos, de que levava muita magoa, se foi ao Soldão de Babylonia pera o fazer vir sobre Constantinopla e destruil-a: e porque n'isto sua tenção não veio ao fim que esperava, como quem este lugar sabia, vendo-se já desesperada dos outros remedios, trouxe comsigo os tres cavalleiros que matastes, que eram de sua geração, e a mim com elles, mais por engano, que por vontade; e assentando-se nesta terra, desencantou a ilha com proposito de todolos cavalleiros, que a ella viessem, fazer matar ou prender pera sa-

tisfação de seu desejo. Hontem prenderam aqui um, e antehontem outro, ambos de tanto preço, que primeiro que os vencessem venceram a mim e aos outros dous. Os nomes dos tres cavalleiros vos peço me digaes, disse Palmeirim, e mostrai-me onde estão os presos pera os tirar, pois aqui não ha ahi mais que fazer. O primeiro, respondeu elle, se chamava Titubante o Negro, o segundo Medrusão o Temido, o terceiro Forbolando o Forte; se já alguma hora estivestes em casa do imperador Palmeirim, ahi os poderieis vêr. Eu os conheci bem, disse Palmeirim, e tambem conheci sempre delles a tenção damnada pera quem lho não merecia; por isso não me espanto virem achar neste mundo o pago de suas obras, e no outro não sei o que será. Logo se foram á prisão onde os outros estavam, onde não havia mais que elles dous, por haver pouco tempo que Eutropa alli estava, que se lhe durára mais, bem podera ser que aquelle fôra outro passo de mais grande perigo, que foi o do castello de Dramusiando; porém Daliarte, que o sentiu, o atalhou com seu saber, trazendo o batel, em que Palmeirim foi, áquella parte onde o elle achou. Tornando ao proposito, Palmeirim chegou á prisão de Eutropa, que era por baixo do chão tanto espaço, e por terra tão escura e medonha, que só aquella mostra bastava pera matar um homem. Agora creio, disse Palmeirim contra o cavalleiro que com elle ía com uma tocha na mão, que isto nunca foi de Urganda; porque sua condição, segundo se

diz, não consentia tratar os cavalleiros tão mal: e indo assim praticando no espanto, que lhe aquella cova fazia, chegaram a umas grades de ferro grandes á maneira de porta, e abrindo o cavalleiro um cadeado, com que se fechava, entraram dentro, e viram os dous cavalleiros em pé como homens que esperavam (quando viram vir gente) que os queriam tirar pera outro fim. Quando Palmeirim conheceu, que um era Belisarte, e o outro Germão d'Orleans, vendo-os carregados de ferro e em tal lugar, arrazaram-se-lhe os olhos d'agua, e mandando-lhes tirar as prisões, disse Belisarte: Senhores cavalleiros, este beneficio hade ser pera outro desconto, ou o fazeis pera mór damno. Senhor Belisarte, disse Palmeirim, quem vos aqui mandou metter não foi pera vos tirar tão cedo. Então tirando o elmo, disse Germão d'Orleans, que o conheceu: Já agora me não dá nada, que me prendam cada dia, pois emfim lá ficaes vós, que tendes por officio soltar todos; de que Dramusiando póde ser boa testemunha. Passadas estas cousas e outras de contentamento, se saíram pera fóra. O cavalleiro, que andava servindo, mandou pôr a meza, com que Palmeirim foi mui contente, porque em todo o dia não comêra. E isto não é muito, pois em tempo de necessidade tudo se póde soffrer.

CAPITULO LIX.

DO QUE PALMEIRIM FEZ NAQUELLE CASTELLO: E COMO ALLI VEIO TER FRANCIÃO O MUSICO, E ONISTALDO, E COMO SE PARTIRAM.

Aquelle dia por ser já noite repousaram alli todos tres, e o cavalleiro do castello mandou concertar dous leitos, um pera Palmeirim, outro pera seus companheiros, em que dormiram a noite com assáz repouso; Palmeirim polo trabalho dos dias passados, elles polo muito que na cova ou prisão estiveram. Ao outro dia levantaram-se cedo, e Palmeirim em companhia de Belizarte e Germão d'Orlians andaram vendo as particularidades do castello, que eram muito pera isso, louvando a antiguidade de algumas obras, que nelle havia dinas de fama immortal. Posto que as que mais eram pera ver estavam algum tanto gastadas do tempo, por onde a vista deixava de gosar o melhor dellas. Dalli se foram á fonte, onde Palmeirim houve a primeira batalha co'as alimarias, que a guardavam: e porque então Germão d'Orlians e Belisarte não sabiam o que elle alli passara, quando as viram mortas e sua ferocidade temerosa tão desfeita por mão de um sò homem, tiveram em tanto aquelle comettimento, que so cuidar nisso fazia dentro nelles temor e espanto grande, como de cousa não esperada. Porem tornando cuidar que o vencedor era Palmeirim, não houveram

por muito o que viram, nem crêram que pera elle podia haver cousa duvidosa d'acabar: de alli tornando-se ao castello estiveram nelle quatro dias, tomando algum repouso, de que tinham necessidade. Ao quinto andando passeando todos tres por baixo dos arvoredos da ilha, viram vir polo caminho, que vinha do mar, dous cavalleiros, a quem logo conheceram polos verem já de perto: e elles que tambem conheceram Palmeirim, em cuja busca vinham, foram tão ledos, que deixando o passo, que traziam, tomaram outro mais apressado polo ir abraçar, qu'estes eram Francião e Onistaldo, que tanto que se despediram de Selvião na floresta, onde lhes deu as novas de seu senhor, vieram ter contra aquella parte, onde lhe dissera que se mettera no batel; e achando alli uma barca de pescadores, não andaram muito nella que foram á vista da ilha, de que os pescadores muito se enlearam; por ser terra, que nunca viram. E chegando ao porto, em que Palmeirim sahira, deixaram a barca em guarda dos seus escudeiros, temendo-se que os marinheiros fugissem, e subindo pola gram costa acima, foram ter ao escampado do padrão e inda que as letras delle lhes fazia temer o passar por diante, esquecendo seus medos polo que deviam fazer, foram mais alem, maravilhando-se muito da grande altura da rocha. E sendo já no mais alto della, viram Palmeirim com os outros seus amigos andar passeando por baixo dos arvoredos como se já disse. Então recebendo-se uns a outros com igual prazer se foram pera o castello, passando primeiro

por donde a fonte estava: e vendo Francião e Onistaldo aquellas alimarias mortas e o medo que as letras punham, a quem d'agua quizesse beber, houveram aquelle comettimento por cousa maravilhosa, julgando antre si Palmeirim polo mais ditoso e esforçado homem do mundo. Dalli foram ter ao passo dos cavalleiros, onde viram os corpos de Titubante, Medrusam, e Trofolante estirados no chão mortos, e ainda no continente de seu parecer tão medonhos, que a quem não fosse de mui ardido coração poderiam fazer medo. E porque Palmeirim os não quiz ver, antes se foi só passeando contra outra parte, ficaram todos quatro fallando em sua boudade, tendo aquella batalha por uma das mais temerosas do mundo. Dalli entraram dentro na fortaleza, e antes que repousassem, quizeram miudamente ver as cousas della, de que tambem não tiveram tão pouco que dizer, que deixassem de a fallar pola melhor e mais forte, que nunca viram. Chegando ao passo onde Eutropa se deitou no rio, quando viram a ponte por onde Palmeirim passou, não sabiam se aquelle comettimento julgassem por esforço, se por outra cousa. Porem, lembrando-se de quem o passára, lançavam tudo á melhor parte. Então se desarmaram e repousaram aquelle dia em companhia dos outros, sendo bem servidos do cavalleiro Satiafor, que assim se chamava o com que Palmeirim houvera a primeira batalha. Ao outro ordenaram de se partir, e Palmeirim deixou Satiafor em guarda do castello, levando em sua vontade dar aquella ilha e fortaleza a Daliarte, se delle a quizes-

se aceitar. Partidos todos, foram ter onde as barcas estavam. Palmeirim entrou só na sua e os outros companheiros na outra, caminhando contra a parte onde vieram: mas a barca de Palmeirim, que mais era guiada pola vontade de Daliarte que por saber de marinheiros, se apartou prestes da rota da outra, alargando-se tanto ao mar, que em pequeno espaço perdeu a terra de vista. Todo o dia andou assim sem saber onde guiava: já que queria anoitecer ceou de alguma cousa, que achou no batel, porque quem o alli mandara não o mandou desapercebido do necessario: chegada a noite a passou em cuidados desesperados de que se nunca achava isento, e com elles andou outros oito dias travessando as bravas ondas do mar: no fim dos quaes se achou bem arredado da Gram-Bretanha e mais de Constantinopla, onde então era seu proposito ir, que aquella lembrança o fez ser mais triste e descontente do que nunca fôra. E vendo que o batel sahia em terra, ficou algum tanto contente, mais depois que soube que estava na guerreira Lusitania, onde muitas vezes se desejára, pera ver se a fermosura de Miraguarda, de quem tanto se fallava, igualava em alguma parte com a senhora Polinarda, que de tudo não cria que a natureza tivesse tamanho poder: mas isto era erro; porque nestes casos fazer um extremo é muito, e fazer dous já não é tanto. E assim fôra mais haver no mundo uma Polinarda que duas. Porem tanto que sahiu soube que estava na cidade do Porto de Portugal, já então tão nobre como se esperava que ao diante fos-

se. Alli achou tão grandes novas do cavalleiro Triste, que a si proprio não sabia negar a inveja que disso recebia, não sabendo que este fosse o que na ponte em Inglaterra justára. Porque como se já disse, tanto que se Florendos partiu dalli, mudou as armas e tomou aquelle nome, porque também andava naquelle tempo desfavorecido de sua senhora. O qual depois que se apartou de Prímalião seu pai, andou tanto por suas jornadas que chegou a Hespanha ao tempo que faziam festas pola vinda d'elrei Recindos de justas e torneios, onde s'elle achou e fez tanto em armas que desbaratando a mór parte dos cavalleiros sinalados, que se ahi juntaram, se partiu da corte com tão crescida fama como suas obras mereciam. Chegando ao Castello d'Almourol, apousentou-se ao longo das aguas do Tejo onde já outras vezes se achára, cercado de cuidados tristes e desacompanhado de todo o remedio delles. A senhora Miraguarda, como soube que era vindo, quiz saber o que passára na torre, posto que já ouvira dizer o que fizera na ponte, justando com todolos cavalleiros, que a ella vieram, e polos sinaes que lhe deram conhecia ser elle; mas depois que de tudo foi informada, não se contentou das maravilhas, que em Inglaterra fizera; porque sua condição era que se não satisfazia com nada, antes desejando ver se suas obras eram como lhe diziam, mandoulhe que guardasse um passo junto do castello d'Almourol, crendo que a isso acudiriam tantos cavalleiros andantes, que alli se faria outra aventura de não menos fama que a de Dramusiando. O cavallei-

ro Triste o fez assim, pondo um escudo no tronco de uma arvore, no qual em campo negro estava Miraguarda tirada polo natural, tão fermosa no parecer, que a elle se rendiam mais cavalleiros que ás forças de quem o escudo guardava: ao pé daquelle perigoso vulto estavam umas letras brancas, que declaravam o seu mesmo nome della. E como esta aventura soasse ao longe e a ella acudissem muitos com desejo de levar o escudo, o cavalleiro Triste que o defendia fez tanto em armas, que poz em roda delle mais de duzentos, que o acompanhavam com os nomes de seus senhores escriptos nos brocaes. Miraguarda sempre via estas batalhas do alto da sua torre, porque no pé della se faziam, e era tão confiada no parecer e alto merecimento de sua pessoa, que aceitava de Florendos aquelles serviços sem mostrar algum contentamento, se o disso recebia, por lhe não ficar a elle cousa, de que se contentasse. E tornando ao proposito, de que tanto sahimos fóra, Palmeirim d'Inglaterra se deteve alguns dias em mandar fazer armas, que as suas não prestavam: as quaes trazia de negro e branco, á maneira de folhagem de invenção nova, no escudo em campo branco a esperança morta, tão natural, que em tudo o parecia, assim na côr do rosto, como no esquecer dos membros, com letras na bordadura do vestido, que declaravam seu nome a quem lho não sabia: e por esta devisa lhe chamavam muitos cavalleiro Desesperado. Assim com estas armas novas começou caminhar pera o castello d'Almourol, desejando ver-

se nos perigos delle, sabendo que quem nelles não se aventura, poucas vezes alcança victoria de que se contente.

CAPITULO LX.

COMO PALMEIRIM VEIO TER AO CASTELLO DE ALMOUROL E DO QUE NELLE PASSOU.

Algumas aventuras passou Palmeirim em seu caminho, de que aqui se não falla, por serem tão pequenas pera sua pessoa, que seria escusado gastar nisso algum espaço. E caminhando contra aquella parte onde seu desejo o levava, um dia horas de terça, se achou ao longo do Tejo, parecendo-lhe a mansidão de suas aguas cousa tão saudosa como na verdade o ellas eram pera quem a vontade em alguma lembrança tivesse occupada. E indo assim lançando os olhos a uma e outra banda, descobrindo ao longe co'a vista delles as rochas, que d'ambas partes o cercavam, viu o castello d'Almourol assentado na borda delle, tão guerreiro e bem posto, que fazia presumir a quem o via, que quem primeiro o edificara, pera tenção de grandes cousas o fizera: e guiando contra aquella parte viu dous cavalleiros em batalha em uma praça, que se ao pé do castello fazia; e porque lhe pareceu que algum delles devia ser o cavalleiro Triste, poz as pernas ao cavallo pera chegar a tempo, que visse o fim della; mas já quando chegou, o outro estava rendido e o escudeiro do cavalleiro Triste lhe punha o

escu'o em companhia dos outros, que ahi estavam, com o nome de seu dono no brocal, que dizia Carmelante. Palmeirim, vendo tantos escudos pendurados, teve em muito a valentia de quem alli os pozera, em especial depois que elle antrelles conheceu um de Frisol, outro d'Estrelante e de Tenebror, a quem julgava por homens de mui gran preço nas armas: e olhando mais acima vendo o em que estava o vulto de Miraguarda, foi tão salteado d'aquella primeira mostra, que não sabendo que cuidasse por estar desapossado do juizo e entendimento, ficou algum espaço suspenso e tornando algum tanto em seu acordo, pondo os olhos nella, começou dizer: Senhora, agora vejo o que não cuidava e já me não espanto fazer tamanhos extremos este vosso cavalleiro, pois por tamanho extremo se combate. Vencer todos não me parece muito, pois a razão em seu favor está tão clara; mas comigo quero ver que fará, que a tenho maior de minha parte. O cavalleiro Triste, que ouviu estas razões, vendo a offensa que co'ellas se fazia á imagem de seu escudo, enlançando o elmo e indo contra o outro, disse em voz alta: Se o castigo, que essas palavras merecem, não estivesse tão perto de vós como vós estais d'o merecer, poder-me-hia queixar do tempo; mais pois isto assim é, apercebei-vos, que quero vêr se vossas obras igualam com as palavras. Ambos se arredaram; e como cada um désse aquelle encontro no nome de quem servia, foram com tanta força, que as lanças voaram em peças, e elles perderam as estribeiras, e estiveram

perto de cahir, e receoso cada um da fortaleza de seu imigo, arrancaram das espadas com tanta furia e braveza, como lha fazia ter a razão com que se combatiam. Nesta batalha fizeram tanto, que não os podendo os cavallos soffrer se feriam menos á sua vontade. O gigante Almourol espantado da braveza da batalha, como aquelle que nunca vira outra tal, e levando as novas della a Miraguarda, não tardou muito que a uma janella se poz um pano de sêda broslado de troços d'ouro, pera dalli a estar vendo, acompanhada de suas donas e donzellas. E porque ao tempo que se poz, ambos estavam descansando pera tomar alento, o cavalleiro Triste pondo os olhos nella, começou dizer antre si: Senhora, quem por esse parecer se combate, que fraqueza tão grande, ou que esforço tão fraco póde ter, que todalas cousas grandes não acabe? E remettendo a seu contrario, que tambem com Polinarda passára outras palavras de não menos confiança, se desceram dos cavallos por se melhor poder ferir. Esta segunda batalha foi tão temerosa e cruel qual se alli nunca fizera outra tal: que posto que a que o cavalleiro Triste houve com Almourol foi grande, em comparação desta já o não parecia. A elle lembrava-lhe que a batalha se fazia por sua senhora, que ella a olhava e estava a isso presente, e havia por quebra com taes ajudas durar-lhe um homem tanto. O outro, que de sua parte o favorecia a razão da fermosura de Polinarda, cuidava de si o mesmo, e todas estas lembranças eram azo de mais mal. Tanto andaram naquella segunda batalha, que

o mais do dia se gastou e consumiu nella, pelejando com tamanha viveza como se em todo elle não tiveram feito nada, trazendo por alguns lugares as armas rôtas e espedaçadas, os escudos tão desfeitos, que só as embraçaduras havia nelles, as espadas tão damnadas dos golpes, que nenhum davam que fosse de muito damno: de cansados se arredaram, não podendo soffrer tão gram trabalho. Palmeirim poz os olhos em suas armas, e vendo-as de todo desbaratadas e desfeitas, lembrando-lhe a razão porque se combatia, não sabia que cuidasse, senão que sua fraqueza estorvava a victoria; dizendo: Senhora, ou é que não sou pera vos servir, ou não quereis que o eu faça pera me não terdes por vosso; mas isso não pode ser, que eu o fui sempre, e isto me não podeis defender inda que comigo possais tudo. Favorecei-me nesta batalha, que é feita em vosso nome; não queirais que este cavalleiro leve de mim tamanha honra, porque então, a senhora que o nisto poz, ficará com alguma de vós; cousa contra razão. O cavalleiro Triste, que nunca em tamanha affronta se vira, começou temer o fim da batalha: e pondo os olhos em Miraguarda, dizia: Senhora, eu vi Polinarda neta do imperador Palmeirim, de cuja fermosura se falla tanto por extremo, que a tem pola mais fermosa do mundo: em quanto não vi a vós cahi no erro dos outros, mas depois que vos vi, senti o engano de todos; desenganei-me comigo: conheci que onde a verdade de vossa fermosura for manifesta todo o al parecerá mentira. Pois isto está tão claro, não consin-

taes que alguem suspeite outra cousa: favorecei-me agora e depois matai-me; não queirais seja vencido de outrem quem o é de vós. Logo se tornaram a juntar com tamanho impeto, como se de novo começaram a batalha, renovando os golpes com dobrada força; fazendo abollar os elmos, desmalhar as lorigas, semear polo campo muitos pedaços d'armas de mistura co'as rachas dos escudos, de que já estava cuberto. Assim que a crueza, com que se combatiam, fazia nelles assás damno; inda que pola destreza, com que se guardavam, andavam menos feridos do que de seus golpes se esperava. Outras vezes se travavam a braços por se derribar, e não podiam. Ventage se não conhecia; fraqueza menos: e Miraguarda julgava aquella batalha por cousa notavel; porque não vira outra tal: e posto que ella pera doer-se do cavalleiro Triste tivesse a condição isenta, pera seu gosto desejava ver-lhe victoria. O dia ía-se gastando, a noite acudia tão escura, que quasi se não viam um ao outro, de que ambos recebiam assás dôr, por não poder levar a batalha ao cabo, cousa que cada um bem desejava. E inda que em nenhum se conhecesse melhoria, o cavalleiro Triste estava peor ferido, e trazia as armas mais desfeitas. Almourol os afastou já a tempo, que a escuridão da noite os apartava. Palmeirim, crendo que não teria alli bom gasalhado, foi-se a uma villa, meia legua d'ahi, onde alguns dias se esteve curando, com proposito, como sarasse, tornar ao castello e fazer tanto em armas, que per força levasse o escudo de Miraguarda a Constanti-

nopla, onde determinava ir-se. Almourol agasalhou em seu apousento o cavalleiro Triste pera o mandar curar, porque té então pousava sempre no campo; mas Miraguarda, que não podia encubrir o pesar, que lhe ficava, de não vencer ao outro, sendo a batalha sobre sua pessoa, tanto que o viu em melhor disposição, o mandou sahir do castello, defendendo-lhe que dentro em um anno não vestisse armas, pois co'ellas não alcançara victoria tão justa: de que ficou tão triste e descontente quanto parecia necessario pera conformar com o nome, crendo que de todo sua fortuna o queria destruir. O que não houve por muito, lembrando-lhe que suas cousas, quando em maior assossego estão, maiores mudanças fazem.

CAPITULO LXI.

COMO O CAVALLEIRO TRISTE SE SAHIU DO CASTELLO D'ALMOUROL E DO QUE MAIS PASSOU.

Assim como o recado de Miraguarda foi dado ao cavalleiro Triste, como quem em tudo desejava seguir-lhe a vontade, chamou Armello seu escudeiro, a quem sempre com tamanho amor tratára, como se fora outro homem com quem mais razão tivessse, e apartando-o por antre as arvores de que aquella terra era povoada, com os olhos cheios d'agoa, começou dizer-lhe. O' Armello, este é o galardão que me minha fé guardou;

em fim de tantos trabalhos, ter outro mór pera passar. Quem cuidou que tão mal agradecidos fossem tamanhos serviços? De outra parte não sei de que me queixo, que as condições d'amor são estas, tratar mal o que não merece, favorecer quem não conhece seu bem, negar seus enganos a quem delles se satisfaz. Contento-me, que minha vida não soffrerá muito esta dôr, que de grande nem eu a poderei soffrer, nem ella me dará esse lugar: todalas cousas tem fim, senão meu mal, pois agora que o esperava, o vejo começar de novo: isto reciei sempre, porque nunca confiei de mim tamanho bem como minha vontade me fez desejar: e assim é bem que seja, que pera tamanhas cousas não sou eu; e ellas pera outrem se guardam, onde o seu merecimento melhor se satisfaça Mas que farei, que conheço isto pera me não queixar, e não me val pera me tirar de tamanho perigo? Confesso-te, que antre tantos males, um só bem acho, de que me contente, e é cuidar que meu mal me matará cedo, e então nem elle me fará mais mal, nem eu sentirei suas dores: porque só com uma acabarão todas as outras. Acabado de dizer estas magoas e outras saidas d'alma, não podendo já suster as lagrimas, começaram de saír em tanta quantidade, que Armello, movido de piedade, começou de o consolar com outras tão verdadeiras, como lhe fazia soltar o amor que sempre lhe tivera. Porem, depois que o primeiro acidente fez termo, o cavalleiro Triste enxugando

as suas, lhe disse que em todo caso se partisse pera Constantinopla, e levasse o seu cavallo e armas; pois então aquella era a mor cousa, que lhe podia dar; rogando-lhe que por nenhuma via desse conta de seu mal, antes afirmasse que de todo era morto: porque elle esperava fazer suas palavras verdadeiras. Armello, que com choro não podia responder, depois de algum espaço que esteve dando lugar á paixão, esperando que ella lho desse pera poder fallar, disse: Por certo, senhor, eu não sei a que parte possa ir, que mais contente viva que na vossa companhia, nem que bem fora desta conversação possa ter, que me não pareça mal. As novas que me mandaes que levo á corte, não sou eu de quem se ellas hão de saber; nem menos quem nesta afronta-vos a de deixar; antes de meu conselho, deveis sentir isto menos porque as cousas injustamente mandadas, não pode ser que quem as ordena as não desfaça. A senhora Miraguarda, quando vos isto mandou, estaria entregue a sua condição, que éisenta, nenhum respeito teve senão ao que lh'a vontade pede; mas agora, que estará livre de paixão e arrependida de seu erro, logo mandára outra cousa. Não sabes o que dizes, disse Florendos, que minha culpa não é tão leve, que deixe de merecer maior pena, do que é a que me deu. Qual cavalleiro houvera no mundo, que sobre sua fermosura fizera batalha, que a não vencêra, senão eu, que sou pera tão pouco, que nesta, em que me vi, fiz menos que em quantas me tu já viste? Com tu-

do, se o que te mando, te não parece bem, faz o que quizeres, com tanto que me deixes só; pois só pera mim se guardou meu mal, ao menos não terás mais parte nelle, do que tiveste na culpa, com que me condemnam. E apartando-se delle, se foi pelo Tejo acima com os olhos no chão, o coração occupado em sua dor, lançando lagrimas saídas d'alma, onde ella então fazia seu assento. Nisto passou gram parte do dia; depois sentando-se á sombra d'um penedo, de cansado adormeceu, onde o somno não foi de tanto repouso, que nelle se achasse livre de seu cuidado; antes sonhando mil vaidades tristes, passou aquelle pequeno espaço com tamanho trabalho, como se em todo seu accordo estivera. E acordando achou-se a si e ao penedo cercado de umas ovelhas, que arredor delle e á sombra d'uns freixos passavam a sesta: o pastor que as guardava, sentado no alto do penedo, tocava de quando em quando uma frauta com vilancetes e cantigas tão namoradas e bem compostas, que não parecia de homem de sorte tão baixa: ás vezes deixava de tanger, e com seu gado ao redor praticava suas dores, como quem não estava isento dellas, e de mistura com estas palavras acudia com suspiros cansados, que faziam a quem os ouvia ter em muito sua pena. O cavalleiro Triste, que tudo sentia, esteve cuidando a dor d'aquelle, não tendo por isso a sua em menos, que onde ella é grande, com as alheias não abranda. Conhecendo então a grandeza e po-

tencia do amor camanha era, e em quantas partes o seu poder abrange, pondo em sua vontade dalli por diante em companhia daquelle, se o elle quizesse consentir, passar o tempo. Porque cada um seu igual busca; que triste com outro triste se alegra; o alegre com outro alegre se quer: que isto é o natural da razão e da natureza, toda cousa com outra cousa assim como ella folgar. E o achou tão amigo da vida solitaria, que queria engeitar sua companhia, mas depois, que sentiu o porque o fazia, contentou-se de serem dous no passar della. O escudeiro do cavalleiro Tríste, sentindo que de todo engeitava sua conversação, veio-se ao castello de Almourol, e pondo o escudo e armas de seu senhor ao pé do outro do vulto de Miraguarda, fez um pranto tanto pera haver dó delle, que qualquer pessoa o tivera senão Miraguarda, ante quem estes clamores faziam pequena mossa, tão livre era sua condição; recontando ás vezes proezas do cavalleiro Triste, a alta genealogia sua, por onde se alli soube quem era, posto que quem lhe aquella vida dava a cousa nenhuma se rendia. E porque do cavalleiro Triste e seu escudeiro se fallará a seu tempo, deixa-o a historia por tornar a Palmeirim, que depois que se achou bem disposto de suas feridas pera poder tornar a receber outras, armando-se d'armas novas, que pera aquella aventura mandàra fazer, porque as outras não estavam pera soffrer algum trabalho, tornou ao castello de Almourol trazendo em sua vontade não

se partir delle sem victoria do cavalleiro, com quem se combatera. E chegou a tempo que achou o seu escudeiro fazendo o pranto, que se já disse. E conhecendo polas palavras, que lhe ouvira, que era Florendos, pesou-lhe em estremo de saber o que passava, crendo que a ira de Miraguarda faria nelle muito damno, e que, se se perdesse, seria mui grande falta pera o mundo: e não sabendo determinar o que fizesse, assentou em ir-se, pois sua detença não aproveitava ao remedio e vida de Florendos; porem primeiro esteve olhando o vulto de Miraguarda, que lhe pareceu a mais fermosa cousa do mundo, e se então não tivera a vontade em outra parte tão sujeita, soubera mal determinar quem fazia vantage uma á outra, Polinarda a ella, ou ella a Polinarda. E crendo que occupando a vista muito naquella imagem offendia o amor de sua senhora, virando as redeas, se foi sem saber que via levasse, assentando per derradeiro não se desviar do caminho de Constantinopla, pera onde o desejo o guiava; cousa de que os homens não sabem fugir, porque onde é grande todas as outras razões desbarata.

CAPITULO LXII.

COMO O GIGANTE DRAMUSIANDO VEIO TER AO CASTELLO DE ALMOUROL E DO QUE NELLE PASSOU.

Aqui torna a historia ao gigante Dramusiando, de quem é bem que se faça menção, assim porque suas obras são pera isso, como tambem por ser necessario, por não ir fóra de sua ordem. O qual, depois de correr tão gran terra em busca de Palmeirim sem achar novas delle, trazendo comsigo Selvião seu escudeiro, veio ter ao castello d'Almourol, poucos dias depois da passada de Palmeirim; lugar onde se muito desejava ver polas cousas, que delle ouvia dizer: e vendo o assento gracioso, em que o castello estava situado e a fortaleza delle, bem lhe pareceu merecedor de mui grandes aventuras. E andando-o olhando em roda, foi áquella parte onde as batalhas se faziam, e não viu ninguem senão uma arvore carregada de escudos pendurados nos troncos della, com os nomes de seus senhores, dos quaes conheceu muitos seus amigos. No mais baixo delles estava o cavalleiro Triste, com todas as outras armas, cousa contra razão, as armas do vencedor estar em parte, que parecessem despojo dos vencidos, e junto com ellas Armello seu escudeiro, que, cansado de chorar,

adormecêrá. Dramusiando mandou a Selvião que o acordasse, desejando saber as cousas d'aquella casa; mas, depois de sabido, ficou descontente de não achar alli o cavalleiro Triste, pera se combater com elle, e quizera mandar pôr o seu escudo acima dos outros, se o escudeiro lho consentira. Dramusiando, que inda não vira o outro onde o vulto de Miraguarda estava, levantando os olhos mais acima, que té li com a torvação das outras cousas o não fizera, ficou tão sem acordo do que daquella mostra recebeu, que o seu robusto coração não pode resistir aos membros, que tremendo-lhe todos, perdeu a lança das mãos; porem como a fraqueza fizesse nelle pouco assento, corrido de ver-se tal, tornou algum tanto em si; occupando a vista naquella imagem, que lhe aquelle desatino fez fazer, começou de dizer. Senhora, em quem vossas mostras tamanho aballo fazem, não deve querer ver mais que seja pera mais perigo. Folgára de vos poder servir neste passo, como já outros fizeram, mas pera o fazer acho o esforço na vontade e no coração mil receios, que me põe em maior medo, do que nunca tive: porem, se sentira nelle algum atrevimento pera vos olhar, no mais eu vos mostrára pera quanto sou; mas já que pera isto não fui, olhe-vos quem o merece, e ao servir façamol-o todos, que pera isto nascestes vós. Nisto se abriu a porta do castello e saiu de dentro o gigante Almourol em cima de um cavallo castanho claro, tão grande e tão forçoso, como po-

ra suster o peso, que sobre si trazia, era necessario, armado d'armas brancas de estremada fortaleza, menos louçãas que proveitosas, e brandindo uma lança com tanta força, que inda que a grossura della fosse grande, parecia que uma ponta juntava com a outra. Este Almourol, posto que os dias passados não fazia batalha com nenhum pessoa, que Florendos o escusava, vendo aquelle dia chegar Dramusiando, cuja aparencia dava tesmunho de suas obras, e sentindo em Miraguarda descontentamento de o ver em taes dias a tempo que o cavalleiro Triste era perdido, e que seu escudo não ficaria no conto do despojo dos outros, quiz mostrar que onde elle estava não falecia ninguem, pera lhe satisfazer a vontade. Com este preposito se sahiu ao campo da maneira que se aqui diz, dizendo contra Dramusiando: Bem seria, cavalleiro, que á imagem desse escudo, onde tendes postos os olhos, lhe posesseis o vosso antre os outros, que a acompanham em sínal de vencimento, e fora-vos melhor partido, que fazerdel-o por força e a tempo que mais vos dôa. Se eu cuidára, disse Dramusiando, que a imagem, que tu dizes, de tão pouco se contenta, folgára muito, porque tivera mais que sentir, ou menos que perder, fora seu meu escudo e meu o meu coração; soltara-lhe minhas armas, e não minha liberdade; dera-lhe o que pouco custa, polo que se não pode comprar; aventurara a perder o pouco por segurar o que val muito: mas tu não sentes o que dizes,

nem seria razão que o sentisses, que as cousas de tanto preço não é bem que sinta senão quem merece logra-las. Almourol, que sempre teve mais feroz o coração que delicado o espirito, havendo aquellas palavras por quebra e injuria de sua pessoa, abaixou a lança mostrando a continencia medonha e aspera, lançando gran quantidade de fumo negro pola viseira do elmo, remetteu com toda a ira, que um coração robusto e soberbo pode ter quando d'alguma paixão está senhoreado, contra Dramusiando, que da mesma maneira o recebeu: e como cada um fosse destro e forçoso, e os encontros bem acertados, vieram ambos ao chão por cima das ancas dos cavallos, e arrancando das espadas, começaram antre si uma batalha não menos pera ver que a melhor que alli se fizera. Miraguarda a esteve vendo, receiando o perigo em que via seu gigante, temendo que, se alli se perdesse, seria mui grande falta pera sua guarda. Elles se combateram grande espaço, dando-se um ao outro os maiores e mais sinalados golpes, que nunca se viram; porque como elles fossem gigantes dotados de força demasiada, e naquelle tempo se quizessem aproveitar della mais que da destreza, feriam-se tão mortalmente, que a batalha era muito de ver, e muito mais pera receiar. Nisto se arredaram a fóra por cobrar alento. Dramusiando pôs os olhos na janella, e vendo Miraguarda, ficou tão fóra de si, que nem lhe lembrou o perigo da batalha, nem com quem a fa-

zia, nem onde estava, ficando tal e tão sem acordo, que nem se temia de ninguem, nem estava pera o temer ninguem. Almourol, conhecendo sua torvação, não querendo esperar que tornasse em si, que o temia mais que a nenhum homem dos com que entrára em campo, se não foi Florendos, juntando-se com elle, lhe deu um golpe por cima da cabeça com tanta força, que entrando a espada pelo elmo lhe fez uma pequena ferida na cabeça. Mas como algumas vezes a dôr faz espertar o sentido, a que daquella ferida sentiu o avivou tanto, que tornando sobre Almourol, começou de o ferir de tantos e taes golpes, que o desatinou de todo, não entendendo já em mais que em se guardar. E, andando fugindo a uma e outra parte, caiu no chão quasi morto, assim das feridas que recebera, como do cansaço do trabalho. Dramusiando foi logo sobre elle por lhe cortar a cabeça; e estando-lhe desenlaçando o elmo, sentiu que o chamavam de cima, e virando os olhos contra a janella, uma donzella lhe disse: Senhor cavalleiro, a senhora Miraguarda vos pede que vos contenteis da victoria da batalha e não da morte do gigante; porque, alem de nisso fazerdes o que deveis ás armas, ella obrigaes, por esse ser o principal guardador, que nesta casa tem. Senhora, disse Dramusiando, a vida lhe darei, pois ellla assim quer, e a minha na guarda do escudo, se mo consentir, em qnanto a disposição deste homem não for pera isso, e poderá ser que se vier alguem

que me vença, que nem ella terá piedade pera me valer, nem elle pera me deixar de matar, e então descansarei: porque com um só fim terão fim todolos outros receios, que já agora tenho. Lademia, que assim chamavam a donzella, lhe agradeceu aquella vontade, mostrando que a senhora Miraguarda era contente de o ter por guardador, com que Dramusiando algum tanto se satisfez; porque achava a vontade presa, a liberdade perdida: e isto lhe nasceo mais da conversação e pratica d'aquelles homens, que em sua prisão tanto tempo teve, que de lhe vir por natural; ainda que d'outra parte já então poderamos dizer que era natureza; pois o costume de largo tempo nella se converte. Assim esteve Dramusiando alguns dias guardando aquelle passo, fazendo maravilhas em armas. Porem aquella gloria não lhe durou muito, que a fortuna, que lh'a deu, a tornou a roubar; que este é seu costume, de nenhuns bens ter maior inveja, que dos que ella dà.

CAPITULO LXIII.

DO QUE ACONTECEU AO GIGANTE DRAMUSIANDO NA GUARDA DO CASTELLO D'ALMOUROL.

Não ficou Dramusiando tão mal tratado da batalha que houve com Almourol, que ao outro dia se não achasse em disposição pera passar outra

tão perigosa: e porque seu desejo era mostrar a Miraguarda, tamanho lhe ficára de a servir, ainda o sol não era claro, quando, armado de suas armas, chegou ao campo das batalhas, e tirando o elmo se sentou ao pé da arvore, onde o escudo da sua imagem estava: e porque onde o amor é grande faz os receios maiores, tinha o tamanho de pôr os olhos no vulto de quem o matava, que, sem ousar levantal-os do chão, dizia mil magoas de que se Selvião muito espantava, que té li não cria que o amor de corações tão duros se contentava. Mas Armello, a quem a dôr da perda de seu senhor sempre era presente, não sabendo encobrir a que lhe aquellas palavras faziam, queria morrer com pesar, crendo que ninguem, do serviço de Miraguarda nem da guarda daquelle passo era merecedor senão Florendos: e não podendo dissimular em si tamanha paixão, disse contra Dramusiando: Bem se parece, cavalleiro, que não achastes neste passo quem té aqui o guardou aos outros, e o defendêra a vós se aqui viereis, pera com menos soberba e confiança o guardardes do que agora fazeis; mas a ira de Miraguarda tem esta culpa, querer que quem lhe não tem nenhuma seja destruido de suas obras e vencido de seu mal, pera vos não poder vencer a vós. Escudeiro, disse Dramusiando, a fé com que vosso senhor tendes, me parece a mim boa, e quem vos al disser, não sei com que razão o dirá, pois suas obras, segundo por estes escudos se mostra, são verda-

deira experiencia de vossas palavras; mas nem por isso haveis de desprezar, ou ter em pouco, quem nunca vistes, nem sabeis pera quanto é. Vosso senhor, se o aqui achára, combatêra-me com elle, e se me vencêra, contentára-me de ser no conto dos outros vencidos seus, que não valem menos que eu; e porventura ganhára muito n'isso; pois em signal de vencimento deixára um escudo, e agora não sei se satisfarei com deixar a vida. D'outra parte podera ser, se nos vireis em batalha, que me julgareis por melhor do que agora fazeis. Porém, pera servir a senhora Miraguarda, eu basto tanto como elle; pera a merecer, valerá elle mais que eu; que confessar de mim outra cousa seria mentira, e a elle negar-lhe seu merecimento não seria razão. E se vós aqui estiverdes algum dia; alguem virá em que possais vêr o que eu faço. E inda estas palavras não tinham resposta, quando polo rio acima assomaram dous cavalleiros, um trazia um cavallo ruço, e armado d'armas de negro e branco com estremos d'ouro, no escudo em campo sanguino um corpo morto. O outro trazia outras de verde e aleonado a quarteirões, no escudo em campo de prata dous leões rompentes. Não foram muito perto de Dramusiando, quando conheceu que um era o esforçado D. Rosuel, e outro Graciano, principe de França, a quem já tivera presos, cuja conversação e amizade estimava em muito. E posto que sua vontade fosse servil-os em tudo, lembrando-lhe que não podia al fazer pola palavra

que dera a sua senhora Miraguarda, quiz ir contra a amizade, e negar os preceitos della por seguir a ordem do amor, que em tudo póde tanto, que faz negar as outras cousas por fazer o que elle quer. E enlazando o elmo, posto a cavallo, se arredou polo campo polos deixar chegar. Mas D. Rosuel e Graciano, que o viram apercebido de justa, e não buscavam elles outra cousa, se foram corregendo nas sellas, que do mais não havia que fazer. Assim passeando se chegaram onde o escudo de Miraguarda estava acima dos outros, que Florendos vencêra; e, pondo os olhos na imagem delle, nem lhe lembrou o que tinham pera passar, nem quem os esperava no campo, nem o pera que alli vieram, tão sem acôrdo ficaram. Dramusiando, que viu seu esquecimento, sentindo donde lhe nascêra, chegou-se a elles, dizendo: Senhores cavalleiros, essa imagem não se pôz ahi pera se vêr com tamanho repouso; porque bem como esse, com algum risco se ha de merecer: cumpre que um a um façaes comigo batalha, e aquelle que me vencer podel-a-ha vêr devagar, e se se achar vencido della sentíra o que eu sinto, pera não cuidar que a victoria desta pessoa é tão barata como nas outras partes. Certo, disse Graciano, se este contentamento com algum risco se ha de merecer, eu quero ser o primeiro que por elle passe; e, baixando a lança, se veio contra Dramusiando, que o saiu a receber, e quebrando a sua em muitos pedaços fez perder a Dramusiando ambos os

estribos; mas elle com o encontro de seu contrario veio ao chão, dando tão gram quéda que por um pequeno espaço não pôde tornar em si. D. Rosuel, descontente de tamanho desastre, movido de paixão e manencoria, remetteu a Dramusiando com a lança baixa, que já estava prestes com outra nas mãos, das muitas que no campo havia, que sempre alli estavam de sobejo por mandado d'Almourol. E porque de todo Graciano não ficasse sem companhia, D. Rosuel lha teve tão boa, que daquelle primeiro encontro se achou no chão junto delle, e como pera cada um delles aquelle acontecimento fosse cousa nova, olhavam-se um a outro quasi por espanto. E segundo a fortaleza dos encontros, sempre presumiram que quem os dava era Palmeirim, se de todo o não desconheceram na grandeza do corpo. Como Graciano fosse mais acelerado, não podendo soffrer tamanho desgosto, coberto de seu escudo com a espada na mão se veio contra Dramusiando, dizendo: Cavalleiro, posto que vossos encontros sejam taes, que fazem receiar as outras obras, arrancai da espada, que quero passar por tudo, pera de tudo saber dar bom testemunho, se de vossas mãos escapar tal que o possa fazer. Dramusiando, que todo era composto de bondade e virtude, vendo sua vontade, podendo ganhar honra onde tanto desejava, não quiz fazer batalha com elle, porque de qualquer fim, que tivesse, lhe não podia vir senão desgosto: arredando-se a fóra, disse: Senhor Graciano, inda agora não desejo tão pouco

a vida, que a queira pôr n'esse perigo. A furia, que contra mim trazeis, podeis perder, por ser contra um dos móres servidores, que nesta vida tendes: então tirando o elmo se lhe deu a conhecer. Graciano e D. Rosuel o vieram abraçar com muito contentamento, não havendo aquella quebra por cousa vergonhosa, por ser de tal mão. E querendo saber delle a causa porque alli estava, e fazia aquellas batalhas, contou-lhe como viera ter áquella parte, a batalha que houvera com Almourol, como promettêra a Miraguarda de guardar aquelle passo té vir alguem que o vencesse. Segundo isso, disse D. Rosuel, toda vossa vida o guardareis; porque se a morte não vos vence não sei quem o faça. De mim sei dizer, disse Graciano, que me não pesa derribardes-me, que eu o mereci á senhora Clarisia em me parecer tão bem o vulto de Miraguarda, que, esquecido das outras cousas, só nella e não em al o espirito e juizo achei occupado. Senhor, disse D. Rosuel, nem eu me acho tão livre dessa culpa, que saiba como me salve pera com a senhora Dramaciana, se não se for em fugir deste lugar, pera não ver outra vez o vulto, que tantos desatinos faz fazer a quem em outra parte tem o coração. E sem mais querer deter-se nem ouvir outra razão, se pôz a cavallo sem esperar por Graciano, que o seguia, nem se despedir de Dramusiando, que com riso se não podia ter de vêr o temor e o medo, com que D. Rosuel daquella parte se partia. E não era muito que assim o levasse, por-

que das cousas que trazem muito damno muito medo se deve ter.

CAPITULO LXIV.

DO QUE ACONTECEU A PALMEIRIM INDO A CONSTANTINOPLA.

O Gram Palmeirim, de que ha muito que se não fallou, depois que partiu do castello d'Almourol, andou por suas jornadas tanto, que atravessou quasi toda Hespanha sem achar aventura, de que se possa fazer menção. Já que se achou no extremo de Navarra e França, onde então pola despovoação da terra havia muitos gigantes e cavalleiros de sua geração, começou de achar aventuras de muito perigo pera quem se nellas aventurasse e não de menos contentamento pera quem a seu salvo as passasse. Na qual parte em poucos dias fez tanto em armas e tão assinadas cousas, que cada vez mais fama polo mundo se estendia: tanto que esquecidas todalas obras de cavalleiros famosos, presentes e passados, só nas suas, como por milagre, se fallava, assim nas cortes de principes, como nos ajuntamentos de gente popular. Andando desta maneira exercitando suas forças, divulgando suas obras, e soccorrendo aos que dellas tinham necessidade, um dia, quasi vespera, caminhando polo pé de uma alta serra, mais povoada d'arvoredos solitarios que de casas populosas, viu contra a mão esquerda em

cima de um oiteiro alto um castello, que, a fóra ser forte, era de maravilhosa composição, todo ordenado e composto d'umas pedras verdes e brancas, tão perfeitas as côres, que cada uma parecia dar lustro á outra: ao pé delle estava um campo lageado das mesmas pedras, e no meio um tanque d'agoa quadrado e grande: as aguas delle estavam á sombra de uns ceiceiros verdes, de que o tanque se cercava. De modo, que alem de tudo ser muito pera ver, era tão aparelhado pera fazer saudade a quem o coração não tivesse livre, ou tivesse de que a sentir, que Palmeirim, esquecido de algum perigo, se alli lhe podesse acontecer, tirando o freio ao cavallo pera que parecesse da erva, que arredor do campo estava, se deitou sobre a borda do tanque á sombra dos arvoredos que o cubriam, e tirou o elmo com tenção de se lavar do suor e pó, que trazia no rosto, que o dia era de muito gran calma: olhou primeiro se no castello via ou ouvia alguem, de que se podesse recear; e não vendo nenhuma cousa de que se temesse, havia por muito ver um lugar e assento tão gracioso e dino de se povoar sem nenhuma habitação de gente: então, pondo o escudo e elmo a uma parte, por se desembaraçar de todas as cousas, que lhe podiam dar pejo a seu cuidado, soltando as redeas ao pensamento, lançado de bruços sobre aquellas claras e saudosas aguas, começou trazer á memoria sua senhora Polinarda, o muito-tempo, que havia, que a não vira, e o receio em que suas palavras o pozeram pera não ousar parecer ante ella em Constan-

tinopla. E porque então lhe fallecia seu amigo Selvião, que nestes tempos o só hia remediar com algum conselho, fez a paixão tamanha entrada nelle, que, desemparado de seu esforçado coração e maravilhoso esforço, só as forças de um delicado parecer o tiraram tanto de seu acordo, que com um semblante morto estava lançado ao pé daquellas arvores. Neste desacordo durou tanto, que quasi se queria pôr o sol, e de dentro da fortaleza sahiram quatro donzellas tão galantes e gentis mulheres, como mereciam ser as povoadoras de tal casa: e vendo-o assim, se chegaram a elle tão acompanhadas de piedade, como medrosas de receio, que levavam. Vendo-o tão mancebo e gentil homem, houveram muito maior dó de seu mal. E porque lhe viram todos os sinaes de morto, posto que d'outra parte um só lhe fazia perder esta suspeita, e era que tendo os membros mortaes, os olhos como vivo choravam sua dôr, uma dellas, que no parecer era mais fermosa e nas outras qualidades de muito maior preço, movida á piedade delle, e algum tanto vencida de seu parecer, mandou por alguns servidores de casa leval-o dentro á fortaleza, onde, depois de desarmado, lançado em um leito, com alguns remedios o tornaram em seu acordo, pouco contente de se achar, em tal lugar e antre gente tão odiosa a seu cuidado. E saltando fóra delle, quizera sem outra detença sair-se da fortaleza, se se acha ra com suas armas. Mas, como a tenção da senhora do castello fosse tel-o alli mais dias, mandou-lhas tambem guardar, como quem as queria por

penhor de sua estada, pesando-lhe ver nelle tão acesa vontade de se partir, trabalhando com palavras amorosas de o ter, rogando-lhe que por alguns dias quizesse aceitar o gasalhado daquella pousada, pois seu parecer e desposição mostrava ter necessidade; e a vontade com que lho offereciam não era de engeitar: e de quando em quando a senhora, que lho dizia, fazia no rosto algumas mudanças de côres, nascidas do que desejava, ás vezes vergonhosas, outras vezes namoradas, as quaes sentidas delle, era tamanho perigo pera sua condicção e desejo, que não esperando por armas nem cavallo se quizera assim partir. Porem ella, em quem o amor naquella hora obrava mais do que parecia honesto, a fazia sahir fóra dos termos, que a sua pessoa convinham: e vendo que com palavras amorosas e lagrimas não fingidas o não podia tirar de seu proposito, usando da mudança, que nellas sóe haver, mandou alguns cavalleiros seus que o prendessem, nos quaes fez tão pequeno estrago, como quem sem espada e armas o tomavam; e por força o levaram a uma camara do apousentamento da senhora, onde carregado de ferros e servido de todo o necessario, o teve alguns dias, confessando-lhe muitas vezes claramente seu desejo, pedindo-lhe que de todo a não quizesse matar; pois seu parecer e idade mais era pera lograr, que pera a engeitarem. Como estas palavras pera Palmeirim fossem tirar-lhe a alma, não tão somente as engeitava; mas inda mostrava contentar-se mais da companhia daquelles ferros, que da conversação de quem

lhos mandára lançar: e porque nas mulheres todalas cousas são extremos, converteu o grande amor, que té li lhe tivera, em odio igual a elle, pera se vingar do que lhe merecia, trazendo comsigo mesma seu erro á memoria o desprezo com que a tratára. E d'uma parte a vergonha, do que por ella passára, de outra a ira, em que estava posta, a movia a fazer algumas cruezas fóra do seu costume, que esta é a qualidade dellas. Depois, tornando a moderar sua furia com alguma temperança nascida da piedade, com que o seu real coração era sempre acompanhado, desviava-se de seu proposito e desculpava o cavalleiro, culpava-se a si mesma, e buscava maneiras pera o tirar da memoria; mas o amor era grande e não lho consentia. Então, vencida da vergonha, corrida do despreso, com que a tratára, mettida em uma camara pelejava comsigo mesma, desejando perder o seu cuidado, tendo-o já por impossivel: tomou por derradeiro remedio tel-o alli tantos dias, té que aquella paixão se lhe fosse ou elle se arrependesse. Mas pera co'elle este pensamento era vão, que em quem o amor tem muita parte, não tem em tanto os perigos da vida, que muito mais não estime algum de seu gosto.

CAPITULO LXV.

DO QUE FEZ O CAVALLEIRO DO SALVAGE NA CORTE D'INGLALERRA, ANTES QUE DELLA SAISSE, E DO MAIS QUE LHE ACONTECEU SAINDO A BUSCAR AS AVENTURAS.

O mui esforçado Floriano do Deserto, de que ha muito que se não faz menção, depois de Palmeirim d'Inglaterra ser saído da côrte d'el-rei seu avô, deteve-se mais alguns dias nella pera negociar os feitos de Orianda e suas irmãas, filhas do marquez Beltamor, lembrando-lhe o beneficio, que dellas recebêra na cura das feridas, que houve na batalha do gigante Calfurnio, tendo na memoria o promettimento que lhe fizera, e a esperança que ellas nelle tinham. Um dia tomou el-rei seu avô no apousento de Flerida, e sendo presente D. Duardos, lhe propoz estas palavras: Porque sempre, senhor, ouvi dizer que a boa obra com outra melhor se deve satisfazer, e que a ingratidão nos principes mais que nos outros homens se ha de estranhar, lembrando-me ser vosso neto, em quem este erro nunca coube, me pareceu que seria digno de muita culpa não o remedar neste costume como em outros, que inda que pola fama sejam muito de estimar antre virtuosos, este se deve ter em mais. E vindo ao proposito: ao tempo que, senhor, vim de Grecia pera este reino, a

tormenta do mar, que alguns dias me seguiu, me fez arribar na costa d'Irlanda, onde saindo em terra contra vontade do piloto, que a não havia por segura, houve batalha com o gigante Calfurnio, na qual por ser assim Deos servido, o venci e matei: ficando tão maltratado de sua mão, e com tantas e tão perigosas feridas, que verdadeiramente ellas deram fim a meus dias, se não fôra soccorrido por tres filhas do marquez Beltamor, que vossa alteza desterrou de seu senhorio, e o gigante aquelle mesmo dia trouxera presas. E não ainda a cura que em mim fizeram foi muito d'agradecer; mas a vontade e diligencia, que n'isso mostraram, de mistura com o sentimento do risco de minha pessoa, foi tamanha, que não tem paga: e já que eu estive pera entender nas cousas alheias, soube deilas quem eram; e informado de sua linhagem, e de sua vida e costumes por outrem, prometti-lhes de fallar a vossa alteza, deixando-lhes alguma esperança de seu remedio. Não quero que vades mais adiante, disse el-rei, eu ha dias que sei isso; inda que vol-o nunca disse; e posto que do marquez seu pai recebi desgostos que muito me lembram, e desserviços que tocavam á minha corôa, não quero que a culpa delle condemne á ignorancia dellas; quanto mais, que inda que n'isso tiveram parte, tudo se satisfazia, com o que comvosco fizeram. E porque vejaes quam bem lhe sei agradecer a divida, em que lhe vos estaes, e quanto estimo a virtude de suas pessoas, tenho deter-

minado casar a maior com D. Rosirão vosso amigo e meu sobrinho, e a segunda com Argolante, filho do duque d'Ortão, que por amor de vós, e porque lho eu roguei, cuido que serão d'isso contentes. A' terceira darei o marquezado do seu pai, e casará com Beltamar, irmão de D. Rosirão, e assim ficará o partido igual, e todas contentes. Floriano do Deserto lhe beijou as mãos por tamanha mercê. D. Duardos fez outro tanto polo gosto, que d'isso recebia. E porque nas obras virtuosas qualquer tardança faz damno, e a presteza é necessaria, logo se pôz em obra mandar por ellas, e Floriano não se quiz partir té que vieram. Depois de vindas foram recebidas com estes homens, e em suas vodas feitas tamanhas festas, como poderam ser nas do mesmo Floriano; assim porque seus maridos eram pessoas de muito preço e grandes estados, como porque el-rei e D. Duardos o quizeram assim. Passados alguns dias depois deste feito, Floriano corrido de se deter tanto tempo na côrte, tomando licença d'el-rei, de D. Duardos e Flerida, armado de suas armas com outra devisa de novo, deixando a do Salvage, com que tamanhas façanhas fizera, se partiu, levando em seu proposito ir provar-se na aventura de Miraguarda, de que então tanto se fallava. E tomando a via de Hespanha, como não achasse aventuras, que lhe embaraçassem o caminho, em pouco tempo arribou nella, desviando-se sempre da côrte d'el-rei Recindos, porque se temia que o detivesse alguns dias; antes se-

guindo sua rota contra aquella parte, que lhe diziam que estava o castello d'Almourol, chegou a elle um dia a tempo que Dramusiando acabava de vencer tres cavalleiros, um era Pompides, de que se muito espantou, não conhecendo inda Dramusiando; mas depois que soube quem era não teve a victoria em tanto, e vendo tantos escudos de homens sinalados ganhados por elle só, de uma parte desejava venturar o seu de mistura com elles, e d'outra a amizade do gigante não consentia batalha. Porém postas todas aquellas razões em esquecimento, vencido da inveja de tamanhas victorias, quiz passar polo costume da fortaleza, e concertando-se na sella, com seu escudo embraçado, e lança baixa, se pôz no posto costumado, como quem alli não viera pera outra cousa. Dramusiando, que com nenhuma se contentava tanto como com aventurar a pessoa no serviço de Miraguarda, nada o cançava; antes, quanto mais cavalleiros recresciam, maior alento achava em si pera soffrer o perigo e trabalho das batalhas. E vendo a tenção daquelle, que o esperava, tomando uma lança nas mãos, coberto do escudo se veio contra Floriano do Deserto, bem descuidado de lhe lembrar que podia ser filho de D. Duardos, com quem elle não fizera batalha por nenhum preço do mundo. E como os encontros fossem demasiadamente grandes, elles e os cavallos vieram ao chão. E posto que Floriano se desempeçou do seu, e pôz em pé muito mais prestes que Dramusiando, não quiz feril-o, po-

dendo-o fazer, té que de todo se acabou de levantar e correger o elmo na cabeça, que algum tanto se lhe torcera nella; e inda que Dramusiando sentiu bem esta cortezia, ficou com tal furia de vêr o outro com alguma melhoria de si, que lha quiz pagar com obras bem pouco de agradecer, que eram feridas de suas mãos, dadas com tamanha força como lhe a natureza dera. Porém o outro, que não era pera menos que elle, vendo-o com tanta furia e braveza, ajudando-se de sua presteza e desenvoltura, começou d'o ferir por muitas partes, dando-lhe tão mortaes golpes, que, além d'o pôr em maior receio do que té ali tivera, lhe fez suspeitar que podiam ser de quem lhos dava. Mas como nelle se não sentira nunca fraqueza, nem cousa que o parecesse, encobriu sua suspeita, e aproveitando-se de sua destreza e esforço, faziam ambos uma tão cruel e temerosa batalha, que nenhuma das que já passaram na fortaleza da prisão de D. Duardos foi maior. E como andassem a pé, e cada um receasse seu imigo, e tivesse a victoria por duvidosa, chegavam-se mais amiudo, ferindo-se por muitas partes, de sorte que as armas e escudos se desfizeram, as forças enfraqueciam: a furia da batalha ia em tanto crescimento, que cada vez parecia que os golpes se renovavam. Miraguarda, que de uma janella a estava vendo, julgava-a por cima de todas as que se alli fizeram té então, se não se foi a do cavalleiro Triste com Palmeirim, que aquella foi igual a esta. Pois como o trabalho os

pozesse em tamanha necessidade, que os fizesse apartar pera cobrar alento, arredando-se cada um pera sua parte, Dramusiando, tendo por certo ser aquelle Floriano, determinou por algumas vezes descobrir-se-lhe, e não levar a batalha ávante; depois, lembrando-lhe que alguns poderiam cuidar que com temor de seus golpes a deixava, mudava o proposito. E tambem tendo na memoria que aquella batalha se fazia por Miraguarda; determinava leval-a ao cabo, dizendo: Senhora, bem sei que todos meus serviços se hão de pagar com não vos lembrardes delles, nem de quem os faz, e que por fim de meus trabalhos tirarei por galardão descontentamentos tristes, que esta é a paga que sempre déstes a quem outra vos merece: porém com isso me contento, com esta condição vos sirvo, que bem sinto que pera vos servir, e não pera vos merecer, sou eu. Comtudo, porque esta vontade se possa mostrar muitas vezes em cousas do vosso gosto, olhai com quem faço batalha, e seus golpes vos dirão quanta necessidade tenho de vossa ajuda e favor. Favorecei-me como vosso, pois que o sou, e não queiraes que quem me vencer, diga, que o fez, pelejando eu em vosso nome. Mas Floriano, a quem tantos amores e tamanha tardança enfadava, determinando levar sua tenção ávante, se veio a elle coberto do pouco que lhe ficára de seu escudo, e, recebendo-se ambos na fortaleza de seus golpes, começaram a segunda batalha tão temerosa e brava, que Almourol a julgava por cima

de quantas vira. Miraguarda com Lademia dizia a suas donzellas, que aquella era a maior, que se alli nunca fizera; e se té li tiveram em muito a valentia do seu guardador, então não estimavam menos a do cavalleiro, que se com elle combatia: elles, em quem nenhuma fraqueza se conhecia, jàmais cessavam de se ferir, dando os golpes com tão gram força e impeto, que já não havia armas, com que se podessem soffrer, as carnes começavam sentir a furia com que se davam. Selvião, que em tal perigo viu Dramusiando, pesando-lhe de o vêr tão maltratado, e que começava enfraquecer, receiava sua morte, porque sabia quanto pesaria a seu senhor: e, chegando-se contra o escudeiro de Floriano, quando o conheceu, foi tão ledo como quem cria que com isso salvava a vida de Dramusiando ou d'ambos. Com este alvoroço se chegou a Floriano, dizendo: Senhor, não mostreis tamanha vontade da victoria desta batalha, que a fazeis com Dramusiando vosso amigo e servidor. A estas razões se arredaram um do outro, mostrando que té li se não conheciam, e abraçando-se, passaram algumas palavras d'amizade, inda que breves, porque as feridas não davam lugar a muita detença. Floriano se espantou de vêr Selvião, e porque não sabia a razão, quiz informar-se da causa, que alli o trouxera, que depois de sabida, sentiu muito, temendo os revezes da fortuna. Aquella nova o fez desejar ir-se logo a Constantinopla, onde cria que poderia achar recado delle, e não

o achando, revolver o mundo té saber alguma que o fizesse contente. Assim se despediu logo de Dramusiando, levando comsigo a Selvião, sem querer vêr o vulto de Miraguarda, por não caír nos perigos de sua vista: e antes que se partisse, Pompides, que a uma parte do campo esteve vendo a braveza da batalha, corrido de ser vencido, se chegou a elle polo acompanhar, com cuja companhia foi tão ledo como a razão o fazia ser. Ambos se partiram pera um lugar d'ahi perto, onde os curassem de suas feridas, determinando depois de sãos irem por suas aventuras e passar polo que nellas succedesse, e fazer o que deviam e em nada mostrar fraqueza, lembrando-lhe que aos esforçados primeiro a força que o esforço ha de fallecer.

CAPITULO LXVI.

DO QUE A FLORIANO ACONTECEU SEGUINDO SUAS JORNADAS, DEPOIS DE SER SÃO DE SUAS FERIDAS.

ACABADA a batalha, Dramusiando se recolheu ao apousento d'Almourol, onde com muita deligencia foi curado de suas feridas, que eram algum tanto perigosas, e, em quanto assim esteve, não se fez nenhuma batalha ante a fortaleza; porque Miraguarda não consentiu a Almourol que tomasse armas nem aventurasse mais sua pessoa, tendo

já em alguma parte perdido o credito delle por ser vencido duas ou tres vezes. Os cavalleiros, que neste tempo alli vieram, se tornaram descontentes de não achar affronta, em que podessem mostrar o seu preço, posto que alguns chegaram alli taes, que vencidos do parecer do vulto de Miraguarda aguardaram te que Dramusiando sarasse, pera se experimentar co'elle; e por derradeiro ficaram com sua magoa; e seus escudos fizeram companhia aos que dantes alli estavam: antre os quaes foi um de Tremorão e outro de Francião o musico, cousa bem duvidosa, pera quem alli os via e não conhecia o vencedor. E deixando a elle té seu tempo, diz a historia, que Floriano do Deserto e Pompides seu irmão, se partiram da fortaleza algum tanto maltratados das feridas que levavam, e tomou-lhes a noite em casa d'um cavalleiro ancião, que vivia junto da estrada, onde foram curados por sua propria mão e servidos de todo o necessario em muita abastança. Alguns dias, que se alli detiveram, passavam o mais da pratica na aventura do castello, d'Almourol e na fermosura de Miraguarda, de que Pompides fallava por milagre, louvando-a por extremo, como quem a vira bem; não podendo dissimular a paixão, que levava de ser vencido ante ella, de que Floriano zombava e ria, contentando-se de a não ter visto, por não cahir naquelle perigo, e achar-se livre, do que ninguem não era. E louvava muito a tenção e maneira de Dramusiando, pola empresa que tomara. Passados os dias, que suas feridas os forçaram estar naquella casa, já que

se sentiram em desposição de poder caminhar, dando ao hospede os agradecimentos, que por seu gasalhado merecia, despedindo-se delle, se poseram na via de Constantinopla, onde então era a nobreza de toda a cavalleria do mundo, seguindo sempre a via direita, com tenção de se ir embarcar em algum porto de França, onde mais prestes houvesse embarcação. Aconteceu que, poucos dias depois da prisão de Palmeirim, chegaram a aquella mesma parte, e vendo o castello tão gracioso e bem assentado, estranharam muito edeficio tão nobre em lugar tão ermo e desabitado: e virando as redeas aos cavallos pera o ir ver de mais perto, viram que delle sahia uma donzella acompanhada de dous escudeiros, em cima d'um palafrem baio; e alem de muito louçãa e bem ataviada, não era pouco fermosa. Chegando a ella, fallaram-lhe co'a cortesia, que sempre costumaram, e ás mulheres se deve, pedindo-lhe quizesse dizer cujo era aquelle castello, se não a estorvasse a pressa, que levava. Ainda qu'ella seja muita, disse a donzella, com taes palavras m'o pedis que me deterei pera vol-o dizer. Este castello fez elrei Vasilao de Navarra, que já ouvireis nomear: por seu fallecimento veio-se pera elle a princesa Arnalta sua filha em quanto não casasse, deixando a governança do reino a alguns senhores delle, virtuosos nas obras, esperimentados na idade, esforçados nos animos, e livres nas tenções, sabedores no governo, pera que por falta de rei o reino não padeça detrimento, nem o povo injustiça. Agora, havendo alguns dias, que nelle

está, houve novas da aventura do castello d'Almourol, que é lá nos fins de Hespanha e da fermosura de Miraguarda, tanto polo mundo fallada; e porque tem suspeita que os amores desta tem preso um homem, a quem ella deseja livre pera se servir delle, manda-me que a vá vêr, porque se for mais fermosa que ella, deixal-o-ha ir, que em seu poder está preso; e não o sendo, teme que o mande matar, segundo sente o despreso, que em suas palavras acha. Essa vossa senhora, disse Floriano, é mais fermosa que vós? Se vol-o eu em alguma cousa pareço, disse a donzella, bem sei que ella vol-o parecerá em extremo pola muita differença que ha de uma a outra. Pois podeis vos tornar, disse elle, que Miraguarda de ser tão fermosa como vós se contentaria. Senhora, disse Pompides, não vós engane este cavalleiro, segui vosso caminho, vereis o que nunca vistes, e podereis desenganar quem vos lá manda, e dar vida a esse outro, que dizeis; e este senhor não vos enganeis por elle; que tem a vontade isenta, e não viu o vulto de Miraguarda como eu, porque receiou ver-se no perigo de muitos. Parece-me, senhor cavalleiro, disse a donzella contra Pompides, que deveis vir tocado das mostras dessa senhora; porque vos vejo fallar nella como testemunha de vista. E pois isto assim é, quero-me tornar á princeza Arnalta comvosco, que onde vos estais pera lhe dar essas novas, será escusado irl-as eu buscar. Então volvendo com elles ao castello, disse a Arnalta o que passava, como aquel-

cavalleiros vinham da aventura de Miraguarda, e a poderiam desenganar da verdade. Arnalta, que desejava saber se as cousas de Miraguarda eram de tamanho merecimento como o tom delles o fazia parecer; depois de se desarmarem e repousarem algum espaço, os tomou ambos pola mão, mostrando-lhe o castello e assento delle, que era muito pera ver; fazendo-lhe muito gasalhado. Dahi levando-os ao tanque, se assentou com elles á sombra dos arvoredos que o cercavam, e, pondo os olhos em Floriano, que lhe pareceu mais principal, começou dizer: Senhor, inda que não sei como julgareis minha tenção, quero dar-vos conta de minhas cousas, pera saber de vós uma que muito desejo. Eu sou filha do rei de Navarra, senhora de toda esta terra; por seu falecimento retraí-me neste castello, em quanto os regedores do reino me dão marido, segundo ordenança de meu pai. Agora, não sei quantos dias ha, veio ter aqui um cavalleiro, a quem eu, polo que nelle vi, sem outro conhecimento que delle tivesse, o desejei fazer senhor de minha pessoa e de todo meu senhorio: não sei a razão que teve para engeitar estas duas cousas, tão desejadas de muitos principes; porque não tão sómente deixou de fazer meu rogo, mas antes me disse que se contentava mais da conversação de uns ferros, em que o mandei metter, que da minha. E posto que isto me desse muita paixão, a dissimulei, porque me pareceu que ou está fóra de si, ou seriam alguns amores, que lhe

tinham a vontade forçada, e lhe não deixavam conhecer tamanho bem. E porque em todos estes reinos não sei pessoa, que assim obrigasse, senão se fosse Miraguarda, a quem tão altamente louvam, quiz mandar uma donzella minha a vel-a; porque se sua fermosura é como dizem, mandal-o-hei soltar; e não sendo assim, castigal-o-hei como merece, por não dar atrevimento a muitos tratarem com despreso as pessoas de tanto merecimento como eu. Floriano, que sempre tivera os olhos nella, e a vontade não mui longe, quiz ver se podia satisfazel-a com palavras, que lhe pareceu vãa, alem de fermosa, qualidades que nellas muitas vezes andam juntas, dízendo: Senhora, esse cavalleiro não vejaes mais, nem lhe deis outro castigo, nem mór pena que deixal-o com a vida; porque, em quanto lhe mais durar, mais vezes sentirá seu erro e o que por elle perdeu, pois esse parecer não é tal que por nenhum outro se engeite. Miraguarda é tão fermosa como vos dizem; mas vós não lhe deveis nada, nem ella, se vos visse, teria de que alterar. Arnalta, a quem estas palavras satisfaziam muito, junto com as outras qualidades, que sentia de quem lh'as dizia, e sua condição era mudavel, como as mais das mulheres tem por natureza, começou sentir em si outras mudanças novas, tão esquecida de Palmeirim como se o nunca vira: e, tomando-os pola mão, se tornou ao castello, onde já estava a meza posta. Floriano lhe pediu que, primeiro que ceassem, lhe

mostrasse o cavalleiro preso, e ella o mandou trazer: quando Floriano e Pompides o conheceram, não poderam dissimular o contentamento que receberam: Selvião se lançou a seus pés. Arnalta vendo o acatamento, que elles lhe faziam, pesou-lhe de os ter em sua casa e logo os quizera despedir. Porem Floriano, a quem a senhora não parecia mal, a amansou com palavras e afagos, que foram de tanto merecimento ante ella, que mandou fazer um leito pera Pompides e Palmeirim e outro pera elle só, onde o veio visitar, quando a hora deu lugar pera isso: e, por lhe mais satisfazer a vontade, estiveram alli todos tres oito dias, no fim dos quaes, despedindo-se Floriano de Arnalta, elle enfadado e ella saudosa, se apartaram um do outro; e elles se foram a via de Contantinopla, promettendo-lhe elle primeiro de a tornar a ver o mais cedo que podesse. Assim começaram caminhar todos tres, contentes de seu acontecimento e ella de seus enganos. Floriano esquecido de tornar, Arnalta cheia de esperança disso: ella alegre de seus amores, elle tirado deste pensamento caminhou praticando sempre em Arnalta, não espantando-se de suas cousas, que nellas nenhuma é de muito espanto.

CAPITULO LXVII.

DO QUE ACONTECEU A ESTES TRES CAVALLEIROS NO PASSO DE UMA FLORESTA.

Despedidos estes tres cavalleiros d'Arnalta, seguiram seu caminho, praticando nas cousas passadas. Palmeirim, que qualquer conversação pera seu gosto era odiosa, se apartou muitas vezes com Selvião, e deixando todas as outras cousas, trazia á memoria sua senhora Polinarda; e posto que já neste tempo com maior despejo a podia servir, por saber cujo filho era, trazia o amor já de longe criado nelle tamanhos receios, que não se atrevia passar sem seu mandado, e ir a Constantinopla. E posto que Selvião lhe trazia á memoria algumas cousas pera lhe fazer perder este medo, nenhuma dellas aproveitava; que o amor desbaratava tudo. Assim que neste tempo era Palmeirim posto em mór cuidado que nunca. E tambem havia por quebra lembrar-lhe que não podera vencer Florendos ante Miraguarda, sendo a batalha sobre a fermosura de sua senhora. Assim que todas estas cousas o faziam tão descontente, quanto em nenhum outro tempo o foi. Floriano e Pompides, que sentiam nelle aquelle descontentamento sem saber donde lhe nascia, tão pouco caminhavam mui alegres; que isto tem a amisade grande antre ami-

gos, assim nas mostras como nas obras a vontade ser conforme. Caminhando alguns dias polo reino de França, onde já eram entrados, um dia, horas de terça, se acharam n'um valle gracioso, pola borda do qual passava um rio d'agoa clara e pouca, com alguns arvoredos por elle, e debaixo delles quatro tendas armadas com doze escudos, postos em roda dellas em parte que podiam enxergar-se ao longe: no campo por baixo das arvores andavam algumas damas, que pareciam fermosas, inda que as não viam de perto. Muito folgaram os tres cavalleiros de ver aquella gente tão ataviada, e em lugar tão apartado. Chegando-se mais ás tendas viram saír de dentro de uma dellas doze cavalleiros de ricas e lustrosas armas, quanto nunca viram outras melhores; d'antre os quaes um se pôs logo a cavallo, e, enlazando o elmo, pediu a lança, consertando-se a maneira de querer justar. Os tres companheiros, que sentiram seu desejo, se começaram a fazer prestes. Nisto veio ter com elles um escudeiro, que lhe disse: Senhores, Florenda filha delrei de França, que naquellas tendas está, vos faz saber, que fazendo sua viagem pera uma romaria onde vai, lhe a tomou sesta neste valle e polo ver tão gracioso, se quiz aqui deter té que a calma passasse; e porque vê em vós, que deveis ser pessoa de gram feito d'armas, vos roga que queiraes quebrar algumas lanças com aquelles seus cavalleiros, se nisso não recebердes desgosto. A' senhora Florenda, disse Palmeirim, quizera eu

que nos servíramos em al, se ella quisera; mas pois nisto recebe gosto, erro seria deixar de lhe fazer a vontade. E querendo-se fazer prestes, Floriano lhe pediu que lhe desse a primeira justa, que pera elle ficaria em quem se mostrar. Pompides, que muito desejava que seus irmãos vissem pera quanto era, quizera tambem ser o primeiro: mas vendo a vontade de Floriano, soffreu-se comsigo mesmo. Palmeirim se contentou de lhe deixar a empreza, por ser cousa de mulheres, a que Floriano era mui affeiçoado. E posto em ordem, pondo as pernas ao cavallo, remetteu contra o cavalleiro, que tambem o saiu a receber; e, inda que fosse um dos mais nomeados de França, veio ao chão sem fazer mossa em Floriano. Logo saiu outro d'armas de verde e branco, em um cavallo alazão, que remetendo contra Floriano, passou nem mais nem menos como seu companheiro. Desta maneira derribou Floriano cinco delles sem quebrar lança e ao sexto a quebrou e Pompides lhe deu a sua. Palmeirim folgava de o ver tão vivo e esforçado e com tão singular alento. Florenda, posto que muito sentisse derribarem-lhe seus cavalleiros, desejava que justassem todos, por ver as obras do vencedor delles, que em extremo lhe pareciam bem. Nisto travessou por meio do valle uma donzella em cima de um palafrem negro, chorando em vozes altas como pessoa que padecia, ou passava muita necessidade, e estando olhando a uma e a outra parte, vendo a Palmeirim assim armado,

se chegou a elle, dizendo: Senhor cavalleiro, peço-vos, polo que deveis a essa ordem que seguis, que se o animo vos basta a uma grande empreza, que vos venhaes traz mim, e fareis um dos móres soccorros, que nunca cavalleiro fez. Palmeirim, que não pera al trazia armas, sem lhe dar outra resposta, virou as redeas ao cavallo e foi traz ella, dizendo primeiro a Pompides: Senhor, ficai, e dizei a Floriano, que siga o caminho que antes levavamos, que mui cedo, prazendo a Deus, serei com elle e com vosco. Pompides ficou, ainda que contra sua vontade. E uma das donzellas de Florenda, vendo a pressa com que ia, se chegou a elle, dizendo: Parece, cavalleiro, que essas armas com menos trabalho, que vossos companheiros, as quereis possuir; pois vedes a pressa e affronta em que um está, e o perigo em que aquelle outro cavalleiro vai, e vós ficais com tanto repouso, como se nelles o visseis. Senhora, disse Pompides, a donzella leva tão bom recado pera sua necessidade, que eu faria lá pouca mingoa; porém, porque a vós não vos parece esta escusa boa, quero ir traz elle, mais pera o ver obrar, que pera cuidar que là posso ser necessario. E despedindo-se della, seguiu polo rastro de Palmeirim, que ía jà tão alongado, que primeiro passaram muitos dias que o visse. Floriano, que só com os cavalleiros de Florenda ficava justando, fez tanto, que em pequeno espaço derribou oito delles, cada um de seu encon-

tro, e alguns maltratados; e porque neste lhe quebrou a segunda lança, esperou té ver o que Florenda mandava que fizesse. Logo uma donzella, lhe trouxe outra da sua parte, rogando-lhe não quizesse deixar de justar, pois tão bem o fazia. Elle a tomou; fazendo acatamento e cortezia a quem lh'a dava, que era uma dama moça e fermosa, promettendo-lhe de a empregar como peça de sua mão; e pondo se no posto donde sempre saía, veio a elle o noveno cavalleiro armado d'armas de pardo, com vieiras d'ouro por ellas, em um cavallo murzello, a seu parecer melhor posto que todos os outros. Como este fosse confiado de si, começou dizer: Folgo muito cavalleiro, de vêr em vós obras tão assinadas pera que as de quem vos vencer sejam de maior estima Em dizendo isto, pôs os olhos em Carmelia, camareira de Florenda, com que andava de amores, e com o contentamento de a ver, e confiança do que lhe queria, se foi contra Floriano ao maior correr de seu cavallo; mas como amor ás vezes pode pouco com quem o não conhece, inda que este cavalleiro em seu nome dava aquelle encontro, nem fez mais damno em Floriano que rachar a lança em alguns pedaços, e elle veio ao chão tão descontente do fim da justa, como estava confiado no principio della. Os outros cavalleiros, que ficavam, posto que fossem de grande preço, quizeram vir á justa com menos orgulho que estoutro, porque, se lhe outro tanto acontecesse, ficassem com menos des-

gosto. Logo saiu o dezeno, armado d'armas de roxo e encarnado, com rosas de prata cravadas nellas. Mas, por me não deter em encontros, tambem caiu como seus companheiros, e isso mesmo o onzeno. O derradeiro, em que Florenda mais confiança tinha, saiu em cima de um cavallo ruço rodado, armado de armas de ouro e verde a coarteirões, com mil invenções e gallanterias no escudo, em campo dourado, um tigre, que desfazia um cervo branco. Este, segundo a mostra de sua pessoa e a maneira de seus membros, parecia pera mais que todos os outros, e sem nada dizer, remetteu a Floriano, que o recebeu segundo seu costume; porem, como este fosse o esforçado Germão d'Orliens, não o pode arrancar da sella como a seus companheiros, antes correram duas carreiras; á terceira caiu como os outros, pesando-lhe tanto, que quizera morrer de nojo polo lugar donde acontecera, que segundo se já disse, Germão d'Orliens servia Florenda com tenção de casar com ella, por ser grã senhor, e um dos especiaes cavalleiros de França. Florenda, vendo os seus derribados, pediu a Floriano quizesse tirar o elmo e dizer quem era; porque quem polas obras havia de ser tão descoberto, pouco necessario lhe era querer-se encobrir a ninguem. Elle o fez, pedindo-lhe por mercê que se naquella justa a desservira, em alguma outra cousa muito de serviço seu quizesse que o emendasse. E tirando o elmo, se desceu pera lhe beijar a mão, que ella não con-

sentiu. Germão d'Orliens, que o conheceu, o levou nos braços com muito prazer e alvoroço, dizendo contra Florenda: Senhora, já me não dà nada ser vencido; que este cavalleiro não é acostumado a o vencer ninguem. Quando ella soube aquelle ser Deserto seu primo coirmão, o recebeu de novo com outro gasalhado e cortezia, não tendo em tanto o vencimento dos seus. E por ser já hora de partir, mandou levantar as tendas, não consentindo a Floriano que a acompanhasse, pedindo-lhe que quizesse deter-se na corte de França alguns dias, onde seria recebido com tanto amor como a razão o requeria. Elle se escusou com dizer que em todo o caso queria seguir o cavalleiro que ía com a donzella, porque temia algum engano. Florenda lhe pediu lhe dissesse quem era o outro, porque no que nelle vira devia ser gram pessoa. Senhora, disse Floriano, não errais perecer-vos assim, ao menos polo desejo que tem de vos servir; elle é Palmeirim d'Inglaterra meu senhor e irmão. Agora vos confesso, senhor, respondeu ella, que me pesa de o saber, pois fui tão mofina, que tendo-o aqui o não conheci, sendo a cousa que mais desejava. Porem peço-vos por mercê, que o sigais, e se for possivel, tornardes pola corte de el rei meu pai, o façais; pois nella, como na Gran-Bretanha, vos hão-de servir. A donzella, que fizera ir Pompides, se chegou a Floriano, dizendo: Senhor, eu tambem quizera saber de vós quem era o outro cavalleiro, que foi traz Pal-

merrim, pera emendar alguma hora as palavras que lhe disse. Senhora, disse Floriano, pessoa é que vos saberá servir no que lhe mandardes: chama-se Pompides, e tambem é meu irmão. Peço-vos, senhor, disse a donzella, que me desculpeis quando o virdes, que corrida estou do que com elle passei. Nisso e no mais, que de mim vos quizerdes servir, disse Floriano, estou eu tão certo como esse parecer merece. Então se despedio de Florenda, tomando a via que Palmeirim levára, tão receioso d'algum desastre, como quem via o mundo e o tempo liberal delles.

CAPITULO LXVIII.

DO QUE PASSOU PALMEIRIM EM COMPANHIA DA DONZELLA.

PALMEIRIM de Inglaterra foi traz a donzella ao maior passo de seu cavallo, porque a sua pressa não consentia nenhum repouso. E posto que muitas vezes quiz saber della onde o levava, nunca com choro lho pode dizer. Assim passaram todo aquelle dia e noite, sem repousar nenhum espaço, levando já as bestas tão cansadas, que não se podiam menear: ao outro dia pela manhãa, quando alva rompia, passaram polo pé de um castello, que se velava. A donzella se desviou da estrada, rogando a Palmeirim que a esperasse, e chegando ao castello, fallou com um

dos velladores algumas palavras, que não ouvio, e dalli, tornando-se pera elle, seguiram seu caminho com maior pressa que dantes, e com ella andaram té horas de meio dia, que chegaram a um valle grande e gracioso, que estava ao longo da fralda de uma pequena villa, que era no ducado de Roussilhon. Alli lhe disse que se descesse em quanto ella ia ter ao lugar, e logo tornaria a elle. Palmeirim, que vinha afrontado do trabalho do caminho, se desceu do cavallo e tirou o elmo pera se desabafar. A donzella como quem não soffria vagar em suas cousas, porque a necessidade requeria muita pressa, foi á villa, e fez volta tão prestes, como se o seu palafrem andára em toda sua força: e, chegando a Palmeirim, vendo o sem elmo tão moço e gentil homem, não ficou contente, crendo que pera sua afronta achára fraco remedio: dizendo mal á sua ventura, se queixava mais que antes. Palmeirim, movido de piedade não sabendo porque assim se matava, rogou-lhe que sem nenhum pejo lho dissesse. Que quereis que vos diga, senhor cavalleiro, disse a donzella, senão que sou mais malaventurada mulher do mundo, que indo buscar algum cavalleiro famoso pera uma necessidade grande, revolvi a corte de França; e, dando conta aos melhores della, nenhum quiz acceitar o que lhe pedi, que lhe pareceu grave d'acabar; e vindo quasi desesperada acertei de chegar ao valle onde Florenda estava pera lhe pedir, que mandasse comigo algum dos seus guardadores, em que

mais confiasse: e porque vos vi em companhia de outro cavalleiro, que os estava derribando todos, cuidei que fosseis assim como elle e pedi-vos que me seguisseis sem vos querer dar conta do caso, que temi, que sabido, não quizesseis vir comigo. Agora, que estava ao pé da obra, vejo-vos tão menino e moço e de tão poucas forças ao parecer, que perdi a esperança que em vós trazia. Senhora, disse Palmeirim, a razão e justiça queria que tivesseis de vossa parte, que no al, eu farei o que poder, e por ventura será mais do que julgais pola idade: por isso peço-vos que sem nenhum receio digaes ao que vim, que eu aventurarei a vida qualquer perigo. Ai, senhor, que boas palavras, disse a donzella, se a obra dissesse com ellas. Sabei que nesta villa, que vês, estão presas trez donzellas filhas d'um gran senhor, que havia nesta terra; e porque seu pai não quiz cazal-as com o duque de Rusilhon e outros dous seus irmãos, tiveram maneira como por traição o mataram, e ellas trouxeram per força a esta fortaleza; e porque nunca quizeram conceder seu desejo, deram-lhe tempo té hoje, que é o derradeiro dia, pera que buscassem algum cavalleiro, que por força as tirasse de seu poder; e havia de se combater desta maneira: primeiramente á entrada da fortaleza com Bramarim primo do duque, temido e nomeado em todo o reino, e vencendo-o, ha se de combater com outros dous cavalleiros juntamente, tambem seus parentes e mui esforçados,

a que chamam Olistar e Alfarim: e, saindo desta batalha vencedor, combater-se com o duque e seus dous irmãos, que cada um per si é tão especial cavalleiro que basta pera o melhor desta terra. E porque hoje é o derradeiro dia do prazo, no qual ellas hão de ser degoladas, não dando cavalleiro, que faça estas batalhas, dei a pressa que vistes em nossa vinda. Agora fui ter á villa pera lhe dizer que trazia comigo quem se com elles combatesse, de que o duque está alvoroçado, crendo que irá com seu proposito ávante. Por certo, disse Palmeirim, agora não hei por muito recearem alguns cavalleiros vir a tão incerta demanda. Parece-me mal elrei consentir em sua terra tamanha sem razão: e pois o mais do dia é gastado, e para tanta batalha fica pequeno espaço, partamos logo, que eu espero em Deus, que a maldade desse seja causa de seu vencimento. E sem mais dizer, enlaçou o elmo, manencorio de cousa tão mal feita. A donzella, quando o viu com tão bom desejo e pouco temor, cobrou mais algum esforço, e ambos juntamente entraram pola villa, e foram ter á fortaleza, que estava bem assentada e forte, cousa que aos maos, quando são poderosos, se não havia de consentir; que às vezes a confiança destas forças é causa de muitos erros.

CAPITULO LXIX.

COMO PALMEIRIM SE COMBATEU COM OS GUARDADORES DA FORTALEZA, SEGUNDO A ORDENANÇA DELLA.

A DONZELLA entrou pela villa acompanhada de Palmeirim, não tão contente da esperança de seu soccorro, como podera ser se soubera quem levava comsigo, que esta vantagem tem os homens, a que natureza dotou de grandes membros e robusto parecer, esperar-se delles maior animo e maiores obras, que os outros a quem isto não deu. Chegando á fortaleza, acharam já o muro e alto della tão cheio de gente pera vêr a batalha, que todo em roda estava coberto de pessoas, que a isso vieram. E porque o castello era cercado de uma cava chapada, alta e bem obrada, saíram certos homens de pé que lançaram uma ponte levadiça, que chegava de parte a parte. Palmeirim quizera logo passar da outra banda, mas saiu de dentro da fortaleza Bramarim, que lho impediu, armado d'armas de vermelho, em cima de um cavallo castanho, brandindo uma lança, dizendo: Esperai lá, cavalleiro, que fóra faremos nossa batalha, e se me vencerdes, então podereis entrar e fazer outras, que vos mais caro custem. Eu não sei o que a fortuna quererá fazer, disse Palmeirim; mas cá fóra nem lá dentro não cui-

do que a razão ajude a quem em suas cousas tem tão pouca; por isso tomemos do campo, e façamos nossa batalha, que pera tantas parece já o dia pequeno. Tão leve fazeis esta aventura, disse o cavalleiro, que já vos não queixaes senão do tempo, que é pouco; pois olhai por vós, que deste encontro farei que vos sobeje mais dias pera estardes preso na conversasação d'outros nescios, como vós, que vos póde fallecer pera vencerdes o costume do castello. Então, abaixando as lanças se vieram um contra outro, e como em Palmeirim houvesse maiores obras, que em seu contrario palavras, e os encontros fossem dados em cheios, não recebeu mais damno que desfazer-se em seu escudo a lança de Bramarim, e elle caiu polas ancas do cavallo tão gram quéda, que por muito espaço não bolliu com pé nem mão. Vendo-o Palmeirim tal se desceu, e tirando-lhe o elmo lhe pôz a ponta da espada no rosto, dizendo: Cavalleiro, rendei-vos em minhas mãos, e jurai de não manterdes mais este costume, senão morto sois. Bramarim, que se viu em tal estreito, outorgou tudo da maneira que lho elle mandou. Palmeirim tornou a cavalgar, e passando a ponte, achou já a porta da fortaleza aberta, e entrando dentro, viu a uma banda do pateo Olistar e Alfarim, armados d'armas verdes com flôres azues, que lhe davam muito lustro; e, em o vendo sem o deixar concertar na sella, remetteram de supito, encontrando-o no escudo de tanta força, que perdeu uma estribeira; e porque estava

sem lança, que a quebrára no primeiro cavalleiro, não fez mais que emparar-se dos encontros, e arrancando da espada os esperou, que faziam volta, e ao primeiro deu tamanho golpe em cima do elmo em descoberto do escudo, que entrando por elle muita parte lhe fez uma ferida mui grande na cabeça, de que saía tanto sangue, que d'ahi por diante não deu golpe, que fizesse damno. O outro seu companheiro, vendo-o desatinado e fraco, quiz supprir por ambos, pelejando esforçadamente, dando golpes sinalados, e emparando-se dos de Palmeirim com muita desenvoltura, de que se elle pouco contentou; e acompanhado de ira e manencoria, por vêr que um só homem lhe durava tanto tempo, lembrando-lhe o mais que ficava por fazer, lançando o escudo atraz, tomou a espada com ambas as mãos, e deu-lhe tal golpe por cima do elmo, que por força o fez vir a seus pés sem nenhum acôrdo. A este tempo caiu tambem morto o outro, que a ferida que trazia da cabeça, não era de maneira que lhe désse mais espaço de vida. Palmeirim se desceu do cavallo, e tirando o elmo ao que derribou, disse-lho que se rendesse; e porque o não quiz fazer confiado na ajuda dos outros, que ficavam, lhe cortou a cabeça, dizendo: Isto te fique pera galardão de tua pertinacia. E, olhando pera suas armas, vendo-as inda sãas, e a si sem nenhuma ferida, virando contra a donzella, que alli o trouxera, disse: Senhora, temos aqui mais que fazer? Já me agora parece, disse ella, que pera vossas obras tudo é pouco; e porém ainda nenhum

destes é o duque nem seus irmãos, que seu costume é fazerem sua batalha em cima; por isso subi, que quem nestas vos deu tão boa dita, não póde ser que nas outras vos desampare: e posto que minha tenção era tornar-me de aqui, agora cobrei tamanha confiança em vós, que quero estar presente a tudo. E mostrando-lhe uma escada de pedra larga e bem obrada, por onde havia de subir, Palmeirim mandou a Selvião que ficasse no pateo com os cavallos, e elle com sua espada na mão, começou ir por diante. Não subiu muitos degráos, quando se achou em uma sala grande, a uma banda della no alto da parede estava uma janella de grades, que saia d'uma camara, e caía sobre a mesma sala, e sentadas ao pé da mesmas grades tres donzellas vestídas de negro, a seu parecer tão fermosas, e gentis mulheres, que não era pera culpar nenhum estremo, que por ellas se fizesse. N'isto vieram ter com ellas ao longo de um corredor tres cavalleiros armados, traziam as viseiras dos elmos levantadas, e por serem mancebos e bem dispostos, as armas ricas e lustrosas, alem de virem gentis homens, pareciam psssoas de gram feito. Chegando mais a ellas, o que antre elles parecia mais principal, lhes disse: Senhoras, não sei porque quisestes ser causa de tanto mal, não vos vindo nenhum bem? meus primos são mortos por mão daquelle cavalleiro, e emfim elle, como esforçado, fará o que poder; mas não poderá fazer tanto, que deixe de pagar com sua vida

as outras, que tirou, e vós com as vossas satisfareis parte desta perda; mas com tudo nem eu ficarei contente, nem terei de que o fique. Assim que todos teremos que sentir, e ninguem de que se alegrar. E despedindo-se dellas com a cortesia costumada, sem esperar resposta, se desceram á sala armados d'armas verdes com alcachofres d'ouro, nos escudos em campo verde Cupido com um arco feito pedaços, preso por mão de uma mulher. O duque se adiantou de seus irmãos contra onde estava Palmeirim, dizendo: Senhor cavalleiro, peço-vos que vos queiraes contentar do que té agora tendes feito, e rendei-vos a mim, que me pesaria ver perder a vida a quem tanto é para ella. Não cuidei eu, senhor duque, disse Palmeirim, que em pessoa de tanto preço, como vós, houvesse obras tão fóra das que deveis ter; porém porque vejo quererdes ir com vossa tenção ávante, escusado será gastar tempo em palavras, nem aconselhar-vos com ellas. E cobrindo-se de seu escudo foi-se contra elle e seus irmãos, que o receberam antre si com muitos e mui pesados golpes: e posto que Palmeirim nesta batalha fez tudo o que pôde, defendendo-se e offendendo com sobejo esforço e valentia, não deixou de ser ferido em muitas partes, confessando-se a si mesmo que esta era uma das maiores e mais perigosas batalhas, em que se nunca vira; porque o duque e seus irmãos, alem de serem esforçados cavalleiros e estarem descansados, eram tres contra um só,

e mais tomando-o já cansado das outras batalhas. As donzellas, que em tal perigo o viam, com muitas lagrimas pediam a Deos se lembrasse de sua vida, porque nella estava a sua dellas. Palmeirim feria a uma e outra parte com tanta presteza e acordo, que o duque e seus irmãos não podiam valer-se; os escudos de todos eram quase desfeitos, e o de Palmeirim o era tanto, que nenhuma cousa lhe ficara com que se cobrir nem emparar: os golpes retumbavam per todos aquelles paços e casas, com tamanho estrondo, que parecia que caíam: em nenhum delles té então se mostrava fraqueza, antes cada vez a força e esforço parecia que se dobrava; o sangue era tanto, que fez na sala por muitas partes nodoas delle, e tão coalhada das rachas dos escudos, que se não podia pôr pé em cousa vazia. A este tempo Palmeirim, vendo quanto aquelles homens lhe duravam, e o pouco que fizera e o muito que era necessario fazer, deu tão gram golpe por cima do braço direito a um dos irmãos do duque, que, cortando-lhe as armas e muita parte da carne, o aleijou de sorte, que não podendo pelejar se saiu da sala. O duque, vendo seu irmão tão maltratado e a sua vida em perigo, remetteu a Palmeirim com dobrada furia do que té li trazia, ameudando os golpes com tanta força, que não pareciam d'homem cansado. Tudo lhe era necessario, que Palmeirim andava tão bravo, que já d'outro golpe, dera com outro seu irmão no chão. O duque se arredou a fóra tendo sua

perdição por certa, dizendo contra Palmeirim: Peço-vos, senhor cavalleiro, que não vos pese descansarmos um pouco; e, se houverdes por bem dizerdes-me vosso nome, tel-o-hei em muito, que desejo saber a quem venço ou quem me vence. Meu nome tendes tão pouca necessidade de o saber, disse Palmeirim, que não quero gastar tempo nisso; acabemos nossa batalha, que logo vos direi quem sou. Por tão certa tendes a victoria, disse o duque, que não quereis contentar-vos de nenhum partido, pois ainda não me tenho por tão vencido, que com esse receio vo-lo cometta. E tornando á batalha começaram os golpes a fazer tanto damno por falta das armas, que o duque não podendo süster-se contra os de Palmeirim, foi enfraquecendo de modo, que já não entendia mais qu'em amparar-se. Palmeirim, que sentiu sua fraqueza, começou a apertal-o tanto, que per força o fez vir a seus pés tão descontente como maltratado. Mas como o vencimento não fosse pera elle de tanta dor, como era cuidar que de todo perdia a sua senhora, ou a esperança della, com piedades de vencido começou pedir ao vencedor, que o matasse, confessando-lhe que aquelle seria o maior bem, que seu mal podia receber. Palmeirim, vendo-o tão namorado, houve dó delle e de ouvir suas palavras, julgando-o por si mesmo; e ajudando-o a levantar, lhe rogou que se consolasse, porque não tão somente o não mataria, mas antes lhe promettia qu'em todas as cousas de seu gosto o

ajudasse. O duque, ainda que a avorrecido da vida, a acceitou com aquella condição, que sem ella se não contentára de a ter. Que a vida pera má vida, não pôde desejal-a, se não aquelle que com a morte não se atreve.

CAPITULO LXX.

COMO PALMEIRIM CASOU O DUQUE E SEUS IRMÃOS COM AS TRES DONZELLAS, E COMO ALLI VEIO TER FLORIANO E POMPIDES.

Acabadas estas batalhas, cuidando Palmeirim que não havia mais que fazer, sentiu gran ruido de armas, e não sabendo que fosse, entraram pola porta da salla vinte piões armados de piastrões e alabardas, e diante delles dous cavalleiros que vinham dizendo: Morra, morra o que matou o melhor cavalleiro e mais nobre senhor do mundo. Com isto remetteram a Palmeirim, que com a espada na mão determinou de os esperar, já desconfiado da vida, segundo estava cansado e maltratado; mas isto com preposito de a vender bem cara. Porem o duque, que inda estava na sala, o melhor que pôde se metteu no meio, ameaçando os seus, pesando-lhe de tamanha desordem feita fóra de sua vontade. E porque lhe pareceu que Palmeirim creria delle que fôra sabedor disso, antes que entendesse em curar de sua pessoa, despediu de sua casa toda aquella

gente, mandando-lhe que em todo seu senhorio não habitassem, com voto de os mandar matar, se o contrario fizessem. Este voto não foi avante, que, antes que Palmeirim se partisse, fez com elle que os perdoasse. Acabado isto, o duque foi levado a seu leito, e Palmeirim a outro no apousentamento das donzellas, onde ellas mesmas o curaram com tanta deligencia como a pessoa, de cuja mão cuidavam que recebiam nova vida; sendo tão servido de tudo o necessario por mão de Organel veador do Duque, como o podera ser sua propria pessoa. Este Organel, por ser homem de idade e discreto, entendeu logo no que cumpria, assim na cura das feridas dos vivos, como em sepultar os mortos conforme a suas pessoas. E o tempo que Palmeirim alli esteve, como fosse todo gastado em conversação das donzellas, trabalhou por lhes ganhar a vontade nas cousas que ao duque tocavam, trazendo lhe á memoria quão especial cavalleiro era, tamanho bem lhe queria, o senhorio em que as desejava pôr, fazendo sua senhora de todo seu estado, e as outras casal-as com seus irmãos, que tambem eram pessoas de gran preço, e de que muito se deviam contentar. As tres irmãas conheciam de Palmeirim que seu desejo era virtuoso, suas palavras ditas a bom fim, e, cuidando no muito que lhe deviam, não souberam negar-lhe o que lhe pedia, receiando tambem, se o não fizessem, ficaria dalli um odio grande, com que sempre teriam guerra, a que ellas por ser mu-

lheres poderiam mal resistir. Assim que pondo-se em suas mãos, consentiram que fizesse dellas o que melhor lhe parecesse; porque a pessoa, a que tanto deviam, não se podia negar nada; e mais sendo seu preposito tão singular e virtuoso. Palmeirim ficou tão contente da mudança de sua vontade, que o houve por maior victoria pera seu gosto, do que fora a das batalhas passadas: com este alvoroço foi ver o duque, que já se começava a levantar, e, levando-o nos braços com um prazer desacostumado, lhe deu conta do que em seu negocio fizera, que pera elle foi um bem tão perigoso, que Palmeirim cuidou que se convertesse em outra cousa: que não podendo seu coração com alegria tão supita, deu com elle no chão tão sem accordo, que foi necessario accudir-lhe com alguns remedios pera tornar a elle; e com os olhos no ceu, disse: Por certo, senhor cavalleiro, se eu algum damno recebi de vós, em dobrada mercê m'o pagaste; mas eu estou já tão desacostumado do bem que não sei como creia nova tão alegre, quem sempre viveu triste. Não me culpeis verdes em mim esta fraqueza, que eu não sou pera tão gram bem, nem meu coração póde cõm elle. Estava tão costumado a soffrer qualquer paixão, que nenhuma podia mais que eu: eu podia tanto que desbaratava umas pera soffrer outras mores. O prazer, porque sempre desesperei delle, agora que o espero me desbarata: por isso, senhor cavalleiro, pois o vencimento de vossas mãos foi

pera se tornar em tamanha victoria de meu desejo, agora, que me dais a vida, aconselhai-me o que faça pera a suster; que nem eu com tamanho bem me atrevo, nem cuido que pera mim se guarda. Palmeirim, que o viu tão namorado, houve dó delle, sentindo todos aquelles accidentes como quem por elles passava, alegrando-o com palavras de seu gosto, certificando-lhe que tudo se faria quando quizesse e como quizesse. Estando ambos nesta pratica, que ao duque fazia sentir menos a dor do seu vencimento, bateram dous cavalleiros á porta da fortaleza, a quem o duque mandou entrar com menos risco do que naquella casa costumavam; mas quando foram dentro, Palmeirim conheceu que eram seus irmãos, donde a victoria ficou de mais gosto; porque de ter algum tanto occupado o pensamento no que succederia a Floriano nas justas onde o deixára, lográva com menos repouso o preço de seu trabalho. E preguntando-lhe o que lhe acontecêra, contou como, por se combater com Germão d'Orliens, fôra forçado conhecel-o Florenda, e como Pompides se viera logo traz elle por algumas palavras, que lhe disse uma das suas donzellas, e dépois o encontrara ao pé de um castello que se velava, fazendo batalha com dous cavalleiros, que queriam forçar uma donzella, e os vencera com morte de um delles, e alli acharam novas delle, que vinha em companhia da outra pera aquella fortaleza. Este castello, que se velava, era das tres irmãas, onde a donzella se apartou de Palmeirim

quando vinham fallar com os veladores. Palmeirim folgou de saber o acontecimento de Pompides, e de a donzella de Florenda o ter em pouco. Nisto passavam tempo. O duque, que viu a parcialidade de todos trez, pareceu-lhe que deviam ser pessoas de gran preço, assim polo que parecia n'elles, como na riqueza das armas, e mandou a Organel que entendesse em seu apousentamento com toda a abastança necessaria: e posto que Organel lhe dava pousada conforme a suas pessoas, não quizeram aceital-a senão com Palmeirim, onde aquella noite souberam delle tudo o que passára, a maneira da guarda da fortaleza, o fim de suas batalhas, e o que por derradeiro concertára em os casamentos. Julgaram o duque por homem singular, attribuindo os erros, que antes seguia, á força d'amor, que nelle estava. Nestas e outras cousas passaram a noite té que o somno os venceu. A outro dia pola manhã, porque estava assim concertado, foram recebidos o duque e seus irmãos com as tres irmãas, desta maneira. O duque com Diomana, que era a mean e mais fermosa, a quem de longo tempo era afeiçoado. Tragonel com Artemisia que era mais velha, herdeira de todo o estado, que ficára de seu pai. Dorafonte com Arismena, a menor de todas. Com esta partiram elles tão bem, que viveu tão abastadada como suas irmãas. E por celebrar as festas com gosto do duque, Palmeirim lhe disse seu nome, que elle lho pediu, havendo-se por tão ditoso por ser vencido de suas mãos

como se o não fôra de ninguem. E fazia-lhe, alguns dias que alli se detiveram, muito mores serviços que dantes; porem como aquella detença fosse tanto contra sua vontade, se despediram todos tres daquella tão honrada companhia, ficando o duque com muita saudade. Alli se metteram ao caminho na via que dantes levavam, receiando algum revez, que lho inda impedisse. E não era muito levarem este receio, que, quando a fortuna os dá, todas as tenções desbarata.

CAPITULO LXXI.

COMO VEIO TER AO CASTELLO D'ALMOUROL UM CAVALLEIRO QUE FURTOU O ESCUDO DO VULTO DE MIRAGUARDA.

Depois de partidos Palmeirim e seus irmãos de casa do duque, seguindo a via de Constantinopla, deixa a historia de fallar nelles, por dar conta de uma aventura, que neste tempo aconteceu no castello d'Amouroi sobre o vulto de Miraguarda. Já em outra parte deste livro se disse como por morte do Soldão Olorique de Babylonia lhe ficára um filho herdeiro de seu estado, estremado cavalleiro e mui imigo de christãos. Além deste ficou tambem outro não menos, mas muito mais esforçado que elle, o qual vendo-se pobre e sem senhorio, determinou correr todalas côrtes de principes, e n'ellas mostrar o preço de sua pessoa. E como á primeira que foi fosse a do gram turco, que naquelles dias antre os mouros era

prospera e grande, deteve-se n'ella, experimentando sua pessoa antre os cavalleiros daquella casa, fazendo tanta vantagem a todos, que em seus feitos não se fallava senão quasi por façanha. Pois vendo-se Albayzar, que asim havia nome este principe, tão estimado antre os outros, determinou servir Tragiana filha herdeira do gram turco, a quem os mouros antre si julgavam pola mais fermosa dama d'aquelle tempo: e porque nas cousas, que o amor enceita, costumou sempre de pouco vir a muito, e de muito a muito mais, aconteceu assim a Albayzar, que sendo livre té então, se submetteu de todo a vontade, sem lhe poder fugir em nada: e, inda que podera, já o não fizera, tão contente estava de seu mal, ou do lugar onde nascia. Com este desejo forçado e liberdade perdida, vivia tão satisfeito, que nenhum perigo temia, nenhum receio o fazia triste, senão se era de cousas em que o amor tivesse parte. Tragiana, a quem as suas não pareciam mal, desejosa de novidades, como todas costumam, quiz experimental-o em uma affronta de seu gosto, por ver se o amor era tão poderoso em obras, como liberal em palavras pera favorecer os seus. E porque algumas vezes se fallavam por uma fresta pequena do seu apousentamento, donde mais que a falla não podia ter della; uma noite, depois de se elle queixar segundo usança de todos, lhe respondeu: Senhor Albayzar, já vos eu disse algum hora, que pera satisfazer vossa vontade não fallece mais que sa-

ber se mo mereceis por obras; agora me veio uma cousa á memoria, em que desejo certificar-me do que tenho em vós, pera assim fazer o que me pedis. Vós me tendes muitas vezes dito que sobre mostrardes que sou eu a mais fermosa mulher desta vida, vos combatereis com quantos o contradisserem. Dizem-me que em Hespanha ha ahi uma aventura no castello d'Almourol sobre o vulto de Miraguarda, em cujo parecer e fermosura se falla por espanto, e o vulto della está tirado polo natural em um escudo posto em uma arvore pera o verem os que alli forem fazer suas batalhas. Queria que por amor de mim fosseis lá, e vos combatesseis com o guardador delle por minha parte e em meu nome; e, vencendo-o, trareis o escudo do vulto a esta côrte, vindo primeiro pola do imperador Palmeirim, onde por força d'armas fareis conhecer a todos os que o negarem, que servis a mais fermosa senhora do mundo. Feito isto, podeis crêr que de mim e de todo o estado de meu pai vos farei senhor. Agora, senhora, creio, disse Albayzar, que vos posso lembrar pera me fazerdes mercê, pois vos não esqueço pera vos servirdes de mim. Eu me parto logo, e folgo que vejaes quanto póde o que vos quero, que esse escudo eu o trarei aqui, e a senhora delle estará ante vossos pés, que assim é razão que todas as nascidas o estão. E ainda que ouçaes dizer o muito que neste caso faço, tende-o sempre por pouco, pois a vantagem que ha de vós ás outras está tão clara,

que faz isto chão. Despedindo-se della com palavras, que o amor neste tempo soe achar, se armou de umas armas verdes com esperas de ouro, e no escudo em campo verde a ave fenix com letras d'ouro no bico, em que levava o nome de Targiana. E assim caminhando por suas aventuras, de que aqui se não falla, depois de ter atravessado o reino de França, e a maior parte d'Hespanha, veio ter áquelle guerreiro e nomeado castello d'Almourol, poucos dias depois da batalha d'antre Dramusiando e Floriano do Deserto; porém já a tempo, que Dramusiando estava em disposição pera entrar em outra de tamanho perigo: e vendo tantos escudos naquella arvore, bem lhe pareceu que o cavalleiro, que os alli pozera, não devia ser de pouco preço. Acima delles viu o em que estava o vulto de Miraguarda, a quem, em o vendo, não soube negar a vantagem, que havia delle a sua senhora Targiana; porém de muito confiado em si e no que lhe queria, determinou seguir sua empreza: e, por ser tarde, esperou té outro dia, dormindo a noite no campo. Ainda a manhãa não era de todo clara, quando já estava ante o castello de Almourol, esperando polo guardador do vulto de Miraguarda: Dramusiando, que o soube, saiu a gram pressa armado de todas as peças, e passando antre elles algumas palavras de cortezias, baixaram as lanças, e fazendo-as em pedaços, passaram um polo outro airosos e bem postos. Logo tomaram outras, e correram a segunda carreira:

nesta tiveram os encontros tanto maior força, que vieram ambos ao chão por cima das ancas dos cavallos com assás descontentamento de Dramusiando, por ser diante da senhora Miraguarda, que já a uma janella os estava vendo, caso que lhe ficasse pera sua desculpa arrebentar-lhe a cilha do cavallo: mas como esperasse vingar-se na batalha das espadas, arrancou da sua, remettendo a Albayzar, que não com menos furia e animo o recebeu. E como cada um confiasse muito de si, faziam ambos tamanhas maravilhas, que esta foi uma das melhores batalhas e mais pera vêr, que se nunca alli fez. Dramusiando andava tão aceso e manencorio, pelejava com tanta força e impeto, que nenhum golpe dava, que fosse de pouco damno. Albayzar, que sentiu sua fortaleza, desviava-se delle com muita desenvoltura, fazendo-lhe dar a maior parte de seus golpes em vão, andando tão vivo e com tanto acôrdo como via que pera tão forte imigo era necessario. Miraguarda temorisada da fortaleza deste cavalleiro, vendo o grande espaço que havia que pelejavam sem nunca descançar, começou temer algum desastre ao seu guardador; porém como a calma fosse grande, e elles com a quentura della affrontassem dentro as armas, foi-lhe forçado arredarem-se pera cobrar alento. Dramusiando teve em tanto a valentia deste homem, que receiou o fim da batalha. Mas Albayzar, que té li nunca experimentára outros golpes como os deste, não teve sua demanda por tão certa como o pro-

mettêra a sua senhora Targiana. Porém vindo-lhe á memoria o que com ella passára, o promettimento que lhe fizera, tomou algum esforço e ousadia; e apertando a espada na mão, remetteu a Dramusiando, que tambem saíu a recebel-o, começando outra vez sua batalha com tamanha braveza de golpes como o preço porque se combatiam lhe fazia dar. Aqui se começaram desmalhar as lorigas, desguarnecer os arnezes, abolar os elmos, rachar os escudos, rebentar o sangue por tantos lugares de seu corpo, que parecia impossivel poderem-se ter em pé. As forças não parecia que mingoavam, nem menos desfallecia o alento em nenhum delles; assim que a batalha estava posta em todo o rigor e crueza, e as vidas d'ambos em gram perigo, e em cada um mór desejo de a levar ávante. Neste segundo combate andaram tanto, que se tornaram a arredar pera descançar. Dramusiando que viu sua vida em tanto aperto, cuidou por vezes se seria aquelle Palmeirim, que de outro não esperava tamanhas forças, se não delle, ou de Deserto seu irmão: depois certificando-se não ser nenhum delles, não sabia que cuidasse. Punha os olhos no vulto de Miraguarda, e dizia: Senhora, se eu não sou pera algum bem, é bem que me desampareis: mas, quem em paga do que vos quer, não quer de vós mais que lembrar-vos neste tempo pera vos poder servir, bem será que o não desfavoreçaes, pois n'isso alcança victoria quem a não deve ter de vós. Albayzar, a quem já o seu esforço algum

tanto desamparava, por vêr-se em tamanho estreito, dizia comsigo mesmo: O' minha senhora Targiana, agora quero ver quanto vos lembro, que este homem não é homem senão minha morte, que por vosso serviço vim buscar de tão longe: eu farei o que poder por cumprir o que vos prometti, e quando mais não poder, fenecerá minha vida naquillo, que sempre lhe desejei a fim. E vendo-se já cançado, suas armas desfeitas, e diante de si Dramusiando, cuja força e apparencia promettia mui grandes obras, encommendando suas cousas á fortuna, quiz tirar forças de sua fraqueza: e tornando outra vez a elle, tornaram ambos á sua porfia com dobrada furia e braveza, inda que já com menos força. Dramusiando estimava tanto a valentia d'Albayzar, que muitas vezes desejou saber-lhe o nome, receiando que fosse algum amigo seu: depois desejava de o vencer, porque temia que lhe julgasse sua vontade ao revez. Assim que, postos já á parte todos os remedios de vida, nenhum delles esperava senão a morte. E se alguma cousa os sustinha era muita desenvoltura, com que se guardavam, por onde os golpes faziam menos damno. Bem se póde crer que este Albayzar podia ser mettido no conto de um dos tres cavalleiros do mundo, e que esta batalha foi uma das melhores que nunca em nenhuma parte se viu. Na qual elles, descançando muitas vezes, outras tornando a ella, passaram todo o dia té que a noite os apartou, sem a victoria claramente ser de nenhum. E, como a escuridão fosse grande, Dramusiando

se recolheu a seu apousento com determinação de outro dia a acabar ou morrer nella: Albayzar se foi polo campo abaixo tambem com a mesma tenção: depois vendo-se ferido e não sabendo onde repousasse, e algum tanto desconfiado de seu contrario, por não perder o amor de sua senhora, tornou ao castello a tempo que todos dormiam, e, tomando o escudo do vulto de Miraguarda, se foi com elle, pondo em sua vontade leval-o á Turquia, passando primeiro pola côrte do imperador, como lhe sua senhora mandára. E andando toda a noite, foi amanhecer a um lugar d'ahi cinco leguas, levando o escudo escondido polo não conhecerem, onde esteve alguns dias, curando-se de suas feridas, descontente do que passára ante o castello, por não alcançar a victoria daquelle homem; cousa, que antre os homens se mais estima polo gosto e honra, que juntamente se ganha.

CAPITULO LXXII.

COMO NO CASTELLO D'ALMOUROL ACHARAM MENOS O ESCUDO DE MIRAGUARDA, E O QUE SOBRE ISSO FEZ.

Ao outro dia pola manhãa, Dramusiando apertou as feridas, que recebêra na batalha, o melhor que póde, com tenção de tornar á sua porfia ou morrer na demanda: e armando-se das proprias armas, que o dia d'antes levára, assim rotas como esta-

vam, por não fazer vantagem a seu contrario, se saiu ao campo em cima d'um cavallo fouveiro ao tempo que o sol saia. E não vendo inda o cavalleiro, foi-se contra a arvore onde estavam os escudos, pera pedir ajuda e favor ao vulto de Miraguarda, e encommendar-se a ella, como sempre costumava. Pondo os olhos no proprio lugar, quando o não viu, ficou tão fóra de si, que, não podendo ter-se no cavallo, se desceu, encostando-se á arvore onde antes o escudo estava pendurado, queixando-se de seu descuido, suspeitando que o cavalleiro, com que o dia passado houvera batalha, o furtára. Então, senhoreado da ira, pôz em sua vontade não esperar que Miraguarda o visse, pois tão má conta dera do que guardáva: determinando ir polo mundo buscal-o, e vingar aquella quebra com maiores generos e cruezas do que fôra seu costume. E chamando Almourol, lhe deu conta do que passava, despedindo-se delle com as lagrimas nos olhos, sem querer curar-se de suas feridas, nem lembrar-lhe o risco em que sua vida ia arriscada. Partido Dramusiando, Miraguarda soube como o seu escudo era levado, e Dramusiando ido: e ainda que lhe pesasse; como se já disse, era tão livre na condição, que nas cousas de seu gosto queria que a servissem, e nas que o não eram, dissimulava alguma paixão se d'isso a recebia. E posto que a que neste caso sentia dissimulasse com as outras, não deixava de passar pola memoria Florendos, crendo que onde quer que estivesse, se soubesse aquelle acontecimento, acu-

diria pera tornar alli o seu escudo, com victoria de quem o levava, que d'outrem já a não esperava. Armello seu escudeiro, que sempre alli esteve, como se já disse, vendo o escudo furtado, e Dramusiando partido, alguma esperança lhe ficou da vida de seu senhor, crendo que aquelle caso lhe levantaria os espiritos pera tornar a tomar armas, e seguir as aventuras, e ir traz o cavalleiro que o furtára. Com este contentamento dissimulado se foi, deixando encommendado as armas de Florendos a Almourol: e andando alguns dias ao longo da ribeira do Tejo, atravessando valles e outeiros a uma e outra parte, um dia já tarde se achou em um escampado onde havia uma fonte de muita agua, cercada d'arvores bastas e altas, que a cobriam, debaixo das quaes ouviu tocar uma frauta de tão maravilhoso som, que o fez estar quedo por algum espaço; e ás vezes deixava de soar a frauta, e ouvia queixar um homem com palavras saídas d'alma, tão descontentes e tristes como trazia o coração. Armelo se chegou a elle pera vêr quem poderia ser, e viu o que se queixava estar sentado sobre a herva a uma borda da fonte com a frauta nas mãos, correndo-lhe lagrimas polas faces, tão descorado e fraco, que parecia mais morto que outra cousa. Aos pés delle, deitado de bruços sobre a propria herva, estava outro homem vestido de pobres pannos, que de quando em quando dava uns suspiros tão mortaes, que parecia que com elles lhe saía a alma. Armelo, a quem a vida daquelles homens fez gram lastima, havendo-a por conforme á que seu senhor

ia buscar, quando partiu do castello d'Almourol, não se pôde ter que tambem as lagrimas não mostrassem nelle esta paixão: e, chegando-se ao que estava sentado, disse: Homem de bem, a quem Deos dê mais descanço do que em vôs parece que ha, dar-me-heis novas de um cavalleiro mancebo, a quem o amor fez buscar a vida solitaria em tempo que em outras partes melhor o podera servir. São tantos os aggravados desse, disse o outro, que não sei por quem me perguntaes: em mim vos sei dizer, que elle esmerou suas forças mais que em ninguem. E pera que mór pena sinta, fez meu mal de qualidade, que o tenho pera o sentir, e não pera me matar, porque com isso poderia receber algum descanço. A estas palavras se levantou o outro, dizendo: Por certo, senhor cavalleiro, eu não sei porque quereis dar ao amor as culpas, que a fortuna tem, que elle comvosco usou como devia, deu-vos o que desejaveis, se o depois por desastre perdestes, do desastre vos queixai e não delle. Deixai a mim esses aggravos, pois só pera mim nasceram, e só os tenho. Armello, que lhe viu o rosto, posto que de todo estava desfigurado, conheceu ser o principe Florendos seu senhor; e, vendo-o tão fraco e debilitado, que só a falla lhe ficava de vivo, foi tão triste com a dôr que lhe aquella mostra fez, que por grande espaço não pôde fallar-lhe, e, lançando-se a seus pés com o amor, que sempre lhe teve, começou pedir-lhe que houvesse dó de sua vida, e não quizesse tratar-se assim, pois n'isso não servia a quem lha tal orde-

nára. Florendos, algum tanto indignado polo vir buscar, passando seu mandado, o recebeu com semblante descontente. Armello, que viu inda nelle o desejo tão aceso de levar sua determinação ávante, disse: Senhor, eu não vim senão pera dar-vos conta de algumas cousas, que lá passam, em que sei que vos sirvo. Então lhe contou como Dramusiando guardára muitos dias o escudo do vulto de Miraguarda, e as grandes batalhas que fizera, e que por fim de todas viera alli aquelle cavalleiro, que pelejando com elle todo um dia, se não poderam vencer um a outro; e que de noite furtára o escudo do vulto de Miraguarda; e como Dramusiando se partira em busca delle, maltratado de muitas feridas, sem consentir que o curassem dellas, affirmando-lhe mais polo alvoroçar que Miraguarda não esperava que ninguem soccorresse o seu escudo senão elle, mandando-lhe que o fosse catar, e que por seu mandado o fazia. Florendos, a quem estas novas alvoroçaram em extremo, começou dizer: Como queres tu, Armello, que vá dar soccorro a outrem quem o ha mister pera si: ou que forças vês em mim pera commetter nenhum perigo nem fazer batalha com ninguem? Já os dias em que isto podia fazer, passaram; agora não presto pera mais que pera antre os tristes ser mais triste que todos; comtudo, porque minha vida acabe naquellas cousas pera que sempre guardei, irei traz esse cavalleiro, e se o achar, farei o que puder. Ao menos, se me matar, terão meus malles fim, a que eu nunca esperei. E porque a ira mul-

tas vezes cria esforço, quem então víra Florendos com toda sua fraqueza, lá lhe sentira um alento novo, uns espiritos grandes pera commetter qualquer cousa: e, levantando-se em pé, pediu ao outro seu companheiro, que naquella ida o quizesse acompanhar; porque já em nenhuma parte sem sua conversação e amizade saberia viver, trazendo-lhe mil razões á memoria, por onde não devia fazer tal vida, mas antes seguir a outra pera que a natureza o formára. E posto que daquella solitaria elle estivesse contente, porque era mais conforme á sua condição, tiveram tanta força as palavras de Florendos e conversação daquelles dias, que juntamente se foram pera uma villa, que alli perto estava, onde se detiveram tanto tempo, té que sentiram em disposição pera commetter qualquer feito. Neste tempo mandaram fazer armas todas de preto sem outra mistura; porque naquelles dias, esta era a tenção de Florendos, e não quiz mandar polas suas ao castello d'Almourol, porque não soubessem delle. Assim se partiram os companheiros na demanda do escudo de Mirguarda, ambos em uma conversa. Posto que não durou muito, que uma aventura os fez apartar; e não é muito ser assim, que o que ventura quer, ninguem lhe póde fugir.

do e singular, como sua dôr e o amor lhe ensinavam; cortando as lettras nos mesmos troncos, que naquelle lugar não havia outra tinta, as quaes depois duraram muito tempo, crescendo a compasso com os alamos, em que estavam escriptas. E posto que seu desejo fosse passar aquella vida só, depois que Florendos alli veio o achou tão conforme a sua condição, que a passavam ambos comendo frutas campestres e ervas montesinhas, isto inda poucas vezes, que cuidados e paixões era o principal mantimento, em que se então sustinha. Tornando á historia, saidos dalli como no capitulo atras faz menção, depois de tornados em suas forças, armados daquellas armas negras, que pera seu caminho mandaram fazer, se partiram juntamente tão conformes como tinham as vontades, com determinação de se não apartarem, se alguma aventura o não causasse. Porém, como naquelle tempo os acontecimentos desvairados estivessem aparelhados, aconteceu que caminhando um dia ao longo do mar, que pela calmaria ser grande andava igual e brando, viram vir pola borda delle, junto da terra, um batel, que remava oito remos; na popa sentada sobre uns coxins de seda uma dona vestida de negro, moça e tão fermosa, que seu parecer era pera obrigar-se perder por ella qualquer coração livre. A seus pés sentadas outras duas donas maiores em idade; e, emparelhando com elles, mandaram aos remeiros deter os remos. A dona pondo os olhos em ambos, disse: Senhores, em quem es-

sas armas tanto lustram, algum de vós quererá entrar neste batel só pera ir fazer um soccorro, que se não pode fazer com companhia? Senhora, disse Florendos, pera isso as trazemos, pera as aventurar nesses perigos de mistura com as pessoas; e, sem mais dizer, descendo-se do cavallo, o deixou a Armello, dizendo-lhe que se tornasse ao castello d'Almourol e alli o esperasse, que tarde ou cedo, se a morte o não tolhia, alli viria ter. E despedindo-se de Floramão, que muito folgára de fazer aquella viagem, se metteu no batel. O qual se desviou tanto de terra, que em pequeno espaço Florendos a perdeu de vista. Floramão caminhou aquelle dia, e outro, sempre triste, receando a ida de Florendos, de quem então em estremo era grande amigo. Ao terceiro dia, indo por um valle abaixo, foi ter com um rio de muita agua, que tinha uma ponte bem obrada e forte, e em cada cabo uma torre não menos, mas mais fortes que fermosas. Chegando mais a ella, viu que um cavalleiro grande de corpo e bem talhado, queria passar e outro lhe defendia a passagem, dizendo, que se quizesse passar deixasse o escudo, que trazia com seu nome escripto no brocal, e que então passaria, porque assim se costumava na fortaleza. Tão máo costume, disse o outro, não pera os taes como eu, mas pera os que pouco podem, se fez. E dando o escudo, que trazia no braço a seu escudeiro, lhe tomou o outro. E remettendo ao cavalleiro da ponte, que já o saía a receber, se encontraram com muita

Albayzar e combater-se com elle, como trazia na vontade. E posto que algumas vezes vivia triste, cuidando de o não achar, tornava-se a consolar, lembrando-lhe que quem obras tão assinadas fazia, ainda que quizesse encobrir-se, ellas não o consentiriam: e com isto, acompanhado de seu cuidado, passava suas jornadas, e inda que muitos tivesse, um só antre os outros lhe dava mais em que entender, e este seguia sempre: que costume de quem muitos tem é o que lhe mais dóe esse seguir.

CAPITULO LXXIV.

EM QUE DIZ CUJA ERA A FORTALEZA, EM QUE SE ALBAYZAR COMBATEU, E A RASÃO DO COSTUME DELLA, E O QUE PASSOU FLORENDOS NO BATEL.

Diz a historia que do duque Artilao vassallo de elrei Recindos de Hespanha, ficou uma filha herdeira de seu senhorio, que era grande; a qual criada na conversação da infante Belisanda, filha de elrei Recindos, se namorou d'Onistaldo seu irmão; e como tambem ella a elle não parecia mal, teve tanta força o amor antr'elles, que vieram a effeito de suas vontades. E porque Onistaldo depois de se partir pera a corte do imperador Palmeirim, onde se fez cavalleiro, tomou lá outros amores, que lhe fizeram esquecer os seus della, nunca mais a vio,

dando-lhe muita esperança disso, quando se partiu de Hespanha. A duqueza, que em extremo o amava, e com todos estes agravos o não podia tirar da vontade, já desesperada de o poder tornar a lograr, quiz ver se por manha o poderia haver á mão, pois por amor o não esperava. E passando-se pera aquella fortaleza da ponte, que era uma das principaes de seu estado, tendo em sua companhia o gigante Lamortão com dous cavalleiros de sua linhajem, poz aquelle costume, que ninguem podesse passar a ponte sem primeiro franquear a passagem por batalha de todos tres, ou deixar seu escudo co'nome escripto no brocal, crendo que antre os muitos, que ahi viriam, seria Onistaldo algum, e desta maneira cumpriria seu desejo. Por esta razão se guardava aquelle passo com damno de alguns, que o quizeram franquear, a quem a passagem custou caro, té que veio o esforçado Albayzar, que, quebrando a ordenança da fortaleza, franqueou a ponte com morte dos guardadores della. E posto que a duqueza recebeu delle tamanho desgosto, polo ver tão extremado cavalleiro, mandou que com muito resguardo o curassem, tendo-o em sua casa todo o tempo, que foi necessario pera sua disposição. Já que a teve tal que podia seguir seu caminho, se despediu della, agradecendo-lhe a vontade, com que o tratara, e se poz na via de Constantinopla; onde agora o deixaremos té seu tempo. Tornando a fallar em Florendos, que ia em companhia da dona no batel, seguiram tanto polo mar avante, que os tomou a noite mui alongados da terra, e quando a

alva esclarecia, se acharam ao pé de um castello roqueiro, que no meio d'agua, em cima de uma pedra, talhada edificado estava. A dona, que se vio onde desejava, pondo os olhos em Florendos, disse: Senhor, o pera que vos aqui trouxe, se té agora volo não disse, agora o farei. Este castello é d'uma dona, em que ha tão pouca virtude, como fermosura; a qual sendo eu casada mui poucos dias com um cavalleiro mancebo dos mais gentis homens e esforçados desta terra, se namorou delle em um torneio, em que o vio; e não se atrevendo a lhe descobrir vontade dina de se engeitar, usou de sua acostumada malicia dizendo-lhe com lagrimas fingidas, que um cavalleiro lhe usurpara por força este castello. Assim o trouxe comsigo pera lho restituir, e depois que o cá teve nunca o mais deixou: antes diz, que se por força d'armas não houver algum cavalleiro que o tire, o terá pera sempre. E se acode alguem a isso, saem-lhe cinco cavalleiros, que tem dentro e vencem-no logo; e se vem mais de um não os consentem, ante ás bombardadas os desviam do castello. Senhora, respondeu Florendos, pera tal afronta como esta, antes que aqui trouxesseis os homens lhes havieis de dizer ao que vinham; pera que depois não tivessem de que se aggravar de vós. Porem, já que aqui estamos, saiamos fóra, e no mais ordene a fortuna o que quizer. E enlansando o elmo, saltou do batel e a dona ficou nelle, que não ousou sahir em terra; e chegando ante a porta do castello, onde se fazia uma pequena praça, sahiram de dentro cinco cavalleiros armados, dizendo:

Pois fostes mal aconselhado em vir buscar vosso damno, dai-vos á prisão e será o menor, que vos daqui pode vir. Por certo, disse Florendos, primeiro eu experimentarei quanto vossa malicia pode, que deixar-vos com victoria tão descansada: Dizendo isto, cuberto do escudo, se lançou antr'elles dando golpes a uma e outra parte com tanta força, que a dona do castello começou receiar que aquelle fosse o destruidor de sua fortaleza, e lhe faria perder a cousa, que ella maior bem queria. Os cinco cavalleiros como fossem muitos, sentindo em seu contrario maior esforço e desenvoltura do que nunca acharam em outro homem, ajudavam-se o melhor que podiam, ferindo-o a meudo de duros e pesados golpes, tanto que sua destreza não tolhia andar ferido em algumas partes. Mas como Florendos visse que pera tantos maior presteza havia mister, deu tão gram golpe a um por cima da cabeça em descuberto do escudo, que passando-lhe com os fios da espada o elmo, entrou tanto pela carne, que cahiu morto aos seus pés. Traz este golpe, disse-lhe tambem a dita, que d'outro, que deu co'a maçãa da espada a outro, deu tambem co'elle no chão: como os que ficavam vissem tamanhos golpes, começaram dalli avante entender mais em amparar-se que pelejar como sohiam: a senhora do castello vendo que um só cavalleiro levava de vencida os seus; senhoreada da paixão e ira de que então estava acompanhada, começou de bradar de uma janella c'os que ficavam, animando-os, que houvessem vergonha de tamanha fraqueza, o que

teve tanta força, que lha dobraram a elles pera cometter a Florendos com muita maior soltura do que em todo o dia mostraram: mas elle, temorizado de seu damno, confiado na rasão com que pelejava, fazia taes maravilhas, que em pouco espaço matou um dos tres que ficavam, e apertando com os dous, indinado de lhe durarem tanto, os trazia a uma e outra parte, trabalhando mais por se salvarem de suas mãos, que offendendo-o com esperança da victoria. E o que ás vezes os fazia pelejar mais esforçadamente era, que pera nenhum logar podiam fugir, porque de todos os cercava o mar; e pera se tornarem ao castello não podia ser, que da mão da senhora estava fechado. Assim por esta rasão algumas vezes dissimulavam sua fraqueza e outras mostravam esforço. Porem as feridas eram tantas, o trabalho e cansaço tamanho, que a este tempo um delles, sem sentido, cahiu morto ante Florendos; o outro, vendo-se só e tão maltratado, que quasi não podia suster-se nos pés, e a esperança da vida perdida, tomando a espada pola ponta se veio pera elle, e sentando-se em giolhos, disse: Senhor cavalleiro, peço-vos que pois em vós ha valentia pera vencer tantos, que não faleça piedade pera perdoar um só. Posto que usal-a com os máos seja horror, disse Florendos, quero fazer o que me pedis, porque tambem matar quem se não pode defender algum tanto parece crueza. Então sentando-se sobre um assento de marmores á maneira de poyal, que á porta do castello estava, quiz descançar algum pouco do trabalho que passára. Nisto sahiu a dona

do batel, contente da victoria, e lhe mandou catar as feridas por uma das outras suas donas, que o sabia bem fazer, e ella pera isso trazia comsigo, e achou qu'eram muitas e nenhuma de perigo, de que a dona ficou muito contente, curando-o com todo o resguardo necessario. Não tardou muito, que uma donzella veio abrir a porta do Castello por mandado da senhora delle, que já então lhe não pareceu bem usar d'outros rigores, pois não aproveitavam pera nada: Florendos, tomando a dona pola mão, entrou dentro, e á entrada os veio a receber o cavalleiro seu marido della, que depois da levar nos braços com tão gram amor como lhe fazia mostrar o bem que lhe queria, se veio pera Florendos, dizendo: Por certo, senhor cavalleiro, vêr vossas obras me fizeram tão contente, que me não lembra o que nisso ganhei. Subi pera cima e repousareis, que cuido que vos é necessario; e depois partiremos quando ordenardes, que em tão má casa não é necessaria muita detença. Florendos lhe agradeceu a vontade, com que o recebia, e repousou alli oito dias por causa de suas feridas, sem poder ver a dona senhora do castello, que estava encerrada em uma camara, de que nunca quiz sahir em todo aquelle tempo, nem quiz que a visse Florendos pola não conhecer adiante, se alguma hora o encontrasse; que sua determinação era chegal-o á morte no que podesse, se a sua a não atalhára mais prestes do que cuidou. Florendos o primeiro dia, que alli entrou, quiz ver a prisão em que a dona mettera alguns cavalleiros dos que ao castello se

vieram combater, antre os que achou presos um delles era Goarim, a quem se quizera encobrir e não pode, que Goarim o conheceu; e inda que sentisse não vencer elle o costume do castello, contentou-se de o acabar Florendos seu primo, a quem então tinha por um dos melhores cavalleiros do mundo, polo que lhe vira fazer na ponte da fortaleza do gram Dramusiando, que logo depois de partido se soube quem era, que Daliarte o descobriu. Já que os oitos dias eram passados e Florendos estava pera poder caminhar, partiram do castello em uma galé, que o cavalleiro marido da dona mandou trazer, e chegados a sua casa, Goarim e elle foram festejados com tanta cerimonia, como se o cavalleiro fora gram principe; ahi se detiveram poucos *dias*, que Florendos acompanhado do cuidado, que comsigo trazia, não soffria nenhum repouso: antes, despedindo-se de seu hospede, se metteu a suas jornadas n'um cavallo, que lhe o cavalleiro dera polo ver sem elle. E porque tambem Goarim trazia os pensamentos pouco namorados, não era sua conversação tão aprazivel a Florendos, que lhe não fizesse ter muita saudade da do principe Floramão: e por esta rasão co'as melhores palavras, que pode, se despediu delle, pedindo-lhe licença pera poder caminhar só, que á sua honra convinha assim por uma aventura, onde a certo prazo havia de apparecer. Goarim, que o entendeu, polo que delle já ouvira dizer, quiz-lhe fazer a vontade; e apartando-se um do outro, seguiram suas aventuras,

ora prosperas, ora adversas, que da ventura esta é sua qualidade.

CAPITULO LXXV.

COMO PALMEIRIM, FLORIANO, E POMPIDES FORAM TER Á FORTALEZA DE DRAMORANTE O CRUEL E O QUE FIZERAM.

PALMEIRIM e seus irmãos, de que a historia algum tanto deixou de fallar, andaram por suas jornadas sem achar nenhuma aventura notavel; no fim das quaes, caminhando uma tarde por uma floresta longe de povoado, viram vir contra si uma donzella em cima d'um palafrem baio, com tanta pressa, que parecia que alguma grande afronta lha fazia trazer. Chegando a elles, Floriano a tomou pola redea, dizendo: Senhora, se nisto não recebeis afronta, peço-vos que me digais que causa vos traz assim agastada. Ai senhor, disse a donzella, que quereis que vos diga, ou como quereis que me detenha comvosco, pois já agora não sei de quem me fie. Eu senhor, ia pera a corte de França com um recado á rainha; e dous cavalleiros, que Deus destrua, lançaram mão de mim pera me roubar minha honra: quiz minha ventura, que aos brados, que dei, acudiu um cavalleiro, que me salvou de suas mãos com morte d'ambos; e passando polo pé d'uma fortaleza, que no fundo deste valle está, sahiram a elle dez ou doze, cuido, se Deus

lhe não acorre, que o matarão: e certo seria gram damno, porque nelle morrera um dos melhores cavalleiros do mundo. Peço-vos, senhora, disse Floriano, que queirais tornar comnosco e mostrar-nos esse castello onde se a batalha faz, que seria gram perda morrer tal homem. Ainda, senhor, disse a donzella que minha vontade era não tornar lá, fal-o-hei por ver se lhe posso valer com vossa ajuda: e virando as redeas ao palafrem, tornou pola floresta abaixo, seguindo aos tres cavalleiros com um galope apressado: mas não andaram muito, quando contra a banda esquerda, onde estavam umas arvores altas, virão sobre um teso um castello forte e bem obrado; ao pé delle em parte, que os olhos não podiam descobrir, ouviram gram ruido de armas, com tamanho estrondo, que por todo, ou a mór parte, daquelle valle retombava. Chegando mais perto, viram um cavalleiro, que cercado de seis ou sete, a pé, que o cavallo lhe tinham já morto, pelejava tão valentemente com tamanho esforço e ardideza, que Palmeirim, Floriano e Pompides se maravilharam d'o ver; porque, alem daquelles que o tinham cercado, estavam a seus pés mortos tres ou quatro, e nunca dava golpe, que não derribasse quem o recebia. A donzella, que os alli trouxe, quando viu o repouso, com que todos o olhavam e com quam pouca pressa lhe acudiam, disse: Se pera isso, senhores, viestes cá, melhor fôra seguirdes vosso caminho, pois ante vossos olhos vêdes matar um tão esforçado cavalleiro, e não lhe acudis: parece-me que essas armas são mais pera parecerem bem, que

pera as empregardes nas cousas pera que se fizeram. Senhora, disse Palmeirim, aquelle cavalleiro o faz tão bem e está em tão boa disposição, que seria erro acudir-lhe, pois nisto se lhe estorvara uma tão honrada victoria e feito tão façanhoso, como tem antre as mãos: por isso deixai-o fazer, que se a necessidade o pozer em mais aperto, então podereis julgar nossas obras melhor do que agora fazeis. Porem neste tempo o cavalleiro não estava de vagar, antes obrava tão valentemente, que de dez cavalleiros, que sahiram a elle, já não havia mais de quatro; e os outros eram mortos ou mal feridos, estirados no campo, occupado do sangue que em nenhuma outra cousa se podia pôr os pés senão nelle, e rachas d'escudos, e malhas e lorigas, de que todo estava colhado. O cavalleiro, posto que por alguma parte de seu corpo estivesse ferido, andava tão vivo e com tamanha desenvoltura, que parecia que naquella hora começàra a batalha; porque nem nos golpes, nem meneio de sua pessoa se podia parecer, nem ver, cousa em que se enxergasse alguma fraqueza. Palmeirim, espantado de ver o que nunca vira, disse contra Floriano: Por certo agora vejo o que nunca cuidei vêr; e em aquelle homem está toda a alteza d'armas, porque juntamente força e esforço com tanto alento nunca em outro o senti. Pois eu, disse Floriano, não sei que daqui creia senão que este homem nasceu pera fazer escurecer os feitos dos outros homens: e tirando os vossos, que estão fóra deste conto, não sei quem possa ser tão confiado nos seus,

que vendo os deste cavalleiro, não lhe haja mui grande inveja. Já a esta hora no campo não havia mais que dous cavalleiros, e estes tão fracos e cansados, que quasi se não podiam suster em pé. E porque o outro ós não deixava repousar, carregando-os de muitos golpes, foram tão afrontados, que de todo se quizeram render, confiando na misericordia do vencedor. A este tempo sahiu da fortaleza um cavalleiro armado de folhas d'aço amarelas, em um cavallo ruão crescido, e elle em si tão grande e bem posto, que parecia de demasiadas forças. O cavalleiro estranho, vendo-o vir, receando-se já pouco dos dous, saltou em um cavallo dos que polo campo andavam. E chegando se contra Palmeirim e seus irmãos, disse: Senhores, peço-vos que não hajais por mal dardes-me uma lança dessas, com que receba aquelle cavalleiro, e eu vos servirei com outra e outras, quando mo vós mandardes. Por que sei que tudo é bem empregado em vós, disse Palmeirim, vos quero dar esta minha; inda que d'outra parte estais tão mal disposto, que seria melhor repousardes, e deixardes essa justa a um de nós, que pera vossa honra assáz basta o que hoje tendes feito: o cavalleiro a tomou, dizendo: Se minha fortuna não for tal, que me deixe ir co'esta victoria avante, lá vos fica tempo, em que possais experimentar esse desejo. Nisto se chegou a elle seu escudeiro polo ver sem escudo; querendo-lhe dar o outro, que trazia do vulto de Miraguarda, qu'este era Albayzar, elle o não quiz, dizendo: Guarda-o lá, que esse escudo não pera pelejar, se-

não pera adorar foi feito. E virando-se contra o cavalleiro da fortaleza quiz remetter contra elle; porem o outro que o viu sem escudo, esteve quedo e soltando o seu da mão, disse contra Albayzar: De te ver tão mal disposto me pesa; porque qualquer victoria, que de ti se alcance, será pequena; por isso não creias que com armas de vantaje te hei d'acommetter. Co'estas palavras se foi contra elle, que o recebeu acompanhado da confiança e esforço: e como não tivessem escudos em que receber os encontros, ambos foram feridos e vieram ao chão quasi sem acordo; mas como o de cada um fosse mui grande, e em tal tempo se mostrasse, logo se levantaram, e o melhor que poderam lançaram mão às espadas grandes e cortadoras, e começaram antre si uma batalha tão brava e temerosa e tanto pera ver, que Palmeirim, muito mais espantado que antes, começou louvar a alta proeza e valentia d'Albayzar, desejando muito saber quem fosse. Já agora, disse Pompides, não hei por muito vêr esta batalha, porque tenho por muito mais ver em seu poder o escudo do vulto de Miraguarda, que me certifica ser vencido de sua mão Dramusiando, que o guardava, cousa mais pera espantar, que nenhuma destas, que homem vê; e, se em melhor disposição o vira, eu me combatera com elle pera tornar o escudo onde antes estava, ou morrer na batalha. Por certo, disse Floriano, por tamanha cousa tenho poder-se vencer Dramusiando, que não sei que cuide; d'outra parte as obras deste homem são taes, que tudo se pode crêr de sua pes-

soa. Deixemos-lhe acabar esta batalha e depois saberemos o que passa. Nisto se arredaram Albayzar e seu contrario um do outro por cobrar alento do trabalho, que soffreram. Albayzar trazia já as armas tão rotas e desfeitas, e andava ferido por tantas partes com tanto sangue perdido, que quasi começou desconfiar da victoria: com isto lhe recresceu tamanha ira, que sem mais esperar tomou a espada com duas mãos, e remmetteu contra o senhor do castello, que não com menos ira o recebeu; e em pouco espaço fizeram em suas carnes tanto estrago, que parecia impossivel poderem-se ter em pé. Palmeirim, que os vio em tal estado, pesando-lhe d'Albayzar, quizera apartal-os, mas não póde, que Albayzar lhe pediu que lhe deixasse levar sua batalha avante, que inda sentia em si disposição pera a acabar á sua vontade; e remmettendo a Dramorante, começaram ambos a enfraquecer, porem muito mais Dramorante o Cruel, que assim se chamava o senhor da torre, emparando-se dos golpes d'Albayzar, não crendo que houvesse homem humano, que tivesse tanta força e que tanto durasse. Albayzar, que bem conheceu sua fraqueza, o apertou de sorte, que, cortando-lhe o braço direito, deu co'elle morto no chão, ficando tão cansado, que, sem se poder ter, cahiu tambem junto delle. Logo foi soccorrido de Palmeirim e Floriano e da donzella, que os alli trouxe; e apertando-lhe as feridas o melhor que poderam, o levaram ao castello, onde da gente delle foram recebidos com mais gasalhado do que cuida-

vam, e lá viram que as feridas d'Albayzar, inda que eram muitas; não tinham mais perigo que a falta do sangue, que lhe sahira, cousa muito pera prover onde ha necessidade delle e pera tirar onde sobeja, pois vemos que falta ou sobejo delle faz a vida duvidosa.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

INDEX DOS CAPITULOS,

DESTE PRIMEIRO TOMO.

—

PAG.

PROLOGO 5

PARTE I. CAPITULO I. De como saindo D. Duardos a caçar á floresta do Deserto, se perdeu, e foi ter á corte de Dramusiando, onde por engano foi preso 11

CAP. II. Que conta quem era o gigante, em cujo poder estava D. Duardos 19

CAP. III. Do que aconteceu a Flerida, vendo que D. Duardos não vinha. 22

CAP. IV. Dos grandes prantos, que se fizeram na Cidade de Londres pola perda de D. Duardos 27

CAP. V. Do que o Salvage fez dos Infantes, que levou. E como Argolante chegon a Constantinopla 31

CAP. VI. Do que aconteceu a Primalião na busca de D. Duardos 36

Cap, YII. Em que diz a razão porque Paudricia fazia aquella vida. E da dos infantes da cova . . . . . pag. 41

Cap. VIII. Do que o Salvage fez, vendo a tardança de Deserto 45

Cap. IX. Do que aconteceu a Vernao, principe d'Alemanha, na Floresta Desastrada em Inglaterra com um cavalleiro. 50

Cap. X. Do que o gigante Dramusiando fazia em seu castello pera se fortalecer. E de como Primalião foi ter a elle. E do que mais passou 57

Cap. XI. De como o imperador de Grecia armou cavalleiro a Palmeirim e todolos donzeles da corte 67

Cap. XII. De como tornearam aquelle dia, e do que aconteceu com dous cavalleiros de umas armas verdes, que ao torneio vieram 71

Cap. XIII. De como veio à corte do imperador uma donzella queixando-se do cavalleiro do Salvaje: e do que nisto passou. 79

Cap. XIV. Quem era o sabio Daliarte do Valle Escuro 85

Cap. XV. Em que torna dar conta do que aconteceu a Belcar e Vernao, depois que foram sãos das feridas, que houveram na batalha da floresta . . . . . pag. 89

Cap. XVI. Do que aconteceu a el rei Recindos de Hespanha e Arnedos rei de França com outros dous cavalleiros na fortaleza de Dramusiando 98

Cap. XVII. Da falla que Palmeirim fez a Polinarda, e como se partio da corte . . . 104

Cap. XVIII. Como Palmeirim d'Inglaterra se foi da corte, chamando-se o cavalleiro da Fortuna, e o que passou 108

Cap. XIX. Em que dá conta quem era este cavalleiro, que o da Fortuna alli topou, e porque vivia em tal logar. 113

Cap. XX. Do que aconteceu ao da Fortuna no passo da ponte 116

Cap. XXI. Do que aconteceu ao cavalleiro do Salvage no Valle Descontente com outro que o guardava. 120

Cap. XXII. De como Floramão, principe de Serdanha veio á corte do imperador Palmeirim, e do que ahi passou. 125

Cap. XXIII. Do que passou o segundo dia nas justas de Floramoã. . . . . pag. 130

Cap. XXIV. Do que aconteceu ao cavalleiro da Fortuna depois de se apartar de Pompides 136

Cap. XXV. Como o cavalleiro da Fortuna soube de uma donzella as novas da corte, e do que fez 143

Cap. XXVI. Como aquella noite houve serão, e ao outro dia a imperatriz veio ver a tenda de Floramão. 148

Cap. XXVII. Do que aconteceu ao cavalleiro do Salvaje depois que se apartou de Blandidom em o reino de Lacedemonia. . 152

Cap. XXVIII. Como as donzellas acodiram ao cavalleiro do Salvaje, e com sua ajuda foi são 160

Cap. XXIX. Como á corte do imperador veio ter a donzella Lucenda, e das novas que deu 164

Cap. XXX. Do desafio que houve Tremorão com um cavalleiro estranho sobre o da Fortuna 169

Cap. XXXI. Do que aconteceu ao cavalleiro da Fortuna na viagem d'Inglaterra. . . pag. 174

Cap. XXXII. Do que fez o cavalleiro da Fortuna depois que sahio de casa do Salvaje. 179

Cap. XXXIII. Como o cavalleiro da Fortuna encontrou com Daliarte do Valle Escuro e perdeu o seu escudo da Palma 184

Cap. XXXIV. Como o cavalleiro do Salvaje veio á corte d'Inglaterra, e do mais que lhe aconteceu 191

Cap. XXXV. Como Daliarte mandou curar Platir e os outros cavalleiros, e o da Fortuna se despedio delle 199

Cap. XXXVI. Como o cavalleiro da Fortuna entrou em Londres, e o que passou antre elle e o cavalleiro do Salvagem. . . . 207

Cap. XXXVII. Em que diz quem era a dona que á côrte trouxe o cavalleiro da Fortuna, e do que passaram alguns cavalleiros, que estavam na côrte de Inglaterra. . . 217

Cap. XXXVIII. Da cruel batalha, que estes cavalleiros passaram, e do fim que houve. 226

Cap. XXXIX. Do que fez Eutropa depois da

prisão dos cavalleiros, e como veio o cavalleiro do Salvagem a terra. . . . . pag. 233

Cap. XL. Do que passou o cavalleiro da Fortuna depois que foi são das feridas, que recebeu na cidade de Londres, quando se combateu com o valente cavalleiro do Salvagem 244

Cap. XLI. Do que passou o da Fortuna depois que se partiu de D. Rosirão. . . 250

Parte II. Cap. XLII. Como o principe Floramão por conselho daquelles cavalleiros partiu pera Londres a visitar el-rei e Flerida 261

Cap. XLIII. Como aquelles senhores se partiram pera Londres. E do que fez Eutropa. 268

Cap. XLIV. Como Trineo imperador de Allemanha veio á corte de Inglaterra, e das festas que houve n'ella 273

Cap. XLV. Como Argolante chegou a casa do imperador de Constantinopla, e lhe deu sua embaixada. 279

Cap. XLVI. Do famoso torneio que antre aquelles cavalleiros se fez 285

Cap. XLVII. Como se conheceram os tres

cavalleiros que vieram ao torneio ; e como se soube de Palmeirim e seu irmão cujos filhos eram . . . . . PAG. 291

CAP. XLVIII. Como se soube quem era Blandidom, Pompides e Daliarte; e como o imperador e reis se partiram da côrte . 297

CAP. XLIX. Como aquelles senhores chegaram á fortaleza do gigante Dramusiando, e o que lá lhe aconteceu. 301

CAP. L. Como acabadas as justas entraram todos na torre, e do que lá passaram. . 310

CAP. LI. Do que aconteceu ao cavalleiro, que justou na ponte, que ora se chama o cavalleiro Triste, com Primalião . . . 314

CAP. LII. Do que passou Primalião com Paudricia, e como foi a Constantinopla, donde veio nova que a frota do Soldão de Babylonia era desfeita 321

CAP. LIII. Em que torna a dar conta do cavalleiro Triste 328

CAP. LIV. Como Palmeirim se saiu da côrte de Inglaterra, e do que lhe aconteceu. . 336

CAP. LV. Em que dá conta de quem eram as donzellas, e de como alli vieram ter . 343

PAG.

Cap. LVI. Do que aconteceu a Palmeirim de Inglaterra depois que se apartou de Graciano, Platir, e Floramão 346

Cap. LVII. Do que Palmeirim passou na fonte com as alimarias que a guardavam, e o mais que alli fez. 353

Cap. LVIII. Como Palmeirim entrou no castello, e o que lhe aconteceu. 360

Cap. LIX. Do que Palmeirim fez naquelle castello, e como alli veio ter Francião o Musico, e Onistaldo; e como se partiram. 367

Cap. LX. Como Palmeirim veio ter ao castello d'Almourol, e do que nelle passou. 373

Cap. LXI. Como o cavalleiro Triste se saiu do castello d'Almourol, e do que mais passou 378

Cap. LXII. Como o gigante Dramusiando veio ter ao castello de Almourol, e do que n'elle passou 381

Cap. LXIII. Do que aconteceu ao gigante Dramusiando na guarda do castello d'Almourol 389

Cap. LXIV. Do que aconteceu a Palmeirim indo a Constantinopla 395

Cap. LXV. Do que fez o cavalleiro do Salvagem na côrte de Inglaterra, antes que della saisse; e do mais que lhe aconteceu, saindo a buscar as aventuras. 400

Cap. LXVI. Do que a Floriano aconteceu seguindo suas jornadas, depois de ser são de suas feridas 407

Cap. LXVII. Do que aconteceu a estes tres cavalleiros no passo de uma floresta . . 407

Cap. LXVIII. Do que passou Palmeirim em companhia da donzella 414

Cap. LXIX. Como Palmeirim se combateu com os guardadores da fortaleza, segundo a ordenança della 425

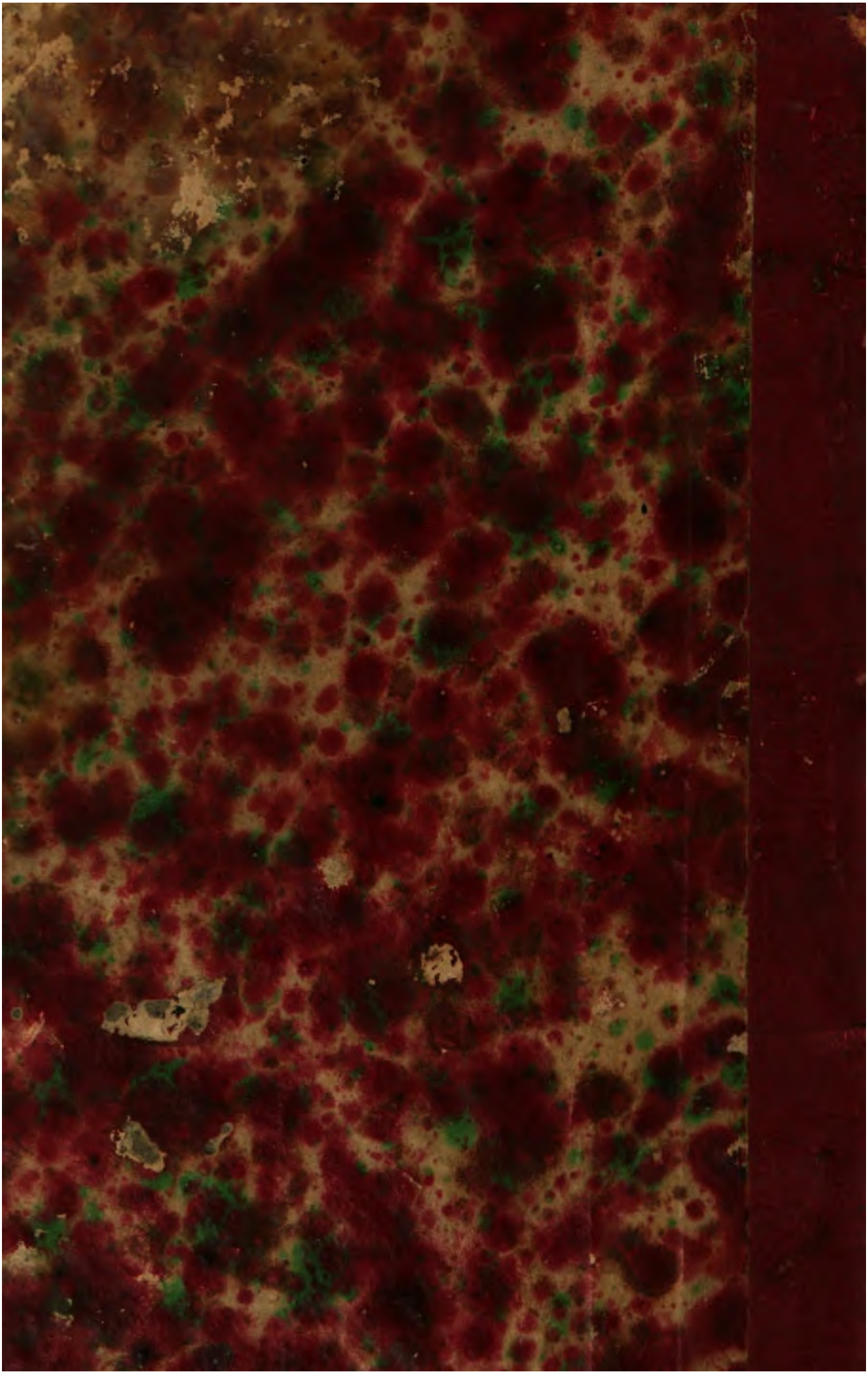
Cap. LXX. Como Palmeirim casou o duque e seus irmãos com as tres donzellas; e como alli veio ter Floriano e Pompides. . 442

Cap. LXXI. Como veio ter ao castello de Almourol um cavalleiro, que furtou o escudo do vulto de Miraguarda 437

Cap. LXXII. Como no castello de Almourol acharam menos o escudo de Miraguarda, e o que sobre isso se fez 444

Cap. LXXIII. Em que dá conta de quem era o cavalleiro, que estava em companhia de Florendos; e como por um desastre se apartaram . . . . . .

Cap. LXXIV. Em que diz cuja era a fortaleza, em que se Albayzar combateu, e a razão do costume della, e o que passou Florendos no batel. . . . . .

Cap. LXXV. Como Palmeirim, Floriano e Pompides foram ter á fortaleza de Dramorante o Cruel, e o que fizeram. . . .

Manuel Ferreira
94
3 vols
TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
- 6 OCT 1994
OF OXFORD
LIBRARY
940189